Conversas com Seth II

SUSAN WATKINS

TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

CONVERSAS COM SETH II

SUSAN M. WATKINS 2005

SUMÁRIO

PRÓLOGO
CAPÍTULO ONZE
SAÚDE, CURA E COMO CAMINHAMOS ATRAVÉS
DOS OSSOS UM DO OUTRO
CAPÍTULO DOZE
A GUERRA DAS FLORES IDIOTAS: EM QUE SONHO
PEIXES, ESPONTANEIDADE E O ALISTAMENTO SÃO DEBATES
CAPÍTULO TREZE
AME O SEU EGO COMO A SI MESMO: DROGAS, RELIGIÃO,
E OUTRAS CONSEQUÊNCIAS DO PECADO
CAPÍTULO QUATORZE
UNIÃO NO ESPAÇO: SONHOS DE CLASSE E
CO-CRIAÇÕES
CAPÍTULO QUINZE
PORTÕES DE CHRON
OUTRAS EXPEDIÇÕES: EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO E O
CAPÍTULO DEZASSEIS
CAMINHOS NÃO PERCORRIDOS: SISTEMAS PROVÁVEIS E
POSSÍVEIS EUS
CAPÍTULO DEZESSETE
ELES COMO NÓS: PERSONAGENS QUE PASSARAM
PELA AULA
CAPÍTULO DEZOITO
QUEM MAIS PENSA QUE É? -
CONTRAPARTES SÃO COMPARATIVAMENTE ENCONTRADOS
CAPÍTULO DEZENOVE
SE NÃO FOR DIVERTIDO, PARE DE O FAZER!
(E OUTRAS REVELAÇÕES)
CAPÍTULO VINTE
A RAPARIGA DA VELHA MONTANHA ROXA: SERÁ QUE TUDO ISTO FUNCIONA MESMO?? CAPÍTULO VINTE E UM
NINGUÉM FAZ MELHOR: CLASSE E
DESCLASSE DESDE
EPÍLOGO
APÊNDICE CINCO
UM SONHO ACORDADO: A PROBABILIDADE DE EYAU
APÊNDICE SEIS
COMENTÁRIOS SOBRE A CONSCIÊNCIA CRÍSTICA: UMA SESSÃO ESPONTÂNEA
SETH, 5 DE AGOSTO DE 1977
APÊNDICE SETE

NO TEMPO: O INCIDENTE DO
TREM
APÊNDICE OITO
TERAPIA NATAL E A ALEGRIA DE SE TORNAR: SETH
EM AULA, 26 DE FEVEREIRO DE 1974
APÊNDICE NOVE
CONTRAPARTES QUE SONHAM: BIBLIOTECAS DE PROBABILIDADE

PRÓLOGO

Mais de dois anos se passaram desde que comecei a preparação e o trabalho para *Conversas com Seth*. Dentro desse período de tempo, as mesmas velhas questões que confrontavam e confundiam a aula emergiram de novo, diferentes apenas no contexto do seu aparecimento. Reféns no Irão. Fome no Camboja. Guerras e revoluções. Exigências energéticas. Three-Mile Island. Poluição. Armas nucleares. Todas as obras da humanidade forjadas não sabiamente, mas bem, segundo parece, sobre a Terra.

E, no entanto, o próprio planeta, com a sua progressão natural de dias e noites e estações, mantém a sua harmonia ao nosso redor. De todas as preocupações e medos expressos na aula, nenhuma das piores expectativas se concretizou — e algumas das nossas melhores esperanças ainda parecem promissoras. E ao refletir sobre os acontecimentos dos últimos dois anos — tanto aqueles acontecimentos considerados "de relevância jornalística" pela comunicação social como aqueles acontecimentos diários demasiado "comuns" para serem noticiados —, as ideias com que nos deparámos na aula de ESP da Jane Roberts tornam-se um produto ainda mais natural da nossa espécie do que qualquer um de nós, penso eu, se dava conta na altura; talvez mais "naturais" do que as guerras, crimes e crueldades que continuamos a infligir às nossas companheiras criaturas.

Para mim, as raízes deste livro cresceram a partir da Inundação de 1972, quando o Rio Chemung inundou o meu apartamento em Elmira, Nova Iorque, e destruiu quase todos os livros, todos os manuscritos, todos os pedaços de papel em que eu alguma vez tinha escrito uma palavra. Lembro-me de estar com a lama pelos joelhos na minha sala de estar destroçada, a olhar em redor para a confusão lamacenta de papéis e plantas e roupas e mobília, e a pensar: "Bem — uma limpeza completa!"

E, estranhamente, havia algo de bastante reconfortante nesta limpeza (embora dificilmente limpa) da natureza, e na simplicidade absoluta daquele momento em que me encontrava, totalmente sem posses pela primeira vez na minha vida; contudo vivo e de boa saúde, a respirar o cheiro a lodo brentio* que representava, afinal de contas, a matéria básica do meu próprio corpo físico. Senti-me forte e seguro: o triunfo da sobrevivência, talvez; ou um vislumbre da autoconsciência elementar que os animais possuem tão graciosamente.

**(NT: perfume ou unguento aromático de origem lídia, muito célebre na Antiguidade Clássica)*

Quase oito anos mais tarde, terminei o Volume 2 de *Conversas* algumas semanas após a erupção do Monte Santa Helena. A conduzir ao longo da costa do Oregon, vi a poeira e a cinza que cobriam tudo e entupiam mecanismos por todo o lado; ouvi histórias terríveis de pessoas e terras perdidas sob a cinza quente e a rocha. Contudo, também vi os restos de florestas exploradas e a confusão esburacada, em bruto e devastada, deixada para trás pelo processo de exploração madeireira. Zangado, tentei acreditar que os desastres ambientais da humanidade também poderiam fazer parte da natureza, tal como um vulcão era, ou um rio a transbordar. Mas ainda sentia vergonha pela minha própria espécie. Porque será que mal compreendemos a consciência que chamamos nossa; e o corpo de acontecimentos que experienciamos, menos ainda?

Os campos escavados, os cepos feios, o gigante monumento de plástico a Paul Bunyan — que, na história, tinha abatido estados inteiros de árvores, aparentemente sem remorsos — passavam a alta velocidade pelas janelas do carro, com a poeira e a cinza a turbilhonarem como neve arenosa. E depois as sequoias agigantaram-se, tão incríveis à vista que se tornavam irreais — não parecendo fazer parte da natureza de todo.

A descansar na presença daqueles impressionantes seres-árvores, comecei a pensar em como o homem tinha de facto criado Deus à sua própria imagem; e em quão desesperadamente precisamos de novos deuses agora — o quanto ansiamos por eles, na verdade. Novos deuses, com “d” minúsculo e sentido de humor, que se sentiriam

insultados com o rastejar e a adoração; que não privariam a serpente dos seus direitos, que estimariam o mundo sem artimanhas. Novos deuses que evocariam naturalmente a nossa condição de criatura poderosa, segura e para sempre indomável — sem vergonha do seu conteúdo e dos seus impulsos.

Em retrospetiva, a escrita deste livro tornou claro para mim como, sem qualquer propósito consciente, a aula de ESP da Jane reuniu uma aliança de pessoas que estavam prontas para fazer novos deuses, e que estavam dispostas a partir numa viagem ousada e irreverente através das suas identidades individuais para descobrir onde esses novos deuses poderiam residir. Ao fazê-lo, descobrimos que cada um de nós está milagrosa e bastante naturalmente preparado para fazer essas viagens, com ou sem filosofias ou grupos — como demonstra a extraordinária experiência privada da Jane e do Rob.

E assim espero que tu, que lês este livro, mergulhes dentro dele e de ti mesmo, com exuberância, sensibilidade, palhaçada e desejo, tal como nós fizemos. Penso que, para onde quer que a tua viagem te leve, há novos deuses ali à espera, com paciência divina — e gargalhadas.

Susan M. Watkins

Dundee, Nova Iorque

"Sempre que pensas em termos tão... de Jardim de Infância como 'ESP', então divorcias as tuas próprias capacidades naturais de ti mesmo, e essas capacidades parecem perigosas — pertencem aos deuses ou aos demónios. [Mas] as tuas células têm conhecimento precognitivo. Elas operam de forma precária e bela num equilíbrio de tempo, conforme o entendes, e ajudam a orientar o teu rumo corpóreo..."

Seth na Aula,

18 de junho de 1974

CAPÍTULO ONZE

Saúde, Cura e Como Caminhámos Através dos Ossos Uns dos Outros

Ela era o fantasma pálido de uma rapariga, sentada passivamente no chão, com um lenço de caxemira verde-brilhante atado sobre o seu cabelo ruivo escuro; o seu rosto tão achatado, de um branco pastoso que tive de me forçar a não olhar fixamente para ela em descrença. Ela era uma visitante na aula naquela noite de outubro em 1973 e, embora passasse pouco das 22h, não tinha dito uma única palavra, apesar de eu a ter notado a falar longamente com a Jane durante o intervalo.

Não que alguém conseguisse meter uma palavra a caminho, de qualquer forma, resmunguei para comigo mesma. Esta noite, os Rapazes de Nova Iorque estavam realmente no seu auge — toda a gente a falar ao mesmo tempo, e ninguém a conseguir meter mais do que uma frase ou duas antes de ser interrompido: um grupo barulhento, vivo e exasperante, estes tipos. Normalmente, a grande e boa diversão de tudo aquilo valia o incómodo — além disso, eles tinham dado à aula um novo tipo de estímulo; uma alegria indomável e galopante, com uma saudável pitada de irreverence à mistura.

Mas esta noite, o ruído e o constante acotovelamento para falar eram apenas irritantes. Ninguém se calava o tempo suficiente para ouvir? Sentada ali, com a minha cadeira entalada entre outras cadeiras na sala cheia, dei por mim a fervilhar num belo ressentimento contra todo o grupo. O que tinha acontecido aos bons velhos tempos em que a aula se sentava calmamente em redor da mesa de centro e discutia — às vezes com emoção — as possibilidades por trás das teorias de Seth?

O manto de fumo de cigarro ardia-me nos olhos; o meu nariz parecia cheio de lã. Pensei na viagem de quarenta milhas que me esperava depois da aula. Pensei em saltar pela janela para apanhar um pouco de ar fresco e fresco, e para ir para casa. Pensei em levantar-me no meio da sala e gritar. Naquele momento, tais pensamentos eram todos bastante deliciosos.

“Parem com isso!!”, gritou a Jane, e um silêncio momentâneo caiu sobre o grupo pela primeira vez naquela noite. A Jane sorriu para as pernas e braços emaranhados e para os corpos de t-shirt

amontoados pelo chão da sala de estar. “Ora aí está”, disse ela, “o silêncio de ouro para vocês”.

Imediatamente, trinta e cinco vozes começaram a falar ao mesmo tempo, todas elas a disputar a atenção da Jane.

“PAREM COM ISSO!”, gritou a Jane outra vez, bem-humorada. Às vezes, naquela época, eu simplesmente não conseguia compreender essa parte dela. Aqui estava eu sentada, a espumar de raiva com toda esta impertinência, enquanto a Jane parecia saborear a algazarra e o caos. À sua maneira, a Jane tem total confiança na brincadeira pura e indomável. Mas, para mim, a exuberância estava a tornar-se numa verdadeira dor de cabeça — se a espontaneidade conhecia a sua própria disciplina, então onde raio estava ela esta noite?

“Ouçam”, disse a Jane, olhando em redor para nós, “penso que a nossa visitante aqui tem algo que quer dizer”. A Jane sorriu para a rapariga-fantasma pálida, que a esta altura tinha sido empurrada e sacudida para junto do sofá, aos pés do Will Petrosky.

“Bem”, disse a rapariga numa voz apenas uns tons menos pálida do que a sua pele, “tenho estado aqui sentada a ouvir-vos a todos falar sobre os vossos sonhos e tudo mais, e é fantástico... mas, sabem, eu tenho a Doença de Hodgkin”.

Ninguém disse nada, por uma vez, mas eu estava demasiado sufocada em ressentimentos frustrados para registar o que a rapariga estava a falar. Eu nem sequer sabia o que era a Doença de Hodgkin1 — e então?, pensei.

Ela baixou os olhos num gesto estranho, de donzela, mexendo nervosamente no nó do lenço sob o queixo.

“Eu li os livros”, continuou ela, “e queria vir à aula, e tenho estado a ouvir-vos, mas —”

“Cora”, disse a Jane suavemente, interrompendo a rapariga. Meu Deus, pensei eu, a Jane também está a apanhar isso. “Cora”, repetiu a Jane.

A rapariga olhou para cima, confusa. “O quê?”, disse ela. A sala esperava ansiosamente.

“Cora”, disse a Jane outra vez. “O teu nome é Cora. Diz-lhes”.

“Dizer-lhes?”, respondeu a rapariga de volta.

“Diz-lhes que o teu nome é Cora”, disse a Jane, e depois inclinou-se para a frente em direção à rapariga e repetiu, lenta e cuidadosamente, “Diz-lhes-qual-é-o-teu-nome”.

“Oh, claro”, disse a rapariga. “Bem, sim, o meu nome é Cora, e tenho estado a tentar meter na minha cabeça aquilo que vocês estão a dizer sobre criarem a vossa própria realidade e ser-se espontân —”

Vinte vozes entraram em ação. “Sim, a velha treta da alegria e da vitalidade!”, riram-se várias pessoas. “TU!! Sê espontânea — agorAA!”, gritou o Richie para a Lauren. A Cora sorriu para as pessoas sentadas no chão com ela. Ela não parecia nem um pouco perturbada com todo o barulho.

“Espera um minuto”, disse a Jane, tirando os óculos. “Acho que temos uma canção Sumari para ti, Cora — algo sobre as células e moléculas do teu corpo terem nomes...”. A sala acalmou enquanto a Jane deslizava para uma canção Sumari delicada e adorável que gradualmente cresceu até um crescendo vibrante de autoafirmação. A rapariga nunca tinha ouvido Sumari antes, mas o seu rosto pálido e angular quase brilhava com atenção absorta.

A canção foi pontuada ao longo de toda ela com movimentos de dança pantomimados enquanto a Jane se balançava graciosamente para a frente e para trás na sua cadeira. Em vários pontos da canção, a Jane-Sumari imitou os próprios tateares da Cora com o seu lenço, exceto que o Sumari parecia estar a encorajá-la a tirá-lo, ou pelo menos a libertar-se dele de alguma forma.

A canção terminou numa nota longa e poderosa, e a Jane saiu quase instantaneamente do transe. “Um —” ela encontrou os óculos e voltou a colocá-los. “Isso foi Sumari”, explicou ela inocentemente.

“Oh, sim, foi lindo”, disse a Cora. “Isso foi o Seth, ou o que foi? Gostei mesmo muito”.

A aula recomeçou imediatamente a agitar-se; várias pessoas intrometeram-se com explicações a atropelarem-se. “Sumari é uma família de consciência”, disse alguém; duas ou três outras gritaram uma explicação simultânea de “sons que dizem respeito a outros níveis de perceção”.

“Fico com a ideia de que teve algo a ver com dizer-te para reconheceres o teu próprio ser de alguma forma que não estás a fazer”, disse a Jane. “PAREM COM ISSO!”, gritou ela acima do ruído das vozes. “Deixem a Cora dizer a sua impressão”.

“Eu...”, a Cora hesitou e, incrivelmente, um coro de vozes interrompeu-a novamente. A esta altura, eu estava a espumar, pronta para me ir embora e bater com a porta atrás de mim, quando o Will Petrosky de repente ganhou a palavra. “Não tens de te cobrir aqui dentro!”, gritou ele para a rapariga. “E por isso também não precisas desse lenço na cabeça, como o Sumari disse!”. E com isso, ele saltou para a frente, esticou-se e, numa versão exagerada do gesto Sumari, arrancou o lenço da cabeça da Cora.

E com o lenço, horrivelmente, veio a peruca muito, muito vermelha que a Cora estado a usar para cobrir a pobre, pálida e total calvície do seu crânio nu.

Um silêncio mais total do que o túmulo caiu sobre a aula, e o Will encolheu-se de volta no sofá, com a mão ainda travada no gesto de agarrar, uma expressão de absoluto horror no rosto; o horror que estava a envolver toda a gente, à medida que finalmente se tornava claro para todos nós do que a rapariga estava a falar quando disse “Doença de Hodgkin”.

Fiquei escandalizada: esta era a derradeira invasão de privacidade. Mas devo admitir que também estava maliciosamente triunfante. Tomem lá!, pensei desagradavelmente, é o que vocês levam! Isso vai-vos ensinar! Agora talvez aprendam alguma coisa sobre boas maneiras!

A Cora estava calmamente a reajustar a peruca e o lenço. “Bem, agora, essa é uma das coisas que acontece quando estás a tomar os medicamentos que te dão para isto”, disse ela com naturalidade, como se esta revelação violenta não fosse nada para ela. “Ultimamente,

tenho conseguido passar sem alguns deles, e tenho estado num período de remissão... Li os livros e acho que me ajudou de alguma forma".

O silêncio completo reinava supremo. O Petrosky parecia que queria desaparecer no Rio Chemung. A Jane olhou em redor, à espera.

"Que lição para aqueles pobres rapazes", recorda Warren Atkinson com carinho. "A insolência impulsiva do Will trouxe um feedback que ele não esperava! O seu rosto, a sua devastação e a aula sobressaltada estão todos gravados na minha memória. De repente, vimos quão perto da morte ela estava e como a estava a esconder enquanto ainda tentava viver".

"Acho", disse a Jane calmamente, "que esta é uma boa altura para fazer um intervalo".

O intervalo, habitualmente um circo de correrias entre a casa de banho e a cozinha, foi moderado, para dizer o mínimo. Ninguém teve de gritar que o intervalo tinha acabado, também. E depois de todos se deixarem cair de volta nos seus lugares, Seth manifestou-se quase imediatamente.

"Agora, tenho algumas palavras a dizer a alguns indivíduos e, antes de mais nada", disse ele, inclinando-se em direção à Cora, "deixo-te as minhas saudações, e simplesmente te aponto que te identificaste aqui como uma jovem senhora com uma doença. As primeiras palavras que proferiste identificaram-te como uma pessoa com uma doença. A tua autoimagem está demasiado envolvida na doença que tem um nome que lhe foi dado.

Agora ouve-me!", trovejou Seth, com a sua voz a ecoar pelas janelas de outono. "Tu tens o teu próprio nome — afirma-o na alegria do teu ser! E se queres viver em vitalidade e alegria, então o teu nome é mais importante do que o nome de qualquer grupo de sintomas, pois eles não têm o tipo de realidade que tu tens! E a tua integridade radiante identifica-te aqui, por isso aceita a vitalidade do teu ser, e pronuncia o teu próprio nome repetidamente!

Pois esse nome é o nome que te foi dado neste espaço e neste tempo, e não aceites em vez dele o nome de uma doença na qual

perdes, pelo que parece, identidade e força. Não te acobardes perante o vocabulário! A tua integridade e a tua beleza e a tua força identificam-te aqui, e identificam-te para todo o sempre. Portanto, não tenhas um aspeto desalentado! E esquece pensamentos de tragédia que estão soletrados, e afirma a vitalidade do teu ser!"

Cora escutava as palavras de Seth, grandiosas como eram naquela sala humilde, com a mesma calma com que aceitara tudo o mais nesta noite. Quanto a mim, o meu coração batia com força com o estranho choque de olhar para uma pessoa mais jovem do que eu que estava realmente a morrer; alguém a quem tinham dito que lhe restava aquele tempo de vida. Como podia ela aguentar aquilo? Como podiam as palavras de Seth fazer qualquer diferença agora? Era humilhante. E à medida que eu começava a ordenar os meus sentimentos anteriores de raiva, percebi que a impulsividade do Will tinha aberto os olhos de todos nós — incluindo os de Cora — para uma aplicação inevitável da teoria: a condição dela era ou o resultado das suas crenças ou então ela era a vítima de uma loucura indiscriminada de células impessoais. Diante dela agora, qual delas podias tu aceitar?

«Agora, se decidires deixar este mundo, esse é o teu direito, e vai em alegria e vitalidade», dizia Seth a Cora. «Mas vai porque sabes que decides ir, e não como a vítima de uma doença a que foi dado um nome. Se decidires que queres viver, então vive na tua total glória e força, mas toma uma decisão, e não te deixes vitimizar.

«Se queres morrer, então por que queres morrer? Conhece as razões, e vai porque tomaste uma decisão, e vai com força e vitalidade, tomando as tuas próprias decisões — mas não como uma vítima, e não em tragédia, e não em sofrimento!

«Se decidires viver, então diz a ti mesma que queres viver e conhece as razões, e o teu corpo irá reparar-se em alegria e glória», acrescentou Seth. «Tu não és uma vítima!»

Com isto, aqueles olhos escuros e penetrantes viraram-se para Petrosky. «A energia nesta sala é sempre aparente», continuou Seth. «E é uma das razões pelas quais o Ruburt não vos manda calar com mais frequência, mesmo que por vezes tais pensamentos abundem!»

Eu contorci-me na cadeira, corando, mas Seth continuou com a sua habitual compostura seca.

«Nesta sala, vós tendes a energia que forma cada um dos vossos mundos, e que se estende com a sua grande vitalidade para tocar os outros. Portanto, à medida que ela surge através de vós, é inesgotável; e enviai-a, por isso, a esta rapariga, e deixai que ela a use como desejar. Deixai-a tomar as suas próprias decisões, tal como cada um de vós deve tomar as suas próprias decisões. Nenhum deus criou vítimas — vós fazeis de vós mesmos vítimas através das vossas crenças.

«Agora, deixemos ver um sorriso e algumas maçãs nessas bochechas», disse Seth a Cora, estendendo a mão para lhe tocar por baixo do queixo. «Eu já morri muitas vezes, mas nunca como uma vítima, e cada um de vós escolhe o momento da sua morte e o momento do seu nascimento. Conforme confias no cerne do teu ser, então também partilharás da alegria do teu ser e confiarás em ti mesma — confia que o que vem de ti é bom e acrescenta algo ao universo. Confia na integridade do teu sangue e das moléculas. Confia que estás aqui por uma razão.»

Quando a Jane saiu do transe, chamou a atenção de Cora para o facto de ela se andar a identificar de forma tão forte com a sua condição que nem sequer tinha dito o seu nome como introdução, tendo em vez disso dado o nome de uma doença. Cora admitiu que fazia isto noutras reuniões; em festas, em conversas informais; até em cartas. Disse que agora percebia como tinha estado, na verdade, a depender dos sintomas para lhe darem um sentimento de importância e força: ela, Cora, vitimizada por uma doença, estava corajosamente a combatê-la. A morte iminente, reconheceu ela, tinha-se tornado literalmente no sangue da sua vida.

«Acho que o nosso amigo Will aqui nos fez um favor», disse a Jane, e talvez tenha sido isso mesmo. Certamente que nunca tínhamos tido um confronto mais direto com a questão de sabermos se aceitávamos realmente que as crenças criavam a nossa experiência — ou se sentíamos, no fundo de tudo, que aquilo era uma teoria fascinante, mas não «real».

Por um lado, há uma abundância de evidências «óbvias» de que o corpo físico, por si só, é impotente; de que a boa saúde está em frágil oposição ao poderoso mal da doença; e de que o corpo (tal como a paz) exige uma vigilância constante contra a decadência. E à superfície da evidência histórica por si só, parece loucura não aceitar os benefícios da ciência médica — exceto que, olhando para a Cora, tinhas de te questionar sobre as contrapartidas de tais benefícios: diagnóstico, tratamento e morte, tudo medicamente amarrado e rotulado numa embalagem arrumada, da qual a Cora dificilmente escaparia.

No entanto, as armadilhas inerentes a depositares toda a tua confiança numa autoridade externa — médica, espiritual ou outra — não são tão evidentes uma vez que tenhas aceitado os seus termos. Para a Cora, apenas um medicamento mais recente lhe daria uma remissão. Para outros, o método poderia ser mais complicado. Recentemente recebi uma carta de um homem da Califórnia que tinha frequentado a aula uma vez no início dos anos 70: Ele tinha «ouvido dizer», disse ele, que a Jane estava a morrer de cancro e perguntou se eu lho podia confirmar: «Achei isto deprimente, pois se nós criamos a nossa própria realidade, e a Jane tem estado a aprender isto diretamente da fonte, por assim dizer, não parece haver muita esperança para o resto de nós.»

Assegurei-lhe que a Jane e o Rob estão ambos de boa saúde e alegremente absortos no seu trabalho, mas que depender da perfeição física da Jane como «prova» de que tu crias a tua própria realidade era não compreender o essencial. «A Jane não se está a posicionar como uma nova deusa na terra», escrevi. «A questão é que cada um de nós cria a sua própria experiência, e se há algo ali de que não gostamos, devemos examinar essa realidade — não a da Jane.»

Bem, dei uma palmadinha nas minhas próprias costas por causa dessa — sim, apanha a erva daninha do guru logo no broto, congratulei-me, esquecendo por momentos as inúmeras vezes que me tinha aterrorizado a ler estatísticas de cancro e listas de sintomas. Mas não muito tempo depois, soube que um amigo em Elmira tinha morrido aos trinta e cinco anos, após lutar durante vários anos contra a

leucemia — e contra um conjunto de crenças que, à primeira vista, poderiam parecer estar concentradas na saúde.

O Bill tinha sido um vegetariano estrito e defensor da alimentação biológica durante quase dez anos. Equilibrava a sua dieta cuidadosamente, nunca consumia açúcar ou álcool, e mantinha uma vida diária ativa. À segunda vista, porém, podias ver que a comida no mundo do Bill era um assunto perigoso — um deslize podia causar o caos — e cheia de potenciais desastres espirituais.

(Os ovos, por exemplo, estavam «demasiado elevados na escala cármica» para serem comidos — um estatuto aparentemente não concedido ao reino vegetal.) O Bill e a mulher eram membros de uma seita meditativa cujo líder de estilo guru exigia a negação da carne em todas as suas expressões em prol da «pureza» — eles não deviam ter relações sexuais, para começar («Nós tentamos afincadamente não ter», disse-me o Bill uma vez, suspirando pela fraqueza dos seus fracassos). A pedido do Bill, a Jane tentou em várias ocasiões dar-lhe alguma perceção sobre as origens da sua condição: para começar, era óbvio que, aos olhos do Bill, o corpo era um cancro literal sobre o espírito. E o Bill morreu a acreditar nisso — porque era isso que o seu «mestre» tinha decretado.

Por outro lado, aos médicos da medicina convencional é rotineiramente concedida a autoridade e o poder sobre a nossa salvação física: no caso da Cora, ela tinha sido declarada morta vários anos antes do facto — e ela morreu na primavera de 1975, acreditando no diagnóstico. E em todos estes sistemas, ao eu é concedida muito pouca autoridade ou poder de decisão.

Certamente que pouca atenção tem sido dada à busca das crenças por trás das condições médicas; ou ao motivo pelo qual a consciência se desenvolveu daquela forma particular, esquecendo a origem interna dos acontecimentos externos. E assim, a este respeito, Seth não «curou» automaticamente ninguém — nem ele, a Jane ou a aula alguma vez fingiram que o podiam fazer. Ficava a cargo do indivíduo fazer isso, como as observações de Seth para a Cora implicavam.

A saúde e a condição do corpo eram tratadas como o resultado de crenças; como um reflexo da ordem interna da lógica, brotando em

expressão física. A ajuda era oferecida através de «terapia» de crenças, energia Alfa ou outros métodos; mas com um respeito psicológico soberbo, Seth (e a Jane) davam o devido crédito às pessoas por serem capazes de resolver os seus próprios problemas — por serem elas próprias as curadoras das dificuldades físicas, não importando que sistema externo (incluindo a ciência médica) fosse utilizado.

«O que pensas tu sobre o odor da Terra e das pessoas — eles cheiram mal?», perguntou Seth uma vez a um visitante que se tinha questionado em voz alta sobre o porquê de ter dores no nariz. «Em termos depreciativos... que parte de ti acredita que eles cheiram mal, de modo a quereres fechar metade do odor dessa realidade? Isto é tudo o que direi, e tem uma mensagem perfumada!»

A harmonia literal e simbólica das circunstâncias, conforme expressa por Seth, era hilariantemente evidente nesse tipo de comentário, tal como foi quando eu perguntei, por exemplo, por que razão uma erupção cutânea tinha coberto o corpo do meu filho em menos de uma hora numa tarde, transformando-o numa confusão manchada e escarlate, e depois desaparecendo tão subitamente. «Para uma pista... embora eu não te vá dar uma resposta, considera os teus pensamentos sobre exércitos invasores», respondeu Seth. «Não de nações em guerra, agora, mas de exércitos invasores; e a palavra exércitos é importante, em relação ao que tu pensas como memórias reencarnatórias. E isto é tudo o que direi, e, como sabes, já é demais!»

Exércitos invasores? Oh, que inferno, pensei eu na altura, porque é que nunca é nada simples como, «O teu filho é alérgico ao cão», ou, «Para de o obrigar a comer espinafres»? Não, é algo sobre decifrar o que significa «exércitos invasores»! Mas uma vez que decifrei esta pista (forças de massas insanas a atacar os inocentes... hmmm... um processo que na verdade me levou vários meses), alcancei uma perceção sobre as minhas crenças acerca das crianças e das doenças que era muito mais «prática» do que, digamos, uma receita fantasmagórica de loção de calamina. A erupção cutânea nunca mais voltou, e eu também aprendi algo sobre o poder da sugestão e a inter-relação de crenças dentro das famílias.

«Sinto que cada um causa as suas próprias doenças para um propósito subconsciente e pode curar-se a si próprio se isso lhe "convier" na altura», diz a "Enfermeira Nadine" Renard. «No entanto — os meus filhos estavam sempre doentes [na altura da aula]! Corríamos para o médico, mas mesmo assim eles estavam doentes e, consequentemente, eu andava preocupada com eles a maior parte do tempo.» Como a família a considerava a pessoa que supostamente compreendia tanto de assuntos médicos como psíquicos, a Nadine sentia-se responsável por manter todos saudáveis. Uma noite na aula, a Nadine explicou as lutas da sua família com uma série interminável de constipações, dores de garganta e gripe. Apesar das suas boas intenções, queixou-se ela, esta situação tinha-lhe deixado um medo terrível de germes — o que parecia sensato perante as circunstâncias.

«Tu podes livrar-te de toda a doença», aconselhou-a Seth, «quando perceberes que tens o hábito de a criar e de a atrair para ti por medo. Aquilo que mais temes, tu atrais para ti. Em vez disso, deves concentrar-te naquilo que queres — e não fiques tão preocupada! Podes aprender a concentrar-te naquilo que queres e a atrair isso para ti, e a reestruturar completamente os hábitos de saúde da tua família.

«Agora, existem algumas razões de vidas passadas para as tuas atitudes e também para a profissão em que te encontras, mas antes de mais nada, deves compreender que podes atrair saúde, vitalidade e força para ti e que não estás à mercê de nenhum pobre germe rastejante ou de pequenos monstros voadores que venham atacar-te a ti ou à tua família! Digo-te isto porque há uma ligação na tua mente; a doença torna-se para ti o símbolo de algo muito diferente e muito mais profundo. Torna-se na tua mente o símbolo do mal, que te ataca — na tua mente — de pequenas formas como pequenas doenças.

«Ocorre frequentemente que aqueles que têm fortes capacidades de cura se focam na doença e na enfermidade e ficam obcecados com isso», disse Seth à Nadine. «É da mesma forma que muitos ministros da igreja, dados a pensamentos sobre o bem e Deus, ficam obcecados com a ideia do diabo e do mal. Tu também tens fortes capacidades de cura, mas estas, até agora na tua vida pessoal, têm estado latentes devido ao teu medo e à tua obsessão na outra direção.

«Se me perdoares, é um pouco como uma mulher com desejos muito carnais... que se recusa rigorosamente a usá-los e habita, em vez disso, em pensamentos sobre o seu mal, contendo-os simplesmente porque percebe que eles são muito fortes. Na tua própria vida pessoal, tu tens medo de usar as tuas capacidades de cura. Não as compreendes, e no entanto na tua profissão és livre de as usar e já as viste funcionar.»

Numa aula posterior, Seth dirigiu-se novamente à Nadine, que tinha perguntado como podia mudar o seu pensamento para manter a sua família bem «em vez de os pôr doentes».

«Percebe que tu não (……) as coisas sozinha», disse-lhe Seth. «Tu estás envolvida num empreendimento cooperativo. Tu não és a única responsável por um acontecimento, portanto, na medida em que normalmente outros participam na sua criação e pelas suas próprias razões.

«Agora, a questão não pode ser respondida simplesmente numa única noite», continuou Seth, «mais cada consciência viva tem o seu próprio sistema de defesa e a sua própria vitalidade, e tu deves confiar na tua — mas tu não confias na tua. Vós cooperais juntos para formar la realidade física que conheceis, telepaticamente, através de vias e meios que vos são desconhecidos. Vós teceis estas teias de realidade psíquica que depois se fundem em realidade física. Vós não as teceis sozinhos, necessariamente — vós tece-las juntos. Os teus pensamentos entrelaçam-se com os pensamentos dos outros. Tu és responsável pelos teus próprios pensamentos.

«Tu precisas de aprender o poder do pensamento e da emoção, mas isto deve encher-te com a alegria da criatividade. Uma vez que percebas que os teus pensamentos formam a realidade, então já não és escrava dos acontecimentos... Por que regas os teus medos como ervas daninhas, e garantes que eles cresçam?

«Agora, tu estás envolvida na cura — é o teu interesse. Mas também deves encontrar a paz da tua existência na área onde a má saúde não existe, ou serás de facto arrastada para essa aura. E por isso deves também começar a concentrar-te, em vez disso, e de propósito, nos organismos saudáveis e não imaginar os doentes. Farias melhor se

mudasses completamente o teu foco para longe da saúde — porque para ti, saúde também significa má saúde!

«Vós estais num nível onde os opostos parecem existir, embora não existam», acrescentou Seth para a aula em geral. «Portanto, quando pensais no bem, pensais no mal, e quando pensais na saúde, pensais na doença. Seria melhor se, quando virdes tais pensamentos ocorrer-vos, mudardes o vosso foco completamente para outra área. Encontra a área tu própria, mas tem uma área que envolva o teu interesse; um lugar de energia e paz — no qual percebas que nas tuas lides com a saúde e a doença, estás a lidar com sombras.»

A Nadine diz que as suas capacidades de cura, quando libertadas das ansiedades da sua família imediata, aparentemente ajudaram outros. «Usei a sugestão com alguns vizinhos com problemas», diz ela. «Eu só lhes digo coisas boas, e os médicos dizem que ficam espantados com a forma como eles recuperam bem seja do que for.»

Uma vizinha, diz a Nadine, tinha passado por duas operações a cataratas e estava em casa há apenas alguns dias quando um olho inchou, ficou inflamado e começou a minar. «Tinha um aspeto horrível, mas eu dizia coisas como, "Estás com ótimo aspeto, Frances", ou algo do género, ou às vezes colocava suavemente as minhas mãos sobre o rosto dela e dizia-lhe que o olho dela já estava bom», diz a Nadine. «Uma vez, no meio de tudo isto, a Frances ligou-me e perguntou-me se eu lhe conseguia arranjar uns comprimidos fortes para a dor.

Bem, eu só tinha uns Tylenol e aquilo não lhe daria muito alívio — quero dizer, o olho dela estava tão inchado que se podiam ver os pontos — então disse-lhe que aquilo era codeína e caramba, se ela teve alívio! E o médico dela disse-me mais tarde que os olhos dela curaram muito melhor do que ele pensava que curariam.

«Outra amiga minha morreu de cancro há algum tempo», diz a Nadine. «Eu costumava ir e apenas segurar as mãos dela e dar-lhe sugestões de paz, e então ela dizia que se sentia melhor e adormecia, o que já era muito para lhe dar na altura, suponho.»

Enviar energia a amigos, ver as crenças por trás dos males de outrem, ou escutar as astutas avaliações psicológicas de Seth eram

coisas fáceis de aceitar quando aplicadas a outra pessoa. Mas quando a doença é tua (lo de um ente querido) e supõe-se que olhes para além do teu desconforto ou medo ou dos efeitos físicos imediatos para compreenderes a raiz, então aquele bocadinho de distância necessária evapora-se demasiadas vezes.

Numa tarde de segunda-feira, no verão de 1971, no espaço de poucas horas, um abcesso doloroso e latejante floresceu no meu ouvido esquerdo. Na altura, pareceu apenas mais uma coisa ligada a uma sucessão de dias péssimos. O George Rhoads e a mulher, de visita aos meus pais e a mim a caminho do Oeste, tinham dado longas e algo impiedosas palestras sobre comida saudável a respeito de tudo o que eu dava de comer ao meu filho; durante o exame do Sean nessa semana, o pediatra tinha afirmado categoricamente que, pelo facto de o Sean comer vários ovos por semana, «Ele vai cair morto com um ataque cardíaco aos cinquenta anos e a culpa será tua».

O meu divórcio do Ned era definitivo há um mês, e eu estava a tentar forçar-me a voltar ao mercado de trabalho. Para completar o quadro, o abcesso tinha-me enchido o crânio de dor; além disso, eu estava cheia de medo de acabar como cinco anos antes, quando um médico tinha lancetado de forma desleixada um abcesso no mesmo ouvido, fazendo-me parar ao hospital com uma infeção por meningite.

Enquanto eu conduzia para a aula naquela noite de terça-feira, determinada a desviar a minha atenção da dor de ouvido, cada detalhe daquela estadia no hospital surgia como luzes de um pesadelo: as injeções de penicilina espessa como pasta de dentes; a dor rígida e quente no meu pescoço e na cabeça; o nevoeiro em turbilhão do entorpecimento do Demerol.

No apartamento da Jane, deixei-me cair no tapete junto à porta da casa de banho e tentei concentrar-me nas pessoas à minha volta. A Juanita, uma recém-chegada, estava sentada no sofá, com um sorriso largo e fixo no seu rosto algo desgastado pelas preocupações. Alguém falou com ela e ela não respondeu. A pessoa sentada ao lado dela no sofá deu-lhe um toque com o cotovelo.

«Ei, o John disse-te "olá"!»

«O quê?», disse a Juanita em voz alta. «Desculpem, não vos consigo ouvir.» Portanto — duas de nós aqui esta noite temos problemas de ouvidos, meditei eu.

A aula começou com uma discussão sobre as nossas experiências atuais com Alfa. A Juanita esforçava-se por ouvir, esticando-se literalmente até meio para fora do sofá. O meu ouvido dava pontadas e ferroadas; o meu pescoço doía. Visões daquelas injeções de hora a hora dançavam-me na cabeça. Perante este tipo de problemas, a condição do mundo inteiro parecia-me bastante desesperante.

A Jane observava-me com uma expressão de simpatia, combinada com algo como um alerta científico, uma comunicação que partilhávamos frequentemente. Sorri para ela e abanei a cabeça. Ao telefone, naquela tarde, tinha-lhe falado sobre a dor de ouvido e sobre a experiência anterior em 1966, quando tinha perdido um semestre de faculdade e terminado um relacionamento de longa data com um homem que conhecia desde o liceu. Agora, cinco anos mais tarde, estava recém-divorciada e a enfrentar a necessidade de me aguentar sozinha com um filho pequeno e sem emprego. Em ambas as circunstâncias, tinha desenvolvido a mesma maleita física. Sabia que estava envolvido algo mais do que uma coincidência, mas, de alguma forma, simplesmente não queria pensar nisso.

«Tem algo a ver com a questão da mulher», disse a Jane, do nada, continuando a observar-me com aquele alerta absorto.

«Com o quê?», disse eu. O ruído e o falatório da aula isolavam-nos em privacidade. «A questão da mulher?»

«Exato», disse a Jane. Ela esperou. Eu não percebi.

«Ei, pessoal», chamou a Jane para a aula, «vamos fazer um pouco de Alfa na Sue e na Juanita.» Contou-lhes brevemente quais eram os nossos problemas; a Juanita, ao que parecia, tinha uma obstrução crónica do canal auditivo que lhe estava gradualmente a destruir a audição.

Mas antes que a aula pudesse começar a tentativa de Alfa, os óculos da Jane foram arrancados e o velho e familiar «Agora!» de Seth cortou toda a conversa.

«Ambas tendes esta questão com o barulho!», disse Seth — de forma muito barulhenta! — dirigindo-se à Juanita e a mim. «Vou falar convosco às duas ao mesmo tempo, portanto.

«O mundo não é tão tumultuoso como imaginas, e és capaz de te orientar nele», disse Seth a Juanita. «És mesmo! Podes limpar os teus próprios ouvidos e a tua própria visão [Juanita também usava óculos muito grossos]. Tudo o que tens de fazer é perceber que existe dentro de ti a capacidade de enfrentar cada dia à medida que ele chega. Neste momento estás a esforçar-te demasiado. Tens de relaxar e confiar que o eu interior verá e ouvirá. Os problemas iniciais que ajudaram a desencadear a tua dificuldade podem agora, enquanto adulta, ser ultrapassados ao compreenderes que o eu interior tem o seu próprio conhecimento e os seus próprios métodos. Tu consegues ouvir-me, e eu farei com que isso aconteça!

»Imagina-te a responder a perguntas que te foram feitas», continuou Seth, dirigindo-se a Juanita. «Não precisas de imaginar que estás a ouvir claramente. Se imaginares que estás a responder às perguntas, então será dado por adquirido que as ouviste corretamente. Quando te esforças demasiado para ouvir ou ver, ouves e vês menos. Relaxa e deixa que isso seja tratado por ti. Neste momento não confias no eu interior para fazer estas coisas, e tens de aprender a aceitar a antiga sabedoria interior que te pertence!»

Engoli em seco. Eu era a próxima! Encolhi-me; o meu ouvido lançava pontadas de dor. Seth voltou-se para mim, olhando-me com o que eu esperava ser apenas a minha interpretação de severidade.

«E tu tens de aprender que o amor faz barulho, pode ser incómodo e pode atrapalhar, e tens de aprender a não negar a validade dos teus próprios sentimentos nessas direções em que agora tendes a escondê-los de ti mesma», disse Seth, calmamente. «Muito mais tarde farei com que Ruburt te fale disso especificamente. Por agora, direi apenas que o incidente anterior de que falaste a Ruburt [a dor de ouvidos que tiveste em 1966] está ligado a este. Sabes que está, mas tens de pensar no que o ruído representa para ti e no que é que não queres ouvir e por que razão, precisamente neste momento, não o queres ouvir.»

De forma ilógica, lembrei-me de George Rhoads a manifestar forte desaprovação pelo pequeno-almoço de Cheerios do Sean, enquanto Sean batia alegremente com uma colher na bandeja da cadeira alta — um ruído sem rival em capacidade pura de destruir os nervos.

— Então está relacionado com o Sean? — perguntei.

«Está ligado ao Sean, mas também tem raízes mais profundas», respondeu Seth. «Farei com que Ruburt te fale disso. Isto também tem a ver, contudo, com o medo dos estímulos exteriores e com o medo fundamental de que eles te arrastem e destruam a tua identidade. Agora tens segurança, e esses pensamentos e sentimentos estão profundamente errados. Tens sentidos físicos por uma razão. Eles existem para te ajudar, não para te impedir. Quando te recusas a utilizá-los, seja qual for a razão, diminuis as tuas próprias capacidades e a tua própria eficácia, como sabes; mas isso nunca te é imposto. Este é um método de aprendizagem e, à medida que aprendes, resolverás o problema.»

Seth dirigiu-se então ao grupo, salientando que «cada um de vós, à sua maneira, esconde de si próprio certos conjuntos de sentimentos, por isso não estou necessariamente a dirigir-me especificamente à nossa amiga aqui [a mim], exceto pelo facto de ela estar esta noite com o problema no ouvido».

Terminada a sessão, Seth desapareceu pela sua porta dimensional. Contei a Jane o que ele tinha dito.

— Claro — respondeu ela, soltando baforadas do Pall Mall que ardia pacientemente no cinzeiro. — É uma coisa que tens com o barulho e...

Os olhos dela arregalaram-se.

— Comida!

Comida??

— Claro, comida — continuou Jane, falando rapidamente. — A comida representa para ti não apenas nutrição, mas também um símbolo da tua feminilidade, percebes? Desta vez tudo começou

quando o George, a mulher dele e o médico te pressionaram acerca da forma como estavas a alimentar o Sean. Tu não querias ouvir isso! Além disso — acrescentou ela, num tom algo conspiratório — sexo e ruído estão ligados na tua mente: ruído forte, violência e sexo; sentes que tudo isso te poderia destruir completamente, por isso também comes demasiado para criar uma proteção contra tudo isso, para que te deixem em paz, relativamente a tudo.

Fazia um sentido maravilhoso, mas...

Tirei algumas notas e evitei encarar o assunto. Na aula fizeram um cântico MU por mim e por Juanita, e nessa noite fui para casa a sentir-me um pouco melhor. Mas, na manhã seguinte, o ouvido continuava igualmente doloroso e, por fim, acabei novamente no hospital, embora desta vez não tenha surgido nenhuma infeção generalizada. Contudo, durante muitos anos não enfrentei as crenças implícitas nas observações de Seth e Jane — e, entretanto, iria lidar com as suas manifestações sob inúmeras formas, e não apenas como sintomas físicos.

Naturalmente, a aula também realizou algumas experiências de cura consigo própria, como parte da nossa exploração das propriedades ainda inexploradas da imaginação e da consciência. No início da década de 1970, o biofeedback Alfa começava a ser aceite como um método de regulação de algumas das funções corporais «involuntárias». Alfa, uma das ondas cerebrais oficialmente classificadas, envolve um estado de consciência relaxada e não é tão intenso como o nível Beta «normal» — nem sequer tão intenso como um transe ligeiro. Depois de algumas tentativas inconclusivas com uma lâmpada Alfa (que supostamente mudava de cor aos olhos do utilizador à medida que este mudava de nível de ondas cerebrais), Jane sugeriu que esquecêssemos a lâmpada e tentássemos descobrir que informação subjetiva poderia estar disponível no estado Alfa.

Para entrar em Alfa, normalmente imaginávamo-nos a fazer algo inspirador, como pintar, escrever ou ouvir música; depois «mantínhamos» esse sentimento. Outros imaginavam um eu minúsculo ao lado da cabeça (o método favorito de Jane), ou concentrávamo-nos numa das muitas pinturas de Rob. Ao princípio

era difícil não ir mais fundo do que Alfa; mas, após algumas semanas de prática, a maioria de nós tornou-se bastante hábil a entrar nesse estado sempre que acontecia algo invulgar na aula: era como ver um acontecimento de muitos ângulos ao mesmo tempo, porque nunca se perdia o contacto com as perceções «normais» — apenas se acrescentava algo a elas.

A experiência que a aula realizava com mais frequência em Alfa — além das «viagens» de perceção alterada — consistia em dirigir a consciência coletiva para um voluntário e vasculhar mentalmente o seu corpo, aceitando quaisquer imagens percebidas num espírito leve de investigação lúdica. Tudo aquilo que «víamos» e que não parecesse correto deveria ser corrigido de acordo com a nossa própria imagética mental. Os membros da aula passavam quatro ou cinco minutos nisso e depois saíam do estado Alfa para escrever aquilo que tinham percebido. O voluntário descrevia então as suas reações durante a experiência e nós líamos as nossas «descobertas». (Como complemento, enviávamos energia à pessoa durante a semana.) Era muito divertido verificar se as perceções Alfa dos participantes coincidiam — e muitas vezes coincidiam.

Depois de fazermos uma viagem imaginativa através de Joel Hess, por exemplo, vários de nós registámos independentemente que víamos «músculos inflamados» à volta da coluna e da zona lombar.

— Imaginei que tinha uma mangueira de incêndio em miniatura nas mãos — disse Sally Benson. — Fiz com que pulverizasse uma espécie de bálsamo calmante por todo o lado, e fiz com que funcionasse também!

O Joel admitiu que tinha forçado as costas nessa semana, embora já lhe doessem cronicamente há anos.

— Eu diria que hoje me sinto melhor do que me sentia há muito tempo — comentou Joel, bem-humorado. — Mas provavelmente todos vocês diriam que isso é apenas sugestão.

De forma semelhante, depois de experimentarem Alfa com outra aluna, vários participantes relataram ter visto o estômago de Jeanette como «uma floresta de animais, vagueando e caçando-se uns aos outros». Alguns imaginaram versões minúsculas de si próprios a

expulsar os predadores; outros tentaram acariciar os animais e transformar o interior de Jeanette num Reino Pacífico em miniatura. Mais tarde, Jeanette disse que, durante várias semanas, se sentira nervosa e «presa em nós», e que o estômago andava frequentemente perturbado.

Uma visitante da aula lançou-se nesta experiência Alfa com um entusiasmo revelador.

— Imaginei-me a entrar no teu pulmão esquerdo — disse a mulher a Jane, entusiasmada — e encontrei-me dentro de um enorme depósito de carvão. Estava imundo lá dentro — que nojo! Então comecei a lavar as paredes com um gigantesco limpa-vidros e abri as janelas para deixar sair todo o fumo venenoso...

— Hum... espera um momento — disse Jane com suavidade. — Antes de te deixares levar demasiado por essas sugestões, talvez devesses examinar as tuas crenças acerca do meu hábito de fumar.

— Crenças? — lamentou-se a mulher. — O que é que as crenças têm a ver com isto? Quero dizer, toda a gente sabe que fumar faz mal, e tu, mais do que ninguém, devias saber que faz mal, já que és...

A mulher hesitou.

— Sim? — provocou Jane. — Eu sou o quê?

— Bem... — confessou a mulher — tu falas por Seth, afinal de contas, e estás envolvida no teu trabalho espiritual, e fumar é tão pouco espiritual, e Seth não te diz para deixares isso?

A Jane suspirou.

— Na verdade, ele adoraria que eu começasse a fumar charutos — respondeu. — Mas que se lixe isso! Além disso, tenho uns pulmões magníficos!

E Jane soltou um enorme e prolongado «MUUUUUU!» para o provar.

A aula não interpretava as suas experiências de cura Alfa de uma forma tão literal, mas também não as via como algo estritamente simbólico ou «imaginário», nos termos habituais. Além disso, os

exercícios Alfa não eram necessariamente utilizados como substituto de aconselhamento médico. Eram usados como um meio de descobrir as razões interiores para acontecimentos físicos (neste caso, sintomas físicos).

— Aprendi a acreditar na saúde — afirma simplesmente Arnold Pearson, referindo-se aos seus felizes anos de reforma depois de a aula ter terminado.

Mary Strand, enfermeira, diz que também ensinou os filhos a acreditar na saúde «e no seu poder de se curarem a si próprios. Conseguimos evitar medicamentos e médicos durante vários anos, [embora] os velhos deuses e crenças ainda me ameacem em momentos difíceis».

Estou certa de que os velhos deuses ameaçam qualquer pessoa que comece a construir uma ponte entre a identidade que nos foi ensinada ao longo de séculos de experiência humana e o tipo de identidade revelado, ainda que apenas parcialmente, na aula de Jane. Compreender a realidade privada e coletiva como criações do eu constitui um afastamento radical, e existem poucos, se é que existem alguns, enquadramentos sociais que permitam uma exploração equilibrada dos mundos das circunstâncias.

NOTAS AO CAPÍTULO ONZE

1. *Segundo uma edição de 1953 do Stedman's Shorter Medical Dictionary, Follett Publishing Co., Nova Iorque, a Doença de Hodgkin é um «aumento inflamatório maligno dos gânglios linfáticos, acompanhado por aumento do baço e frequentemente também do fígado e dos rins, afectando os vasos sanguíneos».*

2. *Jane está a resolver alguns problemas físicos que envolvem rigidez em algumas articulações. Tem vindo a desvendar as crenças por detrás desses sintomas há vários anos; algumas dessas crenças são mencionadas em Psychic Politics, nos volumes 1 e 2 de A Realidade "Desconhecida" e em O Deus da Jane: A Psychic Manifesto (1981). Mas o «rumor» mencionado na carta do homem é apenas um entre muitos acerca de Jane que aparentemente circulam entre pessoas que ela e Rob nunca conheceram. Chegou-lhe de uma forma ou de outra que estaria morta ou a morrer, que seria alcoólica,*

que estaria internada numa instituição psiquiátrica, ou que viveria numa casa rodeada por uma vedação eletrificada de três metros e por uma matilha de cães de guarda!

— O único que realmente me enfureceu — diz Jane — foi quando ouvi o rumor de que tinha repudiado Seth e me tinha tornado uma Cristã Renascida!!

3. *Existem agora, contudo, lugares onde ao eu é concedido o seu legítimo poder de escolha e criatividade em questões de saúde. Carl Simonton, médico, cujo centro médico em Fort Worth, Texas, trata doentes com cancro através de terapia das crenças, treino de imagens positivas e outras técnicas semelhantes às de Seth para ajudar as pessoas a «pensarem o seu caminho para a sobrevivência».* Os interessados podem contactar o Dr. Simonton escrevendo para a J. P. Tarcher, 9110 Sunset Blvd., Los Angeles, CA 90069, para obter um exemplar do seu livro *Getting Well Again*, ou encomendá-lo em qualquer livraria. Também podem telefonar para o centro de tratamento Simonton em Fort Worth.

Outro livro recente nesta linha é *Anatomy of an Illness As Perceived by the Patient*, do antigo editor da *Saturday Review*, Norman Cousins (Norton, 1979), no qual Cousins se recusa a desempenhar o papel de «vítima» médica.

4. *O cântico «Mu», tal como o seu equivalente «Om», consiste em sons-palavra utilizados por seitas e grupos meditativos por diversas razões, uma delas sendo a utilização do som e da energia para manter estados ligeiros de transe. A aula utilizava o «Mu» para enviar energia, ou simplesmente por diversão — mas sempre que fazíamos um concurso para ver quem conseguia prolongar essa palavra durante mais tempo, Jane ganhava sempre!*

CAPÍTULO DOZE

A Guerra das Flores Idiotas: Em Que Peixes de Sonho, Espontaneidade e o Recrutamento Militar São Postos em Causa

«Os deuses não conceberam o universo na tristeza; esta terra não nasceu de uma lágrima. Foram vocês que criaram as vossas próprias lágrimas.»

— Seth na aula, Março de 1972

A Guerra das Flores Idiotas / 319

Do lado de fora dessas janelas salientes, o final da década de 1960 e o início da de 1970 prosseguiam o seu curso, com o mundo, ao que parecia, a transbordar de violência e revolução social. Motins devastavam os centros urbanos. Profetas autoproclamados faziam explodir edifícios em nome da paz. A guerra no Vietname prolongava-se sem fim. As soluções pacíficas eram condenadas por alguns como um caminho demasiado lento para a justiça; desprezadas por outros como ingénuas. Como poderia alguém pousar as armas num mundo cheio delas?

A guerra do Vietname e todas as suas questões subsidiárias relativas à violência, agressão, patriotismo e dissidência estenderam os seus tentáculos até à aula de Jane durante aqueles anos, à medida que homens — e mulheres — enfrentavam a possibilidade muito real de envolvimento pessoal. Os acontecimentos à nossa volta serviam frequentemente para nos confrontar com questões filosóficas: a violência era alguma vez justificável? Se um motim num bairro degradado chamasse a atenção para condições deploráveis e, por

conseguinte, desse início a mudanças, então esse surto de violência não seria justificável? E quanto à guerra? E quanto ao ideal da paz? Quando é que a lealdade se transforma em fanatismo?

«Os fins não justificam os meios», disse-nos Seth muitas vezes. «Na verdade, nesses termos, os fins são os meios.» Nenhuma violência era alguma vez justificável, dizia Seth — nunca. «Nunca existe qualquer justificação para a violência... nunca qualquer justificação para ameaças. Os meios criam o fim. E, se os meios são violentos, os fins são violentos.»

Mas o que fazes se alguém disparar primeiro?...

Durante aqueles anos, enquanto Ned e eu éramos casados, ele debateu-se durante meses com os procedimentos longos e complicados exigidos para obter o estatuto de Objetor de Consciência (CO) relativamente ao recrutamento militar obrigatório — sem sucesso. Ned apresentou as suas objeções pessoais ao serviço militar perante a junta de recrutamento distrital em Buffalo. Nada feito: sem estatuto de CO. Agora teria de esperar pela inevitável alteração do adiamento de que beneficiava enquanto estudante universitário. Entretanto, os seus estados de espírito oscilavam entre o desespero profundo e uma exuberância precária, enquanto se dedicava ocasionalmente à pintura e tentava concentrar-se no seu trabalho num viveiro de árvores local.

A primeira aula de Dezembro de 1970 realizou-se numa noite fria de Inverno, com o vento a uivar. A sala de estar de Jane estava agradavelmente quente; os radiadores estalavam alegremente nas grandes divisões antigas, especialmente na gigantesca casa de banho revestida a azulejos. A aula tinha piadas habituais acerca daquela casa de banho — o enorme lavatório oval sobre o pedestal, a cabine de duche com os seus nove chuveiros em forma de agulha; a sanita que continuava a borbulhar depois de algumas descargas e que muitas vezes exigia os conhecimentos de canalização de algum membro da aula para a fazer parar... mas nada parecia chegar até Ned, nem sequer aquela camaradagem caseira. Sentava-se no chão, num canto, fumando cigarros, envolto num casulo de miséria e raiva.

Nessa noite estavam presentes pela primeira vez Joel e Alison Hess. Na altura, Joel estava envolvido em organizações anti-guerra em Cornell e também pregava numa pequena igreja rural perto da sua casa. Parecia um homem muito sério e, durante o intervalo, fez algumas declarações muito sérias sobre o bem e o mal — especialmente sobre o mal e sobre a forma como as suas características governavam o mundo.

— A única esperança que temos é que as pessoas boas disciplinem a sua tendência inata para fazer coisas más — afirmou Joel, em resumo.

— Oh... tretas — respondi eu, cautelosamente.

Imediatamente, Joel e eu envolvemo-nos numa discussão furiosa, interrompida (para grande alívio do resto da aula) após várias trocas de palavras acaloradas pela voz retumbante de Seth.

«Ora bem, o eu espontâneo, o eu interior deixado a si próprio, é uma coisa boa», começou Seth, olhando fixamente para Joel, «e não vamos entrar numa definição da palavra bom! Deixado a si próprio, o eu interior mantém o teu corpo a funcionar e a tua visão apurada; mantém o teu equilíbrio perfeito; mantém-te vivo. Dá-te uma sensação de alegria e vitalidade e enche-te de alegria por Tudo O Que É, que, como a maioria de vós sabe, é o meu termo para a palavra Deus!»

Caramba!, pensei. Este tipo está mesmo a levá-la em cheio — e logo na primeira vez que vem à aula! Ah!

Para minha secreta desilusão, contudo, reparei que Joel não parecia muito perturbado. Olhei para Ned. Parecia perdido noutro mundo.

«Deixado a si próprio, portanto», continuava Seth, «és uma criatura perfeita — e sentes uma unidade com a natureza. E, quando caminhas pela rua, sentes uma união entre as pontas dos teus dedos e as copas das árvores, e entre os teus pés e o pavimento sob eles. É apenas quando interferes com o eu espontâneo que surgem dificuldades — e essas dificuldades podes, se preferires, chamar-lhes mal.»

Joel assentiu pensativamente.

«O mal surge, e não vamos entrar numa definição da palavra mal, quando — e precisamente quando — não percebes que o eu interior é a fonte da alegria, da vitalidade e da criatividade!», prosseguiu Seth. «Nesse momento, quando surgem dúvidas, passas a desconfiar de ti próprio e do eu interior que forma a tua imagem física. Então, quando não aceitas o eu espontâneo, decides que vais aceitar certos sentimentos e negar outros. E aqueles que negas, que não consideras aceitáveis, crescem dentro de ti até adquirirem uma forte carga; e essas cargas reprimidas, individualmente e em massa, causam violência!

»E se quiseres equiparar a palavra violência à palavra mal, então essa é a sua origem; e é a desconfiança em relação ao eu espontâneo — ao eu interior — que existe dentro de todos vós.

«Agora, vejam, temos visitantes e eu estou a soar severo», disse Seth com humor, continuando a olhar para Joel. «Devo, portanto, dizer-vos que, sendo eu muito mais velho do que qualquer um de vós e muito mais morto do que a maioria, percebeis e sentis a vitalidade que flui através desta imagem [a de Jane]; e, ao senti-la, percebei que esta mesma energia está disponível para cada um de vós! É a vossa herança — a herança da alegria, da espontaneidade e da criatividade — portanto, utilizai-a! Reconhecei-a em vós mesmos e não desconfieis dela.»

— Bem — disse Joel quando Seth se retirou — suponho que concordo que reprimir os sentimentos conduz a uma raiva explosiva, mas parece-me que, reconhecendo isso, o indivíduo deve esforçar-se por procurar o bem em si próprio e cultivá-lo um pouco — tendo em conta a situação do mundo e tudo o resto...

Subitamente, Seth voltou. As suas expressões expansivas e os seus gestos faziam mover o corpo de Jane de uma forma humoristicamente incongruente com o vestido comprido até aos tornozelos e os brincos pendentes.

«Voltaremos a ver-te!», declarou Seth a Joel numa voz grave ao estilo de Peter Lorre.

Joel ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

«Agora, escuta-me», continuou Seth naquele tom grave e poderoso. «Não precisas de te esforçar tanto. Se confias no eu interior, então cresces como cresce uma flor. A flor cresce corretamente, e não se esforça para crescer, nem diz para si mesma: "Tenho de crescer cinco centímetros, custe o que custar, até amanhã ao entardecer!" Uma flor é, e permite-se crescer, e tem a certeza do seu Ser e do espírito de Tudo O Que É que existe dentro dela.

»Ora, a bondade é tão natural como uma flor que cresce. Se uma flor, contudo, parasse enquanto o Sol brilhava sobre ela e começasse a pensar e dissesse: "Espera! Devo crescer para a esquerda ou para a direita? É bom que o Sol brilhe sobre mim ou será demasiado fácil crescer à luz do Sol, devendo eu tentar crescer antes na escuridão? Devo crescer cinco centímetros para a direita ou cinco centímetros para a esquerda? Tenho de me esforçar para crescer! Tenho de desenvolver um ego e um intelecto, e tenho de tentar alcançar esse Sol que é Deus, e tenho de trabalhar arduamente porque, se não me esforçar, não conseguirei — e tenho de conseguir!"

»Mas, ao lado da nossa flor intelectual e conscienciosa, existe uma flor idiota! E a flor idiota permanece ali e sente o Sol sobre o seu rosto e abre as suas folhas e diz: "Este é o Sol, e ele é bom dentro de mim; é o espírito do crescimento, e eu segui-lo-ei e dar-lhe-ei liberdade; e não me importa se cresço para a direita ou para a esquerda, porque, em perfeita confiança no espírito que existe dentro de mim, sei que crescerei corretamente."

»E assim cresce a nossa flor idiota, crescendo a partir de dentro. E é perfeita e forte. Mas ao lado dela está a nossa flor intelectual e espiritual. E essa flor diz: "Outra vez! São três horas da tarde, as sombras estão a chegar e as sombras são más, e este Sol está a desaparecer, e a noite aproxima-se, e a noite é má; e devo considerar a melhor forma de confundir estes adversários... e é fácil falhar e não utilizar as minhas capacidades e não crescer!"

»E eis que, pela manhã, o Sol nasce, e o que encontramos? A nossa flor idiota em plena floração sob o Sol matinal, e a outra flor com uma folha assim [Seth deixou uma mão pender sobre o braço da cadeira] e outra folha assim [o outro braço ficou espetado no ar] e a

cabeça caída, ainda a considerar a natureza do bem e do mal e sem confiar no espírito de vitalidade que existe dentro dela; e, portanto, sem escutar a voz interior... mas questionando a cada momento e a cada hora: "Por que caminho devo seguir? Devo aceitar a luz do Sol ou a chuva? Ou serão estas forças malignas?" E dizendo a si mesma repetidamente que crescer é difícil e morrer é fácil. Dizendo a si mesma repetidas vezes — em termos metafísicos, agora — que ser bom é difícil e ser mau é fácil.

»Mas isso é um engano!»

— A flor idiota — perguntou Joel com ceticismo — que simplesmente fica ali naturalmente e aceita aquilo que lhe é devido, tem a responsabilidade de tentar iluminar a sua flor irmã, que parece presa na confusão?

«Tem, sem dúvida», respondeu Seth, «e fá-lo através do seu exemplo, pois a outra flor deveria olhar para ela e dizer: "Como é possível que a minha irmã cresça tão lindamente sob a luz do Sol?"

»Agora compreende que estou a falar apenas por analogia», disse Seth, «e não estou a dizer a nenhum de vós que o intelecto está errado ou que não o deveis usar. Como qualquer professor, estou simplesmente a escolher um exemplo. Mas a existência da nossa flor idiota é, por si só, um exemplo, pois dir-vos-ei — nos termos mais simples possíveis — que podeis confiar no eu espontâneo interior. Ele é, nos vossos termos, um espírito de Tudo O Que É. Sabe como crescer. Fez-vos crescer de feto a adulto, e fê-lo sem o vosso esforço e sem que o interrompêsseis a cada momento para perguntar: "Estás a crescer corretamente? O dedo grande do meu pé esquerdo está a crescer na direção certa ou na errada?" Se tivesse sido deixado à vossa responsabilidade, o corpo nunca teria sido formado corretamente: teríeis levado todo esse tempo apenas a decidir-vos...»

— Mesmo quando sentimos essa espontaneidade — insistiu Joel — temos a opção de reagir em relação a ela?

«Segues essa espontaneidade!», respondeu Seth. «Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus! Se não sois alegres, se não viveis confiando no espírito, não sois completos. Uma pequena criança guiá-los-á porque a espontaneidade do espírito

conhece Tudo O Que É... Tudo O Que É não é digno e solene! Tudo O Que É não é "adulto"! Tudo O Que É não é pomposo; Tudo O Que É simplesmente é, e do Ser nasce... a criatividade. Podeis conceder plena liberdade ao vosso intelecto quando ele segue a espontaneidade do vosso ser.

»Seguis o eu espontâneo enquanto estiverdes conscientes, seja em que vida ou existência for. Mas, para evoluirdes espiritualmente, tendes de vos unir conscientemente a ele, com alegria e abandono.

»Agora, meu amigo», sorriu Seth para Joel, «Ruburt não costuma citar a Bíblia cristã nem, de facto, utilizar exemplos cristãos, mas direi isto: existe uma passagem relativa aos lírios do campo*. Ora, quando não confiais no eu espontâneo, sois como os lírios do campo — a nossa flor outra vez — que de repente começam a preocupar-se porque talvez não sejam alimentados, vestidos, sustentados ou protegidos; e porque os nutrientes dos quais retiram a sua existência lhes possam ser retirados. Supostamente deveis acreditar que sois sustentados e apoiados... por Deus, nos vossos termos; por um espírito de vitalidade, ou Tudo O Que É. Na medida em que não acreditais nisso, cortais a ligação convosco próprios.

»Essa é a minha resposta imediata para ti esta noite, meu jovem, mas poderás encontrar as tuas próprias respostas... no teu próprio eu espontâneo e escutando a voz de Tudo O Que É dentro de ti!»

A aula já ouvira antes a analogia da «flor idiota» de Seth, mas nessa noite ela pareceu adquirir um significado renovado, talvez devido à vigorosa intervenção de Joel acerca do bem e do mal. As discussões prolongaram-se para além da meia-noite: as analogias sobre flores eram muito bonitas, mas e quanto aos motins e às guerras?... A aula brincava e trocava ideias acerca das aplicações práticas de ser uma «flor idiota»: isso significava simplesmente sair e fazer tudo o que apetecesse, sem se preocupar com as consequências? «Tudo o que apetecesse» implicava automaticamente o mal? As «consequências» eram automaticamente más?

Na semana seguinte surgiu outro aspeto das «consequências» da espontaneidade. Joel contou à aula que, durante o trabalho, encontrara um colega a dormir à secretária, a meio de um projeto importante. Joel

confessou que lhe apeteceu dar um pontapé no traseiro do homem adormecido, embora racionalmente soubesse que essa não era a solução. Como, perguntava Joel, se poderiam transformar sentimentos espontâneos desse género em sentimentos «não violentos»?

Seth surgiu com uma sucessão inicial de piadas e trocadilhos terríveis, acabando por dizer a Joel para não negar a parte de si mesmo «que queria torcer o pescoço ao outro homem».

«Ficaste tão assustado com esse pensamento que o inibiste imediatamente!», prosseguiu Seth, divertidamente. «Agora, consideremos esse pensamento e a razão pela qual te aterrorizou tanto. Aterrorizou-te porque tens medo da ideia de que o mal seja mais poderoso do que o bem e de que um único pensamento violento teu fosse mais importante e mais poderoso do que a vitalidade do bem... Os teus músculos ficaram tensos, a produção de adrenalina aumentou, [e] tiveste vontade de lhe torcer o pescoço e ficaste ali a dizer: "Deus te abençoe, meu excelente jovem amigo, que tenhas uma vida longa e feliz."

»Ora, telepaticamente, o nosso excelente jovem amigo sabe exatamente o que estás a sentir nesse momento!», trovejou Seth. «Tu és quem está desligado dos seus sentimentos e emoções nesse instante; porque, nesta fase da tua "progressão espiritual", apenas imaginas que lhe desejas boa vontade... Originalmente, estavas suficientemente zangado para lhe dar um pontapé.

»Tens alguma ideia na cabeça de que o bem é suave e o mal é violento, e de que nenhuma violência pode ser boa, e isso acontece porque, na tua mente, violência e destruição são a mesma coisa. Assim, segundo esta analogia, a voz suave é a voz santa e a voz forte é a voz perversa e... um desejo intenso é um desejo mau e um desejo fraco é um desejo bom, de modo que passas a ter medo de projetar ideias para o exterior, ou desejos para o exterior; porque, no fundo da tua mente, pensas que aquilo que é poderoso é mau e aquilo que é fraco é bom e deve ser protegido, acarinhado, alvo de orações e de súplicas.»

«Em vez disso, o que te estou a dizer é que o universo é um universo bom... a tua própria natureza é uma boa natureza e podes

confiar nela... Tem consciência dos teus próprios sentimentos [dirigindo-se a Joel, em referência ao trabalhador adormecido]... depois, tanto quanto possível, comunica esses sentimentos verbalmente da forma que escolheres. Usa a raiva como meio de comunicação; muitas vezes ela conduzir-te-á a resultados que não imaginas e, nos teus termos, a resultados benéficos.»

Durante essa semana — e creio que em consequência das palavras de Seth sobre a espontaneidade e a expressão da raiva — Ned teve um sonho vívido em que se viu tomado por uma raiva avassaladora e sem direção; como se estivesse literalmente a explodir de hostilidade. No sonho, encontrava-se junto a um riacho. Ao inclinar-se para a frente, viu surgir nas águas ondulantes um belo peixe multicolorido. Num instante, Ned saltou para o riacho e começou a dar pontapés no peixe repetidamente, vezes sem conta, até que, de repente, ficou completamente livre de toda a raiva e ódio. O seu eu onírico chorou então de alívio, e ele acordou sentindo-se revigorado e em paz consigo próprio pela primeira vez em semanas.

Na aula da terça-feira seguinte, Ned descreveu o sonho do peixe com entusiasmo.

— E dei-lhe uma tareia monumental! — disse, veementemente. — E depois tudo simplesmente... se libertou, desapareceu. Foi fantástico! Foi como... uau, como se eu tivesse percebido que podia livrar-me de todos os problemas que tinha cá dentro... simplesmente fazendo-o...

Joel ouvira a descrição do sonho com uma expressão grave e desaprovadora.

— Há uma coisa nisso que me incomoda — disse ele, interrompendo a exposição de Ned. — Se é verdade que os nossos pensamentos formam realidades e que os nossos sonhos continuam sem nós, ou se aquele peixe era algum peixe provável numa realidade provável, então não percebo como pudeste dar pontapés naquele pobre peixe. Quero dizer, não creio que eu quisesse matar a criatura, porque pensaria que somos responsáveis pela vida em todas as suas formas, não somos? E tu descarregaste tudo naquele peixe, pontapeaste-o e mataste-o, de forma violenta.

Era impossível não recordar o trabalhador adormecido de Joel e a forma como escapara por pouco a um pontapé da bota de Joel. Mas Ned — uma pessoa sensível e de bom coração, sobretudo no que dizia respeito a animais — olhou para Joel como se fosse ele próprio, e não o peixe do sonho, quem estivesse a ser pontapeado. Via-se claramente a sua boa disposição esvaziar-se como o balão rebentado de uma criança.

— Mas eu... — gaguejou Ned.

Pensei que fosse chorar.

— Agora! — interrompeu a voz de Seth. — Venho em defesa de Ned e do pobre peixe e de Ned, o pobre peixe!

Ned sorriu para Seth, visivelmente aliviado.

«O nosso Ned escolheu um peixe, subconscientemente, por muitas razões», começou Seth. «Antes de mais, o peixe era uma parte de si mesmo que ele materializou no estado de sonho. Representava para ele algo muito diferente do peixe cristão [pendurado no colar] que tu [Joel] usas ao pescoço. O sonho serviu vários propósitos. Permitiu-lhe libertar a agressividade de uma forma muito menos violenta do que teria feito no passado. Mas também lhe permitiu ver a imagem da sua própria agressividade tal como ela existia num nível subconsciente da sua mente. A agressividade que ele temia não era tão grande, tão poderosa, tão negra, tão peluda e tão ameaçadora como pensava! Pelo contrário, era uma parte de si mesmo e muito pequena — do tamanho de um peixe, percebes? — e fácil de esmagar e pontapear!

»Neste caso, o peixe não era um peixe provável noutra realidade; era uma porção... da sua própria energia. Ora, teria sido muito mais benéfico se ele [Ned] tivesse conseguido usar essa energia, mantê-la como parte de si e transformá-la numa natureza mais construtiva. Contudo, o sonho ensinou-lhe que a violência dentro de si não era grande nem ameaçadora e não precisava de ser temida. Podia utilizá-la como símbolo para ver quão pequena ela era em comparação com o eu interior total e como era fácil, portanto, livrar-se dela...

»Cada vida individual, toda a vida, possui os seus próprios mecanismos de proteção contra o perigo... Podes ter tanto medo da violência que exageras os seus efeitos; e, se me permites, ao fazê-lo estás a assumir o papel do diabo. É exatamente a mesma coisa que projetar num diabo hipotético toda a espécie de poderes destrutivos. Podes fazer o mesmo sem te aperceberes, projetando na ideia de violência todos os poderes possíveis, e então parece-te que a vida não tem capacidade para se proteger e que qualquer pensamento ocasional de violência ou desastre atingirá imediatamente o alvo.

»A tua pobre e inocente flor: quando chega a chuva, os trovões e as tempestades, será que a nossa pequena flor olha para cima e diz: "Aí vem aquele diabo do relâmpago e do trovão"? Ela não pensa que o trovão, o relâmpago, o vento e a chuva a querem apanhar!

A Guerra das Flores Idiotas / 327

»Ela percebe que a força e a vitalidade da vida estão tanto no relâmpago, no trovão e na tempestade como na luz do Sol, e tem o bom senso de perceber que precisa da chuva, mesmo que a chuva lhe arranque algumas folhas. Tendes muito mais proteção do que imaginais!»

— Bem — disse Joel — apesar disso parecemos bastante vulneráveis. Estava a pensar novamente no peixe. Quando dizes que a flor idiota pode perder uma ou duas folhas e continuar a ter muita proteção, pergunto-me... bem, o peixe do Ned era apenas uma imagem, mas suponhamos que eu tivesse um peixe provável numa realidade provável. Que tipo de proteção teria esse peixe contra os meus atos violentos?

Seth observou Joel durante um longo momento e a sua voz tornou-se sombria.

«Antes de mais», disse ele, «há várias coisas que precisas de compreender. Algumas delas podes interpretá-las mal, e por isso trato-as com cautela na aula... mas, fundamentalmente, não fazes violência a ninguém. Fundamentalmente, não podes magoar nada; mas, enquanto pensares que podes, terás de viver dentro dessa realidade.

»Ninguém poderia magoar o peixe do teu amigo, mesmo que fosse um peixe vivo, nos vossos termos. No vosso quadro de referência, nada é magoado sem aceitar esse dano; sem o atrair para si; sem o trazer para si próprio; porque, dentro do vosso quadro de referência, formais a vossa própria realidade. Não são apenas os seres humanos que formam a sua realidade; toda a consciência forma a sua realidade.

»Isto não significa que eu esteja a dizer: matem, matem, matem», advertiu Seth. «Não compreendeis a natureza sagrada e santa da vida ou da energia e o facto de não a poderdes usar indevidamente. Podeis pensar que a usais indevidamente, mas não vos é permitido fazê-lo. Não vos é permitido destruir. Enquanto viverdes com estas coisas, tereis de lidar com elas e suportar as suas consequências. Se matares e acreditares que matas, suportarás essas consequências neste nível do teu desenvolvimento; mas pensar que podes destruir uma consciência faria os deuses rir. Não podes destruir uma única semente de flor, quanto mais um homem!»

Joel não pareceu muito convencido; a aula — e Seth — voltariam muitas vezes a este tema da violência, da agressividade e das suas consequências nos anos seguintes. Em 1973, por exemplo, Seth respondeu energicamente a uma observação de Lauren DelMarie de que «os pensamentos podem dar pontapés nas pessoas».

«E elas [as pessoas] devolveriam alegremente esses pontapés se os désseis com mais frequência, [e] nenhum de vós precisaria de bombas!

»Se libertásseis espontaneamente a vossa hostilidade quando a sentísseis, não acumularíeis essa carga excessiva que julgais ter de descarregar ou então ser condenados! Ela não pesaria tanto sobre a vossa cabeça — nem sobre a cabeça de nenhum de vós! O problema não são aquilo a que chamais pensamentos negativos, mas sim o vosso medo deles.

»Assim que começais a reprimir, reprimis todas as emoções em certa medida e ergueis barreiras porque tendes medo da realidade de vós próprios. Se não consegues expressar a raiva, não consegues

expressar o amor — e não só isso: acabas por confundir as duas coisas!

»A única revolução é uma revolução do pensamento. As únicas mudanças realizadas na vossa história e na vossa nação serão feitas através da mudança dos vossos pensamentos, e não através da ação violenta... Não podeis mudar o vosso mundo a partir do exterior, porque o formais a partir do interior.»

Mas a sessão sobre o sonho do peixe de Ned teve um efeito dramático sobre ele; mais tarde disse que se sentia mais «em casa» consigo próprio e conseguia ver as hostilidades reprimidas que nutria contra «o Sistema» pelo que realmente eram; como se aquele «Eles» sem rosto existisse lá fora da mesma forma que o seu peixe existira: nos riachos oníricos dos seus próprios medos.

Dois meses após o sonho do peixe, Ned foi chamado para o exame médico de incorporação no Exército — e reprovou categoricamente. Nesse aspeto, pelo menos, os seus terrores e conflitos terminaram — e não parece coincidência que o campo de batalha que criara para si próprio com as autoridades do recrutamento se tenha dissolvido pouco depois do seu confronto onírico com a agressividade simbolizada pelo peixe. Naturalmente, essa não foi, de forma alguma, a última vez que a aula traçou as suas próprias linhas de batalha relativamente às questões da violência, da paz, da lealdade e da agressividade.

Em 1974, Jane atribuiu-nos a todos a tarefa de escrever um ensaio descrevendo como as nossas crenças afetavam outras pessoas e as suas reações perante nós enquanto indivíduos. Alguns textos curtos (lidando sobretudo com relacionamentos sexuais) foram lidos e discutidos, mas tudo parecia a mesma conversa de sempre. A beleza era um conjunto de crenças pessoais ou um conjunto de padrões culturais? O sexo oposto importava-se realmente que fosses gordo, se as tuas crenças fossem as corretas? Ou isso era apenas uma desculpa? Todo o debate estava a tornar-se bastante aborrecido.

Então Jed Martz levantou-se e deixou toda a sala de rastos.

— Eu via pouca justificação para o envolvimento dos Estados Unidos no Sudeste Asiático sob qualquer perspetiva — ética,

económica, prática, teórica ou outra qualquer — leu Jed do seu ensaio sobre crenças.* — Rejeitava a Teoria do Dominó do Presidente Eisenhower (um termo mal definido). Por essas razões, não estava interessado em cumprir o meu dever e servir o meu país nas Forças Armadas. Também não estava moralmente indignado ao ponto de fugir para o Canadá ou ir para a prisão em protesto...

»No meu último semestre na universidade fui convocado para um exame médico preliminar de incorporação. Era aquilo — o grande momento que eu receara durante tanto tempo. Tinha de decidir o que fazer. Pensei em tentar um adiamento por razões médicas, uma vez que tivera uma hérnia dupla e um nervo comprimido nas costas, mas sabia que gozava de boa saúde e que esse método não resultaria. Então decidi que teria de fingir estar completamente desequilibrado. Nunca tinha representado antes e sabia que teria de ser convincente. Estava firmemente convencido de que iria escapar ao recrutamento sem precisar de abandonar o país nem ir para a prisão.

»Fui convocado ao mesmo tempo que um amigo meu, Willie, o Bombeiro. Fiquei acordado toda a noite e às cinco da manhã vesti-me. Não fiz a barba. Pus uns óculos escuros, uma camisa cor-de-rosa e umas jardineiras cor-de-rosa-flamingo. Não usei sapatos nem meias e levei um casaco rasgado. Apliquei generosas quantidades das seguintes substâncias na roupa e no corpo: whisky escocês, lama, ketchup, vinagre, álcool medicinal, urina e vários outros cosméticos invulgares. Apanhei o comboio, e os restantes passageiros bastaram-se com um olhar — ou um cheirinho — na minha direção para se mudarem para o extremo oposto da carruagem. O produto com o odor mais marcante era um creme para doenças de pele chamado Leucoderm. Queria comprar a empresa inteira e patentear o produto como repelente garantido contra o recrutamento...

»Recebi alguns olhares estranhos dos pais do Willie [quando cheguei a casa dele]. “O teu amigo está aqui e vem de pijama e sem sapatos”, disseram eles.

»Quando chegámos à sala de espera da junta de recrutamento, o Willie disse-me para não prestar atenção quando chamassem o meu nome, mas para ir buscar os papéis à secretária apenas depois de todos

os outros. Entrámos numa sala cheia de secretárias e eu sentei-me em três diferentes... Tirei os lápis de todas as secretárias à minha volta para que os outros ficassem sem lápis, enquanto eu tinha nove...

Preenchi o formulário de historial médico com vistos e cruzes em todas as colunas negativas e em todas as afirmativas. Também rabisquei a página inteira e escrevi com a mão esquerda, para que ninguém conseguisse perceber aquilo. Assinalei itens como tendências homossexuais, enurese noturna, alucinações recorrentes, abuso de drogas, etc. Depois tínhamos de levar os formulários para uma sala onde nos mandavam ficar apenas em roupa interior (o que convenientemente eu não trazia) e davam-nos um pequeno saco de celofane para guardar os objetos de valor.

»Entrei na sala e, enquanto todos os outros penduravam a roupa e entravam na fila, fiquei parado a olhar para o teto.

330 / A Guerra das Flores Idiotas

»Passado algum tempo, alguém aproximou-se e perguntou-me o que estava a fazer. Entreguei-lhe os papéis com o saco de celofane por cima e fiquei a olhar para ele. Disse-me para tirar a roupa e eu apenas o encarei com uma expressão petrificada e abanei a cabeça em sinal de não. Levaram-me a um médico que tentou convencer-me a consultar o psiquiatra; protestei dizendo que tinha um medo mortal deles. Acabei por ceder...

»O psiquiatra tinha cabelo comprido e um grande bigode, por isso pensei que talvez percebesse o meu esquema, mas fiquei a olhar para o chão, sem o encarar uma única vez, e falei quase num sussurro inaudível. Ele observou aquilo que eu tinha assinalado: tendências homossexuais.

"Alguma vez tiveste relações sexuais com um homem?", perguntou.

Respondi: "Não, quero ter, mas tenho medo."

Perguntou: "Já tiveste alucinações?"

Respondi: "Já vi sapos... e cores."

"Tomas drogas?"

“Às vezes.”

“Estás sob o efeito de drogas neste momento?”

“Não.”

Ele ficou desconcertado com essa resposta. Tinha dificuldade em acreditar que aquele fosse o meu comportamento normal! Já tinha consultado um psiquiatra?

“Não, tenho medo que me queiram fazer mal.”

Por fim devolveu-me os papéis depois de preencher um relatório; li-o enquanto caminhava pelos corredores: “retraído, incoerente, usa óculos escuros, descreve alucinações vívidas”.

»Recebi classificação 4-F: inapto para qualquer serviço militar, ponto final. Relatei estes acontecimentos para ilustrar de forma pessoal como alguém pode ter crenças que se revelam bem-sucedidas em termos físicos e práticos.

»Aliás, sinto-me patriota por causa disto, porque senti que qualquer carreira militar acabaria (para mim) exatamente nestes termos.»

Naturalmente, a maioria dos membros da aula interrompeu a leitura impassível de Jed com gritos de riso e gargalhadas. Jed terminou o ensaio e olhou calmamente à sua volta, sem qualquer expressão no rosto redondo e inocentemente escondido atrás dos óculos.

— Oh, Jed — disse por fim Florence MacIntyre, com o rosto contorcido pela desaprovação. — Como pudeste degradar-te dessa maneira? Como foste capaz de agir assim?

— Vá lá! — respondeu alguém de imediato.

Mas Jed limitou-se a encolher os ombros, sem se sentir ofendido.

— Eu não me senti degradado — disse. — Senti que o recrutamento, a guerra e tudo isso eram uma degradação muito maior, e eu não estava disposto a participar nisso.

“Simplesmente não consigo perceber como é que uma pessoa inteligente como tu se poderia rebaixar a uma coisa dessas”, afirmou

Florence. “Como é que… quero dizer… não tens qualquer sentido de dignidade? Ou qualquer sentimento de lealdade para com o teu país?”

“Sim, acho que tenho”, respondeu Jed. “Foi precisamente por isso que o fiz.” Outras pessoas na sala apressaram-se a defender Jed; poucas observações foram feitas (em voz alta) em concordância com Florence. Rapidamente se instalou uma discussão acesa. As vozes elevaram-se até um tom febril. Os rostos, de todos os lados, ficaram vermelhos de raiva. Toda a gente gritava ao mesmo tempo. Jane, na maior parte do tempo, limitou-se a ouvir em silêncio.

“Eu achava a atitude do Jed bastante repugnante”, recorda Harold Wiles (embora não tenha dito muito na altura). “Penso que ele gastou muito mais energia a tentar escapar ao serviço militar do que teria gasto se tivesse ido! Tudo o que me lembro é de um sentimento subjacente de repulsa pelos métodos dele, pela sua atitude e por tudo aquilo por que passou.”

Como seria de esperar, à medida que as vozes na sala ficavam cada vez mais altas, Seth tirou rapidamente os óculos a Jane e pôs fim a toda aquela algazarra com o seu autoritário:

“Agora!”

Com grande precisão, colocou os novos óculos de aro grosso de Jane sobre a mesa de centro.

“Esta foi a vossa noite. E continua a ser a vossa noite”, começou. “Mas quando todos os jovens se recusarem a matar em nome da paz, e quando todas as mulheres proibirem os seus homens de matar em nome da paz, e quando compreenderem que nenhuma paz virá através da morte, e que os fins não justificam os meios, e quando ficarem plenos e iluminados por pensamentos de paz, então haverá um fim para a guerra! Mas enquanto houver homens que vão para a guerra em nome da paz, haverá guerra. E enquanto houver mulheres que ensinem os seus filhos a ir para a guerra por amor à paz, haverá guerra.

“Vocês criam o vosso mundo. Quando povoam o vosso mundo com ideias de paz, a paz cresce. Quando pensam pensamentos de agressão, atraem agressão e fazem-na emergir nos outros com quem contactam diariamente, bem como nas nações.

“Quando não se compreendem a vós próprios, projetam nos outros aquilo que não compreendem — nos vossos amigos e conhecidos — e depois têm medo daquilo que não compreendem, sem perceber que esse medo é vosso. E fazem exatamente a mesma coisa, enquanto nação, com outras nações. Não existe forma de assegurar a paz a não ser cada homem, cada homem, depor as armas.”

“Mas o comportamento dele foi simplesmente louco!”, interrompeu Florence, irritada.

“Fazer o que ele fez parece, de facto, loucura. Comportamento idiota no mundo que conhecem!”, respondeu Seth. “Mas é um comportamento muito sensato. O nosso amigo aqui [Jed] não foi capaz de saltar a barreira. Não conseguiu transformar a ida para a guerra numa realização criativa. E vou dizer-te uma coisa—”

Seth voltou-se diretamente para Harold, que até então não tinha dito nada.

“—se tivesses a idade dele e estivesses na mesma guerra, terias feito, à tua maneira, exatamente a mesma coisa! Terias transformado isso num empreendimento criativo e terias ajudado a liderar essa geração!”

“Na verdade, nunca percebi bem o que Seth queria dizer com essa observação”, disse Harold, sete anos mais tarde.

“Bem, se Jed fosse meu filho, teria vergonha dele”, declarou Florence, inflexível. “Eduquei o meu filho para compreender o que são a lealdade e a dignidade, e para cumprir o seu dever quando necessário! Para ter sentido de responsabilidade! Nunca gostaria que ele agisse como um louco!”

“Se a sanidade serve para conduzir os vossos filhos à morte, então eu preferiria ser louco em qualquer dia”, respondeu-lhe Seth. “E não estou a apontar o dedo apenas à nossa Senhora Florence. Porque, à vossa maneira e em circunstâncias diferentes, o vosso raciocínio é muitas vezes o mesmo [que o de Florence]. E muitos de vós ainda pensam que a paz deve ser silenciosa e digna, e que a excitação só se encontra onde não existe paz… por isso, pensem nas formas como o

pensamento da nossa Senhora Florence se aplica ao vosso, noutras áreas das vossas atividades e pensamentos.

"Há um ponto que quero salientar: é necessária energia agressiva para enviar pensamentos e sentimentos de paz. Portanto, a vossa ideia de agressão está completamente errada. A agressão é ação, e os pensamentos de paz irradiados para fora exigem agressividade, alegria e vitalidade… o impulso para a paz é tão natural como o impulso de uma flor para crescer e emergir da terra. Agora, continuem."

Jane saiu do transe e começámos a repetir-lhe as palavras de Seth — tão bem quanto conseguíamos.

"Ele disse que o Jed tinha razão quando fez aquela loucura", explicou uma rapariga. "Acho que nos estava a dizer para sermos não violentos."

Imediatamente, Seth reapareceu.

"O vosso próprio respirar, nesses termos, exerce violência sobre o ar. Uma violência alegre!"

Seth trocou alguns sorrisos com Florence, que bebia vinho em silêncio, com o rosto vermelho e tenso.

"Vocês não compreendem a posição da nossa Senhora Florence", disse Seth, "e usam exatamente o mesmo tipo de raciocínio noutras áreas. É isto: suponhamos que os nossos excelentes rapazes americanos decidem não combater. Mas suponhamos que os excelentes rapazes russos ou chineses não chegam à mesma decisão. Então ficam expostos — logo, têm de enfrentar qualquer ameaça ou serão fracos! Portanto—"

Seth fez novamente um gesto em direção a Florence.

"—eu compreendo a tua posição."

"Leste-me os pensamentos, Seth", disse Florence. "Estava precisamente a pensar: espero que Seth também diga ao inimigo para depor as armas."

"Agora", respondeu Seth, calma e gravemente, "o 'inimigo' não precisa mais de um Seth para lhe dizer que deponha as armas do que

vocês precisam. Precisa do seu próprio eu interior. E se um dos lados depuser as armas, o outro compreenderá que não há necessidade de armas.

"Vocês não conseguem compreender isto agora, mas digo-vos que a vossa obsessão com as armas, enquanto país, é recebida pelos outros, e os vossos próprios pensamentos materializam-se, criando guerras nas vossas mentes que depois têm de ser travadas com a vossa carne e o vosso sangue. E não corre uma única gota de sangue… que não tenha corrido primeiro na vossa mente e nas mentes de todos vós!

"E não existe outra forma de alcançar a paz senão acreditar na paz. Enquanto falo aqui, outros também falam noutros países, como já falaram noutras épocas. E vocês não escutaram! E, por não escutarem, continuam a criar a realidade que possuem. E, ao criarem essa realidade no mundo que conhecem, e no tempo tal como o compreendem, regressam repetidamente — filhos que foram mortos no campo de batalha renascem como mulheres, que depois criam os seus excelentes filhos para repetirem, uma vez mais, a velha história.

"Assim vos será feito conforme fazeis. E, conforme pensais, assim é o vosso mundo. A realidade que tendes é uma réplica dos vossos pensamentos. Se não gostam do mundo, têm de mudar os vossos pensamentos, e nenhuma manipulação exterior mudará um só ápice da vossa experiência se não mudarem os vossos sonhos e os vossos pensamentos!

"Vocês criam as montanhas. Criam os vossos corpos. Criam as estações do ano, os continentes e os rios. Criam—"

Seth lançou um olhar a Renée Levine e a Stewie Gould.

"—o sorriso da Renée e a mão sobre a qual repousa a cabeça do Stewie. E a guerra e as pragas, todas as pragas que parecem assombrar a humanidade — a guerra e a pobreza — vocês criam tudo isso.

"É o vosso mundo. Então mudem-no — agora!"

Enquanto a aula tentava pôr Jane ao corrente dos comentários de Seth, a porta principal no piso de baixo abriu-se de rompante e ouvimos passos a subir pelo corredor. Para nossa surpresa, Dan MacIntyre, filho de Florence, entrou na sala e sentou-se ao lado da

mãe. Dan já não aparecia nas aulas há bastante tempo e, além disso, eram quase onze horas da noite. Enquanto ouvia as explicações sobre o que tinha sido dito, começou a mexer-se nervosamente. Finalmente, ele e a mãe olharam um para o outro com alguma timidez.

"O que se passa? O que é que lhes disseste?", perguntou Dan, bem-disposto.

"Bem, Florence… diz-lhe tu", sugeriu Jane.

Florence pigarreou.

"Estava apenas a dizer-lhes como te ensinei a ter sentido de responsabilidade e lealdade para com o teu país, só isso", respondeu.

"O quê?!"

Dan explodiu, horrorizado.

"Estás a falar desta guerra maluca?? Estás a falar a sério? Esquece! Eu nunca iria — nem pensar!!"

"Dan-iel!", gritou Florence, consternada.

Mas, instantaneamente, os óculos de Jane voltaram a agitar-se no ar, segurados por uma mão sethiana.

"Que isso te sirva de lição, de acordo com o que disse anteriormente!", declarou Seth.

"Eu continuaria a querer que ele tivesse dignidade", respondeu Florence, com a voz trémula.

"Que espécie de dignidade?", perguntou Seth.

Florence baixou os olhos para as mãos e não respondeu.

"Uma flor tem dignidade!", continuou Seth, suavemente. "Tu tens dignidade! Ele [Daniel] tem dignidade! Tem dignidade seja qual for a sua escolha, e ele [Jed] tinha dignidade quando fingiu ser um idiota!"

Seth recostou-se na cadeira e embalou-se para a frente e para trás, de olhos fechados, durante vários minutos antes de continuar.

“Enquanto acreditarem na agressão e na força, neste país, elegerão pessoas que acreditam na agressão e na força e que reagem a elas; e o mesmo acontece com as pessoas de todas as outras nações”, disse. “Infelizmente, vocês confundem agressão com força, e por isso têm medo de eleger um homem pacífico. E todos os outros países sentem o mesmo, pelo que têm medo de colocar no poder, por quaisquer meios, homens pacíficos. Assim, a situação mundial é o resultado das vossas crenças individuais, em massa.

“Agora, quando acreditarem individualmente na paz e deixarem de acreditar que o bem é fraco e o mal poderoso, então, à escala nacional, colocarão no poder pessoas que acreditam na natureza ativa da paz. E, mais uma vez, não existe outra resposta.

“Eu sou, essencialmente, tal como vocês, independente da carne. Mas, nos vossos termos — e apenas nos vossos termos — têm uma questão física, que tem de lidar com o tempo e o lugar que criaram. E enquanto acreditarem que têm de lutar pela paz, perderão essa questão.

“Em termos mais amplos, sabem perfeitamente que não podem aniquilar uma consciência. E todos os que morrem na guerra sabem muito bem, antecipadamente, que morrerão na guerra. Mas, ainda assim, em termos físicos, tudo isso tem de ser resolvido, porque o verdadeiro propósito da existência física é que percebam que os vossos pensamentos se tornam matéria enquanto estão aqui, e a matéria pode ser vulnerável. Assim, através da experiência direta, aprendem o que acontece quando permitem que pensamentos e sentimentos de agressão atuem livremente. Já o disse no meu livro [A Natureza da Realidade Pessoal].

“Um artista pode criar uma paisagem de guerra, e vocês podem contemplá-la, e ela pode ser uma obra-prima. Mas vocês são criadores multidimensionais! E quando criam uma paisagem de guerra, então os traços do pincel sofrem, porque vocês são esses traços. E as armas são reais, e os ferimentos são reais. Mas trata-se de uma excelente representação — um excelente empreendimento criativo multidimensional!

“Se não gostam da paisagem, então mudem os traços do pincel. Apaguem a tinta. Façam um novo quadro.

“E agora despeço-me de vós com afeto. Boa noite — bênçãos para todos!”

Quando a aula saía da sala de estar de Jane, Florence aproximou-se de Jed e disse-lhe:

“Não é que eu não goste de ti, porque gosto. É apenas que não consigo compreender como foste capaz de fazer tudo aquilo.”

“Está tudo bem”, respondeu Jed; a sua expressão não se alterara da suave placidez que mantivera durante toda a noite. “Não me importo. Mas acho que também não compreendo verdadeiramente as tuas objeções.”

Não tenho a certeza de que Florence, Jed, Harold, Daniel ou qualquer um de nós tenha realmente compreendido todas as implicações das observações de Seth naquela noite, mas a ideia central foi-nos incutida novamente numa das últimas aulas de Jane — uma espécie de “não-aula”, realizada numa noite de sábado de Julho de 1975. Foi então que Seth sugeriu que começássemos a dizer a nós próprios que vivíamos num “universo seguro”.

Um universo seguro? Nesta era da Bomba, existiria realmente, em termos práticos, algo assim?

“Agora — cada um de vós, em maior ou menor grau, acredita que o universo não é seguro e que, por isso, deve erguer defesas contra ele”, disse Seth nessa noite de Verão. “Ora, a consciência oficial, linear, com a qual estão familiarizados, diz:

‘O mundo não é seguro. Não posso confiar nele. Nem posso confiar nas condições da experiência, nem nas condições da minha própria existência; nem posso confiar em mim mesmo. Posso olhar para um esquilo e alegrar-me, mas não posso olhar para mim e alegrar-me, porque eis que estou cheio de iniquidade e sou, em certa medida, mau, e tenho de me esconder. Não sou apenas mau em mim mesmo, como também provenho de uma raça manchada e defeituosa, e o meu pai e a minha mãe já eram manchados antes de mim, e transmito essas falhas trágicas para o futuro; portanto, tenho de me

proteger e erguer as minhas defesas da forma que puder, para me proteger num universo em que não posso confiar e para me proteger de um eu que é mau e imperfeito.'

"Têm toda uma civilização e todo um mundo construídos em torno dessas crenças que acabei de vos apresentar: que o universo não é seguro; que têm de se defender de inimigos vindos de fora e, pior ainda, de inimigos que estão dentro de vós. E assim sentem-se inseguros, erguem barreiras e correm o mais depressa que podem, da maneira que conseguem, para fugir desses inimigos que são o resultado desse tipo de consciência oficial e linear.

"Enquanto acreditarem que vivem num universo que constitui uma ameaça, terão de se defender dele. Enquanto acreditarem que o eu é defeituoso e que a vossa raça é condenada e má, também terão de se defender de vós próprios; e, nesse caso, como poderão confiar na voz da psique?

"E quando vos digo: 'Sede espontâneos', como ousarão dar esse passo, quando ser espontâneo significaria, obviamente, libertar toda a luxúria, toda a paixão, todo o assassínio e todo o ódio que consideram inerentes ao coração humano? E assim dizem: 'Vou tentar ser espontâneo, mas como posso? Acredito que sou bom, mas como posso ser bom se provenho de uma raça que é má?'

"Vocês tentam dizer: 'O universo é seguro', e depois veem as notícias na televisão ou leem o jornal e dizem: 'Que mentira é esta? Como pode o universo ser seguro quando leio sobre assassínios em massa, guerras, enganos e ganância? Como posso ser eu próprio? Porque, se for eu próprio, não estarei a libertar sobre o mundo ainda mais do horror que vejo à minha volta? Pois certamente a natureza humana não pode mudar, e a natureza humana é má. Vejam o mal que já infligiu ao planeta onde vivo; e depois digam-me, Seth, para ser espontâneo. O que me estás a pedir? E como posso, neste contexto, apoiar-me na autoridade da minha própria psique e afirmar: "Insisto que sou bom"?'"

"A linha oficial da consciência forma um mundo à sua volta, e vocês percebem e experienciam esse mundo, e ele mostrar-vos-á sempre os resultados das crenças inerentes a essa linha oficial de

consciência. Enquanto se dedicarem a essa linha oficial de consciência, o mundo parecerá sempre o mesmo: mau, desastroso, condenado apenas à perdição — seja através da destruição nuclear, seja através do juízo supremo de um deus fundamentalista.

"A fase de consciência linear foi necessária pelas razões que Ruburt apresentou [em *Psychic Politics* e *Adventures in Consciousness*]. Mas essa fase continha em si mesma o seu próprio impulso. Criou desafios que não podiam ser resolvidos nesse estádio de consciência e que vos conduziriam automaticamente a outras correntes de perceção. Só então essas contradições fazem sentido. Só então podem dizer, individualmente — e prestem atenção agora —: 'Eu vivo num universo seguro.'

"Não precisam de dizer: 'O universo é seguro', porque, ao vosso nível atual, isso apenas vos enfurecerá! Digam, antes: 'Eu vivo num universo seguro', e assim será. E essas defesas que erguem contra ameaças desmoronar-se-ão, porque deixarão de ser necessárias. Mas vocês estão seguros, e são inocentes, e podem tornar-se conscientes dessa inocência.

"Quando deixarem de tomar a consciência oficial linear como critério da realidade, levá-la-ão convosco como uma imagem, ou como uma perspetiva; talvez como uma paisagem que viram algures — uma paisagem bela que amam! Mas ela não será o quadro completo. Têm de sair dessa imagem, continuando a amá-la e a segurá-la ternamente nas mãos."

CAPÍTULO TREZE

Ama o Teu Ego Como a Ti Mesmo — Drogas, Religião e Outros Salários do Pecado

"Já vos disse antes, usando — se me permitem — os vossos próprios termos, que sois as ovelhas negras do universo, porque já não culpam deuses nem demónios nem circunstâncias pelos efeitos da vossa vida de que não gostam; nem se prostram diante de deuses, demónios ou circunstâncias para louvar as boas condições que vocês mesmos criaram. E que, por isso, se tornarão cocriadores conscientes

com um Tudo-O-Que-É que pouco tem a ver com os conceitos mesquinhos nos quais Deus foi aprisionado durante séculos, pelo menos no que respeita às vossas religiões e mitos. Porque esses mitos também aprisionaram aqueles que neles acreditaram."

— Seth, numa aula,
26 de Março de 1974

A guerra entre o ego e as intuições lançava frequentemente os seus refugiados para as margens das aulas de Jane. Particularmente durante as leituras dos exercícios sobre crenças, as pessoas confessavam agonias de culpa num contexto ou noutro. Muitos tinham medo até de sentir emoções, quanto mais de as expressar; por outro lado, alguns (sobretudo os que estudavam religiões orientais) esforçavam-se por suprimir o ego para que a emoção "pura" pudesse simplesmente "fluir". Numa das suas primeiras aulas, por exemplo, Ira Willis descreveu a sua viagem à Índia — onde se juntara a uma seita religiosa que exigia uma severa flagelação de iniciação por parte do guru líder.

Ira submetera-se. Mais tarde, regressara da Índia e experimentara a terapia Rolfing — durante a qual o corpo era socado, espancado e comprimido para "expulsar as más vibrações", nas palavras de Ira.

No início da década de 1970, a cultura da droga tocava a vida de praticamente toda a gente de uma forma ou de outra e era um tema frequente de debate nas aulas. Estarias a destruir o teu corpo ou a explorar os círculos da magia? As drogas eram um mal imundo ou não eram diferentes do vinho que bebíamos às terças-feiras à noite? Proporcionavam novas liberdades em relação às limitações do ego ou transformavam-te num idiota antissocial? E embora nem Jane nem Rob consumissem marijuana ou outras drogas, nem permitissem o seu uso nas aulas, foi precisamente o formato desse debate contínuo que nos proporcionou a primeira verdadeira compreensão da ascensão da cultura da droga: através da viagem de LSD de Lauren DelMarie.

Era uma fria terça-feira de Janeiro de 1973. A aula discutia violência e agressão, medo e raiva, culpa e retribuição.

"A violência gera violência. A paz gera paz", advertira Seth anteriormente.

Várias situações hipotéticas giravam em torno da noção de que as crenças formam a realidade e de que a violência nunca se justificava.

“Sim, mas o que farias se um violador entrasse em tua casa e agarrasse a tua mulher?”, exigiu Warren Atkinson.

“Oferecia-lhe uma chávena de café!”, soltou alguém, entre risos.

“Não, a sério — o que farias? Deixavas que violasse a tua mulher em vez de recorrer à violência?”, insistiu Warren, já algo exaltado. “Quero dizer, como é que não justificas a legítima defesa?”

Camille, a mulher de Warren, sorriu para nós.

“Meu Deus”, suspirou ela.

Seth entrou então na conversa com palavras que já tínhamos ouvido antes.

“Não te exaltes tanto!”, disse a Warren. “Uma lembrança gentil: tu crias a tua própria realidade. Se um violador bate à tua porta, então foram os teus próprios medos, raiva e agressividade que o trouxeram até lá. Tu emitiste esses sentimentos e ele captou-os. A tua mulher quer ser violada, ou tu queres que ela seja violada. Existe uma razão — não há acidentes.”

Seth retirou-se e a aula começou a discutir acidentes, raiva e todas as pequenas violências cometidas diariamente contra o próprio eu. Foi então que Lauren iniciou a descrição a que voltaria muitas vezes nos meses seguintes: um ano antes, comprara uma dose de LSD a um vendedor de rua em Nova Iorque — e, em meia hora, o seu universo enlouquecera.

“Deitei-me na cama e, deixem-me dizer-vos, as paredes eram buracos no espaço”, contou Lauren. “Olhei para a cómoda e ela estava viva. Eu sabia que ia atravessar o quarto para me apanhar — e então começou realmente a atravessar o quarto, com as gavetas a abrir e a fechar, a abrir e a fechar, para me mastigar...”

Lauren disse que a viagem durou horas, ou dias, ou semanas: não conseguia distinguir. O tempo torceu-se e o espaço deformou-se diante dos seus olhos.

“Gritei e gritei — não conseguia parar”, disse Lauren. “Nem sequer percebi que não conseguia parar até muito, muito tempo depois, quando senti a garganta completamente em carne viva... Eu sabia que estava morto, pior do que morto. Olhei para o espelho e vi a carne derreter-se do meu rosto. Vi os ossos aparecerem e o meu crânio a rir-se de mim. Vi a minha pele pendurada, apodrecida. Arranquei a roupa e atirei-me contra as paredes. Depois vi aquilo — a ventoinha do teto.

Estava a girar e a girar e a girar lá em cima. Não conseguia desviar os olhos dela — eu sabia o que ia acontecer!! Ia descer e cortar-me às tiras. E aconteceu! Desceu mesmo e começou a atravessar-me, zás! zás! zás! — e eu estava a ser cortado como uma rodela de fiambre, aos pedaços, e conseguia senti-lo, conseguia sentir aquelas pás a atravessar a minha pele, os músculos, os ossos e as tripas! Via o meu sangue e as minhas vísceras a voarem por todo o quarto e a salpicarem o chão, a cama e as paredes, e gritava como um louco — e comecei a partir os espelhos com um martelo porque era a única forma de me salvar...”

Quando Lauren começou a destruir os espelhos, a mãe chamou a polícia; quando os agentes chegaram, Lauren estava de pé (inteiro) no meio de um mar de vidro partido, usando apenas um capacete de motociclista e botas de cowboy, gritando:

“Que se foda! E que se foda a bomba atómica também! Que se foda! E que se foda a bomba atómica também!”

e brandindo o martelo em todas as direções.

“A polícia não se atreveu a entrar para me apanhar”, contou Lauren a uma aula em silêncio absoluto. “Por fim, a minha mãe entrou no quarto, deu-me um murro no estômago, tirou-me o martelo e eles arrastaram-me para fora — mas durante todo esse tempo eu sabia que estava cortado às fatias; gritava de agonia e eles tentavam agarrar-me, mas quando me tocavam era como se estivessem a pôr as mãos em carne viva e ensanguentada... e eu não suportava! Não suportava!”

A polícia levou Lauren, nu e aos gritos, para o hospital, onde permaneceu internado durante duas semanas.

“Não passava, não passava”, disse Lauren. “Não conseguia sair da viagem, e mesmo depois de finalmente passar, bastava mover os olhos de determinada maneira ou pensar no que tinha visto e tudo regressava outra vez — toda aquela dor, tortura e medo...

“Queria matar-me”, admitiu Lauren, “e a única coisa — a única coisa, a única coisa!! — que me impediu de me atirar por uma janela ou de arrancar a minha própria garganta foi pensar que me mataria, estaria morto, e continuaria em viagem. Não suportava essa ideia; a ideia de que não havia fuga; fuga para lado nenhum...”

Lauren interrompeu-se, reprimindo as lágrimas, os dedos enterrados nos joelhos. Ninguém disse uma palavra.

Por fim, Richie falou num sussurro quase religioso.

“Alguns de nós compreendem o que custou ao Lauren falar disto...”, começou, reverentemente.

“Oh, tretas!!”

A voz de Florence MacIntyre caiu como um martelo de juiz.

“Desculpa, Lauren”, disse ela. “Mas simplesmente não consigo sentir qualquer pena de ti. Sabias o que estavas a fazer quando tomaste essa droga! Não eras obrigado a tomá-la. Sabias o que podia acontecer! Não percebo porque esperas que tenhamos pena de ti. Arriscaste destruir-te quando sabias melhor do que isso, e é por isso que o LSD é ilegal. Se querias expandir a tua consciência ou seja o que fosse, certamente existiam outras formas de o fazer.”

Hum..., pensei eu. Não era isso tão típico de Florence, irritantemente pragmática?... E, no entanto, tinha de concordar com ela: por que razão tomar aquela coisa e depois lamentar-se por ter sido vítima dela? Não era como uma dor de ouvidos, certamente, em que a dor era encontrada inocentemente no mercado da alma...

“Agora!”

A poderosa voz de Seth ecoou pela sala, fazendo-nos estremecer. Lauren empalideceu; os músculos da garganta contraíram-se e os seus olhos pareciam querer saltar das órbitas.

Meu Deus, pensei eu — ele está aterrorizado! O que poderia Seth dizer sobre tudo isto que assustasse Lauren ainda antes de o ouvir?

"Tenho algumas palavras para dizer à nossa Senhora Florence, e também a alguns outros aqui que talvez não compreendam", começou Seth. "Antes de mais, ele [Lauren] está empenhado na mesma busca em que tu estás empenhada, apenas os métodos dele foram diferentes", disse Seth a Florence. "Tens de tentar compreender isso, gentilmente."

Florence franziu o nariz.

"Bem...", respondeu, sem entusiasmo, "suponho que posso tentar."

"Agora, podes escolher a penitência e a retribuição, se quiseres", continuou Seth. "Podes acreditar que és pecadora e má e que, para seres boa, tens de te purificar; e então podes aceitar um método que te purifique. Tu [Florence] escolheste um caminho difícil de culpa e retribuição; de tortura tão severa quanto a dele. Escolheste o teu próprio enquadramento. Tu [Lauren] escolheste o teu! Nenhum deles seria necessário se compreendessem a beleza fundamental de vós próprios — a integridade e a alegria fundamentais do vosso ser.

"Mas quando não compreendem isso, então procuram-no através de quaisquer portas que estejam disponíveis e abertas. Procuram-no como um animal ressequido procura água no deserto."

Seth fez um amplo gesto teatral na direção do resto da aula.

"E agora vou deixar-vos continuar. Todos vocês estão numa viagem! Estão numa viagem desde o vosso nascimento, nos vossos próprios termos!"

Seth retirou-se, e Lauren deu a Jane uma explicação frenética das suas palavras.

"Continuo sem perceber — quero dizer, isto deixa-me completamente baralhado — porque é que fiz aquilo", lamentou-se Lauren.

"É exatamente isso que quero dizer!", respondeu Florence. "Eu também não percebo porque o fizeste."

“Sim, mas...” Lauren abanou a cabeça. “Quero dizer, se eu crio a minha própria realidade, e existe um Super-Lauren algures que sabe o que está a acontecer, então porque raio é que esse eu total, ou entidade, ou lá o que seja, havia de querer que eu passasse por tudo aquilo? Quero dizer, o que ganhei com isso? Terror e agonia — tive recaídas daquela viagem durante meses...”

Lauren ergueu os olhos para Jane e interrompeu-se, soltando uma gargalhada nervosa. Havia já vários minutos que Seth permanecia sentado em silêncio, apenas a ouvir.

“Penso que o Lauren resolveu todos os seus problemas num espaço de tempo muito curto”, comentou alguém.

“Ele não resolveu os seus problemas tão rapidamente assim”, respondeu Seth. “Aprendeu quais são eles — mas continuem!”

A conversa prosseguiu durante cinco ou dez minutos — Jane em transe, Seth a ouvir silenciosamente. Por fim, voltou-se para Florence.

“Ele procurou nas drogas aquilo que tu [Florence] procuras na tua religião”, disse Seth. “Quando te voltaste para a religião, no início, era algo em que confiavas; e, no entanto, parecia abrir o conhecimento de outras realidades. Intrigava-te. Hoje, deixa que um velho como eu te diga: as ideias crescem de forma diferente, mas as razões são as mesmas de sempre.”

Seth olhou para Lauren, sentado no chão, com os olhos cheios de lágrimas.

“Ele foi para onde os amigos dele foram, tal como tu foste para onde os teus amigos foram”, disse Seth a Florence. “Mas estão à procura da mesma coisa. E estão a aceitar o mesmo fardo para o fazer. Tu [Florence] enfrentaste as ideias de culpa à tua maneira, e ele à dele. Tu pensavas que estavas a fazer o que devias fazer e, à maneira dele, ele também.

“Isto não altera, contudo, o facto de existirem perigos em ambas as buscas, nem o facto de que, com o uso de drogas, alteras automaticamente o ser físico de que fazes parte. E tu tiveste sorte, porque [Lauren] estás a integrar esse conhecimento em ti mesmo. Mas

existe um dilema no uso dessas drogas, porque uma parte do ser sabe aquilo que outras partes não sabem.

"Mas quando acreditas que tens de te pôr à prova, e quando acreditas que têm de existir demónios, bem e mal, e competições, então formas essas coisas na tua realidade. Mas tu [Florence] criaste uma competição tal como ele [Lauren] criou — e muitos de vós fizeram o mesmo à vossa maneira.

"Agora, porque Lauren parece tão abatido, concedam-nos um momento", disse Seth, recuperando a sua natureza jovial. "Haverá então uma Canção Sem Competições."

Jane deslizou para uma suave canção sumari dirigida a Lauren e Florence; os sons eram reconfortantes e afetuosos para ambos. Quando a canção terminou, Jane vacilou por um momento, meio dentro e meio fora do transe, e depois as expressões faciais de Seth reapareceram uma vez mais.

"O que quiseste dizer com a palavra 'sorte' quando falaste com Lauren?", perguntou Florence de imediato.

"Queria dizer que, normalmente, na vossa vida física, existe um equilíbrio de conhecimento", respondeu Seth. "Funcionam com um conjunto de crenças. Essas crenças parecem coerentes e, por isso, atuam — pelo menos nas vossas próprias mentes — com alguma consistência.

"Agora", rugiu Seth para todos nós, "não estou a dizer a toda a gente para sair daqui e ir fumar erva [marijuana], mas a erva é um ingrediente natural, e o ácido [LSD] não o é, nos vossos termos. Há pessoas que fazem jejuns, que não tocam em bebidas alcoólicas nem em cigarros e que nem sequer conseguem olhar para um ovo sem desconforto, e que tomam ácido sem o menor escrúpulo! [Mas] ele produz diversos efeitos — poucos dos quais compreendem — e traz para primeiro plano conhecimentos do eu com os quais, neste momento, não estão preparados para lidar. A consequente falta de equilíbrio pode ser desastrosa.

"Tiveste sorte", repetiu Seth a Lauren. "Uso a palavra 'sorte' no sentido de que foste agraciado com a capacidade de assimilar esse

conhecimento de uma forma que, pelo menos, pudeste suportar, mesmo que não o compreendesses. Mas quando tens experiências mentais da mesma natureza que não são provocadas [pelo LSD], então extrais esse conhecimento das próprias células e estás preparado para enfrentá-lo. E, ao extraíres esse conhecimento das tuas células, provocas, por tua própria conta, determinadas alterações nessas células que, de outro modo, seriam produzidas sem preparação. Assim, apenas ocorrem as mudanças que são naturais ao teu estádio de desenvolvimento."

Florence nunca chegou a aprovar os métodos de Lauren ("Continuo a achar que devias ter tido mais juízo do que isso", repetiria mais tarde) — e o próprio Lauren continuava a perguntar-se, repetidamente, porque o tinha feito.

"Até que ponto as tuas crenças podem estar distorcidas para te levares a passar por uma coisa dessas?", perguntava ele.

Era uma boa pergunta e uma que sublinhava as nossas reações à maioria das más experiências.

Na verdade, não era a primeira vez que ouvíamos Seth comentar os efeitos do LSD. Cerca de um mês antes, Ronald Runyon, autor de livros sobre ocultismo, visitara a aula vindo da Costa Oeste e contou-nos que lhe tinha sido proposta uma experiência guiada de LSD pelo administrador do único hospital do país onde, naquela altura, o LSD podia ser legalmente administrado em circunstâncias controladas.

"Ele achava que seria uma experiência espiritual extremamente valiosa para mim", conta Ron. "Naquela época, todos os meus conhecidos do Movimento do Potencial Humano exaltavam o LSD como uma panaceia."

Ron, antigo membro da British Society of Psychical Research, recusara até então tomar a droga, embora admitisse ter sentido tentação de experimentar essa viagem "controlada". Enquanto descrevia as conferências que dava sobre fenómenos inconscientes, psíquicos e relacionados com drogas, Seth surgiu e passou vários minutos a fazer aquilo que Ron recorda como uma "análise reveladora da minha conversa".

Entre outras coisas, Seth advertiu Ron para deixar de usar termos como forma de se esconder da própria experiência subjetiva, observando que:

"Os termos de que não gostas — os termos de que qualquer pessoa não gosta — descartas automaticamente, dizendo: 'São apenas termos.'

"Os termos que te agradam, porém, são os mais traiçoeiros, porque raramente os examinas. Tornam-se crenças invisíveis e usas-nos como lentes através das quais percecionas e coloras a tua experiência... e isto aplica-se a todos vós e às vossas crenças."

Seth concluiu o conselho dizendo a Ron que ele não precisava de fazer a experiência com LSD.

"Não precisas de encontrar as respostas através do ácido nem através de mim — mesmo quando eu estou ácido!", concluiu Seth, num trocadilho.

"Subsequentemente, e consequentemente, não fui [ao hospital] para a experiência com LSD, nem tomei uma única droga até ao dia de hoje, o que agora me parece sensato, tendo em conta o que Seth diz em *Personal Reality* sobre a forma como o LSD altera a estrutura celular do cérebro", afirma Ron, acrescentando que acabou por viver sonhos vívidos e outras experiências reveladoras por conta própria.

Mais tarde, porém, em Março de 1973, um visitante da aula descreveu o seu trabalho com um psiquiatra que administrava LSD a pacientes com determinadas perturbações psicológicas. (Curiosamente, Lauren não compareceu à aula nessa semana.)

Matthew, assistente do médico nesse instituto, descreveu-nos os tratamentos com LSD como um método de "purgação de pesadelos", explicando que cada paciente era previamente informado sobre aquilo que poderia encontrar durante a viagem guiada.

Nesse momento, Seth estava já na conversa, apontando os óculos de Jane para Matthew.

"Agora, tenho uma observação a acrescentar em relação às crenças", começou Seth. "A viagem tornar-se-á cada vez mais difícil,

sobretudo quando acreditam que assim será. E, se disserem a um paciente que pode esperar enfrentar os problemas profundos e os pesadelos do seu ser, então encontrá-los-á de forma exagerada; e isto não acontece apenas com o LSD, evidentemente, mas também em muitas situações terapêuticas."

"Bem, Seth", respondeu Matthew, "se não avisarmos as pessoas antecipadamente sobre as possíveis dificuldades, quando elas surgirem — e penso que surgirão de qualquer maneira, até certo ponto — poderá ser ainda mais difícil restabelecer contacto com elas. É por isso que dizemos: 'Se acontecer alguma coisa má, lembra-te de que estou aqui contigo.'"

"Certifica-te, contudo", respondeu Seth, "de que reforças a ideia de que existe ali um ajudante amigável, e não a ideia de que se deve esperar automaticamente que esse tipo de material surja para ser tratado.

"Estás a partir do princípio de que existe apenas uma maneira de sair de um lugar mau. Também é importante que compreendas a natureza do ego."

Neste ponto, Seth recostou-se na cadeira e começou a balançar-se, com um pé sobre o tapete azul e o outro apoiado na barra superior da cadeira.

"Enquanto pensarem que o ego é um enteado do eu; enquanto o considerarem um intruso que deve ser afastado para que essa grande energia e conhecimento possam fluir através de vós, estarão a criar uma situação de opostos que não precisa de existir, porque o ego pode aprender muito mais do que lhe atribuem e pode assimilar esse tipo de experiência quando o indivíduo compreende que ele é capaz disso. Não existe necessidade de aquilo a que chamam ego ser afastado e aniquilado, nem sequer através de uma morte simbólica.

"Agora, existem duas escolas. Uma afirma que o intelecto deve dissecar e despedaçar tudo e que o intelecto é tudo e basta para tudo, e que tudo pode ser compreendido apenas através da mente. Pensam nesta escola como a escola americana, como a escola ocidental; e é dela que a maioria de vós, em maior ou menor grau, tenta desesperadamente escapar.

“Por outro lado, existe uma escola que afirma que o intelecto e o ego não valem nada; que estaríamos melhor sem eles; que a verdade não é conhecida pelo ego, nem pelo intelecto, nem pela mente; que tudo é sentimento — e ambas as escolas estão igualmente erradas! E enquanto existirem sistemas que lidam apenas com uma ou com a outra, a pobre pessoa física fica presa entre ambas. Ou tratam da sua mente ou tratam dos seus sentimentos.”

Seth inclinou-se para a frente e sorriu alegremente para Matthew.

“A mais recente — se me permitem — moda é a oriental”, disse Seth em voz alta, com uma entoação astuta. “E embora vos pareça que eu deveria alinhar com ela porque pensam que não sou físico e, portanto, devo ser muito espiritual, o facto é que ela é tão distorcida quanto aquilo que todos vocês consideram ser a ideia ocidental do intelecto dominante. Cada um de vós sabe que é uma criatura de mente, consciência e sentimento!

“Já disse muitas vezes a muitos de vós: se um homem vos disser que são culpados, ele é um falso profeta; se vos disser para olharem para ele e não para vós próprios, é um falso profeta; se vos disser para ignorarem a vossa mente, afastarem-se dela e confiarem apenas nos vossos sentimentos, está a desencaminhar-vos.

“Se vos disser para ignorarem uma parte do vosso ser em favor de outra, seja ela qual for, está a cortar-vos aos pedaços — e vocês deixam-no fazê-lo, sorrindo e dizendo ‘Alá!’ durante todo o processo — ou qualquer outra palavra equivalente.

“Vocês são seres completos, abençoados com consciência e sentimentos, com intelecto e pensamento — e destinados a usar tudo isso, e todas essas faculdades, com alegria!”

A conversa entre a aula e Seth continuou durante quase meia hora, regressando Seth, a certa altura, à técnica terapêutica de Matthew.

“Agora, para que fique registado, e simplesmente na minha opinião, eu não recomendaria doses elevadas de ácido a ninguém, independentemente da terapia envolvida”, disse Seth a Matthew. “Pequenas doses, com supervisão e um bom guia, sim. Mas também

penso que o teu bom médico chegará a essas conclusões por si próprio. E penso que aquilo que ele está a fazer lhe está a ensinar muitas coisas, bem como aos outros envolvidos no grupo; e porque acredita no enquadramento em que trabalha, fez algum bem. Mas fez algum bem apesar do método e por causa da bondade e da força da sua própria personalidade, que poderia ser igualmente eficaz sem esses métodos."

Agarrando a cadeira e pousando firmemente os pés de Jane sobre o tapete, Seth rodou a cadeira de baloiço para ficar frente a frente com Matthew.

"As pessoas vivem, por vezes, desastres pessoais — desastres naturais — nos quais se veem confrontadas com a natureza tal como a conhecem: furacões, cheias, terramotos", disse-lhe. "Não existem acidentes, por isso, a outros níveis, escolheram essas circunstâncias, quer o reconheçam conscientemente quer não, através das suas crenças.

"Aqueles que encontram o equivalente mental ou psíquico de um desastre natural também sabem o que estão a fazer e têm as suas razões. E assim os teus pacientes aceitam o ácido pelas suas próprias razões, que podem não ser as razões que te apresentam ou aquelas que tu pensas que têm!

"Existe, portanto, uma troca entre as crenças do terapeuta que administra o ácido e as crenças do paciente que o aceita; e existe um terreno comum que julgais conhecer mas que ainda nem sequer encontrastes. Quando digo 'vós', refiro-me a todos os envolvidos.

"Numa má viagem, existe — usando agora uma analogia — um desastre psicológico forçado em que são necessários dois agentes, nos termos da terapia em que trabalham. Um deles é, naturalmente, o terapeuta, e o outro é o paciente. Ora, por mais delicadamente que digas ao paciente: 'Meu caro amigo, isto é tudo para teu bem — toma este medicamento; é um inferno e vais morrer!' — ele sabe o que lhe estás a oferecer e aceita-o de ti—"

Seth fez um gesto abrangente em direção ao resto de nós.

“—tal como Ira aceitou a surra do seu guru, porque acredita na culpa e acredita que essa magia a removerá.”

Antes de concluir as observações dessa noite, Seth olhou em redor para os Rapazes de Nova Iorque.

“Onde está esta noite o meu amigo Flautista de Hamelin [Lauren]?”, perguntou Seth. “Digam-lhe que perguntei por ele.”

“Pois, ele devia ter ouvido isto!”, respondeu um dos Rapazes.

E assim qualquer outro grupo poderia ter considerado mera coincidência o facto de, um ano mais tarde, quando a aula lia em voz alta partes do manuscrito de *Personal Reality*, Lauren se ter voluntariado inocentemente para ler o Capítulo Dez — que tratava precisamente dos efeitos de doses maciças de LSD sobre a psique.

Enquanto lia, Lauren começou a tropeçar nas palavras, a tossir e a reagir de forma tão intensa à incisiva dissertação de Seth que acabou por ter de passar o texto a Will Petrosky. Este leu apenas algumas frases antes de Seth interromper a narrativa e fixar os seus olhos escuros e intensos em Lauren.

“Agora, em vez da próxima dose maciça [de LSD], há muitas pessoas que pensam que a próxima escola ocultista resolverá tudo; ou a próxima religião; ou o próximo partido político; ou o próximo medicamento; ou a próxima droga milagrosa; ou o próximo deus melhorado resolverão tudo”, trovejou Seth. “O Excedrin resolverá tudo, se acreditarem nele! O ácido resolverá tudo, se acreditarem nele, mas serão vocês a resolver tudo, se acreditarem em vós mesmos!

“E cada pessoa... verá por si mesma aquilo que colocou diante de si em vez de si própria — que crenças, que deus, que produto, que curandeiro, que pai, que mãe—”

“Que dieta!”, interrompeu Jean Strand.

“— que dieta”, continuou Seth com naturalidade, “que vitamina; e cada um seguirá a sua própria jornada... mas a magia são vocês. E se permitirem que os outros acreditem que a magia é uma ideia, uma pílula, uma medalha ou um deus, passarão a vida inteira à procura dela.

“E se encontrarem uma medalha e disserem: ‘Esta é a minha magia e ela proteger-me-á’, estarão seguros até perderem a medalha ou até começarem a duvidar dela. E então pensarão: ‘Não existe magia, ela abandonou o mundo, e onde está agora a minha proteção?’

“Agora, quero fazer uma observação... o que disse aplica-se a doses maciças de ácido. Contudo, a mesma desorientação química pode ocorrer também com medicamentos perfeitamente aceites pela medicina, quando as mensagens são literalmente embaralhadas numa base biológica.

“O eu tenta resolver um determinado problema. Ao fazê-lo, pode acabar por produzir uma dificuldade física. Essa dificuldade física destina-se a recordar à personalidade o problema interior que está por detrás dela. A dificuldade desaparecerá quando o problema interior desaparecer.”

“Se, pelo contrário, uma droga for usada para camuflar a doença — ou, nos vossos termos, para a curar, eliminá-la ou fazê-la desaparecer — o eu interior fica num dilema, porque sabe que o problema não foi resolvido, embora os sintomas tenham desaparecido”, continuou Seth. “A droga usada para curar o corpo pode, em muitos casos, obscurecer o problema e confundir o corpo e a mente. Assim, terá de surgir outra doença que materialize simbolicamente — e de forma bastante prática — esse problema na vossa realidade. Portanto, o paciente desenvolverá outra doença.

“Se essa doença também for ocultada ou curada através da droga, seja ela qual for, então o eu interior entra num dilema ainda maior e continuará a tentar materializar o problema para que este possa ser resolvido. A comunicação entre as partes mental, psíquica e física do ser pode, nesses casos, ficar obscurecida.

“Ora, isto nem sempre se aplica: alguém com uma dificuldade grave, acreditando na eficácia dos vossos médicos, pode receber um medicamento milagroso e acreditar nele de forma tão completa que, quando os sintomas desaparecem totalmente, se sente suficientemente seguro para resolver o problema interior. Nesse caso, porém, utilizou efetivamente a droga para curar a sua mente e o seu corpo. Não foi a droga que o fez.

“Isto não significa que não possam beneficiar de tais medicamentos. Significa que, quando o fazem, estão a operar dentro de um enquadramento da realidade que ainda vos separa, em certa medida, da realidade do vosso próprio ser.

“O peiote, usado naturalmente por [certos povos indígenas], tinha por detrás uma ideia completamente diferente daquela que a maioria de vós associa a essa droga”, acrescentou Seth. “Não se esperava que aniquilasse o ego. Era utilizado dentro de um contexto social em que o seu uso era perfeitamente natural. Não existia qualquer paranoia associada a ele.

“Por isso, a razão pela qual utilizam uma droga é extremamente importante. Quando usam peiote, esperam que ele vos conceda, uma vez mais, um novo conhecimento oculto e proibido. Quando os indígenas o utilizavam, esperavam que lhes transmitisse a sabedoria das folhas e das flores; que ativasse dentro deles a natureza que sabiam possuir; e era algo tão natural como quando vocês comem ovos com bacon. Aí reside a diferença entre as vossas crenças.

“E — tu estás seguro”, disse Seth, voltando-se novamente para Lauren. “Relaxem, todos vós. Não vos faz bem nenhum ficar a remoer o passado de forma negativa. Na verdade, faria bem a cada um de vós, ao deitar-se à noite, dizer para si mesmo:

‘Estou repousado em segurança no seio do meu próprio ser; por isso, estou seguro e posso mover-me com a maior facilidade e liberdade através de todas as dimensões da minha realidade. O passado não tem poder sobre mim, porque viverei seguro no poder do presente e no conhecimento do meu próprio poder e da minha própria realidade.’

“Falámos de doses maciças de ácido. Alguns de vós tomaram doses maciças de religião. Os resultados são os mesmos. Tomaram doses maciças de culpa, seja qual for o enquadramento. Há pessoas nesta sala que tiveram experiências tão assustadoras quanto quaisquer das vividas por [os Rapazes de Nova Iorque]. Não tomaram nenhuma pílula. Não houve quaisquer injeções físicas envolvidas. Contudo, houve um ataque aos próprios alicerces da consciência.”

E, durante uma aula pouco tempo depois, na sequência de uma discussão sobre crenças relativas ao corpo, Seth acrescentou:

"Vocês mergulharam na vossa condição de criaturas no momento do nascimento. Essa condição mantém os vossos olhos abertos e os vossos lábios sorridentes enquanto olham para mim. É a essência do vosso ser. Mantém-vos vivos. Se não conseguem confiar naquilo que vos mantém vivos, então em que podem confiar? É ela que faz os vossos dedos mexerem-se. É o conhecimento inconsciente que corre dentro de vós a cada instante, e podem confiar nele acima de todas as coisas. Não vem dos outros. Não o encontrarão em livros, conceitos ou preceitos! Surge da experiência íntima do vosso próprio ser. Quando estiverem sozinhos, sintam-no. Sigam-no com alegria e digam: 'Entrego-me à minha vida!' E, com essa atitude, tudo o mais que precisam de saber virá até vós."

Seth recostou-se então na cadeira e fechou os olhos de Jane.

"Mais uma pequena observação — para alguns de vós", disse secamente. "Não é para Florence. Não é para Arnold. Não é para Harold. Não é para Helene — porque eles sabem melhor! Mas é para alguns de vós — e fecharei os meus santos olhos para não revelar quaisquer segredos travessos, enormes, ponderosos e perigosos; longe de mim tal coisa! Mas, para alguns, é sempre divertido ter uma muleta à mão.

"Ora, a muleta pode ser a erva ou pode ser o ácido. Mas diz: 'Só experimentarei plenamente a minha condição de criatura quando usar isto... e, da forma como uso isto, consigo abrir-me e sentir a realidade que me rodeia — e essa é a minha essência! Mas... não consigo fazer isto sozinho. Não faz parte do meu ser. Preciso disto, ou daquilo, ou daqueloutro. Só então a magia funcionará.'

"Um esquilo está cheio da realidade e da alegria presente do seu ser, e nenhum de vós viu hoje um esquilo empoleirado numa árvore com uma seringa hipodérmica! Nem precisa dela. Não precisa de peiote. Não precisa de ácido. Não precisa de erva — porque é aquilo que é, e está cheio da alegria do seu ser, sem ter medo dela. E, enquanto salta pelos ramos, também não tem medo de cair, porque confia no seu próprio ser. E sabe, sem o vosso requintado intelecto,

que tem um lugar neste universo — que esse lugar foi criado para ele e que a sua existência é sagrada, alegre e viva.

"Agora, se a religião vos separa da alegria do vosso ser, então ela é prejudicial. Se pensam que precisam de uma religião específica para justificar a vossa existência física, então ela é prejudicial. Se pensam que precisam de erva para fazer o mesmo, então isso é prejudicial. Se pensam que precisam de justificar a vossa existência por qualquer meio, por qualquer razão, então não compreendem a espiritualidade alegre e brincalhona de vós próprios nem do vosso ser!"

Apesar da insistência das perguntas dos Rapazes de Nova Iorque sobre o consumo de drogas, nenhum deles alguma vez compareceu às aulas sob o efeito delas e, apesar das suas atitudes inconformistas, quase todos mantinham empregos regulares das nove às cinco. Contudo, devido às suas experiências, a aula passou a abordar assuntos que tinham permanecido relativamente intocados antes da sua chegada.

Curiosamente, o grupo de Nova Iorque também deu origem a alguns dos comentários mais fascinantes de Seth sobre religião, hierarquias religiosas e as divisões entre intelecto, intuição e emoção criadas dentro desses sistemas.

Antes de começarem a frequentar as aulas de Jane, a maioria dos Rapazes de Nova Iorque pertencera a um grupo gnóstico de estudo em Manhattan, dirigido por um homem carismático chamado Arturo. Antes de os alunos poderem entrar na sua aula, Arturo, tal como o guru de Ira, exigia determinados ritos de "iniciação". Segundo Rudy, Richie, Lauren e os outros, as pessoas tinham de estar "preparadas" — mas, como o que acontecia nas aulas de Arturo era mantido em segredo, aquilo para que supostamente se deviam preparar era, em grande parte, um mistério.

Depois de Arturo considerar que tinham feito progressos suficientes, indicava aos alunos livros específicos para serem lidos em fases específicas e advertia-os para não partilharem com ninguém os conhecimentos adquiridos. No universo de Arturo, a pessoa estava cheia de maldade, assim como os sonhos, as revelações e até o próprio

pensamento — tudo fazia parte de uma estrutura cósmica carregada de perigo, demónios e potencial aniquilação.

Os Rapazes de Nova Iorque foram profundamente marcados por Arturo ("ele aterrorizava-nos completamente", como Richie o descreveu) e, durante as suas primeiras aulas em Elmira, falaram dele longamente. Os contrastes entre Arturo e Jane fascinavam-nos particularmente, como se tais contrastes fossem uma descoberta extraordinária.

E embora alguns membros de religiões mais convencionais pudessem perguntar-se (e perguntaram-no em voz alta, durante as aulas) como alguém conseguia seguir os disparates de Arturo, foi precisamente a obsessão do grupo de Nova Iorque com ele que, tal como as histórias das drogas, trouxe as nossas ideias do sussurro teórico para o domínio da experiência quotidiana imediata. Apesar de todo o impacto dramático de Arturo, as suas intenções não eram assim tão diferentes das do Jeová dominical que habitualmente fazia chover infernos, dilúvios e infanticídios sobre os dissidentes.

"Escuta o teu próprio ser", disse Seth a Richie numa noite de 1972. "Aquele que se coloca acima dos outros faz de si mesmo um falso deus. E aquele que bebe com avidez o tributo dos outros precisa dele mais do que das drogas. E aquele que te confunde, confunde-se a si próprio. E aquele que fala em termos ambíguos [como Arturo fazia com os seus alunos] fá-lo porque não vê claramente!

"O homem que diz — ou o espírito que diz —: 'Só eu possuo a verdade, estes são os mapas e este é o único caminho', ou que o sugere através dos seus ensinamentos ou das suas ações, não possui o caminho.

"O homem ou o espírito que se coloca acima de ti não está acima de ti. Não existe superior nem inferior, nesses termos...

"Qualquer homem que vos diga: 'O conhecimento é secreto e não o revelarei às violetas, nem às rosas, nem às nuvens, nem às gaivotas', não possui esse conhecimento. Ele é tão livre quanto o ar que passa... pelas vossas cósmicas faces. Pertence-vos. Quem cria armários de segredos não tem nada que valha a pena esconder.

“A alegria da vitalidade não deve ser escondida, nem as formas de a utilizar. O vento revela os segredos constantemente. Quem seria então capaz de os encerrar num culto ou num livro? Os segredos estão por toda a vossa volta. Quem ousaria, então, dizer: ‘São apenas para alguns’ — ou ensinar-vos isso?

“Os segredos cantam através do vosso sangue. São a vossa herança! Que nenhum homem se chame sacerdote, semideus ou demiurgo. Vocês são os deuses! Prestem honra a vós próprios.

“Numa das canções Sumari está escrito: ‘Os deuses não vêm de joelhos; portanto, não vos ajoelheis.’ Os deuses cantam dentro do vosso próprio ser. A minha voz não é mais do que a verdade que as folhas cantam; ou o som que as flores produzem enquanto crescem — mas vocês não escutam as folhas, não escutam as flores! Por isso falo em nome delas, e não em meu nome. E em vosso nome, para vós mesmos.

“Por isso, não vos encerreis em armários de personalidades ou de crenças; abram antes as portas do vosso ser. Não existem senhores do universo... vocês são os senhores do universo. Avancem corajosamente através da vossa própria mente e reclamem o vosso reino.”

Richie ouvira tudo aquilo com intensa concentração.

“Isso significa que qualquer conhecimento que eu adquira posso transmiti-lo aos amigos a quem achar que devo transmiti-lo?”, perguntou.

“Podes, sem dúvida!”, respondeu Seth. “Nunca coloquei barreiras de segredo àquilo que digo! Está publicado!”

Apesar disso, a influência da personalidade de Arturo permanecia forte sobre aqueles que o tinham conhecido — e parecia atraí-los ainda mais depois de ele ter caído morto numa rua de Manhattan, pouco tempo depois de o antigo grupo ter começado a deslocar-se às aulas de Jane. A forma da sua morte assustou-os mais do que nunca (embora, mais uma vez, as mortes estranhas de homens que afirmavam ser deuses tenham afetado muitas pessoas ao longo da história).

“Não importa qual a culpa em que vos mandam acreditar”, disse Seth a Lauren numa noite em que a conversa voltou a girar em torno de Arturo e dos seus métodos de ensino. “Enquanto acreditarem na culpa, ficarão presos por ela. E sempre que encontrarem alguém, rei ou mendigo, que vos diga que são maus, fujam rapidamente!

“Podem dizer-vos que são maus por causa do Pecado Original. Podem dizer-vos que são maus porque estão possuídos por um demónio. Podem dizer-vos que são maus porque os vossos astros não estão alinhados, ou porque são humanos e feitos de carne!

“Sempre que alguém tentar fazer-vos sentir menos do que são; quando vos levar a acreditar nas vossas deficiências e as reforçar, em vez de encorajar as vossas forças e capacidades, então fujam o mais depressa que puderem. Quando vos incentivar a depender de um grupo em vez de depender da glória que são vocês próprios, então fujam o mais depressa que puderem!”

Noutra conversa durante uma aula, Joy Mankowitz, que também estudara gnosticismo, comentou que Arturo acreditava numa “estrutura rígida da realidade”.

Perante isso, Seth lançou-se na discussão:

“É fácil oferecer-vos uma estrutura rígida”, disse-lhe. “Então alguém vos diz que a realidade é desta ou daquela maneira e tudo o que têm de fazer é seguir o caminho correcto!

“Mas eu sou muito mais insidioso do que o vosso Arturo. Porque faço-vos encontrar a vossa própria realidade e o vosso próprio caminho, e retiro-vos todas as regras e leis, confortáveis ou desconfortáveis, devolvendo-vos à autoridade de vós mesmos. E como vocês tentam evitar essa autoridade! E como dizem: ‘Não ouço nada’ e ‘Não vejo nada’ quando essa autoridade vos fala!

“É mais fácil ouvir aqueles que vos dizem que têm de torcer o nariz e abanar as coxas, ou que têm de dizer ‘Alá!’; ou que têm de mexer a orelha; [ou] falar com os deuses em silêncio; têm de respirar corretamente; têm de comer da forma que eu vos digo; têm de dormir da forma que eu vos digo; têm de conviver com as pessoas com quem

eu vos digo que devem conviver — porque todos vocês são maus! E são maus porque estão vivos!

"Ora, como é que se combate isto?

"Se alguém vos diz que são maus porque estão vivos, e vocês acreditam nisso, então estão realmente num dilema. Eu digo-vos que são abençoados porque estão vivos. E eu sou abençoado porque estou vivo!

"A minha vitalidade é a vossa vitalidade e fala através das vossas entranhas tal como fala através da vossa mente e do vosso ser, porque é vossa. Eu apenas vos permito provar a vitalidade do vosso próprio ser para que possam retirar de vós mesmos sustento e conhecimento. E essa é a vossa própria alegria, o vosso próprio direito de existir e a vossa própria vitalidade, tão secreta quanto uma trombeta — tão digna quanto um esquilo. É a magia do vosso próprio ser — o saber que sabeis — a própria essência daquilo que sois!"

Seth retirou-se.

"O que foi isto?", perguntou Jane, acendendo um cigarro.

Enquanto ouvia a explicação, Jane apertou os lábios com um leve ar de exasperação. Estava demasiado consciente da tendência das pessoas para criarem novos deuses: novas drogas, novas religiões — novos espíritos.

"Bem", dizia Richie a propósito de Arturo, "suponho que, se acreditares que és mau enquanto estiveres vivo, então só existe uma maneira de escapar a isso, que é morrer — e o Arturo fez exatamente isso, não foi? Mas, entretanto, encheu-nos com todas estas perguntas sem resposta acerca de—"

Seth reapareceu tão subitamente que as suas primeiras palavras se perderam na confusão frenética do gravador.

"...sempre que se sacrificam a si próprios, ou se tornam infelizes, miseráveis, doentes e cheios de perguntas que não conseguem responder, [isso acontece] porque não querem respostas, porque se colocam em... posições impossíveis", disse a Richie e aos outros. "Tudo isto porque vos ensinaram que são culpados por estarem vivos!

“Quer obtenham essa ideia da religião ou da ciência, os resultados são os mesmos. E, por isso, a minha mensagem é simplesmente esta: sois abençoados porque sois. Podeis sentir alegria porque sois. Tendes uma razão para estar aqui porque estais aqui.

“Sempre que alguém vos disser que a autoridade reside fora de vós, não acrediteis. Quando alguém vos disser — mesmo que seja o mundo inteiro — que a vossa alegria reside fora de vós, não acrediteis nem nessa pessoa nem no mundo. A vossa salvação não depende de outro. Nunca perderam a vossa alma. Vocês são as vossas almas. São as vossas almas em carne.

“Os vossos corpos são as vossas almas em carne. Honrai-os. Quem vos disser que o corpo é impuro, não o escuteis. Podeis confiar nos vossos corpos tal como podeis confiar na vossa alma. Na vossa realidade, o corpo é a veste que a alma usa.”

“Agora”, disse Seth em voz alta, com um sorriso irónico no rosto de Jane, “terei de vos contar algumas anedotas ou devolver a aula a Ruburt para conseguir arrancar-vos umas gargalhadas e uns risos decentes!”

O grupo de Nova Iorque, quase todo sentado melancolicamente no chão, não reagiu — desta vez.

“Parecem ter estado numa igreja!”, concluiu Seth, com humor.

Mais de um ano depois, Seth acrescentou novos comentários a este conjunto de ideias sobre os deuses, o ego e a realidade física, ao comentar uma discussão em aula sobre as relações entre humanos e animais e os mitos da Grécia Antiga.

“A fonte da vossa realidade, tal como a compreendem, encontra-se dentro da vossa psique”, começou Seth. “Os deuses — tal como os compreendem, nos vossos termos, no vosso atual estado de desenvolvimento — representam o nível da vossa consciência. A vossa psique é um espelho dos deuses.

“Enquanto não compreenderem, em certa medida, o milagre da vossa própria existência, continuarão a fabricar deuses que estão abaixo das vossas capacidades mais amplas. Enquanto pensarem em

termos de um único eu, criarão a ideia de um deus linear, limitado pelas vossas ideias de personalidade.

"Enquanto acreditarem que foram lançados numa vida de pecado, negação e vibrações inferiores, sentirão necessidade de ser salvos dessa vida. Então precisarão de fabricar um deus que tenha de morrer pelos vossos pecados, porque acreditam na necessidade do sacrifício. Simbolicamente, é significativo que, na civilização ocidental tal como a conhecem, tenham considerado necessário criar um deus que depois teria de ser traído e crucificado fisicamente. Não fariam isso aos vossos próprios filhos!"

"Porque faríamos uma coisa dessas, como crucificar um Cristo?", perguntou um aluno.

"O enquadramento das vossas crenças e da vossa consciência conduziu-vos a esse impasse", respondeu Seth. "Quando a vossa consciência parecia estar presa dentro da vossa cabeça, então tinham de pensar em termos de uma única personalidade e projetar para fora um deus que fosse maior do que vós apenas em grau.

"Se podiam ser cruéis, então esse deus, com o seu poder maior, podia ser muito mais cruel. Podia aniquilar milhares e provocar dilúvios. Podia enviar-vos a todos para um inferno eterno. Se podiam ser bondosos para com aqueles que amavam, então esse deus também podia ser bondoso e abençoar-vos — desde que seguissem as suas regras, tal como vocês abençoavam os vossos filhos enquanto eles seguissem as vossas regras.

"À medida que começam — e já começaram — a vislumbrar a vossa realidade mais ampla, também serão capazes de vislumbrar uma realidade ainda maior na qual a vossa existência desempenha o seu papel, e talvez começar a conceber porque a divindade é multipessoal: uma multipersonalidade suficientemente vasta para conter não apenas a vossa espécie, mas também outras.

"As vossas religiões baseiam-se na ideia de que são fundamentalmente maus. Têm medo dos vossos sentimentos porque pensam que o vosso ser é mau e, no entanto, a maioria de vós — com algumas exceções!"

Aqui Seth lançou um olhar severo, mas fingido, a Pam, que anteriormente confessara odiar insetos, por mais que tentasse não o fazer.

"— a maioria de vós olha para os animais e concede-lhes a maior superioridade moral, dizendo: 'Isso é bom, isso é natural', negando a si próprios essa mesma bondade, essa mesma justeza e essa mesma natureza.

"Por isso, mais uma vez, depois desta alegre conversa, devolvo-vos ao vosso próprio ser — mas compreendam que a vitalidade livre que salta nesta sala é a vossa esperança. A vitalidade livre e a natureza não estruturada destas aulas têm uma razão de ser.

"A espontaneidade conhece realmente a sua própria ordem. Quando crescem de feto a adulto, crescem espontânea e verdadeiramente. Não se tornam parte rã, com uma perna de cão e uma orelha de milho! A espontaneidade conhece a sua própria ordem e, quando digo 'não estruturado', quero realmente dizer que a espontaneidade de vós próprios fluirá para a sua própria estrutura natural — uma estrutura que não vos é imposta de fora, mas que nasce da criatividade das vossas formas em transformação."

Numa aula posterior, surgiu o tema do preconceito entre as diferentes raças humanas. Um dos participantes falou da sua educação hebraica na infância.

"Uma coisa que sempre me fez perguntar se Deus estava realmente a pensar com clareza era essa história de chamar aos judeus o Seu Povo Eleito", disse Gary. "Quero dizer, até que ponto se pode ser 'eleito' se Deus permite que sejamos continuamente massacrados ao longo dos séculos?"

"Pois, Gary", começou Jane, "mas e quanto a— ups, espera um momento", disse ela. "Alguém tem algo a dizer sobre isso."

Os óculos saíram-lhe imediatamente do rosto.

"Agora!", bradou Seth com toda a força da sua voz. "Quando esse deus me dizia: 'Tu és o meu filho escolhido e, por isso, deves sofrer', era nessa altura que eu começava a procurar outro deus e dizia: 'Muito obrigado, mas leva esse presente para outro lado! Deve

haver alguém de quem gostes mais do que de mim! Na verdade, sou indigno de tão grandes benefícios!' E fugiria e esconder-me-ia, nem que tivesse de correr através dos séculos!"

As gargalhadas quase abafaram as últimas palavras de Seth. Este esperou pacientemente até que os risos e os comentários cessassem.

"Agora, tenho estado calado [esta noite]", continuou por fim, referindo-se à hora tardia, "porque é bom que vos escuteis a vós próprios, que encontrem as vossas crenças e observem os vossos sentimentos e ideias em movimento.

"As ideias dos deuses mudam à medida que a consciência muda e, apesar de todas as minhas piadas, não podem realmente culpar demasiado os deuses — tal como os concebem — porque foram vocês que os projetaram para fora e depois reagiram a eles; e eles foram sempre exatamente aquilo que queriam que fossem em cada época.

"Isto não tem nada a ver com Tudo-O-Que-É, ou Tudo-O-Que-Vós-Sois; mas os deuses, tal como os compreenderam ao longo dos séculos, representam mantas de conforto com formas, figuras e desenhos que ganharam vida e dançaram através da estrutura do universo para vós, animados pelas vossas próprias crenças.

"E isso está bem! É, à sua maneira, um magnífico jogo criativo! E, ao olharem para esses deuses, podiam ver a vossa própria psique projetada. Isso nada tem a ver com a energia dentro de vós que vos permitiu criar esses deuses, nem com o maior Tudo-O-Que-É de onde provieram.

"Por isso, não culpem demasiado os deuses, porque o mesmo grande Deus de que falávamos há pouco [a propósito do 'Povo Eleito'] poderia muito bem olhar para baixo, abanar a cabeça e dizer:

'Que espécie de pessoas me criaram assim, desejando que eu as açoite, lhes tire todas as ovelhas e provoque dilúvios e tribulações? Quando aprenderão, para que eu próprio possa crescer?'

"Mas sempre existiu, e existe, a energia do vosso próprio ser — se quiserem pensar nela dessa forma; a grande psique-fonte da qual nasce a vossa própria psique; a grande energia exuberante através da

qual os vossos deuses foram criados enquanto exploram a natureza do vosso próprio ser e da vossa criatividade.

"E assim, pelo menos teoricamente, ainda existem deuses à espera de nascer; deuses que dizem:

'Espero pelo meu povo, que esperará de mim a honestidade e a justiça que eu esperaria de um bom pai; a honestidade e a decência que eu esperaria se uma flor pudesse falar; um povo que não me pedirá que mate os seus inimigos; um povo que não me pedirá que destrua; mas que, em vez disso, dirá: "Abençoa o teu povo, abençoa a Terra e todas as criaturas que nela habitam."'

"Se eu estivesse a falar em nome desses deuses ainda não nascidos, pediria, então, com a voz deles, um povo que não dissesse:

'Coloca-me acima de todas as criaturas da Terra, para que eu as domine',

mas que dissesse:

'Permite-me compreender todas as criaturas da Terra e reconhecer a sua individualidade sagrada e o seu significado próprio.'

"E esses deuses ainda não nasceram e aguardam o vosso desejo."

NOTAS DO CAPÍTULO TREZE

1. *Estes efeitos são discutidos no Capítulo 10 de A Natureza da Realidade Pessoal (The Nature of Personal Reality).*

2. *Porque queria incluir este poema aqui, Jane procurou-o nos seus livros de poesia, mas nunca encontrou estes versos. "É a coisa mais estranha, porque estas linhas soam-me tão familiares", disse ela. "A única explicação que encontro é que Seth estava a referir-se a um poema Sumari que eu ainda não escrevi — mas que já existe algures na minha psique, à espera de que eu o alcance..."*

CAPÍTULO CATORZE

União no Espaço: Sonhos da Aula e Cocriações

“Estou na aula e faço a Jane uma pergunta que queria fazer a Seth: ‘Tendo dois conjuntos de crenças em conflito, como é que se chega a uma decisão?’ Jane responde como Seth. ‘Não se pode pôr um ovo na sopa durante a noite’, diz ele.”

— Sonho de aula de Darren Stephens,
3 de Outubro de 1973

“Em Elmira, Jane tem um apartamento novo. Estamos a olhar para uma coisa que parece uma máquina de lavar, mas que é um aquário. Eu digo: ‘Mas não há peixes!’ Então aparecem imensos peixes, focas, crocodilos, por todo o lado... Seth materializa-se. ‘Agora!’, diz-me. ‘Estás a sair-te muito bem. Mas tenho um conselho: não deves pôr detergente num aquário!’”

— Sonho de aula de Will Petrosky,
24 de Abril de 1974

“Quando falo de sonhar, não estou a falar de algo menos real ou menos vital do que a realidade que conheceis. Assim, quando vos digo: ‘Estais a sonhar quando pensais estar acordados’, não estou a insinuar que uma realidade seja mais válida do que a outra. Estou a dizer que, quando estais constantemente concentrados da forma que compreendeis, também estais a realizar trabalho de sonho — que estais envolvidos noutros níveis de consciência além daquele que conheceis.”

— Seth, numa aula,
7 de Agosto de 1973

A ciência garante-nos que todas as pessoas sonham, quer se recordem ou não de o fazer; e que uma pessoa privada dos sonhos rapidamente se tornará psicótica. (Fica-se a pensar até que ponto os cientistas deixaram os seus sujeitos enlouquecer antes de chegarem a esta brilhante conclusão, mas passemos adiante.)

De forma mais apaixonada, a humanidade encarou os sonhos, ao longo dos tempos, com admiração e temor; como presságios literais do futuro; como fantasias sem sentido; ou (como na elegante atualização de Freud das antigas ansiedades) como portas para as

masmorras do inconsciente, cheias dos fantasmas profanos dos desejos reprimidos.

Durante a explosão de autoconhecimento dos anos sessenta, as livrarias começaram a encher-se de livros sobre interpretação de sonhos, analistas de sonhos apareceram nos programas de entrevistas televisivos e seminários de terapia dos sonhos surgiram por toda a parte. Pelo menos oficiosamente, parecia que a experiência subjetiva estava finalmente a conquistar algum reconhecimento consciente.

Depois, em Maio de 1979, um gerente de aluguer de automóveis de Cincinnati protagonizou o mais famoso "acerto" onírico dos tempos modernos. Durante dez noites consecutivas, os sonhos de David Booth foram preenchidos com imagens detalhadas da terrível queda de um DC-10 da American Airlines. Nos sonhos, Booth via o avião descolar, mas sentia que algo estava errado "porque os motores não soavam bem". Depois, no sonho, olhava através de um campo aberto, via o avião inclinar-se para a direita, virar-se e despenhar-se numa bola de chamas vermelho-alaranjadas e fumo cinzento.

"Nunca tive qualquer dúvida de que algo ia acontecer", disse Booth aos repórteres mais tarde. Estava tão seguro do desastre iminente que ligou para os responsáveis da Aviação Federal com a história do seu sonho três dias antes da queda real, a 25 de maio, de um DC-10 da American Airlines no Aeroporto Internacional O'Hare, em Chicago. Ninguém tratou Booth com desdém — mas também ninguém correu a inspecionar os motores do DC-10.[1] No dia do acidente — quando o jato perdeu um motor da asa na descolagem, inclinou-se acentuadamente para a esquerda, capotou e explodiu de pernas para o ar num campo — os sonhos com desastres de Booth cessaram.

A precognição, especialmente o preconhecimento de desastres, sempre foi o principal fascínio dos sonhos; e embora nenhum dos sonhos registados pelos membros da aula ao longo dos anos tenha alcançado a notoriedade do de David Booth,[2] todos nós tivemos a nossa quota-parte de precognição. De forma bastante humorística, uma vaga destas ocorreu mesmo antes de eu enviar os formulários do questionário para este livro, em janeiro e fevereiro de 1979: vários

antigos membros da aula sonharam com o projeto antes de estarem conscientemente cientes dele.

"Podes ter interesse em saber que tive um sonho no qual previ a minha participação no teu projeto de escrita", relatou o Geoffery Beam, cuja experiência com sonhos durante os anos de aula tinha sido praticamente nula. "No sonho, eu estava a ajudar a Jane com algum trabalho que ela andava a fazer, e também estava a dactilografar para outro escritor — uma mulher [a resposta do Geoffery ao questionário foi dactilografada].

Não conseguia identificar a mulher, mas sabia que ela estava a trabalhar em material ligado ao trabalho da Jane. Vi também a oportunidade de dar vazão a um pouco do meu humor algo mordaz. Isto foi uns bons três dias antes da chegada da tua carta pelo correio." E na noite antes de receber o meu questionário, a Betty DiAngelo sonhou "com membros da aula a cantar para mim... em vozes dramáticas muito altas. A canção era 'Blue Moon'.

Continuo sem acreditar — nem sequer sei a letra desta canção ou gosto particularmente dela — não é bem da minha época. A canção era uma espécie de paródia; eu estava a ser mimada, já que me andava... [a] sentir cheia de pena de mim própria. Fiquei devidamente envergonhada, enquanto eles se divertiam à grande com toda a situação. Bem, no dia seguinte, o Tim e eu íamos a conduzir por uma estrada secundária em Vestal. Vi um bar que tinha um letreiro enorme em letra cursiva azul: 'the Blue Moon Lounge!' Nunca tinha visto este sítio antes — não desde que passou a ser o Blue Moon; costumava ser o O'Hara's. E nesse dia, a tua carta chegou pelo correio, a pedir-me para recordar coisas do passado, e mudanças que eu tinha feito, envolvendo a aula.

Ainda assim, os membros da aula registaram algumas precognições bem claras ao longo dos anos.[3] "Olho para fora — descubro que, enquanto eu dormia, tinha chovido de tal forma que toda a terra estava inundada", escreveu a Bernice Zale no seu caderno de sonhos a 19 de junho de 1972 — quatro dias antes de "a inundação que não podia acontecer" inundar a Região Sul de Nova Iorque. "A escola flutuava como a arca nas águas da inundação... O Estado de

Nova Iorque esperava ficar submerso pelo mar...” Curiosamente, o Rio Chemung atingiu o seu nível de inundação durante a noite de 23 de junho — enquanto as pessoas dormiam. (Às 5h da manhã, a polícia e os bombeiros acordaram os bairros ribeirinhos, entregando ordens de evacuação através de megafones.)

Da mesma forma, o Joel Hess relatou que “Em abril ou maio de 1972, tive um sonho vívido no qual havia uma inundação muito má. Um rio ou um riacho que corria entre margens íngremes transbordou quando choveu durante vários dias [como aconteceu naquele junho: o Furacão Agnes ‘encalhou’ sobre o nordeste e despejou mais de vinte e oito centímetros de chuva em menos de quatro dias]. A água corria pelas ruas, carros e camiões eram arrastados, todo o comércio parou, os serviços públicos foram cortados, as pessoas tornaram-se refugiadas como aquelas que andamos sempre a ver onde há um sismo ou um vulcão...

As famílias caminhavam ao longo de estradas desfeitas, carregando mobiliário doméstico, fardos de roupa”, continuava o sonho do Joel. “Depois houve a lei marcial e soldados armados com caçadeiras a patrulhar. Vi também pessoas a tentar deixar a comunidade pela água, em barcos, e a encostar a... uma escola ou outro edifício público de barco, como se fosse uma doca ou um cais, e a sair. A água era castanha, cor de chocolate...

Este foi um sonho vívido do tipo que, assim que começas a escrevê-lo, mais e mais cascata da tua memória de modo a que escreves e escreves e ficas prisioneiro da tarefa de escrever... Começas a desejar não ter tido a maldita da noite de sonho em primeiro lugar”, diz o Joel. “Bem, esta estava claramente carregada de simbolismo: medo do poder impressionante da natureza sobre um eu inseguro, incerto e paranoico... com certeza que o sonho tinha sido todo ele simbolismo! Mal sabia eu que, um mês ou pouco mais tarde, todas aquelas coisas iam acontecer, literalmente, em Elmira...

P.S. Sabias que a Marsha [a atual esposa do Joel] teve um sonho com uma inundação cerca de uma semana antes da segunda inundação [uma inundação menos drástica induzida por um furacão que lavou partes de Elmira e Corning, Nova Iorque, em setembro de 1975]?

Estamos de pé no topo da grande colina atrás da nossa casa no rio [Chemung] e vimos o vale inteiro inundado, animais e veículos a flutuar. Era um dia claro e ensolarado com muitas nuvens brancas e fofas no céu.

Bem, quando [esta inundação ocorreu], o sol estava descoberto e havia nuvens; a chuva já tinha parado há muito. Mas a parte do reboque de um camião de mercadorias flutuou a passar pela nossa casa, um coelho [que o Joel resgatou] ficou preso nas águas crescentes da nossa cave, remámos por cima do nosso carro [inundado] no nosso barco a remos, e tivemos algumas vacas [mortas] arrastadas para o quintal. Outro sonho 'simbólico' que se torna real. Ambos os relatos estão escritos.

Nós não somos dados a sonhos ou impressões de 'tragédia' como algumas pessoas são e normalmente não captamos coisas negativas", conclui o Joel. "Estes foram brutais, no entanto!"

Seria interessante descobrir quantas pessoas na área de Nova Iorque-Pensilvânia sonharam com inundações nas semanas e meses anteriores ao facto físico; ou se alguém agiu sob o conselho de tais sonhos. A Holly Palmer, que com o seu marido Don frequentou a aula três vezes, relata um sonho precognitivo da morte do Don em 1977 que continha mensagens de ação muito definitivas: "No sonho, o meu marido e eu estávamos a comparecer a uma festa no que parecia ser um clube de campo", escreve a Holly. "Muitos de pé em redor, a falar, a comer, etc. O Don não se estava a sentir bem e estava deitado numa mesa de biblioteca, e eu tentava freneticamente obter ajuda — à procura de um telefone para ligar a um médico —, mas estava frustrada, movendo-me de sala em sala sem encontrar um telefone. Acordei.

Discuti este sonho no dia seguinte com a Dr.ª Ann Faraday [autora de livros sobre sonhos e outros temas psíquicos]. Chegámos à conclusão de que poderia ou não ser precognitivo, mas que eu estava a pedir a mim própria para escrever alguns números de telefone... Bem, não o fiz, e quando o Don teve o seu ataque muito rápido, fiquei perdida sem saber para quem ligar — estávamos na comunidade há apenas um ano, conhecíamos muito pouca gente e não tínhamos

médico. O Don, tendo sido sempre um Cientista Cristão praticante, tinha-me dito várias vezes para não ligar a um médico se ele decidisse partir. Por isso, acabei por ligar a um vizinho. Os meus vizinhos chegaram lá em dez minutos e eles não sabiam para quem ligar. A chamada para o único médico da cidade foi atendida por um atendedor de chamadas. Finalmente liguei para o xerife. Passou uma hora e dez minutos antes de as autoridades chegarem lá e declararem o óbito."

O Matt Adams nota que espera que os sonhos o "alertem para desenvolvimentos importantes — para me prepararem, por assim dizer —, e assim foi, quando a minha mãe faleceu [em 1977]...

A minha mãe sofria de enfisema há algum tempo e estava geralmente fraca e letárgica, mas mal se encontrava às portas da morte. No sonho, acordei com o som do telefone a tocar", relata o Matt. "A mesa de cabeceira não estava à direita da cama, como é no mundo 'real', mas à esquerda... Nela estava o telefone (que na vida real fica na cozinha) e um relógio, cujo mostrador marcava 5h da manhã.

Era o meu pai a ligar, a dizer que a minha mãe tinha morrido. No sonho, desliguei e comecei a chorar, quando ouvi a voz da minha mãe. Percebi então que, se me colocasse num transe leve, seria capaz de a ouvir melhor. Ela entrou, vestindo um roupão, e sentou-se na borda da cama. Conversámos durante alguns minutos.

Ela explicou-me para não me preocupar; que compreendia intuitivamente a sobrevivência à morte do corpo (algo que ela nunca discutia em vida; não acreditava nisso) e estava a caminho de uma nova encarnação. De facto, ela começou a ganhar uma barba escura, azul-escura! Quando expressei surpresa, ela disse que era um dos seus aspetos passados a transparecer na sua imagem presente. Quando ela partiu, acordei, de estalo, e fiquei bastante admirado ao ver que o relógio de cabeceira no mundo real marcava exatamente 5h da manhã!

O sonho foi tão vívido e preciso que liguei ao meu pai mais tarde nesse dia, apenas para ter a certeza de que as coisas estavam bem. Ele explicou que a minha mãe ia dar entrada no hospital mais lá para o fim da semana para uns exames, para ver o que se podia fazer pelo seu edema...

Foi tudo escolha dela, claro. A caminho da porta para o hospital, ela comentou com o meu pai que podia não voltar, e uma vez no seu quarto privado — com oxigénio à mão, com todas as suas necessidades cuidadas —, ela literalmente relaxou até à morte e partiu no espaço de dez dias. Quando o meu pai telefonou a dizer que ela tinha falecido durante a noite, acordou-me de facto — mas às 7h da manhã, não às 5h. No entanto, pelo que os médicos disseram, estimei mais tarde que a hora da morte foi entre as 4h30 e as 5h30 da manhã."[4]

Outros tipos de precognições, envolvendo simbolismo ou trocas estranhas entre o eu desperto e o eu adormecido, também abundam nos diários de sonhos. "A razão pela qual vim para a aula de PES foi porque tinha lido os livros da Jane, *Seth Speaks* e *The Seth Material*", diz o Derek Bartholomew. "Liguei-lhe de uma cabine telefónica ao longo de uma autoestrada movimentada... Enquanto falava com ela, percebi que, ao vir a uma das suas aulas, estava a cumprir um episódio de um sonho no qual assistia a uma aula dela. Eu já guardava um caderno de sonhos e, num dos meus sonhos, estava numa situação de aula. Fiquei quase sobrecarregado quando a conheci na aula pela primeira vez e ela se parecia tanto com as professoras dos meus sonhos! Só de repetir esse acontecimento, continuo a ficar com uma sensação de energia nele que se prolonga.

Quando eu tinha cerca de nove ou dez anos", acrescenta o Derek, "lembro-me de olhar por uma janela da nossa casa que fica virada para o este. O sol ainda estava baixo no horizonte e acima dele estavam algumas nuvens. De alguma forma, à frente de, e de certa maneira sobreposto às nuvens acima do sol, estava um grande castelo dourado e resplandecente. Tinha cúpulas altas e torres a erguerem-se no ar, com bandeiras a acenar à brisa acima delas. Depois de observar a cena por um minuto, chamei entusiasmado os meus pais e irmãos.

Quando eles vieram à janela, tudo o que viram foi um sol com algumas nuvens no céu azul brilhante. Quando tentei descrever o que tinha visto, a minha mãe fez um comentário qualquer sobre as nuvens parecerem animais ou outras formas, mas eles não conseguiam ver o que eu estava a ver. Para mim era tão real como o sol a brilhar ou alguma árvore ou rocha ou uma casa, mas eles estavam cegos para

aquilo.” Em outubro de 1974, quando o Seth nos desafiou pela primeira vez a começar a formar a nossa própria cidade “interior” — mas “não imaginária” —, o primeiro pensamento do Derek foi o do avistamento da sua cidade de infância. Haveria um elemento de precognição na sua experiência?

“Tenho tido tantos sonhos extraordinários... desde que as aulas terminaram”, diz a Betty DiAngelo. “Mas a 22 de setembro de 1976, tive um sonho precognitivo de que me tinha esquecido completamente até responder a este questionário [do livro]. No sonho, o Tim e eu estávamos num parque de diversões onde havia multidões de pessoas e muitas crianças. Havia uma criança — um bebé, na verdade — numa montanha-russa. A criança chorava e era parecida com um animal de alguma forma, como se fosse uma combinação de macaco/criança, ou algum outro pequeno animal. Tinha muito cabelo escuro.

Fiquei perturbada com o choro da criança e parei em frente à montanha-russa. Finalmente, disse a um grupo de pessoas ali de pé: ‘De quem é aquela criança?’ Olharam para mim com repugnância e um deles disse: ‘Ora, não sabes? É tua!’ Ponto no qual peguei na criança, e o Tim e eu fomos embora.

Tive este sonho um ano antes do dia do nascimento da minha filha. Na altura do sonho, eu não tinha interesse — ou pensava que não tinha — em ter outro filho. Na verdade, a ideia não era intelectualmente atraente... Alguns meses antes, andava a ter problemas físicos estranhos. O meu médico tinha sugerido uma mamografia e deixei de ir a ele, esperando decifrar os meus problemas de saúde sozinha. O que descobri foi que parte de mim queria ter outro filho e outra parte não [e repare-se na imagem da montanha-russa]. Estava a ignorar completamente os meus sentimentos sobre o assunto.

Este sonho talvez me tenha ajudado a decidir-me — embora na altura não visse qualquer ligação e até me tivesse esquecido dele. E agora vejo muitas coincidências... a minha filha tinha mesmo muito cabelo escuro quando nasceu, até nos braços e ombros; acabou por desaparecer. Ela é também muito pequenina e bastante afetuosa. O Tim e eu costumávamos rir-nos, especialmente durante a fase em que

gatinhava, quando parecia mais um cachorrinho do que uma criança..."

"Comecei a ter sonhos clarividentes e experiências psíquicas frequentemente depois de iniciar as aulas do Seth/Jane", diz a Charlene Pine. "Devem ter acontecido durante anos antes, mas a aula atraiu a minha atenção para eles, e também me ajudou a mudar algumas crenças limitadoras sobre as minhas capacidades.

Desde essa altura, e no presente, tenho sonhos com a aula envolvendo a Jane, o Seth, o Rob e outros. Consigo imensa informação útil; e especialmente em alturas de stress, a Jane ou o Seth entregam uma de 'peso'. Percebo, claro, a natureza do meu eu interior a funcionar, mas muito frequentemente estes sonhos são mesmo antes (na mesmíssima noite anterior) de chegar uma carta da Jane. Sinto de facto que as aulas, ou chamemos-lhe a relação, continuam... Por vezes eu própria, o Kurt, o Richie, o Rudy e outros ainda temos sonhos com a aula na mesma semana ou noite..."

Os meus próprios cadernos de sonhos incluem numerosos "pequenos" exemplos de precognição que evocam mais a experiência de "previsões" da aula do que augúrios ou avisos, mas surgem exemplos específicos de material precognitivo. Em 1972, eu trabalhava numa tipografia de Elmira, a preparar os formulários para as requisições de material da sala de operações do hospital local.

Uma noite, sonhei que um homem que os meus pais conheciam há muitos anos morria durante uma operação. No meu sonho, o homem falecia deitado numa poça do seu próprio sangue. No dia seguinte, a minha mãe ligou-me a contar que este homem tinha de facto morrido durante uma operação no dia anterior — e que tinha tido uma hemorragia mortal; os médicos tinham sido incapazes de estancar o sangramento. Teria o meu trabalho de composição de formulários hospitalares ajudado a sintonizar os meus sentidos interiores com a situação difícil do homem?

Também em 1972, tive um sonho no qual a Jane e eu 'víamos' um novo tipo de central elétrica; um aparelho que flutuaria no oceano e de alguma forma usaria o fluxo da água do mar para fornecer energia. Disse à Jane que isto se poderia fazer através da separação da

água dos sais e minerais. Ao acordar, fiz um desenho desta instalação (ver Figura 11). Cinco meses mais tarde, apareceu um artigo na secção de "Tecnologia" da revista de abril de 1973 *Saturday Review/Sciences* sobre a proposta da FLOPP ("Floating Power Platform" — Plataforma Elétrica Flutuante).

Este dispositivo, que estava a ser desenvolvido na Scripps Institution of Oceanography, destinava-se a gerar energia nuclear em aglomerados costeiros de tanques de retenção verticais tipo "garrafas de refrigerante flutuantes". Este mecanismo supostamente à prova de sismos usaria água fria do mar, explicava o artigo, para a circulação necessária dentro da central. O diagrama que acompanhava o artigo (ver Figura 12) tem uma semelhança surpreendente com o meu desenho do sonho, até nas mangueiras, ou cabos, entre os tanques e a linha de costa.

Todo o tipo de instrumentos, alavancas, mostradores, etc. Unidade sob a água na linha de costa; enorme, suga H2O pura para os tanques Unidades à superfície da água; podem estar a milhas de distância ou perto da costa; extraem a água do mar e aquecem-na a uma certa temperatura para que se possa separar no momento em que tiver viajado através das mangueiras

Outro "pequeno" sonho precognitivo surge no meu caderno para segunda-feira, 8 de agosto de 1974: "A Jane e o Rob dizem-me que estão com problemas no telhado do apartamento deles. O senhorio ofereceu-se para colocar um teto falso porque a água está a infiltrar-se." Na noite seguinte, notei: "Estava a chover enquanto eu conduzia para a aula. Assim que cheguei, usei a casa de banho. Depois entrei no estúdio do Rob [que ficava ao lado da casa de banho] para ver algumas pinturas. Estava a infiltrar-se água pelo teto do estúdio e a cair em cima de algumas fotografias. A Jane e o Rob não sabiam que o telhado tinha ganho uma fuga."

O fenómeno real de "sonhos com a aula" — conjuntos de coincidências notáveis nas quais sonhávamos uns com os outros em cenários de aula, normalmente com a Jane ou a Jane-como-Seth à cabeça — começou a ocorrer quase assim que a aula começou (como qualquer grupo tenderá a sonhar com si próprio). Pelo outono de 1971,

contudo, houve uma aceleração constante destes sonhos que brotavam de algo mais do que a união de terça-feira à noite.

Por vezes, um ou dois membros da aula sonhavam simplesmente um com o outro, ou uma pessoa sonhava com outra numa situação que se verificava ter acontecido realmente no mundo físico — um pouco de clarividência. Com o passar do tempo, porém, vínhamos a descobrir que, durante a semana, entre três a quatro membros até quase toda a gente na aula tinha registado sonhos que se correlacionavam — até nos cenários, diálogos, assuntos discutidos, atividades, simbolismo e acontecimentos.

Desde os primeiros dias da aula, os sonhos e a interpretação de sonhos ocupavam grande parte da nossa discussão. A análise pessoal de sonhos era oferecida pelos membros da aula, pela Jane ou pelo Seth; mas mais do que caminhos de autoajuda, os sonhos eram tratados como uma área de consciência que detinha as pistas, perguntas e respostas mais fundamentais para a natureza da identidade. Quem é o eu que sonha? Continuam os sonhos sem o sonhador? Quão 'real' é um sonho? Quão universais são os acontecimentos dos sonhos? E sempre o Seth nos instigava, provocava e admoestava a lembrarmo-nos dos nossos sonhos e a escrevê-los; e em particular, a sugerir que nos poderíamos encontrar no estado de sonho e estar bem despertos e conscientes ali o suficiente para experimentarmos com a nossa consciência — com a nossa consciência de sonho.

"Os nossos alunos regulares têm estado a usufruir de um bónus extra", explicou o Seth no início de 1971. "Vós estais a começar as vossas próprias aulas de sonho, como sabeis. Alguns de vós já sabem as noites em que irão trabalhar e a área na qual estarão envolvidos. À medida que aprendeis a viver espontaneamente a nível físico, assim automaticamente sereis capazes de construir [aulas de sonho]... Vós sois todos realidades multidimensionais. Estais a aprender a usar a vossa consciência para vos tornardes cocriadores conscientes da vossa própria realidade. E alguns de vós... depois da aula [física] estarão envolvidos em algumas aventuras que espero que recordeis!"

Uma semana no outono de 1971, não muito depois do aparecimento de Sumari, a Janice Simmonds relatou "um sonho com uma sensação significativa de uma macieira a ser podada". Isso foi tudo o que houve, disse ela — apenas uma macieira a ser podada. "Não parece nada, pois não?", sorriu ela timidamente. Mas depois o Rob, que tinha começado a vir a algumas aulas de vez em quando, disse que tinha tido um sonho na mesma noite que a Janice, no qual tinha visto maçãs enormes descascadas a crescer numa árvore. "Também me foi dito que *kito* é a palavra Sumari que significa maçã, ou uma fase da aparência de uma maçã", disse o Rob.

"Neste caso, calculo que signifique 'maçã-pronta-para-comer'." O Rob mal tinha acabado de falar quando o Pete Sawyer, um artista, desatou numa descrição da pintura em que andara a trabalhar toda a semana — uma natureza-morta de uma enorme maçã azul! Nenhum dos três tinha comunicado entre si, de todo, durante a semana — nos termos habituais.

"Por esta altura," diz la Nadine Renard, "participei num sonho 'de aula'. Na aula dessa semana, de vinte e seis a vinte e oito pessoas presentes, treze pessoas, incluindo eu própria, tinham [registado sonhos] que incluíam três ou mais pontos em comum, [incluindo]: (1) uma pessoa oriental numa posição de destaque; (2) ter de ir para uma cave ou andar de baixo; (3) flores cor de laranja ou amarelas em algum lugar [no cenário do sonho]." Durante esse outono, a Bernice Zale e eu registámos muitos sonhos semelhantes envolvendo as duas; uma professora oriental aparecia em muitos dos sonhos dela; e ambas tínhamos inúmeros cenários de sonho lá em baixo, em caves ou abrigos antiatómicos. Ela não ia à aula há vários meses.

E embora o Ned e eu já estivéssemos separados por esta altura, continuávamos a registar sonhos semelhantes: no seu caderno de sonhos (que ele me emprestou para este livro), o Ned nota um sonho para 5 de março de 1971, no qual os dois éramos mantidos cativos numa garagem por homens ameaçadores. No seu sonho, o Ned conseguiu manter as ameaças à distância ao formar um círculo com os membros da aula. Fui ver as datas nos meus livros de sonhos dessa altura: a 7 de março de 1971, tive um sonho no qual o Ned, a Alison Hess (membro da aula) e eu nos defendíamos — a partir do interior de

uma garagem — contra "tipos da Máfia"; no meu sonho, conseguíamos escapar — para a aula da Jane — de carro. Tanto o Ned como eu tínhamos anotado que nos tínhamos apercebido, durante o sonho, de que era um sonho.[5]

No mesmo período de tempo, tive um sonho com a aula no qual o Seth discutia os "significados interiores criativos" da destruição, da decadência e do envelhecimento. No meu sonho, eu sentava-me ao lado do Joel Hess e murmurava apartes para ele enquanto passava um filme de uma explosão de uma bomba H como demonstração. Uns dias mais tarde, declaram as minhas notas, o Joel descreveu-me um sonho com a aula que tivera na mesma noite que o meu — e no qual o Seth tinha dado uma palestra sobre o significado da destruição.

O Joel lembrava-se especificamente de falar comigo no sonho sobre a Bomba. Na noite de 8 de agosto de 1971, dei comigo com la Jane e outro membro da aula, sentados num campo. Uma fúria não expressa que eu tinha sentido na terça-feira anterior por esta pessoa subiu dentro de mim até me sentir sufocada. "Força, Sue," disse a Jane — e eu desatei realmente a dar o que pedir e o que não pedir à pessoa; de facto, acordei com um grito alto. Mais tarde nesse dia, a Jane ligou a contar-me que se tinha lembrado de um sonho com a aula no qual estávamos todos sentados ao ar livre e que tínhamos lidado com "a natureza da emoção". Mas por essa altura, já não era invulgar a Jane e eu darmos connosco a sonhar uma com a outra. Muitas vezes, vínhamos também a descobrir que eu registava um sonho de uma sessão com o Seth contendo informação específica para mim, ou para outra pessoa, na mesma noite em que a Jane se lembrava de sonhar que tinha uma sessão com o Seth.

Às vezes, ela recordava pedaços da conversa sethiana — que correspondiam às minhas notas. "Às vezes acordo e sinto como se o Seth tivesse estado a dar corda à língua a noite inteirinha," diz a Jane — ao mesmo tempo que acrescenta que só sonhou uma vez com o Seth do ponto de vista de um observador exterior (e mesmo aí, ele estava disfarçado). E este sonhar com sessões do Seth também acontecia com outros membros da aula — novamente, com informação específica recordada de ambos os lados.

"Não me recordo de nenhuns sonhos com a aula," relata o Matt Adams, "embora me lembre de um extremamente invulgar que envolvia um cocktail no telhado de um edifício bastante alto, presumo que em Nova Iorque. Falei brevemente com o Seth, que estava vestido com um fato de três peças, muito elegante e próspero e bastante em desacordo com o retrato mais informal do Rob! Isto não era uma aula, exatamente, mas uma receção para pessoas interessadas no trabalho do Seth e da Jane.

Uma vez, a Jane e eu sonhámos com a mesma cidade — um local poeirento e seco onde grandes letreiros com letras douradas numa superfície preta estavam pendurados como bandeiras de batalha sobre a rua. Mas concluímos que cada um de nós tinha estado numa zona da cidade ligeiramente diferente! As ruas eram longas e diretas, e poucos ou nenhuns edifícios tinham mais de dois andares. Não era anterior ao século dezanove, ou poderia ser apenas o 'tempo de agora' — não me lembro de facto de muita coisa exceto daqueles letreiros de fundo preto, cada um com apenas algumas letras."

Os sonhos com a aula eram uma parte fascinante da nossa experiência de "PES", mas nunca investigámos totalmente as suas implicações — se é que isso seria de facto possível numa vida inteira. E o tempo era o nó da questão: simplesmente não havia o suficiente. Podias literalmente passar a terça-feira à noite inteira a analisar um único e minúsculo detalhe de um sonho que tínhamos tido em comum.

Onde o sonhar em aula nos teria levado ao longo de um período de, digamos, vinte ou trinta anos — caso a aula tivesse durado tanto tempo — é o que qualquer um pode adivinhar; a minha especulação é que o desafio do Seth para nós de "sonhar uma Cidade Interior" (ver Capítulo 10 do Volume 1) tinha a intenção, em parte, de nos propelir para algo a longo prazo e até então nunca visto, quer a aula continuasse quer não. Certamente, o Seth fazia referências constantes a "a Experiência" e à sua relação com os nossos sonhos.

Por exemplo, numa noite de agosto em 1971, o Seth pontuou uma longa discussão sobre sonhos com algumas observações surpreendentes sobre os rumos destes. "Mencionámos há algum tempo uma experiência," começou ele, interrompendo algumas especulações

salazes sobre o "significado" de sonhos sexuais. "Ora, os visitantes que estiveram aqui até esta noite tinham um papel a desempenhar nessa experiência. Outras partes da experiência, contudo, dizem respeito aos vossos estados de sonho e àqueles indivíduos que estais a encontrar [nos sonhos]. Além dos companheiros e amigos que conheceis na vossa vida desperta diária, vós tendes também uma relação perfeitamente legítima com pessoas que não conheceis enquanto cuidais dos vossos afazeres diários. E realizais trabalho do qual estais inconscientes enquanto seguis o vosso caminho diário.

Ora, alguns de vós estão prontos para encontrar estes outros companheiros. São pessoas que vivem na face da terra nesta altura; pessoas que nunca encontrastes fisicamente e que provavelmente nunca encontrareis nesses termos, mas vós estais envolvidos frequentemente como aprendizes em empreendimentos conjuntos, e é tempo de vos tornardes conscientes, até certo ponto, da vossa relação.[6] Portanto, quero que presteis especial atenção às pessoas nos vossos sonhos que vos são estranhas.

Podeis cruzar-vos com elas em sonhos com a aula. Podeis também cruzar-vos com elas, contudo, em sonhos que parecem não ter grande significado. Estas pessoas cooperam convosco assim como vós cooperais com elas. Vós estais envolvidos [em] muitas atividades: a ajudar pessoas que morreram, nos vossos termos; a falar com outras que estão bem vivas, no estado de sonho; a aprender a compreender e a manipular realidades subjetivas."

O Seth baloiçou para trás na cadeira da Jane, cruzando as pernas da Jane com uma graça delicada, como se estivesse naturalmente familiarizado com a mecânica de uma minissaia. "Ora, há duas possibilidades principais que podem emergir aqui," continuou ele, "e estas pessoas podem tornar-se bastante reais para vós. Começastes a tornar-vos conscientes de algumas das vossas próprias existências reencarnatórias [nos sonhos]. Por causa disto, fostes capazes de vos relacionar convosco próprios e com os outros de uma maneira mais eficaz e de compreender os outros a partir de um ponto de vista diferente. Agora, porém, devereis também tornar-vos conscientes de outras personalidades que trabalham convosco quando o vosso ego normalmente consciente está aquietado. Alguns de vós já têm pistas.

Isto requer algum estudo e significa que tereis de se lembrar dos vossos sonhos de forma muito mais eficaz do que alguns de vós estão a fazer!" O Seth franziu o seu conhecido cenho de falsa severidade, cerrando os lábios da Jane e enrugando-lhe as sobrancelhas numa expressão que a própria Jane nunca usava. "E eu estou a dar-vos o ímpeto!", troou ele. "Quando possível, pensai nestas pessoas… para que na vossa vida desperta diária possais receber mais alguma informação intuitiva quanto ao tipo de trabalho e empreendimentos nos quais estais todos envolvidos."

O Seth fez uma pausa, fechando os olhos. Por um momento, o corpo da Jane ficou imóvel, sugerindo a personalidade do Seth II. Além disso, essa misteriosa "Experiência" tinha sido mencionada novamente — uma palavra favorita desta outra personalidade.[7] Iria isto descambar num discurso do Seth II?

"Nós queremos que vos torneis conscientes de todas as vossas atividades, não simplesmente das vossas conscientes," disse o Seth finalmente, abrindo os olhos da Jane e observando com o seu habitual ar animado. "Vós estais a usar capacidades nesse trabalho que não estais a usar — ainda — nas vossas vidas conscientes, e eu quero que vos torneis conscientes de quais são essas capacidades. Elas podem também ajudar-vos a lidar de forma mais eficaz com a realidade física e ajudar-vos a compreendê-la muito melhor. Vós podeis dar convosco, vários de vós, envolvidos no mesmo trabalho no estado de sonho. E assim, também, mantende o registo de quaisquer membros da aula que possam aparecer dentro destes sonhos. Depois, quando estiverdes a sair-vos bem na aula, sereis capazes de vos relacionar não apenas com alguns eus reencarnatórios [com os quais tínhamos andado a experimentar nesta altura], mas com o eu interior e com as suas atividades; e usar estas atividades para enriquecer os vossos encontros diários normais e para aumentar a natureza e a extensão das vossas perceções."

O Joel Hess limpou a garganta. "Tu disseste, 'Nós queremos que estejais conscientes', etcétra," repetiu ele. "Explicarias um pouco esse 'nós'?"

O Seth abanou a cabeça da Jane, sorrindo para o Joel. “Não nesta altura,” respondeu. “Fá-lo-ei, contudo, mais tarde.”

“Depois de pensarmos nisso um bocado?”, ofereceu o Joel humoristicamente.

“Sem dúvida,” disse o Seth secamente. “Noto que não escapou à tua atenção, no entanto.”

A Gert Barber tomou a palavra. “No estado de sonho, estes, ah, estranhos ou companheiros — colocaríamos neles um rosto com o qual fôssemos capazes de nos relacionar, digamos um membro da nossa família?”, perguntou ela.

O Seth fixou-a com um pequeno e terno sorriso, mantendo a sala em silêncio. Quase parecia que a pergunta da Gert o tinha lembrado de outra coisa; alguma memória a brotar na sua mente sethiana que o distraiu momentaneamente. “Eles aparecer-vos-ão como estranhos, e não como pessoas que conheceis,” disse ele passados uns instantes. A terminar, aconselhou-nos também a estarmos atentos na nossa vida desperta a “estranhos que se aproximam de vós sem esforço, a propósito de amigos mútuos — e a pistas, acordados e a dormir, sobre a natureza de ‘a Experiência’.” Estaria este desafio de sonho matreiro e evocativo a refletir o conhecimento do Seth, ou a “memória” dele, do iminente desenvolvimento de Sumari que a Jane traria em novembro?

Fosse o que fosse que compreendesse, a pista da “experiência” do Seth funcionou com os seus habituais encantos discretos: os sonhos com a aula pareceram explodir sobre nós. De repente, os nossos registos de sonhos estavam cheios de correlações; os estranhos virtualmente superpovoavam as nossas paisagens de sonho; encontros acordados bizarros saltavam para a nossa perceção — estaríamos de facto a encontrar mais “estranhos” do que o habitual, ou estávamos apenas mais conscientes deles agora?

Por exemplo, a 9 de agosto, tive um sonho com a aula com muitos estranhos nele. Cada um de nós, membros familiares e outros, era suposto listar todas as pessoas desconhecidas que tinham aparecido nos nossos sonhos ultimamente. No meu sonho, o Joel Hess descreveu um sonho com estranhos e a preocupação deles com um

casaco de inverno. Eu descrevi — no meu sonho — um sonho semelhante envolvendo um casaco que o Seth tirou e entregou ao Joel. Ao meu eu do sonho, parecia que estávamos na verdade a descrever camadas de perceção ainda não descobertas, e que os "estranhos" no nosso meio eram eus do sonho vindos de outros sistemas de probabilidade.

No dia seguinte, um vendedor de máquinas de escrever veio a minha casa para discutir a máquina que eu ia alugar para um negócio de dactilografia em casa que tive durante algum tempo. Durante a conversa, o vendedor levantou-se e retirou o seu sobretudo com um floreado humorístico, dizendo que a brisa fresca dessa manhã o tinha enganado a usá-lo. Mais tarde, mencionou um pastor que andava a pregar numa pequena igreja perto da sua casa. O pastor revelou ser o Joel Hess. E descobri também no decorrer da nossa conversa que a secretária da empresa que andava a atender as minhas chamadas sobre esta máquina era uma amiga da minha aula do liceu — o vendedor, claro, "um estranho que se aproximou com esforço", para um encontro que incluiu a menção de dois "amigos mútuos".

Nessa terça-feira, o Joel lembrava-se apenas de que tinha tido um sonho com a aula na noite de 9 de agosto. Mas em casa da Jane nessa noite, pela primeira vez, estava uma mulher que se tinha licenciado comigo no liceu. Ao verificar os meus registos — nós costumávamos levar os nossos cadernos de sonhos connosco para a aula —, descobri que tinha tido um sonho com a aula a 10 de agosto no qual apareciam vários membros da minha aula do liceu. Eu não via nenhum deles desde 1963.

Várias semanas mais tarde, tive um sonho no qual dava comigo a parar numa estação de serviço a caminho de casa da Jane e do Rob. Em vez de pagar ao funcionário — um homem que o meu eu do sonho observou como "um estranho" —, entreguei-lhe um livro com o nome de um amigo da família escrito na primeira página. Eu não via esta pessoa há mais de dez anos. O funcionário da estação apontou imediatamente para o nome e disse, "Ele está morto."

"Nossa, isso é telepatia ou clarividência?", disse o meu eu do sonho. Disse ao funcionário para ligar à Jane Roberts sobre vir à aula

de PES e depois conduzi eu própria até lá, onde a conversa se centrou em redor do "som" das moléculas. Um vento soprava com força contra a velha casa. Discutimos então a morte do meu amigo e a forma como ele se adaptaria ao seu novo estado.

Na tarde do dia em que registei este sonho, a minha mãe ligou-me a contar que, sem eu saber, este amigo tinha morrido no dia anterior. Tudo o que a Jane se lembrava era de um sonho no qual conseguia ouvir o Seth a dar informação a alguém que ela não conhecia sobre como manipular a própria consciência.

Mesmo após o aparecimento de Sumari nesse novembro, escrevi um sonho no qual a Jill Ryan, uma mulher que tinha ido à aula uma vez e detestado intensamente, assistia a uma sessão com o Seth. Na vida física, a Jill era encenadora, figurinista e coreógrafa de uma companhia de teatro; no meu sonho, o Seth parecia estar a dizer-lhe porque é que ela detestava a aula de PES e a sua aparente falta de estrutura.

O Seth deu-me então informação sobre Sumari e as realizações desta "família". Na mesma noite, a Bernice Zale teve um sonho envolvendo um grupo de pessoas a dançar num local estranho. No sonho, eu disse-lhe que ela "tem estado frequentemente ligada de alguma forma à dança". A Bernice caminhou então até à escola primária da sua cidade, onde um professor — ou seja, uma figura masculina de professor — lhe deu alguma informação sobre a família Sumari e outra família de consciência, descrita nas notas da Bernice como "Beverly, ou algo parecido". Além das correlações imediatas entre os sonhos, é interessante notar que uma das famílias de consciência que o Seth listou quatro anos mais tarde em *The "Unknown" Reality* são os "Borledim" — que ele diz fornecerem a estirpe de pais, ou a base terrena, para a raça.

Era típico destes sonhos com a aula, à medida que começavam a acumular-se como uma bola de neve, que muitas vezes os recordássemos com um pormenor vasto e intrincado, diálogo incluído, por vezes ao longo de dezenas de páginas de caderno. (Foi durante esta altura, por exemplo, que tive o "Sonho da Biblioteca de Contrapartidas", como lhe chamei mais tarde, conforme relatado no

Apêndice 9.) Os membros da aula que me enviaram os seus registos de sonhos — a Betty DiAngelo em particular, que dactilografou à mão um maço espesso de sonhos para mim — disseram que tinham escolhido sonhos representativos dos seus registos; era tudo o que tinham tempo para fazer. “Sue, como posso?”, respondeu a Camille Atkinson ao meu pedido de material de sonhos com a aula. “Havia centenas.

Uma vida inteira de sonhos. Por onde começaria eu? Tinha tido sonhos com a aula durante toda a minha vida — claro que não o sabia, mas soube-o assim que cheguei à aula!” E depois havia membros que não se lembravam de sonhos com a aula — ou de muitos sonhos de todo. No entanto, os sonhos que de facto recolhi, particularmente de 1973 e 1974, entrelaçam-se detalhe após detalhe. Alguns destes ocorreram na mesma noite; muitos outros durante a mesma semana de terça a terça-feira — o que nós víamos como “acertos” correlacionados.

Por exemplo, na aula de 14 de agosto de 1973, comparámos notas e descobrimos que mais de metade dos presentes — pelo menos uma dúzia de pessoas — tinha andado a sonhar durante a semana com polícias. Vários de nós tinham sonhos nos quais se encontravam em celas de prisão; outros lembravam-se de cenários de histórias de espiões a tentar roubar documentos secretos do governo; outros ainda davam connosco a ser revistados pela polícia por crimes não nomeados.

Especificamente, na noite de 14 de agosto, o George Rhoads e eu comparámos estas situações de sonho notavelmente semelhantes: no meu, o George e eu voávamos para o Hawai, onde um homem se encontrava connosco no aeroporto e exigia saber o nome do George. Eu dizia imediatamente ao George para não divulgar o seu nome a “uma pessoa qualquer na rua” — que seria perigoso fazê-lo.

Mas depois descobria que o homem ameaçador tinha andado na Universidade de Syracuse quando eu andei, e que estava a fazer um estudo de Renovação Urbana no Hawai. Enquanto ele me dizia isto, o aeroporto transformava-se no complexo da Escola de Jornalismo Newhouse na U.S. O George e eu íamos embora e encontrávamos

alguns amigos a viver no fundo de uma cratera cheia de neve e lama, onde um alce selvagem corria à volta e à volta da borda.

O sonho do George nessa noite começava com a sua chegada, de avião, à Argentina, "com uma amiga para visitar os pais dela. Parte disto era uma viagem à volta do mundo que eu estava a fazer sozinho. Desci uma longa colina no campo e, à medida que avançava, transformava-se numa cidade. Vi alguns polícias a agarrar uns homens com aspeto maltrapilho — a efetuar uma detenção. Depois a estrada passava por um jardim zoológico, e eu conduzia sobre o que parecia ser calçada de paralelos. Era merda seca, contudo, e havia criaturas a escavar por baixo dela, na parte líquida. Elas saltavam para fora, mas a superfície endurecia novamente." E de acordo com as minhas notas, os sonhos com polícias de outros dois membros da aula nessa semana incluíam notas sobre andar penosamente através de camadas de estrume lamacento.

"Ora, vós escolheis o tema para os vossos sonhos — eu não!", interveio o Seth enquanto discutíamos estes sonhos nessa terça-feira. "E, durante algum tempo, a aula fornecerá o tema para os vossos sonhos com a aula — ou seja, vós fornecereis o tema, como tendes feito. Cada um de vós, à sua maneira, interpretará o tema, desenvolvê-lo-á e aprenderá as suas próprias lições a partir dele. E saístes-vos muito bem. A maioria das correlações é óbvia. Permitam-me fazer, contudo, algumas observações.

A criatividade é permissiva, é livre e é brincalhona. E, a partir da brincadeira e da sua permissividade, encontra a sua própria estrutura alegre, e essa estrutura é espontânea. Mas — é uma estrutura. Ora, uma dança forma uma estrutura. A criatividade não encontra uma estrutura rígida.

A autoridade e a polícia, e o estado policial, representavam muitas coisas para cada um de vós individualmente; e no entanto, se policiais as vossas ideias e as vossas crenças, colocai-vos na prisão. E se tendes medo de escutar as crenças dos outros com as quais não concordais, fazeis as vossas próprias grades. E, se não conseguis reagir de forma brincalhona àqueles que detêm outras crenças que não [as vossas], então tendes muito que aprender sobre ser Sumari!

O estado de sonho é um estado livre, criativo. Contudo, mesmo nele, podeis experienciar barreiras e crenças rígidas; mas enfrentando essas, e percebendo o que são, podeis também perceber o poder da vossa própria criatividade. Vede quão bem pegastes num tema e o elaborastes nos vossos sonhos, para os vossos próprios propósitos, e depois para os propósitos da aula! Pois o que aprendestes, comunicastes aos outros, e muitos de vós que não se lembram de sonhos com la aula — tiveram alguns!

A imagem rígida, autoritária — podes projetá-la para fora, ou podes vê-la como uma tendência dentro de ti próprio. Se és capaz de a tratar de forma brincalhona quando a encontras do lado de fora, serás capaz de a tratar de forma brincalhona quando a encontrares do lado de dentro! E não sentirás a necessidade de pregar [ninguém] à parede!

Ora, os Sumari são criativos. São criativos, inventativos, alegres, e são por vezes impacientes. Como eu disse de facto, eles não ficam por cá para cortar a relva. Mas cortar a relva em certos níveis da realidade é bastante importante. E ficar por ali a rir daqueles que cortam a relva, e cuidam daquilo que vós começastes — rir dos zeladores — nunca é nada de que se devam orgulhar.

"Tal como a semana passada escolhestes o tema para o vosso sonho, assim o fareis nesta [próxima] semana. E eu não vos direi qual é o tema, pois ele será vosso. Mas haverá de facto — com a vossa cooperação entusiástica! — um momento em que vos transcendereis a vós próprios, e às vossas capacidades no vosso 'agora', e tereis claramente uma experiência de sonho na qual os acontecimentos, as circunstâncias e o ambiente concordam todos. Vós não pareceis compreender completamente que os vossos sonhos são reais, e têm a sua validade. Ou mesmo... que o vosso intento — o vosso intento — em si mesmo tem uma realidade que acumula energia noutros níveis de existência, e trabalha por vós.

Ora, não só os vossos sonhos são individuais, e individualmente importantes; no que diz respeito à aula, há um gestalt de massa no qual os vossos sonhos individuais têm um significado ainda maior, e no qual cada um de vós está a fazer a sua parte na edificação de realidades que ainda não compreendeis.

Agora... devolvo-vos a esta aula de sonhadores, e espero que os vossos outros eus acordem e se lembrem daquilo com que sonharam, e da aula de sonho de que participaram; e quando lhes for perguntado que sonhos tiveram, e em que noite, nos vossos termos, eles se lembrem desta aula!"

Continuando à sua maneira habitual na semana seguinte, a recordação de sonhos da aula teve mais uma vez dezenas de pontos em comum — mas desta vez, não tanto entre pessoas, lugares ou coisas, mas sim com simbolismo e ideias: uma espécie de correspondência em imagem de espelho. Os meus registos notam que vários de nós relataram sonhos que lidavam com a relação entre as células do corpo físico e a estrutura celular do corpo da imagem do sonho, enquanto outros cinco tiveram encontros de sonho amplamente variados sobre a natureza da autodisciplina e quanta dessa qualidade esquiva uma pessoa deve ter para conseguir fazer o que quer que seja — "Para não se tornar um vadio," concluiu um aluno a sua descrição do sonho, com um franzir de testa preocupado a enrugar-lhe a fronte. Em cada sonho recordado, parecia haver uma referência a um país estrangeiro.

Por essa altura, claro, estávamos à espera de algum tipo de análise coletiva de sonhos por parte do Seth.

"Boa noite!" começou ele, retirando os óculos muito manuseados da Jane. "A primeira lição que ensinastes a vós próprios no estado de sonho tem a ver com a continuidade da vossa própria experiência no estado de sonho — o simples facto de tantos de vós terem tido experiências usando os mesmos símbolos e as mesmas ideias; de terdes concordado em tantas questões objetivas que apareciam dentro dos vossos sonhos. Vós não concordastes no mesmo quarto, ou nas mesmas pessoas, mas as semelhanças eram óbvias para cada um de vós.

Podeis ver por vós mesmos como, no estado de sonho, estáveis a trabalhar com questões que vos dizem respeito. Podeis ver também uma grande correlação e um dar e receber conforme criáveis as vossas próprias imagens, permitíeis que outros as pedissem emprestadas, pedíeis algumas emprestadas para vós próprios. E a partir do pano

inteiro, cada um de vós fez sonhos originais que eram, por outro lado, como nenhuns outros; e no entanto, as mesmas questões eram frequentemente encontradas — e conforme faláveis, elas tornavam-se óbvias.

Ora, há certas coisas em que deveis concordar na realidade física: as mesas, as cadeiras, vós próprios conforme o vosso aspeto. Há muitas coisas em que concordais, e quando falais, concordais sobre o que é dito — geralmente. O que eu quero que compreendais é que no estado de sonho também existem acordos. Há coisas em que concordais. Há ordem no que pode parecer ser o caos. E [para a Camille, que não se tinha lembrado de nenhuns sonhos nessa semana] há memória no que às vezes pode parecer ser amnésia! Quero que vejais a semelhança, o dar e receber, e a comunicação — a ordem — que apareceu nos vossos sonhos. Depois quero que vejais se conseguis decidir o que significam as questões individuais — tais como as nacionalidades estrangeiras.

Vós testemunhastes uma demonstração muito simples que destes a vós próprios sobre a natureza do estado de sonho, e sobre o vosso próprio trabalho e brincadeira e validade contínuos dentro dele — a continuidade que existe entre o estado desperto e o estado de sonho conforme pensais nele. Vós não estais momentaneamente loucos — não quando estais a dormir! Alguns de vós [para o Rudy] podem estar loucos quando estão acordados e caminham através do vidro... mas não podeis dizer que estais loucos quando estais a dormir, ou que não há ordem!

Ora, os nossos alunos regulares reconhecem o meu humor," continuou o Seth, "por isso sabem quando estou a brincar e quando não estou; de modo que não estou a dizer que estais 'loucos quando estais acordados! Quero que reconheçais a continuidade da vossa consciência conforme ela passa por estes limiares de atividade, contudo.

Ora, muitas vezes, a sonhar, não estais cientes do vosso eu desperto; mas acordados, não estais frequentemente cientes do vosso eu que sonha! Tentai agora, por exemplo, sem qualquer registo [de sonho], lembrar-vos das vossas atividades de sonho — mas quando

estiverdes a sonhar, tentai lembrar-vos das vossas atividades despertas! E no entanto, há uma grande continuidade, nos vossos termos, pois naturalmente ambos existem ao mesmo tempo.

Tenho algo a dizer a cada um de vós, e a todos vós. Em muitas áreas das vossas vidas, ides para aprender disciplina. Vós sois ensinados por outro e por um professor e por uma grande autoridade. Vós sois ensinados a tornar-vos disciplinados. Nesta aula, há outras questões envolvidas, e agora dir-vos-ei a terrível verdade!

Pois eu sou um des-educador. E um des-educador des-enreda-vos, ou deixa-vos des-enredar-vos a vós próprios, de volta às verdades do vosso ser. Um des-educador ajuda-vos a des-aprender a vossa 'disciplina'. Um des-educador, esperançosamente — e é uma tarefa difícil em que embarco, de forma brincalhona — um des-educador, esperançosamente, deixa-vos guiar-vos a vós próprios em direção à liberdade do vosso ser. Por isso, quando estais habituados à disciplina, podeis, durante algum tempo, sentir-vos des-feitos, ou sem uma fundação. E depois, quando deixais ir as vossas disciplinas, sentis a grande fundação do vosso próprio ser, e a sua maior liberdade.

Há um propósito nesta aula, como todos vós sabeis, e por muita conversa minha, vedes, vós ainda não des-aprendestes o suficiente. Pois quando vos digo que criais a vossa própria realidade, nenhum de vós está realmente suficientemente seguro nessa crença para tirar vantagem dela até ao momento; para agarrar esta grande liberdade criativa de vós próprios, e usá-la para fazer com que a vida que atualmente [viveis] seja a mais criativa e alegre para vós próprios e para os outros. E por isso dais desculpas a vós próprios e aos outros, e estais nesta posição por causa disto, ou estais nesta posição por causa daquela pessoa, ou por causa do vosso passado.

Ora, isto aplica-se a toda a gente aqui, incluindo o Ruburt — a cada um de vós. Quando reconheceis minuciosamente a liberdade majestosa do vosso próprio ser, e o vosso próprio poder criativo, então reconheceis-vos a vós próprios como criadores, criando a vossa vida diária e ajudando alegremente a criar a experiência de massa do mundo como o conheceis. E então, estais prontos para dizer 'Eu ajo a partir do pleno conhecimento alegre da minha criatividade.' Então não

culpais os acontecimentos ou os outros ou as circunstâncias. Então sois capazes de agradecer a vós próprios pelas alegrias do vosso ser, e pela glória dos vossos dias. Sois capazes de dizer à mais pequena célula dentro do ouvido, ‘Eu saúdo-te. Estou grato pela nossa criatividade conjunta; pelo nosso conhecimento eterno que é sempre novo.’...

Mas os vossos sonhos ajudar-vos-ão a apontar o caminho para a vossa própria liberdade — e eles estão a apontar o caminho para a vossa própria liberdade.

Novamente, da minha realidade para a vossa: se há uma dádiva que eu vos daria, é o reflexo de vós próprios conforme vos vejo, devolvido a vós para que pudésseis sentir, como eu sinto, a alegria e a liberdade milagrosas, e confiar nela. Se cometeis erros, são os vossos próprios erros, e podeis aprender com eles. Se tomais decisões, são as vossas próprias decisões; podeis tomar novas. Se tendes medo de tomar decisões, não podeis aprender com elas.

Os vossos sonhos para esta semana clarificarão as questões envolvidas nos vossos sonhos da semana passada. Por isso — trazei todos os vossos registos. Vós estais a acumular iguarias de sonho para vós próprios. Vós sois os vossos próprios professores; estes são os vossos sonhos, não os meus. Os meus são como ventos que sopram pelo universo, e que são vistos em diferentes formas e feitios, de acordo com a vossa perspetiva, e sobre qual o topo da colina em que por acaso vos encontrais.

Desejo a vós, a cada um de vós, os meus mais profundos cumprimentos; e através do meu conhecimento da vossa integridade, tranquilizo-vos dessa integridade, quando duvidais dela — pois não há necessidade de duvidar dela. No estado de sonho, sereis tranquilizados, e por vós próprios; os eus que pensais, novamente, ter esquecido; os eus que esperais ser, mas os eus que tendes medo de nunca vir a ser. Esses eus são, e eles falarão convosco e tranquilizar-vos-ão no estado de sonho, tal como falam agora quando estais acordados — mas vós não escutais.

E os vossos sonhos também, à sua maneira, alimentam mundos. Não há desperdício. Os vossos sonhos e os vossos pensamentos têm realidade."

Durante essa semana seguinte, conforme descobrimos na terça-feira posterior (28 de agosto), os nossos sonhos pareciam estar cheios de debates e palestras proferidas por membros da aula. A 25 de agosto, por exemplo, sonhei com o Jed Martz a dar um discurso sobre o quão estúpido o basquetebol era comparado com a "justeza" académica da aprendizagem na sala de aula; o Rudy Storch continuava a interromper com um pequeno sermão sobre o *Bhagavad Gita*.

O meu eu do sonho disse finalmente ao Jed que não havia diferença real entre uma atividade mental e uma física; mas fui interrompida pela Bernice Zale, que me queria contar a história de uma nova inovação na casa de banho — na qual o tampo da sanita era mudado semanalmente por um mudador de tampos de sanita itinerante. Na terça-feira seguinte, vários de nós relataram sonhos envolvendo a relação entre atividades mentais e físicas; e todos eles pareciam incluir um membro da aula ou outro a dar uma palestra aos restantes sobre os pormenores de um tema hilariantemente ridículo. "Isto está a começar a parecer-se com o tribunal de sonhos do Oversoul Sete, sabem disso?", comentou o Phil Levine durante a discussão.

"Boa noite!" interveio o Seth neste ponto. "E antes de a aula terminar, ireis descobrir quão bons professores todos vós sois, e quão matreiramente levais a cabo os vossos próprios temas no estado de sonho, e como eles se correlacionam. Vós vedes, finalmente, que o vosso eu interior é um amigo. Também ireis descobrir que vós sois o eu. Cada um de vós, à sua maneira, chegará à sua própria realização... e quando a vossa própria inspiração e experiências vierem a vós, então elas ensinam-vos de uma maneira que eu não vos posso ensinar. Pois é a vossa própria experiência. É o vosso eu a encontrar o vosso eu.

Tu [Phil] usaste a palavra 'tribunal de sonhos'. E algures no tempo, ireis cada um perceber o verdadeiro, profundo e escuro segredo, e os aspetos ocultos que espreitam dentro do Oversoul Sete e como ele trabalha de forma tão insidiosa sobre a vossa psique, e vos

conduz a tribunais de sonhos. Para onde achais que vos estais a dirigir com os vossos sonhos nesta aula? E essa é a única pista que vos darei.

E... se pensais que tendes problemas em explicar esta aula aos vossos amigos, devíeis imaginar a dificuldade que eu tenho com os meus colegas!

Alguns dos meus colegas são também muito sérios e dados ao trabalho árduo; e todos têm as suas próprias ideias sobre o ensino, e sobre o treino, e todos pensam que têm a maneira que funciona melhor. Eu acho que tenho uma maneira, e por isso não os incomodo. Eles pensam que têm a maneira certa. Por isso, a minha maneira muda sempre. Dessa forma, às vezes deve ser a maneira certa! Falo humoristicamente em termos com os quais penso que vos podeis relacionar sobre os meus colegas, pois naturalmente eles não existem de todo dessa maneira. Mas é uma boa maneira de transmitir uma ideia. Eu também não existo dessa maneira!

Ora, vós vindes para aqui, e escutais-me falar," continuou o Seth. "Vós ouvis uma voz. Certamente todos concordais que ouvis uma voz. E os vossos instrumentos [gravadores] captam uma voz. No entanto, se tentardes encontrar-me — este altifalante —, não me conseguis encontrar. Não me conseguis encontrar na vossa realidade da mesma maneira que pensais que se conseguem encontrar uns aos outros. Em termos puramente racionais e intelectuais, e usando os termos da maneira [que são] habitualmente usados, vós estais a aprender muito com alguém que não tem realidade, e isso é um bom truque da vossa parte!

Encontrarem-se a vós próprios é outra coisa, e no entanto aparentada com aquilo de que estou a falar. Pois, vedes, as vossas imagens físicas refletem-se num espelho. E no entanto sabeis que aquilo para o qual estais a olhar não é o eu que conheceis, mas apenas uma parte do eu que conheceis. Pois onde no vosso corpo estais vós — no vosso nariz, ou no vosso dedo do pé — em todo ele?

Se cortardes um braço, o que acontece à parte de vós que estava no braço? Para onde foi? Se estais nas células e átomos e moléculas que vos compõem hoje, o que acontece quando esses átomos e moléculas mudam completamente, e os vossos órgãos físicos são

compostos por átomos e moléculas inteiramente novos? Para onde foi o vosso eu, então?

Vós percebeis presságios. O que sois vós senão presságios de vós próprios? Criações sentidas a partir do interior? Mas ao tentardes olhar para vós próprios a partir do exterior, [vós], portanto, nunca reconheceis quem sois. Vós sois aportes. Vindes de outras dimensões da realidade para esta. Então porque vos incomoda tanto se imaginardes uma ave a vir de outra realidade para esta?[9] De onde vêm as novas flores a cada primavera?

É um conto de fadas dizerem a vós próprios que elas vêm das sementes que foram colocadas aqui o ano passado, as quais vieram das sementes que foram colocadas ali o ano passado, que vieram das sementes... etcétra. Pois ficais com a velha questão de onde veio a primeira semente, ou a primeira maçã. O que há para impedir — o que há para impedir — uma ave misteriosa de entrar na vossa realidade e formar uma nova espécie? Apenas as vossas crenças de que isso não é possível. No entanto, novamente, se é impossível, então de onde veio a primeira ave, ou a primeira semente, ou o primeiro antes do primeiro?"

O Seth virou-se para o Kurt Johns, a quem ele chamava afetuosamente "o Índio" desde que o Kurt tinha relatado sonhos e outros vislumbres intuitivos de um eu-índio que ele pensava que poderia ter sido. "Onde está o teu Índio?", perguntou o Seth, sorrindo para o Kurt. "Ele tem a sua própria realidade alegre, e o seu próprio ser. E como te tenho dito frequentemente, os teus próprios pensamentos materializam-se noutros sistemas que não o teu. Tu semeias outras realidades das quais não estás ciente. Tu formas aspetos de ti próprio, e assim sois vós também aspetos — ao mesmo tempo que sois os vossos próprios eus individuais.

Quando abris as portas à vossa perceção, vedes esta realidade mais claramente. Vós também começais a vislumbrar variedades de possibilidades inerentes a este sistema, normalmente não percebidas. Vedes a forma que os vossos pensamentos tomam. Projetai-os para fora como presságios, e depois segui-os. Eles são alegres e amigáveis.

O simbolismo interior torna-se real, e variado, e vivo. Sinais vivos que depois seguis, mas que formam a sua própria realidade.

Agora — devolvo-vos aos vossos próprios Índios!"

SONHOS COM A AULA E NOTAS:

UMA AMOSTRA DE CORRELAÇÕES

Para a semana (de terça a terça-feira) de 8 a 15 de dezembro de 1970:

9 de dezembro, Ned Watkins: "Com um grupo de pessoas, mais o Seth. As pessoas são antigos habitantes das cavernas. O lugar era tipo uma caverna, sem janelas ou madeira. O Seth explicava os significados e, mais tarde, eu reexplicava tudo a alguém."

9 de dezembro, SMW: "Com um grupo de pessoas num café; a Jane estava lá. Um mapa enorme do mundo no chão. O Seth manifesta-se e explica onde há evidências de civilizações antigas — ele diz que algumas estão enterradas em cavernas em Espanha. Ficamos de pé na área de terra no mapa. O Seth explica esta localização em detalhe. Mais tarde, dispersamos e reexplicamos tudo a outros."

Para a semana de 31 de março a 7 de abril de 1970:

3 de abril, Ned Watkins: "A Sue e eu estamos a nadar nus perto de um McDonald's. Outra rapariga está lá. Digo-lhe para me escrever — ela é uma antiga namorada. Falo com ela durante algum tempo. Um gigante tinha-me dito que me ajudaria a sair do corpo."

3 de abril, SMW: "O Ned e eu estamos a nadar nus perto da pizzaria Pudgies'. Outra rapariga está lá. Ela está a usar óculos. O Ned parece interessado nela. Tentamos sair do corpo."

Para a semana de 20 a 27 de novembro de 1973:

20 de novembro, Darren Stephens: "Tenho um quarto numa casa muito grande que se verifica ser a da Jane. Estamos a cuidar de um pequeno unicórnio branco e do seu bebé, que vive comigo. A Sue W. vem de visita. Antes que eu lhe possa falar sobre eles, os

unicórnios saem. Um grande gato cinzento e o seu gatinho ameaçam-nos."

20 de novembro, SMW: "Temos um leão manso na casa grande dos meus pais. A aula está lá. O leão faz algo que não devia."

Para a semana de 5 a 12 de fevereiro de 1974:

8 de fevereiro, SMW: "Um sonho no qual fui colocada em animação suspensa por un grupo de pessoas do século vinte e um vestidas de forma estranha para uma viagem ao espaço. Uma destas pessoas estava vestida como um cowboy... Mais tarde, estávamos todos num iate e uma personagem de um gangster grego atirou-nos à água. Não nos afogámos, contudo, mas conseguimos chegar à costa após muitas provações. No fim, a minha avó Mullin [morta há dois anos por essa altura] apareceu e eu não conseguia decifrar como ela ali tinha chegado — estaria morta ou não? Tinha ela morrido, ou estava prestes a?"

8 de fevereiro, Priscilla Lantini: "Tive um sonho em que o meu marido e eu éramos baleados e mortos por gangsters. Ficámos ambos mortos no local, mas eu não conseguia morrer. Levantei-me logo de seguida, embora soubesse que estava morta."

A Priscilla nota também que "O Eddie Feinstein, um dos Rapazes de Nova Iorque, teve um sonho semelhante [durante essa semana] no qual estava numa guerra e era morto e não podia morrer. Ele contou isto na aula dessa semana e [disse] que pensou ter ouvido o Seth dizer no sonho, 'A Mona Lisa é muito, muito pesada.' O Seth manifestou-se e disse ao Artie que essa era a interpretação dele daquilo que pensava que o Seth poderia dizer..."

["... E por isso, devias, por direito, dizer-me o que significa!" disse o Seth ao Eddie nessa noite. "Mas, por agora, dar-te-ei uma pista: 'A doçura e a luz custam a vir.' É a minha interpretação da tua interpretação!

["Mas," continuou o Seth, "é fácil para os outros falarem e dizerem-te que é fácil ser espontâneo, e fácil sair do corpo. Portanto, a responsabilidade, parece-te a ti, é mais forte. Se houvesse provações colocadas à tua frente; se eu dissesse que é difícil sair do corpo; se eu

te desse provações e dissesse que deves fazer isto e aquilo, e depois sair do corpo, sentir-te-ias seguro porque, afinal de contas, não aconteceria imediatamente! Poderias não passar na provação! Mas quando eu digo que é fácil fazê-lo, e digo-te que tens a capacidade, então enfrentas, em ti próprio, as tuas próprias obstruções e os teus próprios medos — e eles são pesados!"]

"Depois," continua a Priscilla, "o Eddie perguntou ao Seth sobre um sonho que tinha tido durante essa semana no qual andara a participar numa guerra." [Contudo, disse o Eddie, as armas usadas nesta guerra pareciam disparar um líquido em vez de balas convencionais. "Fui baleado," disse o Eddie, "e deitei-me para morrer — mas não conseguia! O resultado foi uma espécie de não conseguir sair do corpo..." O Eddie parou e riu-se, com a luz a fazer-se no seu rosto.

["Precisas de mim?", troou o Seth.

["Não tinha visto a ligação antes," disse o Eddie. "Claro!"]

Para a semana de 19 a 26 de fevereiro de 1974:

20 de fevereiro, Betty DiAngelo: "Enquanto ia adormecer, captei que está a decorrer uma aula. Vejo o Richie Kendall de forma muito clara. Estamos a falar em Sumari, e há uma saudação que soa como 'Shamah'."

20 de fevereiro, SMW: "Um sonho estranho com a aula numa festa. O Carl Jones anda de um lado para o outro a beijar as raparigas. Saiu um novo Oversoul Sete. Sumari diz isto, destinado à Jane: 'S' ventala mendala vertu'."

Para a semana de 12 a 19 de março de 1974:

12 de março, Betty DiAngelo: "A aula num grande salão na penumbra que estava separado, com grandes portas duplas. Na outra metade estava um grande grupo de pessoas a ter também uma sessão com o Seth — uma 'família de consciência' diferente. A deles tinha conotações religiosas. Entro de fininho na reunião deles e oiço-os a ridicularizarem-nos... [Nota: a Betty não frequentou a aula de 12 de março, que apresentou uma canção de "iniciação" Sumari para os recém-chegados.]"

13 de março, George Rhoads: "Tem a ver com uma aula. Uma corrida; pessoas numa passadeira rolante elevada, ou nuns pequenos baloiços, de pé. Algumas partes são perigosas e velozes... Acabamos numa espécie de supermercado escuro e sombrio. Grande. Um salão de exposições. Pinturas de amigos. Paro diante de uma. Uma pele vazia, branca, com um nariz grande e cabeça careca — um tolo. Talvez esse fosse o título. Um modelo de avião está pendurado ali perto."

19 de março, Betty DiAngelo: "Estou a ter uma discussão, uma discussão a sério, com uma rapariga nova na aula sobre comida orgânica versus inorgânica [uma questão que era de suma importância para o George na altura]. O sonho parecia cheio de acontecimentos estranhos... A Mary Strand, o Tim e eu saímos juntos... lembro-me de atravessar uma extensão de água que ficava perto de uma montanha-russa. Também a cortar caminho pelo parque de um stand de automóveis com modelos em exposição."

Para a semana de 16 a 23 de abril de 1974:

20 de abril, SMW: "Uma espécie estranha de correlação de sonhos. Registei relativamente aos sonhos da noite passada: 'místico, profundo; algo sobre a June e a Joyce [amigas do segundo ano em Syracuse], e o Vale de Engadina na Suíça.[10] Forte sentimento de comunicação com o passado, presente e futuro. Acontecimento físico intrincado.'

No dia seguinte, recebi uma carta, datada de 20 de abril, da minha companheira de quarto da faculdade, a Ellen R. Nós as duas fizemos uma viagem à Europa após o nosso segundo ano em Syracuse. Trabalhámos durante dois meses na lavandaria de um hotel de uma estância suíça, localizada numa passagem de montanha na parte ocidental de Engadina. Tínhamos recordado uma à outra muitas vezes essa viagem, claro, mas nunca tínhamos falado sobre os tipos estranhos de viagens interiores que aquela jornada europeia tinha despertado em nós — lembro-me, por exemplo, de uma sensação vívida de absoluta familiaridade quando estávamos na estação de comboios de Innsbruck, a nossa primeira paragem depois de deixarmos a Suíça.

A Ellen regista poucos sonhos e nunca foi à aula da Jane nem leu os seus livros [em 1974]. Aqui, vou citar um trecho da sua carta:

‘Querida Sue: Aconteceu a coisa mais estranha, e não conheço mais ninguém a quem contar isto senão a ti, porque tu és a única que vai acreditar em mim — pelo menos acho que vais acreditar em mim. Juro que é verdade.

No dia em que nós [a Ellen e o seu marido, o Max] nos mudámos para este apartamento, a 14 de julho de 1971, duas coisas foram-nos roubadas durante a nossa mudança. Pelo menos assumimos que foram roubadas porque as embalámos no camião de mudanças na Rua 87, mas elas nunca chegaram aqui. Uma foi uma vassoura mecânica verde que o meu irmão nos tinha dado umas semanas antes, e a outra foi a minha câmara Polaroid 320, a minha prenda de casamento do [Max e amigos].

Bem, as perdas foram tristes, mas não o fim do mundo. Uso o meu aspirador normal para fazer os chãos, e comprámos-me uma câmara Polaroid Square-Shooter para substituir a outra.

Hoje [20 de abril] estava a pendurar roupa no meu armário, e a minha Polaroid 320 estava lá, pendurada num cabide de roupa mesmo ao lado da porta!

Claro, estás a pensar, a Ellen é uma desleixada, e provavelmente pendurou-a ali quando se mudou e não reparou nela até hoje. MAS NÃO FOI ISSO QUE ACONTECEU!! Eu uso sempre aquele gancho da roupa e já limpei o meu armário imensas vezes, e até o Max já limpou o meu armário, e quando nos mudámos pela primeira vez revistámos o apartamento inteiro, incluindo o meu armário, à procura dos artigos desaparecidos.

Portanto, agora tenho duas câmaras Polaroid e não acredito nos meus olhos. A única explicação credível para mim é que algum ser de outro mundo pediu a câmara emprestada por um tempo, e agora devolveu-a! Consegues pensar noutra explicação? Não te estou mesmo a dar tanga — isto acabou mesmo de me acontecer! E estou a cambalear de incredulidade!

Com amor, Ellen’

Para adensar este estranho pedaço de telepatia, ou o que quer que tenha sido — teria eu captado as falcatruas da câmara da Ellen no meu sonho? —, quando liguei à Jane para lhe contar esta experiência, ela disse-me que durante a sua sesta nessa tarde tinha tido um breve sonho comigo na Europa, um contexto no qual a Jane nunca me associa de todo. A Jane e eu concordámos, contudo, que se não houvesse verdadeiramente outra explicação para o súbito reaparecimento da câmara — se não se verificasse que alguém a tinha encontrado e colocado no gancho do armário sem tecer comentários, por exemplo [e nenhuma outra explicação desse género alguma vez surgiu] —, então parecia uma espécie de presságio, ou acontecimento simbólico, de novos rumos, ou probabilidades para a Ellen e para o Max; 'o entrelaçamento do passado, presente e futuro', disse a Jane. [E, de facto, eles tomaram novos rumos juntos; em 1978 mudaram-se para outra cidade, onde hoje cada um tem novas carreiras; a série de acontecimentos que os levou até lá começou por volta da altura deste incidente]. E por qualquer razão, parecia que a Jane e eu nos tínhamos sintonizado nesta 'viragem' interior e exterior na vida da Ellen.

Por sinal, esta explicação [grande parte dela eliminada aqui] pareceu 'certa' à Ellen na altura, muito embora eu não tivesse discutido coisas como probabilidades e tempo simultâneo com ela antes..."

Para a semana de 11 a 18 de junho de 1974:

12 de junho, Betty DiAngelo: "Aula muito cheia e num local diferente do apartamento da Jane. Foi dito ao Tim e a mim que tínhamos perdido o G. [um professor local de ciências políticas que se especializa no Médio Oriente]."

13 de junho, Derek Bartholomew: "A Diane Best e eu estávamos com o Ira Willis e o resto da aula numa praia do oceano. Depois de termos caminhado pela areia durante algum tempo, a Diane e eu fomos com alguns dos outros ver um filme. Não me recordo sobre o que era, mas havia muita gente no auditório."

13 de junho, SMW: "Longo, longo sonho no qual tenho uma clínica veterinária de pequenos animais. Surgem objetos de cirurgia estranhos de aço inoxidável. Muitas pessoas vêm a casa. Um cavalo

entra para me ver, por sua conta. Vários membros da aula chegam de uma viagem de acampamento. O George Rhoads e eu dançamos uma valsa na cozinha enquanto se prepara uma refeição."

16 de junho, SMW: "Um longo sonho sobre a Diane Best e o Ira Willis. O Ira senta-se no meu canteiro de morangos e fala sobre a escola para pessoas 'famosas' onde está a ensinar. A Diane aparece, maior do que a vida, por cima do ombro direito dele, com o cabelo coberto por um lenço de pano apertado, carregando uma bandeja de biscoitos. Nós os três, juntamente com a [membro da aula] Deeana Bowman, fazemos uma viagem em dois pequenos carrinhos vermelhos de criança. Muita conversa sobre a Diane e o poder (particularmente o poder físico) e as suas interpretações de Sumari. Discutimos o Médio Oriente e a situação tensa que lá se vive."

18 de junho, Derek Bartholomew: "Sonho com a aula, mas o único detalhe invulgar de que me recordei foi que o Willy, o gato da Jane, também teve permissão para assistir."

18 de junho, George Rhoads: "Noto o [William] Styron [autor de *The Confessions of Nat Turner* e *Sophie's Choice*, e amigo do George] na aula. Ele está lá com dois amigos semelhantes. Uma casa cheia de gente. Uma refeição preparada por algumas mulheres. Grandes biscoitos brancos e manteiga — um tipo de refeição diferente, mas eu como-a. Grandes bíceps no Geoffery B. — que o Seth lhe deu. Sento-me por ali com coisas novas especiais que trouxe do sonho — arame farpado de aço inoxidável? Flores desmaterializadas..."

Para a semana de 17 a 24 de setembro de 1974:

20 de setembro, Betty DiAngelo: "Na aula estamos a discutir os animais em ligação com os humanos. Um casal de São Francisco relata um encontro no qual uma grande cobra rastejou pela janela do quarto deles e o bode deles despachou-a prontamente, fazendo um trabalho num cenário macabro. Relatei depois que o Tim e eu tínhamos tido um acontecimento semelhante, mas foi o nosso gato que matou a cobra."

24 de setembro, SMW: "Uma mãe caniche está a ser perseguida por toda a gente. Ela entra pela janela do meu quarto. Tento salvá-la, e

acabo por salvar apenas os seus dois cachorrinhos. Mas eles parecem-se tanto com ela que tenho de os tirar dali rapidamente para que ninguém os mate a tiro. Entro numa loja de ponto de agulha e vejo um livro enorme sobre padrões de ponto de agulha medievais. Vejo tapeçarias com unicórnios, bodes, sereias nelas. Depois chego a um elevador para outro universo.

Os membros da aula Phil Levine e Pete Sawyer [que se mudou para Elmira no início dos anos 70 da sua cidade natal, São Francisco] estão a conduzi-lo. Está cheio. Penso na cena final e macabra do filme do Jack, o Estripador que vi uma vez, na qual o Jack, o Estripador fica esmagado debaixo de um elevador e o sangue escorre por baixo dele." [Nota: O Tim e a Betty não estavam na aula nesta altura — andavam a fazer uma viagem de férias de uma ponta à outra do país.]

Para a semana de 24 de setembro a 1 de outubro de 1974:

26 de setembro, Derek Bartholomew: "A aula foi mudada para um edifício grande onde nos ia ser mostrado un filme de compreensão diabólica (ainda não tenho a certeza do que queria dizer com isso). O filme tinha sido feito em 1916 e era a preto e branco. Não conseguíamos compreender a língua do filme, por isso um homem grande trouxe um pergaminho e começou a ler a partir dele. Cedo isto se tornou incompreensível por causa do sotaque do homem... Saímos pouco depois de o filme terminar."

26 de setembro, SMW: "Numa casa grande com antiguidades ornamentadas e superlotadas, chãos polidos, papel de parede azul brilhante com desenhos de teia dourada, rendilhados nas portas. Uma festa a decorrer para muita gente, incluindo membros da aula. Depois dou comigo, com o George Rhoads e com outra rapariga a saltar de paraquedas de um avião da Primeira Guerra Mundial. Aterramos perto de um teatro e entramos. Um grande público está a assistir a um filme porno feito na época da Primeira Guerra Mundial. Isto parece culminar com toda a gente a sentir-se sexy exceto eu, e sinto que não devo ter compreendido o que se estava a passar."

Para a semana de 16 a 23 de dezembro de 1974:

16 de dezembro, SMW: "A minha mãe e eu estamos no Peru quando um vulcão entra em erupção [tenho um primo, um padre

católico, que vive no Peru], vejo isto claramente. A lava escorre; as cinzas enchem o ar. Encontramos um carrinho catita. A cinza toca no nosso carro e é magia; escapamos para a zona da Cidade Velha do Luxemburgo, onde vemos jardins suspensos, trepadeiras a crescer nas casas velhas, etc."

16 de dezembro, Betty DiAngelo: "O Seth está a dizer-nos que a atmosfera está muito carregada com contaminantes insalubres, particularmente perigosos para crianças pequenas. A aula é ao ar livre — a atmosfera aqui é de latadas, passagens e jardins."

23 de dezembro, Will Petrosky: "Aula. Uma festa gigante. É salpicado algum pó mágico. Uma Kali gigante [uma divindade hindu] aparece e faz uma dança."

Para a semana de 4 a 11 de março de 1975:

4 de março, George Rhoads: "Escavação de uma cave para revelar antigos baixos-relevos, esculturas e textos. O grupo que ali se reunia fez também outros escritos. Reúno-me ali com um grupo, o meu pai incluído, para ver alguns objetos trazidos para nossa inspeção — longas peças de barra de aço com espelhos em cada extremidade e no meio. Adivinhei acertadamente que se tratava de espelhos de camião, periscópios duplos, permitindo ao condutor ver atrás de si a partir de cima ou de baixo..."

5 de março, Derek Bartholomew: "Eu ia a conduzir pela estrada com alguns membros da aula, parando para visitar vários museus para ver os trabalhos dos artistas."

5 de março, George Rhoads: "Um grupo de várias pessoas vai a um campo onde há uma espécie de Stonehenge fona feita de contraplacado e cartão. Há pessoas a andar de asa-delta ao longe. Queremos levar um pouco do contraplacado e fazer asas-delta. Depois, numa sala grande — apartamento? — alguém nos ajuda a fazer asas-delta a partir de uma trave de madeira unida numa extremidade com um parafuso."

5 de março, SMW: "Dois aviões fazem círculos rasantes sobre a casa. Com formatos estranhos, como asas-delta, eles são de outro tempo e espaço, penso eu. Um abalroa o outro e ameaça despenhar-se

contra a casa. Corro pela rampa de acesso ao jardim. Vejo que a casa e a propriedade são na realidade museus cuidadosamente mantidos; ilusões preservadas no meio de uma cidade gigante e imunda. Ocorre-me que esta é uma forma bastante fona de preservar a história — fazer de nós um 'Zoo Através do Espelho'."

Para a semana de 31 de dezembro a 7 de janeiro de 1975:

A 3 de janeiro, um familiar meu foi levado à pressa para o hospital para uma cirurgia de urgência, sofrendo de uma perfuração intestinal e peritonite. O meu familiar recuperou; no domingo, 5 de janeiro, registei o seguinte sonho:

"Faço parte de uma equipa de investigação que ensina animais a ler. Uma injeção de uma substância chamada KGB dá às suas células cerebrais a capacidade de o fazer. Ratos e depois gambás escrevem cartas. Digo algo a alguém sobre a consciência ter liberdade para dar grandes saltos. Tudo isto parece ligado aos sintomas do [meu familiar] e às razões para a situação de urgência."

Sem eu saber, o George Rhoads registou este sonho no domingo, 5 de janeiro: "Fiz um buraco numa vedação para deixar os animais correrem por ali e fugirem de um incêndio num carro do outro lado da vedação. O fogo foi depois apagado com som."

Enquanto eu conduzia de volta a casa, para Dundee, nesse domingo à tarde, vi um camião de bombeiros encostar, com as sirenes a berrar, junto a um carro com o motor em chamas. Mais tarde, na aula, pensei como os dois sonhos e o incidente com o camião se podiam ligar à operação do meu familiar — o buraco na vedação (abdómen?) que é aberto para deixar os animais (emoções?) sair, para longe do fogo (infeção?) que é depois apagado com som (como o incêndio no motor do carro do George foi — motor equivalendo ao corpo; camião equivalendo à tecnologia?). No meu sonho, as células dos animais recebiam uma injeção por parte de investigadores médicos para os tornar mais intelectuais — para aproximar os seus instintos animais naturais (emocionais?) e a qualidade humana do intelecto (conforme o meu sonho a definia). Seria este o intento não oficial por trás dos problemas físicos do meu familiar?

O Seth dava de facto algumas interpretações de sonhos fascinantes na aula — por vezes antes de a pessoa ter explicado o sonho a quem quer que fosse, incluindo a Jane (um exemplo interessante de telepatia em transe). Mas mais do que interpretações, o Seth — e todo o contexto da aula — dava aos membros uma ajuda inestimável para aprenderem a sonhar; para aprenderem a abrir e a interpretar por si próprios toda essa esfera de consciência. Para alguns de nós, isto não era tarefa fácil.

Numa noite de junho em 1973, o Seth manifestou-se com um eloquente solilóquio sobre a "realidade" do sonhar. Foi, como de costume, pertinente e profundo, mas assim que terminou, a Florence MacIntyre tomou a palavra: "Se esta é uma parte tão importante da nossa vida, então porque é que não nos conseguimos lembrar de mais dessa parte?", perguntou ela. "Não me lembro de nada." Lembrar-se sequer de uma parte minúscula de um sonho no espaço de meses já era uma proeza para ela, suspirou a Florence.

"Ora, tu fizeste a pergunta de uma maneira geral, mas ela não pode ser respondida dessa forma," disse o Seth, sorrindo para ela. "Portanto, a resposta que daremos à nossa Senhora de Florença será pessoal. Mas é melhor que cada um de vós a aplique às vossas próprias vidas e crenças."

O Seth recostou-se na cadeira, fechou os olhos da Jane e segurou-lhe o queixo com a mão. "Tu ainda tens medo do eu interior," começou ele. "Tu ainda não confias nos teus sonhos, e tens medo deles. Tu não queres lembrar-te deles. Quando dás sugestões a ti própria de que te vais lembrar dos teus sonhos, muitos de vós não o dizem com intenção —" o Seth abriu os olhos e olhou para a Florence " — como tu não o dizes com intenção. Tu tens medo daquilo que podes encontrar, e ainda tens medo de um sonho em particular, e tu sabes a qual me estou a referir.

Tu podes mudar o final do sonho ao compreenderes a natureza da realidade — que és tu que a formas. Enquanto tens medo da realidade do sonho, tens medo daquilo que pensas como a realidade 'real'. O sonho [da Florence] expõe belamente o teu dilema na vida física, mas

tu tens medo de o resolver ou até de o enfrentar, seja na realidade física seja na realidade do sonho.

Ora, isto aplica-se a muitos de vós. Podeis dar sugestões a vós próprios durante séculos, e dizer, 'Eu vou lembrar-me dos meus sonhos,' enquanto ao mesmo tempo pensais, 'Os sonhos são perigosos. São uma parte de mim que eu não quero conhecer.' E se é nisso que realmente acreditas, não vais prestar nenhuma atenção às tuas [próprias] sugestões!

Tu deves acreditar no poder e na energia e na força e na glória do teu ser, e saber que os problemas são desafios para tu resolveres. Eles estão lá para ser resolvidos! Enfrenta-os então alegremente, e a ti própria, sabendo que quando conheceres o teu eu inteiro, acordada ou a dormir, ficarás satisfeita — como na velha lenda, Deus ficou satisfeito quando criou o mundo.

É apenas quando não te conheces a ti própria que temes [que] és má, e [tens] medo de olhar para dentro de ti própria. Mas quando abres essas portas, ficas maravilhada com a imensidade e a graça do teu próprio ser."

"O que é que está," perguntou um aluno, "além da nossa dimensão de consciência?"

A aula desatou a rir. Como se já não tivéssemos problemas suficientes para compreender esta! "O riso," respondeu o Seth em voz alta, "é a resposta!

Ora, praticamente falando, claro, há uma solução," continuou o Seth para a Florence e para os restantes de nós, "e é esta: Para de te encolheres! Não te encolhas diante da tua própria crença de que o eu interior é assustador, ou de que és uma pessoa má, ou de que, embora sejas boa, há coisas más escondidas lá em baixo. Diz a ti própria, e convence-te, de que dado que és uma parte de Tudo-O-Que-É, tu és — à tua própria maneira, agora — uma expressão única de Tudo-O-Que-É; e não há nada em Tudo-O-Que-É de que se deva ter medo; e não há nada em ti própria de que se deva ter medo. Diz isso a ti própria frequentemente, e pensa e sente isso, e isso vai chegar até ti. Mas quanto mais dizes a ti própria que tens medo dos teus sonhos, ao

mesmo tempo que dizes a ti própria que te queres lembrar deles, estás num dilema. E, novamente, isto aplica-se a todos vós."

O Stewie Gould tomou a palavra desta vez. "Quando eu sonho, e depois acordo, é como se desse tudo por garantido. É tão óbvio que me vou lembrar do sonho que nem sequer o escrevo — e volto a dormir e depois acordo e percebo que já não me lembro dele e que devia tê-lo escrito! Como é que isso acontece?"

"Isso aplica-se a toda a gente," respondeu o Seth. "O problema e a solução. O problema é simplesmente que tu te enganas a ti próprio. Tu sabes muito bem, porque já aconteceu muitas vezes, que se não o escreveres vais esquecê-lo — e apenas uma parte de ti o quer fazer."

"Eu costumo dizer a mim próprio," disse o Stewie. "Mas depois, parece que faço um julgamento, tipo, se for bom, escrevo-o; se for um sonho mau, então não escrevo."

"Esse é o teu problema!" declarou o Seth. "Tu não devias fazer o julgamento! Limita-te a escrever [os sonhos]!

Ora, o Ruburt já disse isto frequentemente, e aplica-se novamente a todos vós. O próprio hábito [que] se estabelece à medida que escreves os teus sonhos e os recordas, abre canais entre aquilo em que pensas, agora, como os teus eus consciente e inconsciente. O treino ensina-te a mudar de um nível de realidade para outro, e a trazer de volta as tuas iguarias em ambas as mãos. Quer o sonho seja ou não importante nos teus termos, podes usar este treino."

E no decorrer deste "treino" de sonhos, era talvez inevitável que o Seth aparecesse nos nossos sonhos com uma frequência tão pontual, fosse como o cavalheiro seráfico retratado na pintura do Rob (reproduzida em *The Seth Material*), como a Jane em transe, ou nalguma combinação de cenário de sonho entre os dois. O Seth era, escusado será dizer, uma característica tão marcante da aula que teria sido antinatural se ele e a Jane tivessem faltado aos sonhos com a aula.

No entanto, teria o Seth, como uma entidade independente, entrado realmente nos nossos sonhos da mesma maneira que nós entrávamos na sala de estar da Jane? A questão é matreira, dado que lida igualmente com as questões de quão "reais" eram as nossas

próprias aparições nos sonhos com a aula — e, novamente, com a "realidade" dos acontecimentos mentais.

Eu penso, claro, que usávamos livremente o Seth — assim como a Jane e o Rob — como símbolos de sonho facilmente reconhecíveis, tranquilizadores e consistentes: direção, autoconhecimento e poder pessoal ordenadamente embrulhados em personae familiares. E como ele nos alertou tantas vezes para fazermos, este era um método de seguir o "Seth em nós mesmos".

A diferença, na minha opinião, entre estas aparições em sonhos e o tipo de relato que a Jane tão frequentemente recebe — no qual o Seth falou com, ou através de, outra pessoa, ou se materializou numa sessão espírita em Chicago — tem a ver, em parte, com as suposições dos percetores. É verdade que as pessoas em qualquer lugar podem usar o Seth (ou Jesus, ou o Sr. Spock, ou quase toda a gente) para um encontro com o seu próprio conhecimento interior — e com sucesso, com boas e válidas intuições. Mas o fenómeno Seth-Jane-Rob, à medida que desenvolve e investiga os reinos da consciência, é apenas em parte uma experiência de mediunidade (conforme o termo é habitualmente definido).

O sonhar em grupo, a exploração de probabilidades, a "construção" de uma "Cidade Interior" (ver Capítulo 10) e outros exercícios semelhantes que desafiavam os limites da realidade física eram experimentados na aula por uma razão: as nossas experiências davam um reflexo imediato de como a lógica interior, voltada para fora no mundo diário, nos pode dar uma compreensão real dos alicerces da existência, e alguma tranquilidade prática de que o indivíduo pode de facto fazer a "diferença" dentro dos seus momentos privados.

"Ora, dentro de vós próprios, cada um de vós tem o seu velho homem sábio," disse-nos o Seth uma vez a propósito da sua imagem nos nossos sonhos. "Cada um de vós tem dentro de si próprio a sua criança eterna. Cada um de vós tem dentro de si próprio janelas que se abrem para as vossas próprias realidades — mesmo aquelas realidades que não conseguis traduzir nos vossos termos. Eu sou um veículo,

como o vento é um veículo. Eu sou uma janela, como aquela janela o é. Sou composto por aquilo que vós sois, e por aquilo que eu sou.

E é verdade dizer, como eu disse, que as flores falam com uma voz eloquente, se ao menos escutásseis, e que as flores são também o que vós sois, se o soubésseis. Parte de um botão de rosa de há um mês pode agora ser algo inteiramente diferente. E as células que agora brilham através do teu braço podem ter sido as bochechas de um chinês, ou um ramo a acenar ao vento. Tu falas pelo ramo, enquanto cuidas do teu dia. E eu falo por ti enquanto cuido do meu dia bastante diferente.

Mas cada um de vós cresce em todas as direções. Vós… enviais antenas, e a comunicação e a energia voltam para vós à medida que enviais comunicação e energia. E mais chega até vós através da minha voz do que as palavras, como muitos de vós já sabem a esta altura. As palavras fazem sentido para vós, e vós escutais-me. Mas dentro das palavras, onde a mente não encontra razão, existem também comunicações; e vós aceitais essas também e aquiesceis a elas, porque são uma parte da vossa própria realidade maior.

E quando eu falo, desperto o grande e velho homem sábio em cada um de vós para que o escuteis, pois ele fala dentro dos vossos sonhos sob o disfarce que quiserdes. Mas não vos esqueçais de que [também] existe a velha mulher sábia!

Os vossos sonhos são o outro lado da vossa vida desperta, tal como a vossa vida desperta é o outro lado da vossa vida de sonho. Lembrai-vos disso, quer estejais acordados quer a sonhar. Se vos lembrardes disso quando estais a sonhar, tornar-vos-eis despertos e vivos; e se vos lembrardes disso quando estais acordados, tornar-vos-eis sonhadores e vivos!

Vós estais agora a sonhar que estais acordados. Nos vossos sonhos eu falo-vos — no vosso sonho de vigília. Quando sonhais, sonhais que sonhais; e sonhais que eu vos falo nos vossos sonhos. Vós estais acordados, quer acrediteis que estais acordados quer a sonhar. Vós estais a criar realidades, quer finjais ou não que estais a sonhar realidades.

Os átomos e moléculas dentro de vós sonham que existem pessoas. Quão real é o sonho deles para vós! Quão profundo transe é a vossa vida! Quão profundo transe, nos vossos termos, é la vida de um sonho!

Quão real é um sonho? O que vos faz pensar que existe alguma diferença entre aquilo de que pensais como um sonho, e aquilo de que pensais como realidade? Vós assumis que um sonho é menos real; no entanto, através daquilo de que pensais como a vossa vida de sonho, vós fazeis a vossa vida física. Vós fazeis o trabalho nos vossos sonhos que vos permite sobreviver em termos físicos. Vós escolheis num estado de sonho as realidades prováveis que depois tornareis físicas. Vós trabalhais mais arduamente nos vossos sonhos — mas de forma brincalhona!

Não direi mais. Quero que sintais o que eu disse. Onde estaríeis vós se não fosse o sonho do átomo?

Se os átomos sonham os seus sonhos conjuntos sobre vós, com quem sonhais vós, e que realidades formais? Ora, o sonho dos átomos é um sonho gestalt embora continue a ser individual, e vós sonhais individualmente; e no entanto encontrais-vos em sonhos, e existem sonhos de massa. Estou a fazer-vos perguntas agora, mas ao contrário de vós, eu não exijo respostas instantâneas!

O que eu quero que me digais é isto: Quão cientes estão os vossos átomos das vossas vidas individuais, e quão cientes estão os produtos das vossas vidas de sonho das vossas realidades… e vós deles? Será que as estrelas sonham?

Essa é a vossa tarefa. Todo o grupo de perguntas. Procurai as respostas através do vosso intelecto, da vossa intuição; e dirigi as perguntas a vós próprios antes de sonhardes.”

NOTAS

1. *Seria alguma vez “prático” reter imediatamente em terra todos os aviões DC-10 com base na chamada telefónica de um único sonhador? No entanto, com crenças diferentes relativas à natureza da psique, talvez a qualidade dos sonhos de David Booth — assim como os seus próprios sentimentos de*

certeza — tivessem sido reconhecidos, e algo mais tivesse sido feito. Como as coisas correram, após a queda em Chicago, uma investigação da FAA revelou de facto uma fraqueza estrutural no desenho do motor da asa e os DC-10 foram retidos em terra para inspeção geral após este desastre aéreo; talvez o sonho de Booth contivesse a intensidade de um perigo maior.

Outro caso de reconhecimento "oficial" de sonhos ocorreu dois meses após a queda do DC-10: uma mulher do Connecticut relatou a sua visão de uma catástrofe nas Cataratas do Niágara. De acordo com os relatos das notícias, ela viu uma barragem de rochas acima das cataratas ruir e uma enxurrada de água afogar um grupo de crianças surdas a bordo do barco de cruzeiro *Maid of the Mist*.

O Corpo de Engenheiros do Exército fez uma verificação da parede de contenção em questão, mas não encontrou nada de errado. Várias horas mais tarde, contudo, um sensor sísmico ferrugento deu um falso aviso de uma fratura rochosa no miradouro de Terrapin Point. Essa área foi fechada até que uma investigação posterior provou que se tratava de um mau funcionamento do mecanismo e não de um desmoronamento iminente de rochas.

Mas o que *tinha* a mulher captado? Probabilidades? Um aviso de que o sensor precisava de ser reparado, tal como o desenho do DC-10 precisava de reparação? Um sentimento de ruína a invadir a sua vida, combinado com uma necessidade de drama e com o tipo de exposição mediática que David Booth tinha alcançado brevemente? No entanto, mais uma vez, neste incidente, a visão foi tratada com algum respeito — neste último caso, verificada.

2. Em articulação com os relatos dos jornais sobre a experiência de David Booth, o George Rhoads enviou-me a seguinte nota: "Ao ler sobre os sonhos que previam a queda do DC-10 a 25 de maio, lembrei-me de um pesadelo terrível que tive a 15 de [maio]. Cito-o conforme o escrevi:

'A ruína de um edifício grande. Tetos muito altos, telhados cheios de buracos, alguns enormes. Escala vasta. Ao início, estava tudo bem. O Paul [filho do George] levou-me a um quarto onde estavam coisas que ele tinha tido em criança — recordações, coisas velhas. Ele disse-

me que havia máquinas — caldeiras enormes — na parte superior do edifício. Fui ver. Grandes traves oscilantes e motores com centenas de metros de altura, em ruínas. Caldeiras a estenderem-se pela distância, tubos. Depois algo caiu de um lugar alto — uma peça de maquinaria — e quando caiu, fez uma chuva de faíscas e um impacto terrível.

Depois caíram outras coisas, e havia pessoas a ser esmagadas. Corri pelas escadas abaixo. Um homem estava à minha espera, para me guiar para fora. O Paul ainda estava na parte superior. Poeira e ruído e desmoronamentos por todo o lado. Gritei pelo Paul, para que ele conseguisse encontrar o caminho, mas sem resposta. Voltei, mas não consegui ir longe por causa da poeira e do ruído. Pessoas a morrer. O homem estava comigo, à espera…

Acordei deste sonho a gritar e a chorar. As mortes — o terror — foram bastante vívidos!"

É uma especulação interessante que o sonho do George possa ter sido o seu próprio preconhecimento pessoal e interiorizado de um acontecimento mais público. Especulação — mas nada de específico. Um ponto adicional a considerar, contudo: Uma das 275 pessoas que morreram no acidente foi a escritora Judith Wax, que tinha publicado o seu primeiro livro, *Starting in the Middle*, escassos meses antes de morrer. O livro lida de forma bastante exclusiva com crenças que veem a senilidade, a doença e a decadência geral como inevitabilidades "racionais" com as quais se tem de lidar na "meia-idade" — a começar no início dos quarenta anos! A Sr.ª Wax e o George são de uma idade contemporânea; o George também conta com vários escritores conhecidos entre os seus muitos amigos artistas. Medos privados e públicos, ligados? Novamente, especulação interessante — "Tu crias a realidade que conheces, individualmente, e em massa" — mas nada mais.

3. Durante os anos de aula, quase toda a gente guardava registos de sonhos, os quais líamos quase todas as semanas. Com exceção dos casais, ou com aqueles poucos membros que entravam em contacto social durante a semana, havia pouca comparação de sonhos entre as terças-feiras, embora se algo de realmente emocionante acontecesse, os

alunos ligavam para a Jane com descrições de sonhos. Mas, em geral, os sonhos que líamos em voz alta ou relatávamos durante a aula eram novos para os outros membros.

No tempo decorrido entre as últimas aulas regulares e o pedido do meu questionário de registos de sonhos, contudo, muitos membros perderam os seus cadernos ou — valha-me Deus e santa paciência! — deitaram-nos fora. Alguns não dispunham do tempo considerável necessário para os copiar para mim; outros não responderam a essa parte do questionário ou não se lembravam dos seus sonhos, para começar — ou (que dor de cabeça!) não dataram os seus sonhos quando estes ocorreram. Alguns, como a Betty DiAngelo, o Darren Stephens, o Derek Bartholomew, o George Rhoads e outros, copiaram generosa e laboriosamente os sonhos que pedi; e, claro, eu tinha todos os meus próprios cadernos de sonhos, as minhas notas de correlação e as feitas por outros; e observações feitas pelo Harold Wiles nas cópias das sessões da aula. Portanto, as histórias destes capítulos de sonhos são compostas por essa combinação de registos. Isto, escusado será dizer, deixa de fora muitos sonhos de ligação por simples falta de espaço. Um dia gostaria de ver todos os sonhos dos membros da aula disponibilizados para estudo; seria uma peça de investigação fascinante — se bem que inacreditavelmente demorada.

4. "Mais tarde," nota o Matt, "o Seth disse que o sonho tinha sido válido — (não me digas, detetive!) — e que a comunicação tinha vindo de uma camada diferente da personalidade da minha mãe… " De facto, o Seth fez várias observações sobre a mãe do Matt durante uma sessão de ditação de livro não muito tempo após a morte dela:

"Nos vossos termos… a mãe do Matt tomou a sua decisão [de morrer] aproximadamente três anos [antes do acontecimento]," disse o Seth. "Uma grande parte do seu intento e foco começou a ser dirigida para outro lugar. Na vossa probabilidade, a morte oficial acaba de ocorrer. Há três anos, contudo, essa personalidade também tomou outro rumo, onde outra decisão, a de viver, foi tomada. Nessa probabilidade, os pais do Matt mudaram-se para a Flórida. Um ponto fulcral surgiu na relação dos pais um com o outro. Nos vossos termos, os pais puxaram do passado para o presente certos elementos que há

muito tempo os tinham unido. Essa probabilidade, contudo, não é a que é considerada a oficial.

Tais coisas são quase impossíveis de explicar. Quando a consciência se divide de si própria, o 'original' não fica menor, mas ocorre uma nova síntese. Tais nascimentos psicológicos ocorrem frequentemente mesmo numa só vida, escapando por completo à vossa atenção. A mãe com quem o Matt se relacionava nos termos habituais terminou esta experiência terrena particular, e começa outra experiência com as memórias até ao momento da morte.

A outra parte dessa personalidade representa pontos de contacto e de relacionamento entre os pais que se reagruparam, e essa mulher viverá até aos seus oitenta anos, morrendo com as suas memórias da Flórida. Isto, claro, pressupõe o pai provável do Matt, que também fez a viagem para a Flórida. Dinâmicas psicológicas governam tais questões, e forças emocionais conforme se agrupam e reagrupam. Em grande parte inconscientemente, a mãe do Matt começou há três anos, na vossa realidade, a planear o que nos vossos termos será a sua vida futura, e a energia não usada aqui foi utilizada para formar um grande padrão geral no qual as experiências da próxima vida pudessem fluir. Foi a esse nível profundo que ela contactou o Matt no estado de sonho.

O eu é perfeitamente capaz de manter o registo das suas próprias viagens em várias realidades e tempos, e não sente confusão. Todas as ações mentais ou psicológicas ocorrem, do vosso ponto de vista, com uma rapidez e um equilíbrio nativo que podem parecer canhestros apenas quando tentais definir tal atividade. Nesses termos, cada instante da vida procura a conclusão e a realização, quando obviamente dentro do vosso contexto de tempo e limitações isto é uma impossibilidade. Vós apenas mantendes o registo de uma pequena parte da ação, então.

As probabilidades fundem-se e intersetam-se em cada ponto do vosso tempo de vida. Vós tendes, num único período de vida, literalmente milhares de caminhos de vida alternativos prováveis que tomais, de forma tão legítima como tomais o caminho de vida que oficialmente reconheceis."

5. Ficar “desperto” em sonhos é uma experiência que te podes treinar a fazer — sugerindo, simplesmente, que o farás! Ou diz a ti próprio que quando sonhares com uma determinada pessoa, lugar ou coisa — digamos, sempre que encontrares algo desarmonioso (como papel de parede nas paredes que pintaste por cima há dez anos) — que ficarás ciente de que estás a sonhar. É uma experiência indescritivelmente profunda; por um lado, estabelece uma ligação de conhecimento entre o teu eu que sonha e o teu eu desperto e tende a dar-te um certo tipo de “coragem” na exploração dos sonhos (e, quem sabe? — talvez no estado desperto também).

6. Esta parece ser outra alusão precoce ao conceito de contrapartidas (ver Capítulo 18). Também me lembra os meus grupos de discussão de sonhos da infância, que eram quase completamente compostos por estranhos.

7. Novamente, ver Capítulo 10, Volume 1, deste livro.

8. No romance da Jane, *The Education of Oversoul 7*, as personalidades terrenas — ou aspetos — da entidade Oversoul Sete unem-se através do tempo e do espaço em “reuniões” de sonho, ou tribunais.

9. De acordo com o Matt Adams, o Seth estava a aludir a algumas experiências estranhas que a Jane, o Rob e o Matt andavam a discutir mais cedo nesse dia, antes da aula. “Durante uma hora de almoço não muito tempo antes,” escreve ele, “eu andava a caminhar num parque de Nova Jérsia com vista para o Rio Hudson. Comigo estava um amigo chamado Frank, que era bastante mais cético e ortodoxo do que eu. Era um dia de sol brilhante. Estávamos a olhar através de uma aberta nas árvores para o rio lá em baixo quando, de repente, uma ave deslizou para fora de uma árvore a menos de 10 metros de distância, mais ou menos ao nível dos olhos.

Tinha o dobro do tamanho de um gaio-azul, com talvez uma envergadura de asas de sessenta centímetros. O seu bico era bastante espesso, cor de meloa e rombo na ponta como o de um papagaio-do-mar ou de um flamingo. Tinha uma crista tipo a de um pica-pau na

cabeça, e as suas penas eram de um azul vivo. Mas o mais estranho de tudo eram as manchas brancas quadrangulares amplamente separadas, com perto de dois centímetros e meio de largura, sobre as suas asas e dorso.

Visível por talvez dois segundos, a ave mergulhou silenciosamente para cima, para a folhagem de outra árvore, e perdeu-se de vista. O Frank e eu olhámos um para o outro e, quase num só fôlego, perguntámos: 'Tu viste aquilo?' Durante todo o caminho de volta para o escritório, partimos a cabeça a pensar em todas as espécies de aves que pudessem corresponder ao que tínhamos visto e concluímos, desconfortáveis, que simplesmente não havia nenhuma! Mais tarde, o escritor Brad Steiger disse-me…

Mas enquanto este avistamento estava ainda irritantemente fresco na minha mente, relatei-o à Jane e ao Rob, que disseram que uma vez uma ave que nenhum deles conseguia identificar tinha entrado no estúdio de pintura do Rob. A Jane citou a velha crença irlandesa de que uma ave numa casa pressagia uma morte na família; embora não me recorde se a ave desconhecida deles previu o falecimento de algum dos seus pais. Em todo o caso, toda a questão de *oiseaux* improváveis estava decididamente no ar naquela terça-feira à noite."

10. O Vale de Engadina, no sudoeste da Suíça, inclui estâncias tão conhecidas como St. Moritz e Davos. Uma das peculiaridades da região é a sua língua nativa, o romanche, que não tem origens claramente definidas, ao contrário das línguas de base germânica e latina que a rodeiam. Alguns linguistas acreditam que o romanche pode estar mais relacionado com o finlandês do que com as outras línguas românicas; mas a sua existência em Engadina continua a apresentar uma espécie de mistério. Este tipo de raridade linguística sempre me fascinou; e parecia representar, muito antes de eu o conseguir expressar em palavras, as convoluções do tempo e do espaço que estão escondidas, geralmente, dentro da privacidade da própria psique. Talvez isto seja em parte responsável pela ligação que se sugere existir entre o sonho da Jane e o meu, e a experiência da Ellen com a câmara.

11. Ver *Psychic Politics*, Capítulo 17, para o registo da Jane de outra "aula provável", ou série de sonhos correlacionados.

CAPÍTULO QUINZE

Outras Expedições: Projeções Fora do Corpo e as Portas de Chifre

REPETIÇÃO DAS NOSSAS CONSTANTES CRIAÇÕES

Somos as mudanças da vida a piscar num acende e apaga tão rápido que não notamos a repetição de constantes criações a massajar-nos para a sanidade.

Somos um grande e feliz povo da surpresa do policial a cruzar o nosso íntimo a apertar as mãos. Pénis estendido e vagina pretendida mentes interbloqueadas de ajuste em quebra-cabeças suavizadas pelo tempo devido a tombos intemporais.

O sonho daquilo que somos nós somos. — Barrie Gellis, 1972

"Estou fora do corpo sobre uma paisagem rural verde — voo sobre uma cidade poluída. Tento chegar a Elmira… com a Lauren. O Seth tem noventa centímetros de altura e dá um sermão sobre realidades prováveis. Depois encontro uma Jane provável — que vive com a sua mãe e a sua filha!" — Projeção fora do corpo de Will Petrosky, 21 de novembro de 1974

"Sonhos Verdadeiros vindos das Portas de — o-o-o-q-u-ê?!"

Mais uma vez, aqueles velhos sinais de alarme agitavam-se no meu cérebro. Alarmes de incêndio, sirenes de ataque aéreo e sinais de Proibido Caminhar faziam-se ouvir também. Mesmo na noite anterior, tinha calhado ver parte de um documentário televisivo sobre um clã de Meher Baba — no qual os seus discípulos dançavam em redor de uma

grande fotografia de Baba enquanto atiravam pétalas de rosa e arroz (arroz selvagem orgânico, muito provavelmente) aos pés da imagem. Quase tinha gritado com um horror envergonhado: seria aquilo o aspeto que a nossa aula de PES tinha para as outras pessoas? Estaríamos nós apenas sentados em adoração em redor dos pés da Jane/Seth, a atirar pétalas de rosa simbólicas em troca esperançosa pelas Respostas para a Vida? Seríamos nós apenas mais um ganido no rugido geral que alguns tinham rotulado desdenhosamente de "Eu-ismo"?

Na verdade, tenho a certeza de que este tipo de sentimento — de forma menos exagerada — cruzou a mente de cada membro da aula numa altura ou noutra; e, basicamente, demonstrava o sentido de equilíbrio que estávamos a aprender a alcançar. Mas esta coisa, esta nova sugestão de sonho que o Seth nos tinha acabado de fazer, tinha-me deixado mesmo fora de mim — muito embora eu fosse em breve descobrir que me relacionava facilmente, como a maioria dos membros da aula, com o seu ímpeto de sonhar.

Tínhamos andado a discutir as nossas crenças sobre a "verdadeira responsabilidade" e o amor naquela terça-feira de maio em 1974, quando o Seth entrou na conversa. "Quando dizes 'Eu amo-te' porque achas que tens a responsabilidade de dizer, 'Eu amo-te,' quando não sentes a emoção por trás dessas palavras," relembrou-nos o Seth energicamente, "então és um mentiroso, e a outra pessoa sabe-o! Tu não estás a responder a essa pessoa, e pode ser que apenas isso — a tua resposta privada — fosse o que elas queriam, e não as tuas mentiras..."

Ah, o amor! Esse grande, eterno, perplexo, consumidor, cheio de crenças e dilacerador assunto! Mentiras e verdades, amores e ódios. "Se não existem divisões no eu," tinha observado alguém mais cedo, "então porque é que se pode amar e odiar uma pessoa ao mesmo tempo?" Uma velha pergunta, infinitamente esmiuçada. "Se não existem divisões no eu," tinha retorquido outra pessoa, "então porque é que nunca sentes apenas uma coisa simples sobre o que quer que seja ou quem quer que seja? Queres dizer que estamos todos condenados a sentir de vinte mil maneiras sobre tudo porque é assim que o eu 'indiviso' é?"

Então, sem mais preâmbulos, Seth deu-nos a sugestão para sonhos que tinha feito soar os meus alarmes internos:

— Durante a semana, antes de adormecerem, digam a vós próprios — se quiserem — que terão um «Verdadeiro Sonho dos Portões de Chifre» — disse ele. — Ora, esta é uma sugestão antiga, dada pelos Egípcios: os Portões de Chifre. Ainda não vos quero dizer o que significa; apenas vos peço que façam a sugestão a vós próprios — aqueles que quiserem! — para terem um Verdadeiro Sonho que ajude a harmonizar as partes do vosso ser. Isso faz parte da sugestão! Peçam um Verdadeiro Sonho que venha dos Portões de Chifre e que ajude a harmonizar as partes do vosso ser.

Seth fechou os olhos de Jane; Jane abriu-os imediatamente.

Alguém lhe explicou o que eram os «Portões de Chifre», enquanto eu permanecia amuado, a sentir-me miserável. Todos os outros tinham aderido à ideia de imediato. Tudo em que eu conseguia pensar era no grupo Baba, a dançar em volta daquela fotografia enorme e ridícula. Não reagia desta maneira com muita frequência às coisas que aconteciam na aula, mas, quando reagia, tendia a fazê-lo de forma extrema.

Naquele momento, queria abandonar a aula e ir para casa. E, no entanto... sempre aquele irritante «E, no entanto».

— Bem, isso parece interessante — disse Jane acerca dos Portões de Chifre, com leveza, sem grande entusiasmo. — Sou totalmente a favor de harmonizar partes do meu ser, sabes?

Depois olhou para mim e sorriu, percebendo instantaneamente a natureza do meu mau humor, e encolheu os ombros.

— Quem sabe? — ofereceu, a rir-se. — Às vezes conto contigo para reagires assim — acrescentou com carinho, antes de se virar para responder à pergunta de outra pessoa.

Depois da aula, conduzi sozinho para casa, tentando organizar as minhas dúvidas. Afinal, que diferença fazia uma sugestão para sonhos? Se realmente não gostasses da sugestão, então, por muito que dissesses a ti próprio antes de adormecer, não a utilizarias. O próprio eu protege-se muito bem dessa forma — exceto, observou outra parte

de mim, no caso dos pesadelos... bem, até os pesadelos eram instrutivos...

Mas que partes do meu ser estariam envolvidas? E o que significava «harmonia», afinal? Porque diabo aquilo me perturbava tanto? Perante a possibilidade de que os Verdadeiros Sonhos dos Portões de Chifre, ou de onde quer que viessem, pudessem realmente ajudar a harmonizar as partes em conflito do meu ser, estaria eu a resistir, preferindo os choques da indecisão à resolução? Estaria simplesmente a tornar-me demasiado introvertido ultimamente, demasiado analítico?

Estranho, refleti, que no dia anterior a esta aula tivesse sentido uma persistente e irritante sensação de zumbido no ouvido esquerdo. Tinha ido ao serviço de urgência do hospital local para ver se tinha lá ficado preso algum inseto ou qualquer outra coisa... mas não havia nada; o ruído acabou simplesmente por desaparecer. Era o mesmo ouvido em que já tivera abcessos por duas vezes; e — engraçado, na verdade — quem apareceu na aula daquela noite senão Juanita, que também tivera problemas de ouvido naquela terça-feira de 1971, quando Seth nos dera a ambos pistas sobre as causas dos sintomas — que, no meu caso, envolviam amor e/ou as partes em guerra do meu ser.

Hum... E depois — ah, mas isto já era demais — nessa manhã soubera que o médico que me tratara da última vez, em 1971, tinha morrido de uma doença maligna prolongada na terça-feira anterior. Como uma correlação em estado de vigília. Como uma estranha harmonia de circunstâncias. Bem...

Como habitualmente, não devia ter-me preocupado. Os «Verdadeiros Sonhos dos Portões de Chifre» tornaram-se efetivamente alguns dos sonhos mais extáticos, alegres e profundos que registámos; usados especialmente em períodos de tensão e interpretados à luz dos acontecimentos do quotidiano, os sonhos «TD/PC» eram descritos por todos os que os experimentavam como «diferentes — completamente diferentes» na sua intenção emocional e na sua relação contigo, o ser desperto/adormecido.

— Apercebi-me — diz Betty DiAngelo — de que todos os meus sonhos TD/PC lidam de alguma forma com a natureza; as duas realidades continuavam a fundir-se e eu tinha dificuldade em escrevê-los por causa disso... Creio que o fascínio que sinto pelas pinturas de Rousseau... se deve ao facto de todas aquelas cenas vibrantes de selva serem inspirações do tipo TD/PC...

— Em 29 de Maio de 1974 [a noite após a primeira menção de Seth aos TD/PC] — diz Betty — tive um sonho com a minha irmã; ela tinha tido um TD/PC, descobrindo o seu eu interior, próxima da natureza e das suas raízes como ser humano na realidade física. Impossível de descrever, mas a sensação era a de «a fonte de onde ela brota». Depois, em 19 de Junho; ao longo deste sonho, continuei a acordar... parecia ser tarde da noite e eu continuava a despertar (também) dentro do sonho, porque as motas lá fora me incomodavam.

A certa altura fui até ao alpendre, só que era um grande pátio cheio de cadeiras. Os meus vizinhos também estavam lá — o barulho mantinha-os acordados. Voltei para dentro e fui para a cama, depois despertei novamente ao ouvir música alta vinda do rádio no quarto [das minhas filhas]. Fui verificar... alguém estava a olhar pela janela dela — uma rapariga. Contei a Tim... e também pensei: «Tenho de descobrir porque é que isto está a acontecer.» Depois acordei de verdade. Eram duas da manhã e chovia torrencialmente; uma bela chuva de Verão. Fechei a janela porque o ruído da chuva era demasiado forte e voltei a entrar no sonho.

— Encontrei-me no exterior. Havia uma grande cúpula de plástico sobre o relvado. Um pirilampo estava preso lá dentro. Havia outro no exterior, esvoaçando como se tentasse chegar ao outro. Observei, fascinada. Antes de eu libertar o pirilampo preso, ele saiu sozinho. Os dois pirilampos partiram então juntos — uma cena belíssima. Depois começou a chover, no sonho... [mais tarde] Tim e eu estávamos de novo na cama, observando pessoas a aparecerem à nossa porta... um chefe índio, muito digno — todas figuras históricas. Durante todo o tempo eu tinha consciência da chuva incessante lá fora.

— Depois ouvi algo na cozinha, como um gato a arranhar a rede da janela, mas era uma rapariga estranha... depois tocou a campainha da porta da frente. Tim e eu olhámos um para o outro: aquilo era peculiar, todos aqueles visitantes às três da manhã, e estávamos um pouco alarmados. [Mas] havia uma multidão lá fora... e a sensação era de que eu conhecia o propósito e a mensagem, mas estes escapavam-me.

Metade da multidão era composta por crianças da vizinhança; todas tinham rostos luminosos e radiantes e... traziam-me presentes. A chuva tinha parado. Havia poças por toda a parte; a noite era enevoada e mágica — mas o facto de a chuva ter cessado tinha algo a ver com uma questão resolvida ou concluída. O mistério desfez-se, as crianças regressaram a casa. Havia canto...

— Depois acordei do sonho e estava deitada na cama a refletir sobre ele quando ouvi o meu nome pronunciado muito alto — e muito lentamente, como um disco a tocar à velocidade errada. A voz não era humana; parecia mais a voz de um computador — muito grave. Depois saí [realmente] para o alpendre. Eram quase cinco da manhã. A atmosfera era a mesma do sonho. Olhei para o céu e vi duas estrelas (em Gémeos), e soube que tinham alguma ligação com os dois pirilampos do sonho...

— Mais tarde, em Setembro, fiz novamente uma sugestão TD/PC. [O sonho começava com] algo relacionado com tráfico de escravas brancas... outra rapariga e eu escapávamos por uma estrada deserta. Encontrámos refúgio na cave de uma velha casa em ruínas, onde outras pessoas também se escondiam. Havia vários idosos, duas raparigas de treze ou catorze anos, uma criança de três anos e uma enfermeira. Tim entrou para nos avisar de que «o ataque» começaria em breve...

— Fiquei consternada ao ver que a cave não era totalmente subterrânea; grande parte dos alicerces estava exposta. As paredes estavam caiadas. Cada pessoa parecia muito silenciosa e encerrada em si mesma. As adolescentes dançavam discretamente um bailado e depois colocaram um velho disco a tocar. Disse para comigo: «Sei que

deve haver alguma razão para eu estar aqui com este grupo específico de pessoas que não conheço, mas qual?»

Fiquei quase vencida pela tristeza ao olhar para a bela criança de três anos, com muito cabelo escuro e encaracolado. Peguei nela ao colo e agachei-me com ela atrás de um piano — como se isso nos pudesse oferecer alguma proteção. Os bombardeamentos começaram, produzindo um ruído constante e horrível, semelhante ao de uma enorme metralhadora. Eu sabia, tal como todos os outros, que éramos o alvo e que não tínhamos qualquer hipótese de sobreviver.

— Senti a minha consciência ser obliterada — e perguntei-me se estaria morta — já não sentia a criança ao meu lado — sabia que o meu corpo devia estar ferido, mas não sentia nada. Quando acordei do sonho, continuei a ouvir o ruído das bombas e a sentir aquilo que sentira — que a pessoa que morreu se tornara viva, ou despertara novamente, dentro de mim.

— A morte em si não foi tão traumática como eu imaginava que fosse — conclui Betty.

Na sexta-feira, 31 de Maio (depois de ter feito, contrariado, a sugestão TD/PC), registei este conjunto de sonhos, muitos deles acompanhados de sensações estranhas — muitas indescritíveis:

— A aula decorre numa sala estranha, parecida com uma casa de campo. Estamos a trabalhar crenças que, de alguma forma, têm a ver com uma grande tartaruga de plástico. Eddie Feinstein lê as suas crenças na carapaça da tartaruga e entrega-ma.

— Acordo parcialmente e sinto algo semelhante a um grande animal a correr pela lateral da cama, ao longo da cabeceira, a descer para o chão junto aos meus pés e a voltar para trás. Reentro no sonho e caminho através de uma floresta até uma enorme área subterrânea. Chego a uma secretária atrás da qual está sentada uma rececionista.

— É aqui o lugar dos Verdadeiros Sonhos dos Portões de Chifre? — pergunto.

— Sim, é — responde a rececionista amavelmente.

— Pode dizer-me se Jane Roberts esteve aqui? — pergunto.

Ela consulta um registo de nomes.

— Não. Nenhuma Jane Roberts.

— E uma Jane Butts? — pergunto.

A mulher volta a procurar.

— Ah, sim. Ela esteve aqui há pouco tempo com cerca de vinte e duas pessoas. E qual é o teu nome?

Digo-lho, nervosamente. Ela vira algumas páginas.

— Sim — diz ela. — Tu também estiveste aqui.

Sorri de forma algo misteriosa.

Desço o corredor e acabo por ver membros da aula a caminhar; alcanço-os. Todos parecemos dirigir-nos para este acontecimento do «Verdadeiro Sonho», mais adiante no túnel. Antes de lá chegarmos, porém, encontramos um homem sentado junto de uma máquina de recolha de impressões digitais. Ele tenta convencer-me a colocar as pontas dos dedos numa série de círculos impressos num papel especial para registo, mas eu recuso.

— Não tolero este tipo de disparates quando estou acordado, por isso porque haveria de os tolerar quando estou a dormir? — rosno.

Sean junta-se a nós. Continua vestido com o pijama e recusa-se a vestir-se.

Acabamos sentados num jardim. Jean Strand e eu discutimos a depilação das pernas. Vamos para a aula através de uma toca de coelho. Digo a Jean que foi assim que *Alice no País das Maravilhas* foi escrita — a partir de um sonho através dos Portões de Chifre. Seth está a dar uma palestra sobre «máscaras» — entendidas como divisões do eu.

Dirigindo-se a mim, Seth diz:

— Tu colocas e retiras a tua máscara como uma traça diante de uma chama.

A Tim DiAngelo diz:

— Estás apenas a começar a perceber que usas uma.

E a Florence MacIntyre:

— E tu, que usas a tua máscara com orgulho, como uma máscara de distinção.

A cena repete-se várias vezes.

Depois este sonho transforma-se noutro, de «salas interiores profundas», com as mesmas pessoas presentes. A casa em que estamos assemelha-se à antiga casa da minha avó, no lado oeste de Elmira. A minha tia chama-me à parte e mostra-me um quarto nessa casa que, segundo ela, fora meu anos antes.

Por um instante não reconheço o quarto — apercebo-me de que ele não existia «realmente» na casa — e então sinto esse quarto a ser criado no meu passado; sinto-o a transbordar deste sonho, do meu sonho, para trás, em direção ao «facto» físico, onde se torna uma memória familiar e profundamente reconfortante.

A minha tia entrega-me uma boneca de pano branca. Seguro-a e ela «torna-se» familiar da mesma forma. Sei que não haverá maneira de descrever isto quando acordar, porque o quarto e a boneca terão passado a ser circunstâncias factuais e lógicas para todos os membros da minha família também. O quarto terá existido sempre, e dizer o contrário parecerá loucura.

Mas eu sei que ambos foram — são — criados AGORA, neste TD/PC.

Os membros da aula concordam que esta é a natureza da realidade, acordados ou a dormir.

Priscilla Lantini

— Por volta do final de Setembro de 1974 — recorda Priscilla Lantini — tive um TD/PC que envolvia uma cidade que eu estava a ajardinar. Foi maravilhoso, naquela semana de aula. Descobri que outras pessoas tinham sonhado com uma cidade que estavam a criar. Acabámos por lhe chamar, no sonho, «Cidade Sumari», mas era a minha casa e fui eu que a criei.

— Para entrar pela porta da frente, era preciso deslizar por um tubo ou cone, talvez com dois metros e meio ou três de altura,

terminando numa grande porta branca com um aldrabão dourado. Havia também uma marquise com um riacho murmurante a correr por baixo. Através das janelas podia ver-se por onde passava sob a casa e por onde voltava a emergir. A marquise estava cheia de colchões e almofadas, lençóis e cobertores. A sala encontrava-se impregnada dos maravilhosos aromas da floresta...

A partir destes começos, os «Verdadeiros Sonhos» passaram a ser usados pelos membros da aula como sonhos infalíveis de pedido de ajuda; como um «sinal» especial dirigido ao eu interior de que eram necessárias orientação, respostas — harmonia. Os pedidos TD/PC pareciam sempre resultar em informação vívida e direta.

— Não fazes o pedido a menos que queiras realmente saber! — observou certa vez um estudante, com alguma perspicácia.

Uma extensão destes sonhos TD/PC foi outra sugestão, ou «presente», oferecido por Seth nesse mês de Dezembro.

— Tenho, à minha maneira, uma prenda de Natal para vocês — disse-nos. — Ora, quando ofereço presentes, peço algo em troca; portanto, entre agora e o primeiro dia do vosso novo ano — estou a dar-vos margem de manobra — cada um de vós terá, se o desejar, um presente; um sonho particular que se destacará de todos os outros; que terá significado apenas para vós e vos colocará no vosso próprio caminho, ajudando-vos a encontrar o vosso próprio tom. Mas têm de estar dispostos a aceitá-lo. Dou-vo-lo em nome de vós próprios.

Os membros da aula que relataram um «Sonho de Natal» sentiram efetivamente que ele se destacava dos restantes sonhos durante aquelas semanas de Dezembro.

— Um sonho místico da aula — recorda Betty DiAngelo — passado ao ar livre, na quinta de um amigo na Pensilvânia. É uma quinta autossuficiente — o simbolismo era paralelo e óbvio. Levei o significado desse sonho comigo durante meses.

— O sonho de Natal — muito real — observa Ralph Lorton. — Muito claro; mais real do que a própria vida. Não aprofundei suficientemente o seu significado. [No sonho] encontrava-me a três ou quatro mil pés acima de uma região do Mar Mediterrâneo e pairava

perto da Jordânia-Israel. [Via um mapa lá em baixo, com três rios a desaguarem no oceano] — os nomes de tribos de pessoas que se deslocavam lentamente para o interior e se misturavam com outras; Pinces e Cimre. Nunca trabalhei o suficiente para aprofundar este significado...

— O meu Sonho de Natal — diz Rudy Storch — era sobre um homem de posição nobre... a fazer algo de mágico. Havia pessoas a tentar associar-se a planetas. Eu e outra pessoa associámo-nos à Lua e a outro planeta. Este homem «de elevada posição» estava a manipular (ou a dispor) berlindes de uma forma específica sobre um objeto. Os berlindes (ou pedras) correspondiam de alguma maneira aos planetas. O homem explicou-me que, como eu estava associado à Lua, e devido às suas manipulações, estaria ABSOLUTAMENTE SEGURO de qualquer mal para sempre.

— Enquanto ele explicava isto, senti-me incrivelmente seguro e poderoso, e comecei a compreender com absoluta certeza que estava realmente protegido.

— O cenário alterou-se um pouco, e agora encontrávamo-nos em Inglaterra. O homem começou a recitar encantamentos. Um trono apareceu sobre uma plataforma, com uma lança ao lado. O homem disse-me:

— Bem, não tenho a certeza, mas penso que, se deres um passo para ali, serás o Rei de Inglaterra.

— A coisa seguinte de que me apercebi foi que estava a cavalgar com a lança na mão. Tudo era extremamente detalhado e vívido. Sentia-me incrivelmente exaltado e poderoso. Mais à frente vi um cavaleiro mágico e virtuoso prestes a atravessar uma barreira mágica (algo semelhante a um campo de força). Ele atravessou-a com a lança. Com uma sensação de confiança temerária e poder, lancei-me atrás dele e atravessei a barreira também.

O cavaleiro continuou então e atravessou uma segunda barreira. Hesitei e depois tentei segui-lo. Tive alguma dificuldade em atravessar essa barreira, mas consegui. Mais adiante encontrava-se uma área de brilho intenso que eu sabia ser o «Leão Galileu». Ao aproximar-me, vi uma estátua de leão magnificamente esculpida — grande, texturada,

prateada, luminosa e impressionante. Sabia que era um leão mágico e que, se pronunciasse a palavra «Ouro», animaria aquele leão aparentemente inanimado. Disse «Ouro» e a escultura ganhou vida. Mas não ultrapassava o limite de um círculo que a rodeava.

Rudy — que quase dois anos antes tinha feito uma «perfuração de barreira» física através da montra de vidro de um restaurante (Capítulo 6, Volume 1) — avaliou este sonho como tendo uma «grande importância pessoal» para si.

— Seth incentivava-nos frequentemente a sentir a «magia do nosso ser» — diz ele. — De facto, o conceito de Seth de que criamos a nossa própria realidade é tão mágico quanto possível! Embora este sonho [de Natal] pareça uma mistura entre um filme de Errol Flynn e *As Sete Viagens de Simbad*, ajudou-me a entrar em contacto com um sentimento do meu próprio poder mágico e da «magia» do universo. Também senti que o sonho me ajudou a entrar em contacto com a energia ilimitada disponível para cada indivíduo. Além disso, proporcionou-me uma valiosa experiência intuitiva: um «saber direto» de que eu estava seguro.

— Os «Verdadeiros Sonhos dos Portões de Chifre» surgem sempre que faço a sugestão a mim próprio de que os vou ter — afirma George Rhoads. — Produzem sempre revelações ou experiências importantes que refletem uma mudança de perspetiva, uma expansão. Os acontecimentos quotidianos adquirem um aspeto onírico e consigo interpretá-los como interpretaria os acontecimentos de um sonho durante o sono. Estou mais atento ao tempo, aos animais, às outras pessoas e ao meu próprio corpo. Todos eles falam através de uma voz interior.

— Em várias ocasiões, durante a aula, entrei numa área diferente de consciência em que o meu foco se ampliou para incluir todas as sensações de forma igual, tornando-se os meus próprios pensamentos apenas um pequeno acontecimento entre muitos outros simultaneamente. Com isso veio um silêncio interior, uma atenção calma e cristalina.

— Ora, a sugestão que vos dei foi dada, evidentemente, por uma razão — disse-nos Seth acerca dos sonhos dos Portões de Chifre. —

Esses sonhos envolver-vos-ão com as crenças que estão por detrás da vossa realidade quotidiana; e, sob determinada forma, verão como formam essa realidade e as vossas relações de vida mais íntimas. Haverá, portanto, uma correlação entre esses sonhos, as vossas crenças e a vossa experiência diária.

— Quero que continuem a fazer a sugestão tal como foi dada e depois interpretem os sonhos à luz das vossas crenças e da vossa experiência privada diária. Mais tarde haverá outras sugestões, relacionadas com outros níveis de realidade, à medida que os forem interpretando no estado de sonho.

— Cada um de vós tem de realizar este trabalho — este jogo! — por si próprio. Ele ensinar-vos-á informações inestimáveis, se o permitirem. Estamos a iniciar uma nova série de exercícios que envolverá o estado de sonho e a vossa realidade desperta. E aqueles de entre vós que conseguirem acompanhar serão mais tarde capazes de marcar encontros e cumpri-los no estado de sonho. Mas o trabalho — ou jogo, conforme lhe queiram chamar — tem de ser feito. Têm, portanto, de se familiarizar intimamente com os sonhos específicos que vos chegam daquilo a que chamamos os Portões de Chifre.

Tanto os Portões de Marfim como os Portões de Chifre, historicamente, apenas nos vossos termos, eram utilizados pelos Egípcios. A ideia deles era que os sonhos provenientes dos Portões de Chifre eram «verdadeiros» e os dos Portões de Marfim «não o eram». Mas nós [na aula] estamos a lidar com definições diferentes!

— Agora escutem. Tal como se encontram aqui no estado de vigília, também se encontram, muitos de vós, no estado de sonho, noutros níveis da realidade. Trocam ideias. Ajudam-se mutuamente. Têm, nesses termos, uma família interior. Ora, para aqueles de vós que não gostam da ideia de famílias, a analogia pode não ser muito agradável!

— Contudo, o facto permanece: no estado de sonho, muitos de vós encontram-se uns com os outros. Têm um vínculo comum, porque compreendem que criam a vossa própria realidade. [E] cada vez que se lembram de acordar e registar um sonho, estão a fazer algo com a vossa consciência, e isso é importante. Porque valorizam

suficientemente a vossa vida interior para a registarem conscientemente como um acontecimento físico no vosso tempo. E, tendo em conta as vossas crenças, isso é importante...

— Ora, parece mais seguro, nos vossos termos, tomar consciência da experiência dos sonhos do que da experiência desperta. No entanto, em qualquer período de cinco minutos da vossa vida, percebem informações que não aceitam — não são informações oficiais. Estão conscientes de realidades e, em vez de as aceitarem, dizem: «Não, tu não te enquadras aqui.»

— Portanto, não precisam de sonhar para se tornarem conscientes de outras realidades. Precisam apenas de conceder alguma liberdade à vossa consciência. Então, no meio das vossas atividades normais, poderão familiarizar-se com outros tipos de realidade que, noutros termos, vos são bastante familiares. Simplesmente têm o hábito de os bloquear, e eles representam partes poderosas da vossa própria realidade e do vosso ser.

— Podem dar por vós a ter um pensamento aleatório que parece não se encaixar naquilo que estão a fazer ou a pensar naquele momento e, por isso, descartam-no. Parece aleatório porque não parece encaixar-se na vossa imagem organizada da realidade, mas é uma peça importante do mosaico que deitam fora.

— Assim, também vos desafio, com alegria, brincadeira e criatividade (até a ti aí, Jed!), a tornarem-se cada vez mais conscientes da vossa experiência desperta e daqueles pensamentos dispersos que surgem como ladrões durante a noite. Não são oficiais. Não os aceitam. O intelecto diz: «Oh, não!»

— Escutem esses pensamentos. Abram um pouco mais a mente — na vossa vida quotidiana normal, no meio das vossas ocupações habituais — e vejam os milagres que ali existem; e digo milagres. Milagres, porque podem ajudar-vos a transformar a vossa própria compreensão e a vossa própria realidade. E têm estado cegos para eles porque receiam perder a vossa identidade. A vossa identidade, pelo contrário, pode crescer e incluir tais experiências.

— Ora, eu disse-vos que a aula estava a acelerar, por isso o momento é propício para cada um de vós. Portanto... sejam gentis com

a vossa própria experiência. Não sejam tão disciplinadores que, quando pensamentos errantes ou intuições vos surgirem, os descartem. Os campos do vosso próprio ser estão cheios de flores que não reconhecem. Não param para as observar nem para sentir o seu perfume. Não são flores oficiais nem pensamentos oficiais. Por vezes tentam ser demasiado práticos!

— Não existe qualquer desacordo entre a vossa realidade oficial e aquelas realidades não oficiais que, ocasionalmente, conseguem infiltrar-se!4

Outra área relacionada com os sonhos em que os membros da aula experimentaram a sugestão antes de dormir e uma espécie de «treino» interior envolvia o fenómeno da projeção da consciência, ou estados fora do corpo. Desde o início assumimos que a nossa consciência, ou eu, se expressava através do corpo físico, mas não dependia dele para existir; por isso, este «treino» — ou experimentação — não tinha tanto a ver com provar o chamado impossível, mas sim com manter uma postura equilibrada e consciente e ver o que era possível: o que conseguíamos obter; até onde podíamos ir.

Muitos membros da aula relataram que, depois de adormecerem, se encontravam frequentemente em estados fora do corpo totalmente lúcidos. Outros esforçavam-se por «sair» e não conseguiam nada, ou alcançavam uma fase intermédia, meio dentro meio fora, semelhante a um sonho, com braços e pernas fantasmagóricos erguidos acima dos físicos e estranhos estalidos e crepitações a rugirem-lhes nos ouvidos. Mas, quando a experiência fora do corpo acontecia, era inconfundível — tratava-se de uma perspetiva consciente e coerente de atenção objetiva e subjetiva.

— Na universidade [durante uma experiência fora do corpo] subi para cima do beliche e vi-me ao espelho — recorda Nadine Renard. — Fiquei muito assustada porque não sabia o que estava a fazer — tive dificuldade em regressar ao corpo. Isto aconteceu umas cinco vezes no mesmo quarto. [Também] tive um namorado que possuía a capacidade de sair do corpo à vontade e descrever o que eu estava a fazer em Hornell [Nova Iorque] enquanto ele se encontrava em

Buffalo... ele «visitou-me» uma vez em casa da minha irmã, na Filadélfia, e mais tarde descreveu tudo...

— [Durante a aula], Jane queria que todos nos encontrássemos fora do corpo no apartamento dela às duas horas — recorda Nadine. — Cheguei (a voar, não sei como) à porta e entrei na sala de estar. Não estava lá ninguém — a sala estava arrumada e limpa. Esperei algum tempo pelos outros e... decidi regressar a casa. Entrei novamente no meu corpo sem dificuldade nem medo, mas zangada porque mais ninguém apareceu! Já não tinha medo das experiências fora do corpo, mas tinha muito mais dificuldade em sair do corpo à vontade. Às vezes não conseguia e sentia muita «eletricidade estática» na cabeça. O regresso era fácil, mas geralmente ficava desapontada porque não conseguia encontrar as pessoas!

— Parece-me que tive alguns sucessos com experiências conscientes fora do corpo — diz Betty DiAngelo. — Não trabalhei muito com isso — sentia-me algo desconfortável ao ver o meu corpo ali deitado enquanto eu estava fora dele. Mas estou consciente das experiências fora do corpo — de muitas delas — porque parecem ocorrer com bastante frequência. Experimento sempre uma velocidade tremenda e um som ensurdecedor — é nesse momento que normalmente tomo consciência delas: quando estou a regressar.

— [Por exemplo], em 14 de Janeiro de 1974, adormeci [durante a tarde] por engano — queria apenas descansar os olhos durante alguns minutos. Apercebi-me de que [a minha filha] Ivy estava acordada e a brincar no quarto. Tentei desesperadamente acordar e não consegui, por isso tentei sair do corpo para ir ver como ela estava. Consegui. O quarto dela, nessa experiência, estava numa desarrumação inacreditável, com pilhas de roupa e brinquedos espalhados por todo o lado. Ivy estava no chão a brincar, mas parecia um velhinho e tinha uma barba branca! O choque fez-me acordar. Corri para o quarto e ela não estava lá — encontrava-se alegremente a brincar no chão da sala e a olhar pela janela panorâmica...

— [Na] nossa primeira aula, em Julho de 1971, fizemos um exercício... Jane guiou-nos numa viagem mental. Vi uma bela estrada recta ladeada de árvores, semelhante à forma como imagino a

exuberante paisagem rural inglesa. Em duas outras ocasiões em que fizemos o mesmo exercício, senti-me a subir uma colina, a atravessar um riacho pouco profundo para a outra margem, onde havia muitos pinheiros. Era muito parecido com a propriedade onde vivemos agora...

Em 18 de Janeiro de 1975, Rudy Storch decidiu fazer uma sesta com a sugestão de que sairia do corpo e receberia algumas informações sobre reencarnação. Como acontece frequentemente nos momentos que antecedem uma experiência de projeção, Rudy entrou primeiro numa cena de sonho.

— Eu, Richie e alguns amigos estávamos num parque de diversões — recorda. — Uma mulher dirigia uma atração que atravessava o tempo... Dobramos uma esquina onde havia dois letreiros: «Jazz» e «Clássica». Pensei que fosse a música que ouviríamos durante a viagem. Corri pela entrada (um portal) e descobri que estava a voar. Percebi que estava fora do corpo.

— Sentia-me extremamente lúcido, alerta e cheio de energia. Disse a Richie que sabia com toda a certeza que estávamos fora do corpo porque fazia aquilo constantemente e a sensação era a mesma... Vi... um enorme pirata robusto... [que] olhou para mim e disse que se chamava Charles Ansen e que tinha tomado conta do Canal do Panamá. (Mais tarde procurei «Panamá» numa enciclopédia e existe lá uma cidade chamada Ancen.) [Depois] encontrei um aristocrata vestido com roupas requintadas de outra época, inglesas ou francesas... Penso que tinha medo de mim... Depois encontrava-me ao ar livre, na floresta. Conheci um homem grande e amigável, do mundo selvagem. Ele sabia que eu estava fora do corpo. Abraçámo-nos. Reconheci-o a algum nível, mas, quando acordei, não sabia quem era.

Para mim, as experiências fora do corpo costumam começar a partir de um estado semidesperto, em que consigo sentir-me a «deslizar» para fora do meu corpo físico. Isto é frequentemente acompanhado por um forte zumbido que parece vir do outro lado do quarto, terminando com um estalido atrás da minha orelha direita e um imediato *whoosh!* enquanto sou projetado para fora. Uma das experiências fora do corpo mais vívidas — e comoventes — que tive

ocorreu em 30 de Agosto de 1974, apenas alguns dias antes de o meu filho começar o jardim-de-infância.

Das minhas notas:

— Série extraordinária de experiências fora do corpo. Vou e volto, entrando e saindo do corpo, na cama. Primeiro levanto as minhas pernas (não físicas) para fora da cama e sinto claramente e conscientemente os dois «conjuntos» de pernas e os dois «conjuntos» de movimentos nelas. Afasto-me do resto do corpo e vagueio até ao quintal, onde uma voz diz: «Os membros da aula estão a ser chamados!»

— Não há Lua, mas a paisagem é escura e aveludada. Penso: quais serão os sonhos de outras consciências? Dos homens noutros planetas? Dos cegos? Dos animais? Voo através da noite, vejo o Lago Seneca lá em baixo e mergulho nele. Está molhado, mas com um toque semelhante ao de óleo quente, não molhado nos termos habituais. Escuridão sob a superfície. Sinto a presença de peixes. Será que sonham?

— De volta ao meu corpo. Abro os olhos, fecho-os. Deixo que aquela sensação de carga elétrica me invada novamente e sento-me, fora do corpo. Sean está sentado ao fundo da cama, também fora do corpo.

— Sean — digo eu — vou agora voar para fora da janela. Queres vir?

— Não, mamã — responde ele. — Quero ficar aqui com o teu corpo enquanto vais.

— É seguro — digo eu, olhando para ele, mas não insisto. Flutuo para fora da porta e volto a sobrevoar as colinas. Tenho consciência da presença de membros da aula — Jean Strand, Gert Barber, Ira Willis.

— Depois tomo consciência do peso do meu gato adormecido, Tyrone, sobre os joelhos do meu corpo, apesar de eu não estar dentro dele. De repente, estou novamente de pé ao lado da cama. Sean continua ali, à espera.

— Vamos agora — digo-lhe.

Ele levanta-se e voamos juntos pela janela.

Para minha surpresa, desta vez é um dia de sol. Penso: «Isto deve ser simbólico para ambos.»

Olho para Sean enquanto voamos por cima da sebe. Tem quinze ou dezasseis anos. Sorri. Apercebo-me, numa onda de nostalgia, de que o meu bebé cresceu.

— Não te preocupes com isso, mamã — diz Sean.

Ele despeja água de um pequeno copo para um recipiente maior, um gesto simbólico que compreendo, relacionado com a acumulação dos anos e os seus propósitos.

— Mesmo assim, sinto-me melancólica.

— Tão depressa? — digo eu.

Olho para o milheiral que passa por baixo de nós.

— Mamã — diz Sean — isso nunca te abandona.

Segue noutra direção. Vejo-o deslizar sobre o lago, explorando sozinho. Sinto-me feliz, embora também triste. Mas sinto-me mais segura por saber que ele possui esse tipo de compreensão.

— Nesse instante encontro-me diante de uma espécie de muro. É estranho, ali no meio dos campos: mais um objeto simbólico? Faço o que já tinha feito antes perante muros durante experiências fora do corpo: «alinho as minhas moléculas» — encaixando conscientemente as moléculas deste corpo-eu com as do muro — e atravesso-o. É muito espesso, mas sinto-me passar através, ou entre, os seus átomos e moléculas, surgindo num bosque de árvores jovens. Sinto facilidade e confiança...

— Ainda continuo a tentar ter experiências fora do corpo — relata Priscilla Lantini — mas posso gabar-me de ter tido uma na minha vida, e aconteceu numa noite de aula quando Jane disse que quem quisesse segui-la para fora [durante um exercício de expansão da consciência] podia fazê-lo. Esperei para ver se conseguia. Soube que algo estava a acontecer quando, de repente, deixei de ouvir a respiração das pessoas à minha volta. Depois o meu corpo pareceu

encher-se como um balão gigantesco e, antes que me apercebesse, subi através desse corpo enorme e saí pela cabeça, que parecia um cone.

— Estava no céu noturno, a olhar para baixo através dos ramos das árvores em direção à rua. Alguns minutos depois regressámos todos. Adorei a experiência e detestei vê-la terminar. Quando a aula a discutiu, descobri que alguns dos outros tinham subido muito alto e apanhado estrelas. Achei isso fantástico, mas continuo encantadíssima por ter ido tão longe quanto fui.

George Rhoads diz que as suas impressionantes experiências fora do corpo ocorreram no estado de sonho.

— Quando estava acordado, certa vez saí de um leito de doença para voar em círculos e espirais pelo quarto. Foi divertido, mas não teve a qualidade expansiva de consciência que certos sonhos possuem. Neles entro em mundos ou atmosferas densamente ricos em associações. Esses lugares evocam uma vida inteira de memórias — talvez muitas vidas.

— Um desses lugares — diz George — é um campus universitário: edifícios antigos cobertos de hera, árvores altas. Ali percorro corredores familiares; cada sala, cada porta, é como um velho amigo. As memórias parecem residir na própria madeira, pedra e terra desses lugares. Talvez sejam janelas para experiências que estão para além da plena consciência do foco desta vida.

— Durante os anos da aula desenvolvi capacidades que agora utilizo rotineiramente. «Recebo» material benéfico, sobretudo durante as minhas sessões de interpretação de sonhos. No início, esse material surgia com a voz mental de Seth, de forma surpreendente e espantosa. Agora simplesmente surge na mente através de uma fácil mudança de consciência. Isso fazia parte do treino das experiências fora do corpo e das sessões TD/PC...

Numa fria terça-feira de Março de 1973, um visitante da aula seguiu a leitura de alguns trabalhos sobre «crenças corporais» com descrições das suas experiências fora do corpo; durante a conversa comentou que utilizava esse estado para resolver problemas e para «deixar para trás o fardo do corpo» a fim de encontrar informação

«pura». Não era preciso qualquer curso de interpretação sethiana para perceber que tais observações eram quase garantia de trazer Seth para a conversa; e quando ele finalmente interveio, foi de forma verdadeiramente profunda.

— É uma ideia bastante esotérica brincar com o estado fora do corpo, e é divertido — começou Seth. — Mas, para descobrirem a razão das vossas próprias crenças, têm de olhar para os conteúdos da vossa mente consciente — sardónica! Porque as respostas são conhecidas por vós, e não estão enterradas nos recessos mais profundos do vosso ser — a menos que acreditem que estão! Sabem conscientemente muito mais do que permitem a vós próprios saber que sabem. Os armários estão na vossa mente consciente, e esses armários formam-se quando dizem: «Eu sei isto, mas vou fingir que não sei.»

— Ora, por vezes receberão respostas através dos sonhos; mas não se a mente consciente continuar autorizada a esconder os seus próprios conteúdos — prosseguiu Seth. — São vocês que têm de abrir a porta e aceitar a informação do sonho; e não o farão enquanto não estiverem preparados para o encontro convosco próprios. E o encontro convosco próprios é ousado e excitante; não olha para os outros, mas para o conhecimento que existe dentro de vós como espécie. Nesses termos, possuem uma mente desenvolvida e desperto por uma razão!

— Poucas pessoas estão conscientes das capacidades dessa consciência e das formas como ela dirige o vosso conhecimento inconsciente. Porque dirige um enorme poder, mas esse poder é libertado de acordo com as vossas crenças acerca de vós próprios e do mundo que conhecem.

— Convido-vos a tornarem-se verdadeiramente despertos: a aceitarem a vossa condição de criaturas. Porque dentro dessa condição residem todos os segredos da vossa espiritualidade e as portas da vossa consciência. É por isso que possuem uma mente consciente e corpos.

— Vêm aqui porque querem compreender e investigar a natureza da realidade. Ora, esperam que isso inclua encontros fora do corpo. Estariam dispostos a lidar até com demónios que aparecessem do nada

para vos cumprimentar. Alguns de vós estiveram dispostos a enfrentar monstros cósmicos! Mas todos demonstram alguma relutância em enfrentar a própria condição de criatura — enfrentar a vida e a morte, o nascimento e os momentos que parecem suceder-se uns aos outros. Se não têm coragem para enfrentar as vossas próprias emoções e a realidade do vosso ser agora, o que vos leva a pensar que podem escapar-se e encontrar os deuses lá fora pela janela?

— Têm de encontrar-se convosco próprios na carne e nas estações do ano. Têm de conhecer-se tal como são e compreender a beleza e a singularidade do vosso próprio ser. Usando isso como limiar, compreenderão a vossa própria espiritualidade. Mas, negando a vossa condição de criatura, nunca compreenderão plenamente nem essa condição nem a espiritualidade! Negar a besta não vos mostrará os deuses!

— O que estamos a fazer — o que vocês estão a fazer convosco próprios — é muito mais importante do que imaginam. Sair do corpo não significa negar a carne. Significa permitir que misturem a sabedoria — a sabedoria corpórea do vosso ser — com a espiritualidade do vosso ser. É perfeitamente natural sair do corpo, e fazem-no constantemente. Mas, quando o fazem nesta vida, continuam ligados ao corpo físico que conhecem; e utilizam-no, nos vossos termos, como plataforma de lançamento.

— Quando estão fora do corpo, nesta vida, continuam a utilizar os atributos do cérebro. Quando regressam ao corpo, têm de interpretar através do cérebro o conhecimento que receberam. Pensam, mesmo fora do corpo, em termos humanos. Quando abandonam o corpo, nos vossos termos, de forma definitiva — quando funcionam fora dele — já nem pensam em termos de momentos sucessivos ou de tempo.

Vivem quer estejam dentro do corpo quer fora dele, mas a vossa expressão corpórea é vossa. Existe por uma razão, e a alma expressa-se na carne de uma forma que não pode expressar-se de outro modo. A experiência terrena é inteiramente diferente de qualquer outra, tal como toda a experiência o é. E a mente existe por uma razão, e as

emoções existem por uma razão; juntas formam o caminho da vossa experiência.

— Não poderiam sonhar da forma como entendem o sonho — essa coisa peculiar chamada sonhar — se não fossem físicos! Existem libertações químicas dentro do vosso corpo e muitas interações que resultam naquilo a que chamam sonhar.

— Sim — interveio Rudy Storch — então é exatamente aqui — aqui mesmo! — que está o conhecimento que procuramos. Não temos de o procurar noutras dimensões.

— Exatamente — respondeu Seth. — Está na vossa vida, em todos os seus aspetos, e não existe diferença: são tão físicos quando sonham como quando estão acordados. São tão espirituais quando estão acordados como quando sonham. Possuem a «verdade» quer estejam a dormir quer acordados.

— Podem olhar para os animais e invejá-los pela sua grande e sábia naturalidade. No entanto, realizam muito mais atividades com a mesma graça corporal — e as respostas estão dentro da vossa própria consciência.

— Durante demasiado tempo vos disseram que as respostas estão para além de vós, e muitos ainda se recusam a reconhecer que já as possuem. É por isso que fazem as perguntas! A criação surge sempre do interior, e daquela porção de Tudo-o-Que-É que existe dentro de vós.

— Os sonhos são uma característica da vossa condição de criaturas! Ora... os gatos sonham. Os macacos sonham. E vocês sonham. À sua maneira, nos sonhos dos animais, eles exploram e expandem a dimensão que conhecem. E alcançam — apenas nos vossos termos, agora — outras dimensões da realidade, mas através da sua condição de criaturas. E assim, à vossa maneira, através da vossa condição de criaturas, fazem o mesmo e sobem através desses níveis de realidade — novamente, nos vossos termos — e tornam-nos reais. Mas não se esqueçam de que os animais sonham, e também eles são criativos; e da sua condição de criaturas brota uma experiência que vocês não compreendem — uma experiência que possui a sua própria espiritualidade biológica.

— Queria dizer-vos que vos estou a devolver à sanidade dos animais, a partir dos quais, nos vossos termos, a vossa viagem começou. Essa viagem continua, mas não através da negação da vossa herança — antes construindo sobre ela; tornando-se mais aquilo que já são, e não tentando negar a vossa realidade. Não podem encontrar uma realidade negando outra. Acabam por negar todas as realidades.

— Vocês são tão espíritos que vagueiam pela Terra e assombram os séculos quanto eu o sou. As vozes que ouvem são tão vossas quanto a minha voz o é. Eu sou um eco da vossa condição de criaturas; de deuses alojados na carne. E dentro de vós, através da vossa própria condição de criaturas, encontram-se as vossas perguntas e as vossas respostas, e a viagem única rumo à realidade que pertence a cada um de vós e a ninguém mais.

NOTAS DO CAPÍTULO QUINZE

1. Isto aconteceu vários anos antes de Eddie e a sua esposa abrirem em Nova Iorque o restaurante conhecido como Arnold's Turtle — uma ligação interessante.

2. Referência à Cidade, ou «Cidade Sumari», mencionada por Seth no Capítulo 10, Volume 1 de Conversations; ele desafiou os membros da aula a «construírem» uma Cidade Interior — e assim descobrirem a realidade dos acontecimentos mentais.

3. Eu próprio não tinha a certeza de querer realmente «saber» quando, em Agosto de 1979, pedi um TD/PC que me revelasse — sem reservas — as razões das minhas lutas ao longo da vida com o aumento/perda/aumento de peso (a famosa síndrome do «ioiô»). A série de sonhos da noite seguinte foi simples, directa — e absolutamente aterradora. Incluo excertos, juntamente com alguma interpretação, para ilustrar a beleza da resposta dos sonhos em momentos de necessidade — e como essa resposta é expressa simbolicamente exactamente no grau de que necessitamos, para nosso conforto.

a) Estou num jantar com um acompanhante. Estamos sentados com outro casal, que acaba por revelar-se composto por fanáticos religiosos radicais. Nunca chegam a expor explicitamente as suas crenças, mas as atitudes implícitas — embora fortemente sugeridas —

deixam-me extremamente nervoso. Estou aterrorizado com a possibilidade de dizerem algo de que discorde tão profundamente que me zangue e estrague a noite a toda a gente.

b) Encontro-me numa ilha do Lago Keuka [um dos lagos Finger Lakes do Estado de Nova Iorque] com Cynthia S. Há também um urso na ilha — sabemos que é perigoso. Cynthia e eu encontramos um velho barco a remos com fugas e escapamos para uma cabana na margem pertencente a John H., um velho amigo do meu pai. Mas o urso alcança-nos — só que aqui está «civilizado» e passeia-se comentando quadros e os filmes mais recentes — conversa inofensiva, penso eu cinicamente.

c) De repente, outra cena de grande ameaça. Mulheres entram no átrio de um hotel — numa atmosfera de terrível perigo. Um minotauro está junto aos elevadores, como um porteiro. Vejo-o como se estivesse a olhar através de uma lente de aproximação — os meus olhos aproximam-se muito do seu rosto e permanecem ali, observando-o. A sua expressão é neutra e entediada. Vejo os seus chifres e os pêlos animalescos do rosto: é bonito e sensual, mas ameaçador. Embora esteja a agir como porteiro naquele local, consigo sentir uma enorme e indizível força de violência sob essa aparência suave.

Interpretação: Todos estes três sonhos pareciam, essencialmente, abordar os meus sentimentos acerca da feminilidade e — por detrás desses sentimentos — os meus medos fundamentais relativamente à posição do meu ser no mundo. Assim, foram dadas respostas universais e, ao mesmo tempo, pessoais. Em **(a)**, estou aterrorizado pelas minhas próprias crenças e opiniões; aterrorizado pela possibilidade de qualquer problema ou situação desagradável surgir por causa delas — isto apesar de o outro casal não parecer ter qualquer problema em exibir a aura das suas crenças. Será melhor não ter crenças nenhumas do que enfrentar confrontos? Será melhor ficar calado e limitar-me a comer?

(De forma humorística, este sonho aconteceu realmente quase dois anos depois — e reconheci imediatamente a situação. Um amigo — precisamente o mencionado no sonho — e eu encontrámo-nos por

acaso com outro casal num restaurante. Sentámo-nos juntos durante o jantar — e o outro homem começou a defender ideias que me enfureceram de imediato. Contive-me, pensando que não queria iniciar uma discussão e estragar uma noite agradável — e então lembrei-me da mensagem implícita deste sonho. Mentalmente, afastei-me um pouco da situação, vi aquele homem como uma personagem por direito próprio que, afinal de contas, não constituía qualquer ameaça para mim — e ambos acabámos por desarmar a conversa tratando tudo de forma lúdica.)

Em (b), os elementos destes sonhos são levados um passo mais longe.

Cynthia S., uma mulher da minha idade, cresceu numa família em que muitas vezes não havia comida suficiente — tiveram sorte, disse-me ela uma vez, quando havia carne na mesa mais de um dia por semana. Ela está comigo numa ilha, no meio de um lago outrora selvagem — um lago que se situava no que foi, em tempos, o vasto território «incivilizado» da Nação Iroquesa. O urso perigoso (ou indomado) é também, evidentemente, «nu» (“bare”, em inglês) — o meu próprio corpo? — perigoso no seu estado «indomado»; na sua glória física «natural», desinibida, cheia dos perigos dos meus impulsos e crenças. Quando Cynthia e eu conseguimos escapar para a casa de campo — que, na realidade, pertence a um homem bastante abastado — o urso está «civilizado». No meio da opulência — incluindo a opulência física, ou corpulência? (em oposição à magreza «selvagem») — o «animal» torna-se inofensivo — mas enfadonho. Curiosamente, ao longo de todo este sonho, pensei neste urso como sendo «ele».

No sonho (c), as mensagens simbólicas são flagrantes. As mulheres entram num hotel — um lugar de encontro sexual — e de grande perigo. À espera está um animal macho de comportamento sexual ainda mais marcado — um minotauro. E um minotauro aborrecido, ainda por cima, mantendo sob um controlo indiferente profundezas inimagináveis de fúria incontrolável, destruição — e poder sexual (ao que parece, para mim, tudo a mesma coisa). E mais: ali estão todas aquelas mulheres a entrar no hotel dele, e ele está aborrecido! Nem sequer se preocupa com elas como indivíduos —

como indivíduos civilizados (embora o seu próprio disfarce civilizado seja muito superficial). Devem ser levadas para cima para aquilo para que obviamente vieram — para que mais haveria de ser? O corpo feminino atraente, então, não só trai a mente feminina, como atrai sobre si a destruição sob a forma de impulsos «indomados», vindos de dentro ou de fora...

Omiti grande parte da interpretação, mas o leitor poderá discernir outros significados e talvez aplicá-los. Posso dizer, contudo, com toda a sinceridade, que a informação transmitida por estes sonhos fez mais do que reunir as partes divididas do meu eu — acertou-me em cheio com elas! E é uma informação que tenho conseguido utilizar, com êxito, numa variedade de situações desde então.

Alguns exemplos destes «pensamentos aleatórios» que anotei na altura incluem um que me ocorreu enquanto jantava, pouco depois desta aula. O pensamento foi: «Eu estou para a aula como as plantas de abóbora estão para a horta.» Bastante disparatado, mas depois considerei a forma como vejo as abóboras: robustas, irreprimíveis, fiáveis, as melhores e mais fáceis de cultivar entre todas as plantas da horta; até humorísticas — deixadas em estado selvagem, assumem formas estranhas e produzem novos e bizarros cruzamentos de cabaças.

O outro pensamento, que tenho considerado muitas vezes desde que me surgiu pela primeira vez, perguntava como as pessoas se relacionariam com a minha mãe — e como ela própria se relacionaria consigo mesma de forma diferente — se a alcunha dela fosse «Betty» em vez de «Liz» (embora eu tenha ouvido alguém chamá-la uma vez de «Betty», e ela pareceu quase ofendida por isso).

CAPÍTULO DEZASSEIS:

Caminhos Não Seguidos:

Sistemas Prováveis e Eus Possíveis

«Se houve uma coisa com a qual nunca pensei que os meus leitores se identificassem, foi com as probabilidades», diz Jane. «De alguma forma, simplesmente não achei que as pessoas acolhessem

isso de uma forma quotidiana e prática. Mas surpreenderam-me, surpreenderam mesmo! Recebemos imensas cartas de pessoas que compreenderam instantaneamente as probabilidades, e com uma profunda compreensão intuitiva.»

Se os leitores de Jane responderam facilmente ao conceito de probabilidades, a aula — estranhamente — tratava toda a ideia com uma mistura de fascínio reprimido e preocupação. «Mas qual destes eus prováveis sou eu?», lamentava-se alguém frequentemente. «As probabilidades significam que nunca tomamos uma decisão?», perguntou Allan Demming certa vez, irritado.

«Eu simplesmente não consigo perceber isto», suspirou outra pessoa durante uma discussão sobre probabilidades. «Parece que não importa o que eu faça — porque, aconteça o que acontecer, eu não o faço; ou, se não o faço, então algures eu acabei por fazê-lo na mesma! Para quê preocupar-me?»

«Tu, a personalidade focal, és sempre tu próprio, e mais ninguém», comentou Seth secamente. Mas a possibilidade das probabilidades parecia levar muitos membros da aula a duvidar de que se pudesse dizer algo de definitivo acerca de quem cada um de nós pensava ser.

Embora não fosse um conceito totalmente novo — durante décadas, cientistas (e escritores de ficção científica) teorizaram a existência de sistemas prováveis de realidade — as probabilidades foram exploradas na aula como algo mais do que retórica conceptual. Durante exercícios de alteração da consciência, sonhos e outros tipos de experiências, os participantes vislumbraram a realidade das probabilidades e a sua intersecção mágica com o mundo vivido momento a momento. A aula de Jane foi, provavelmente, o primeiro lugar onde os limites da identidade foram suficientemente alargados para admitir os eus e sistemas prováveis como partes práticas da existência.

Jane e Rob foram apresentados à ideia das probabilidades em Junho de 1969 quando, segundo Jane recorda em The Seth Material, Seth anunciou que um dos eus prováveis de Rob, um médico num outro sistema de realidade, estava a tentar entrar em contacto com ele.

No universo desse médico, segundo Seth, a exploração da consciência estava mais avançada do que no nosso, e o Dr. Pietra, o eu provável de Rob, estava a experimentar a projecção da consciência em estados de transe induzidos por drogas.

Curiosamente, como Jane observa, Rob tinha feito anteriormente ilustrações médicas e «ficou espantado com a sua perícia nisso, e com os procedimentos e a terminologia médica, que lhe eram bastante desconhecidos quando começou». Numa irónica inversão das probabilidades, Seth disse que o Dr. Pietra pintava como passatempo.

«Existem, de facto, infinitas variedades de matéria, existindo no que vocês chamariam uma única estrutura espacial», disse Seth nestas primeiras explicações sobre realidades prováveis. «A ação é ação, quer a percecionem quer não, e os acontecimentos prováveis são acontecimentos, quer os percecionem quer não. Os pensamentos também são acontecimentos; assim como os desejos e as aspirações. O sistema humano responde a eles tão plenamente como responde aos acontecimentos físicos. Nos sonhos, muitas vezes são vividas porções de acontecimentos prováveis de uma forma semiconsciente. (...) Contudo, uma parte do vosso eu total está profundamente envolvida nesses acontecimentos prováveis. O "eu" dos vossos sonhos pode ser legitimamente comparado ao eu que experienciou acontecimentos prováveis. [Esse "eu" considerar-se-ia plenamente consciente e veria o "eu" desperto como o eu provável.]

«Consideremos o seguinte. Um indivíduo vê-se perante uma escolha entre três ações. Escolhe uma delas e vive-a. As outras duas ações também são vividas, pelo ego interior, mas não na realidade física. (...) Os resultados são então avaliados pelo ego interior como auxílio para outras tomadas de decisão. Contudo, as ações prováveis foram definitivamente experienciadas, e essa experiência constitui a existência dos "eus prováveis", tal como as ações sonhadas constituem a experiência do eu que sonha. (...)

«Existe uma troca subconsciente constante de informação entre todas as camadas do eu total. (...) O conjunto de experiências em que te podes concentrar é, de facto, composto por muitos pequenos conjuntos, mas o conjunto total da realidade é muito maior do que

isso. Uma parte do eu pode e efetivamente experiencia acontecimentos de uma forma completamente diferente [da forma como o ego o faz], e essa parte segue uma direção distinta. Pois quando o teu eu consciente percebe o Acontecimento X, essa outra parte do eu ramifica-se, por assim dizer, para todos os outros acontecimentos prováveis que poderiam ter sido experienciados pelo ego.»

Embora Rob não tenha percecionado conscientemente o Dr. Pietra durante esse período, as probabilidades tornaram-se uma das principais fascinações de Jane e Rob. Começaram discussões e experiências na aula — com uma dessas «viagens» de mobilidade da consciência a trazer a realidade das probabilidades diretamente para a sala.

Como Jane descreve no Capítulo 4 de Adventures in Consciousness, Seth sugerira nessa noite que talvez fosse possível sintonizarmo-nos com uma aula de PES (perceção extrassensorial) «provável» — nossa — que, dizia ele, estava simultaneamente a tentar perceber aulas prováveis.

Fechámos os olhos, seguindo as instruções de Seth para «subirem pelas vogais e sílabas desta voz como se fossem realmente uma escada, e deixarem-se transportar para dimensões que vos são nativas, dimensões que vos pertencem por direito, que são a vossa herança; dimensões de consciência que transportam dentro de si tanto de dia como de noite, abaixo do nível dos vossos dias comuns (...) e quero que sintam essa identidade que é vossa e os propósitos que vos pertencem, a alegria que faz parte do vosso ser; e mantenham esse sentimento de exaltação e de experiência, mantenham-no e recordem-no até ao fim dos vossos dias...»

Como Jane recorda em Adventures, os resultados desta experiência foram imediata e caoticamente reais para quase toda a gente. Quando abrimos os olhos, vários de nós tiveram a impressão de que o rosto de uma estudante estava a mudar, ou a deslizar para dentro e para fora da sua forma habitual, como se não soubesse em que lugar deveria estar; ao mesmo tempo, a mulher comentou que o seu rosto parecia ser «feito de borracha».

Helen Van Dyce, normalmente uma pessoa séria e sombria, começou de repente a rir e a cantar. «Apetece-me dançar!», exclamou, saindo bastante do seu comportamento habitual.

Durante o monólogo de Seth, senti uma figura longa, em forma de cone, a puxar pela parte de trás da minha cabeça — semelhante à imagem que Jane mencionara no início da aula. Mentalmente, lancei-me para trás ao longo dessa figura, parecendo viajar cada vez mais depressa em direção a um ponto luminoso na extremidade distante. À medida que o ponto crescia, consegui ver «a mim própria» — outra Sue — sentada na «mesma» cadeira azul da sala de estar de Jane, de olhos fechados, com uma forma cónica a sair da parte de trás da cabeça e a avançar velozmente ao meu encontro. No instante em que os dois cones se encontraram, senti uma breve troca de informação, semelhante a um relâmpago — mais uma troca de sentido de identidade do que de dados. Subitamente, a experiência terminou; estava sentada na cadeira, de olhos escancarados, sentindo-me como se tivesse acabado de despertar de um sonho. Teria adormecido? Importava isso?

Porque, nesses breves segundos, experienciei uma versão de mim própria que tinha seguido uma direção diferente: uma Sue que era (ou é) altamente competente em matemática (algo que eu decididamente não sou) e nas ciências físicas. Também soube que ela tinha sentido o meu mundo, as minhas capacidades e os meus propósitos. Além disso, senti (tal como outros na aula) uma sugestão vívida e evocativa de como era aquela aula e de como diferentes versões de nós mesmos a compunham.

Eles, naturalmente, considerariam a nossa aula a «provável».

Se tudo o que fizemos nessa aula foi exercitar a nossa imaginação coletiva, então serviu como uma boa demonstração de como a «imaginação» pode afetar a vida de uma pessoa. Helen nunca esqueceu o sentido de diversão que captou nessa noite; outro estudante passou a expressar-se muito mais facilmente depois de sentir essa capacidade provável; outros experienciaram uma agilidade mental que os surpreendeu.

Quanto a mim, senti a minha própria forma de «ansiedade matemática» como a barreira psicológica que ela era: uma maneira de desprezar aquilo que eu considerava o mundo racional, lógico e «orientado para os homens». Em termos objetivos, claro, a nossa sala física era a mesma: vasos com flores e mesas não tinham desaparecido por esquinas; nenhum estranho surgira misteriosamente entre nós. Mas, subjetivamente, algo tinha acontecido às características que chamávamos nossas; algo mais substancial do que cadeiras tinha girado através da substância do espaço; e até que ponto era consistente o nosso universo físico de um momento para o outro?

Mais uma vez, foi outro passo na nossa reconsideração da subjetividade. E as probabilidades estavam definitivamente a ganhar vida para todos nós: dificilmente passava uma semana sem que alguém relatasse um sonho «sobre um eu provável que se tornara o professor que eu pensava querer ser», ou um sonho «em que vi o que aconteceria se decidisse aceitar aquela oferta de emprego».

Em Agosto de 1973, as probabilidades apanharam a aula de surpresa quando Matt Adams apareceu numa das suas visitas pouco frequentes. Embora eu já conhecesse Matt há vários anos nessa altura, ele entrou na sala de estar de Jane, cumprimentou toda a gente e já ia a meio caminho do sofá antes de eu o reconhecer.

Mas o quê?? — perguntei a mim mesma, espantada.

«Aquele é o Matt Adams?», sussurrou Harold Wiles para mim, num sussurro teatral bastante audível.

Portanto, não era só eu a sentir esta vertigem. O que havia em Matt que era... diferente? Mais do que diferente. Estaria mais magro? Bem, talvez, mas... seria apenas porque tinha rapado o bigode? Talvez, mas...

«Meu Deus, como ele mudou!», ouvi Camille Atkinson dizer a Harold.

Bem, as pessoas mudam, encolhi os ombros. Mas rapidamente Seth surgiu e envolveu-se numa animada conversa com Matt acerca do seu trabalho de edição.

«Também quero dizer-te», dizia Seth a Matt, «não que tu já não o saibas — e informar a aula — que aquilo que estão a ver — aqueles de vocês que conhecem o Matt e que já o encontraram antes — é um novo eu provável!»

Uma espécie de suspiro coletivo e constrangido percorreu a sala; toda a gente estava a olhar para Matt, que apenas sorriu para Seth com a sua habitual compostura despreocupada.

«Ora bem», continuou Seth, «nos meus livros eu disse que, muitas vezes, quando isto acontece, as pessoas dirão: "Pareces quase, mas não exatamente, uma pessoa diferente", ou: "Há algo tão diferente em ti, e mudaste de uma forma que não consigo explicar." Mas o tema é imediatamente reconhecido!

«Ora, aproximadamente — aproximadamente — há sete meses começou a mudança, e Matt tomou então certas decisões.»

Seth dirigiu-se ao resto de nós:

«Ele decidiu embarcar por uma estrada diferente de probabilidades. Agora, uma vez que todos os eus são um só, outro Matt, que era o mesmo Matt, decidiu fazer outra coisa. E nenhuma destas coisas tem que ver com acontecimentos físicos — mas, de forma subtil, tinha a ver com crescimento, direções de crescimento; direções de vitalidade e energia.»

«Espero que em termos que tu aprovarias», respondeu Matt, sorrindo.

«Sem dúvida, sem dúvida», replicou Seth. «Mas, afinal, eu sabia. Ora, parte disto... teve também a ver... com novas probabilidades iniciadas pelo nosso amigo Gaivota, Richard Bach, por Ruburt, por ti e por Joseph, aproximadamente no mesmo período de tempo, nos vossos termos. E surgiram várias afiliações. Houve intersecções prováveis; noutras realidades, estão a ocorrer outros acontecimentos. Mas, nesta realidade, floresceram novos eus prováveis!»

«Durante toda essa aula», recorda Matt, «continuei a tentar lembrar-me de quaisquer decisões importantes e revolucionárias que tivesse tomado seis ou sete meses antes. Para minha desilusão, simplesmente não consegui pensar em nenhuma. Na altura, concluí

que Seth tinha exagerado enormemente a importância de algum capricho passageiro que eu talvez tivesse tido e logo esquecido.

«Agora, contudo, suspeito que qualquer mudança importante entre probabilidades normalmente parece contínua, "natural" e sem consequências. Claro que toda a gente consegue recordar certos acontecimentos dramáticos "por acaso" que levaram, por exemplo, a um novo emprego ou a um romance súbito e intenso. Nesses casos, a intersecção de duas probabilidades é evidente, sobretudo em retrospetiva — conseguimos ver exatamente onde ocorreu o enxerto. Mas, na maior parte dos casos, penso eu, as probabilidades misturam-se e fluem umas para as outras com muito mais facilidade e elegância, tal como uma estação passa gradualmente para a seguinte. E faz sentido que qualquer probabilidade "forte" crie naturalmente um passado provável correspondente, do qual surgiu de forma "lógica" e "inevitável".

«Há cerca de um ano, li na revista Science News que a paleontologia tinha sido obrigada a rever a sua reconstrução do brontossauro. Aparentemente, o primeiro cientista do século XIX que tentou montar um esqueleto completo de brontossauro utilizou por engano o crânio de uma espécie diferente. O "verdadeiro" brontossauro tinha dentes semelhantes a lápis e uma cabeça mais achatada do que o animal que vimos retratado em murais e filmes de ficção científica.

«Mas será que esse cientista cometeu realmente um erro? Não poderá ser que um dinossauro jurássico provável tenha surgido apenas no ano passado? Claro que as nossas crenças simplesmente não permitem que o passado se reorganize espontaneamente. E assim, esse erro académico do século XIX pode ser apenas um álibi conveniente — um exemplo clássico de como uma probabilidade emergente apaga os seus rastos e faz com que pareça legítima.»

De facto, em A Natureza da Realidade Pessoal, Seth trata as probabilidades como a base da escolha e da ação — os ossos sobre os quais cresce a carne do momento.

«Existe criatividade no teu passado à tua espera, tal como existe no teu futuro», diz Seth a propósito do processo de transformação da

realidade quotidiana. «Para utilizares essa experiência [é necessário que] aprendas a alterar as tuas crenças e, até certo ponto, a escapar ao tipo particular de foco consciente limitado que utilizas habitualmente. (...)

«O facto permanece: existem acontecimentos passados prováveis que "ainda podem acontecer" dentro da tua experiência pessoal anterior. Um novo acontecimento pode literalmente nascer no passado — agora!

«Numa escala ampla, isto raramente ocorre de forma que o percebas. (...)

«Uma nova crença no presente pode, contudo, provocar alterações no passado a um nível neurológico. Tens de compreender que, fundamentalmente, o tempo é simultâneo. As crenças presentes podem alterar o passado. Em alguns casos de cura, no desaparecimento espontâneo de um cancro, por exemplo, ou de qualquer outra doença, certas alterações são efetuadas que afetam a memória celular, os códigos genéticos ou os padrões neurológicos no passado...»

«Toda a tua experiência presente foi extraída da realidade provável. Durante a tua vida, qualquer acontecimento tem de passar pela tua condição de criatura, com o reconhecimento temporal incorporado que constitui uma parte tão importante da tua estrutura neurológica. (...)

«De certa forma, cada crença pode ser vista como uma poderosa estação, atraindo dos campos das probabilidades apenas os sinais com os quais está sintonizada e bloqueando todos os outros. (...) Cada condição é tão real ou irreal quanto a outra. Qual de ti? Qual mundo? Tens escolha...»

As probabilidades, e as escolhas nelas contidas, são exploradas em profundidade em A Realidade "Desconhecida", tanto numa escala coletiva como pessoal, particularmente nas coincidências que Jane e Rob encontraram durante a procura de casa em 1974. Mas, para Jane e Rob, e em última análise para mim, o sentido mais pessoal e eletrizante das probabilidades surgiu do episódio do casal de York Beach.

«No final de 1963», explica Jane em O Material Seth, «alguns meses antes de começarem as nossas sessões, tirámos férias em York Beach, no Maine, esperando que uma mudança de ambiente melhorasse [o problema de costas de] Rob. (...)

«Na noite em questão, fomos a uma discoteca em busca de um ambiente festivo. Rob estava constantemente com dores e, embora não se queixasse, não conseguia esconder os espasmos repentinos. Então reparei num casal mais velho sentado do outro lado da sala. Assustaram-me verdadeiramente pela semelhança inquietante que tinham connosco. Seríamos nós assim — distantes, amargurados — apenas mais novos? Não conseguia tirar os olhos deles e, por fim, apontei-os a Rob. (...)

«Rob olhou para o casal e soltou um gemido devido a mais um espasmo nas costas. Depois aconteceu algo que nenhum de nós conseguiu explicar. Para meu completo espanto, Rob levantou-se, agarrou-me pelo braço e insistiu que dançássemos. Um minuto antes mal conseguia andar (...) Dançámos durante o resto da noite e, a partir desse momento, o seu estado físico melhorou notavelmente. Toda a sua perspetiva da vida pareceu mais luminosa desde então.»

Segundo as primeiras sessões de Seth, o misterioso «casal de York Beach» representava um fenómeno comum:

«(...) fragmentos de vós próprios [Jane e Rob], materializações projetadas dos vossos próprios sentimentos negativos e agressivos (...) As imagens foram formadas pela energia acumulada das vossas energias destrutivas na altura.

«Embora não os tenham reconhecido conscientemente», continuou Seth, «inconscientemente conheciam-nos muito bem. Inconscientemente viram as imagens das vossas tendências destrutivas, e essas próprias imagens levaram-vos a combatê-las (...) A vossa dança representou o primeiro movimento para longe daquilo que essas imagens significavam (...) poderia ter ocorrido uma transformação subtil através da qual tu [Rob] e Jane transfeririam a maior parte das vossas personalidades para os fragmentos que vocês próprios tinham criado.»

Se tivessem «transferido a maior parte» das suas personalidades para aquele casal, perguntou Rob, o que teria acontecido?

«Se os tivesses aceite, terias acabado por te tornar uma réplica deles, à medida que te transferias para as imagens», respondeu Seth. «Serias reconhecível para os amigos, mas seriam notadas mudanças. Alguém diria que talvez já não pareceste a mesma pessoa — e com razão.»

Mais uma vez, Seth sublinhou que o incidente de York Beach representava uma ocorrência comum. Jane e Rob pensaram em pessoas que conheciam e que, de repente, pareciam «diferentes» — e perguntaram-se: simbolismo psicológico? Provavelmente. Verdade prática? Bem... talvez.

Eu sempre me sentira fascinada pelo relato do casal de York Beach e tinha falado muitas vezes sobre eles com Jane e Rob. Em 1970, também eu estava a ter numerosos sonhos vívidos e experiências fora do corpo relacionadas com probabilidades.

Num deles, flutuei pelas escadas da cave abaixo e atravessei uma porta que gentilmente se abriu numa parede para mim — entrando numa «realidade» onde a consciência linear se tinha desenvolvido através da forma felina, e não da símia. Pareceu-me que passaram horas enquanto caminhava pelas ruas de uma cidade desse mundo, maravilhada com o estado de lucidez em que me encontrava, conversando com as pessoas — que andavam eretas e usavam roupa, mas mantinham os olhos ovais felinos e a pelagem macia e compacta.

«Acho que isto parece uma boa história de ficção científica», ri-me quando descrevi este sonho a Jane. No entanto, havia algo intuitivamente satisfatório, para ambas, na ideia de uma probabilidade de pessoas-gato — e porque não? Seth enfatizava constantemente que a realidade que conhecemos representa apenas uma linha de desenvolvimento; e que todas as espécies, incluindo os animais e a humanidade, tinham seguido outras direções coexistentes.*

*Ver Apêndice Cinco: «Um Sonho Desperto: A Probabilidade de Eyau».

Passei esse fim-de-semana de Agosto de 1970 com os meus pais. Ned estava fora da cidade, a apresentar o seu pedido de objeção de consciência perante a junta de recrutamento de Buffalo. Contudo, não tinha muitas esperanças de ganhar o caso: Ned não pertencia a nenhuma seita religiosa em particular e baseava a sua posição simplesmente nos seus sentimentos, sem uma estrutura «aceitável» que os justificasse. Era uma situação em que muitos jovens se encontravam nesses anos. O que Ned faria se acabasse por ser recrutado não estava realmente claro para ele — mas também não lhe era claro o que faria se obtivesse a isenção.

Era um período difícil; dormi inquieta. Finalmente, adormeci num sonho leve em que conduzia uma jangada por um rio lento e lamacento. De repente, o rio transformou-se numa catarata rugidora e a minha jangada precipitou-se para a frente. Quanto mais depressa avançava, mais vivos e intensos se tornavam os detalhes do sonho — embora eu estivesse plenamente consciente de que estava a sonhar e sentisse que ficava cada vez mais «acordada» dentro do próprio estado de sonho.

Depois, a catarata deixou-me abruptamente num passeio, numa pequena cidade que me pareceu semelhante a Elmira. Estava plenamente consciente e sabia que se tratava de um sonho extraordinário ou, pelo menos, de um estado de atenção extraordinariamente lúcido da minha parte.

Das minhas notas:

«Caminho pelas ruas da cidade e entro num restaurante ao ar livre, semelhante a um pavilhão, situado num parque municipal; há relva e árvores por toda a parte. Reparo em todos os detalhes — até nos saleiros e pimenteiros colocados sobre a grande mesa comum de piquenique no centro do edifício. Estou fascinada com o meu próprio estado — não existe qualquer esforço para permanecer aqui.

«Depois vejo, para minha surpresa e alegria, que Jane e Rob Butts estão sentados na outra extremidade da mesa, a conversar com outras pessoas. Ou serão mesmo Jane e Rob? Fico a observá-los. Têm um aspeto descuidado e ambos se comportam de forma muito cínica em relação ao assunto que estão a discutir. Pergunto-me se esta cidade

será Sayre, na Pensilvânia (onde Rob cresceu), e se estamos "realmente" ali, num parque físico.

«As outras pessoas vão-se embora e eu sento-me ao lado de Jane. Para meu completo espanto, eles não me reconhecem nem me dão qualquer atenção.

«Serão apenas materializações do meu próprio sonho? Concentro-me para obter uma perceção clara — mas continuam ali sentados, tão tridimensionais como estavam na terça-feira passada na sua sala de estar.

«Então, de repente, sou atingida pelo conhecimento de que entrei num sistema provável de realidade — que estes são eus prováveis de Jane e de Rob. Num ímpeto de entusiasmo, digo: "Chamo-me Sue Watkins e o meu marido chama-se Ned." Eles lançam-me um olhar desagradável de "e então?".

«Olho para cima e reparo que um homem mais velho, baixo e corpulento, vestido com uma túnica escura, está sentado em frente a nós — e percebo que é Seth.

«"Eh, conhecem-no?", pergunto, apontando.

«Jane ri-se.

«"Queres dizer aquele Pai Natal ali?", responde ela com desdém.

«Observo então o aspeto abatido que ambos têm. Jane está muito mais pesada; o cabelo está bastante grisalho. Rob parece extremamente cansado e está sentado desleixadamente; o rosto não está gordo, mas carnudo — quase decadente. Fuma cigarro atrás de cigarro. Ambos parecem amargurados; nada felizes.

«Agora sinto uma grande proteção por eles. Em qualquer probabilidade em que nos encontremos, Jane e Rob continuam a ser meus amigos. De alguma forma, inicio uma conversa hesitante sobre as ideias de Seth a respeito da natureza da realidade física, etc. Para meu espanto, Jane diz-me que alguns anos antes tinham recebido "mensagens estranhas" através dela, "de alguém que afirmava ser um espírito desencarnado".

«"Mas era ridículo", diz Jane, "por isso abandonámos tudo."

«“Olhem”, digo eu, sem saber bem por onde começar, “olhem à vossa volta. Vocês e eu estamos num estado de sonho. Eu venho de outro sistema de probabilidades. Nesse sistema vocês conhecem-me. Nesse sistema continuaram com as ‘mensagens’ e descobriram...” — olho para Seth, que sorri com indulgência — “...e descobriram que vinham dele, e acabaram por descobrir coisas fantásticas acerca da vida.”

«Parecem estar a ouvir. Continuo:

«“Nessa probabilidade, tu, Rob, és um artista profissional e Jane publicou uma série de contos, um romance e poesia antes mesmo de toda esta outra história começar. É este o vosso trabalho agora?”

«Jane e Rob trocam um olhar e desatam a rir — uma gargalhada amarga e desagradável.

«“Ela continua a trabalhar o dia inteiro na companhia de táxis”, diz Rob, “e eu também trabalho. Queres vir ver algumas das pinturas que fiz?”

«Saímos do pavilhão — com Seth a seguir-nos atrás — e percorremos uma rua tranquila e sombreada até uma grande casa branca com um alpendre térreo protegido por rede. Há uma grande árvore à esquerda do alpendre e um caminho de terra coberto de ervas conduz a um grande celeiro ou garagem branca com portas duplas articuladas na parte superior.

«Subimos uma escada exterior e entramos num apartamento no primeiro andar. Rob prepara-se para trazer algumas pinturas para a ampla sala de estar quando geme de dor.

«“Por causa das costas”, explica Jane.

«Ele deita-se no chão. Tento sugerir-lhe alguns exercícios, mas ele ignora-me.

«Nesse momento, ouço um coro de vozes a chamar pelo meu nome. Primeiro penso que vêm do exterior da casa, do quintal; depois percebo que me chamam de dentro de mim. Instantaneamente, acordo num quarto estranho. Percebo que se trata de um “falso despertar” e sinto uma enorme necessidade de acordar e escrever toda esta

experiência. Fecho os olhos e concentro-me no meu próprio quarto — e finalmente acordo, desta vez de verdade, nele...»

Nessa manhã telefonei a Jane e descrevi-lhe este sonho — ou fosse o que fosse.

«Tenho a sensação de que entrei em contacto com o casal de York Beach», disse eu, «mas o que significa isso? Porque é que fui eu — e não um de vocês os dois — a encontrar eus prováveis vossos?»

Mais tarde nessa noite, Seth abordou a experiência durante a sessão privada deles, e os seus comentários sobre essas questões, e sobre a natureza das probabilidades em geral — juntamente com as notas de Rob — eram tão evocativos que incluí aqui alguns excertos. Além disso, ajudam a esclarecer algumas das experiências com probabilidades que tínhamos realizado na aula.

«A experiência da tua amiga Sue Watkins, e a sua ligação com o universo provável... foi perfeitamente legítima», começou Seth. «Destinava-se a servir de lição em muitos níveis.

«Antes de mais, é evidente que existe comunicação entre vários sistemas de probabilidades, e que as ações num sistema podem efetivamente afetar os outros. O casal [do meu sonho] existe de facto, sendo versões prováveis de vós próprios noutro sistema. A Sue, ao desenvolver as suas capacidades, envolveu-se em atividades nos campos prováveis e foi atraída emocionalmente para o casal devido à sua ligação emocional convosco neste sistema.

«O casal em questão recordará partes da experiência, e esta servirá para lhes lembrar de forma enérgica capacidades que não estão a utilizar; atuando, portanto, como um estímulo nesse sistema, embora proveniente deste e através da intervenção de uma amiga. O episódio é também uma lição para ti quando pensas negativamente, mostrando-te os resultados desses pensamentos negativos, seguidos sem interrupção e, de facto, seguidos apesar de existirem ações reparadoras que alterariam os acontecimentos. O outro casal, por exemplo, ignorou o contacto comigo [através da Jane]. As qualidades negativas e amargas da personalidade vieram plenamente ao de cima [nesse casal], sem compromisso nem redenção por parte das funções criativas e realizadoras que também haviam sufocado.

«Eles, vês, invejam-vos bastante. No entanto, não conseguiram tirar partido do vosso conhecimento devido ao estado das suas próprias psiques. O episódio serviu para lhes recordar mais uma vez o meu contacto com eles [que a Jane provável mencionou como "ridiculamente"], para os fazer pensar duas vezes; e serve também como um novo estímulo para um contacto posterior.»

(«O Seth fez um gesto suficientemente bem-humorado», dizem as notas do Rob, «mas depois aquietou-se e inclinou-se para a frente com uma expressão de séria ênfase.»)

«Tentamos salvar até as nossas próprias sombras», continuou Seth, «e criamos luz até nos recessos mais escuros dos nossos fragmentos ocultos. Nessa medida, e nesses termos, somos os nossos próprios redentores.

«Em grande medida também, veem, tu e o Ruburt foram responsáveis pelo contacto, pois se não fossem as vossas experiências atuais, a vossa relação comigo e a vossa amizade com a Sue, a ajuda não teria sido dada a essas vossas versões prováveis. Assim, uma parte do eu estende a mão a outra, da mesma forma que eu vos estendo a mão.

«O que quero que percebam aqui é que as comunicações não funcionam apenas de forma vertical, ascendente ou descendente, mas também horizontalmente, nesses termos.

«Ao mesmo tempo, a experiência destinava-se a ser uma lição moral para a tua Sue Watkins. Ela vê-vos, na realidade física, como pessoas que respeita e admira. Através da experiência provável, pôde ver o que vos poderia ter acontecido neste sistema se tivésseis cedido a pensamentos e sentimentos negativos e não tivésseis persistido no vosso trabalho e esforços. Comparando os dois casais, recebe assim uma lição prática tanto para si própria como para o marido. Mais do que isso, porém, todos vós aprendestes, através da experiência, que a ajuda é estendida de um sistema para outro. O outro casal, o casal provável, também ajudou a ti e à Sue, embora de forma totalmente inconsciente ao nível da consciência, ao servir como exemplo.

«Agora, o Ruburt também prestou o mesmo serviço a uma Sue provável noutro sistema de realidade, embora de uma forma

completamente diferente. E tu [dirigindo-se ao Rob], por acaso, ajudaste um Ned provável da mesma maneira — a utilizar as suas capacidades criativas. O Ned provável, por outras palavras, possui fortes capacidades criativas, e tu ajudaste-o a compreender isso.

«A experiência levanta vários pontos que não foram discutidos em ligação com as probabilidades. Porque nascestes fisicamente neste sistema, tomais como garantido, sem pensar nisso, que nascestes da mesma forma noutros sistemas. Isto pode ou não aplicar-se, mas certamente não se aplica aos sistemas de probabilidades como um todo.

«O casal, o Robert e a Jane Butts prováveis, surgiu em York Beach, como foi referido em material anterior. Desapareceram da vossa vista, mas a energia criada dessa forma, como sabem, não pode ser anulada, tendo de continuar segundo as suas próprias linhas de desenvolvimento. Deste ponto de vista, são portanto personalidades "fragmentárias". Possuem as vossas memórias até ao momento da sua iniciação e continuaram a partir daí. Foram vistos por vós como muito mais velhos — tal como interpretastes, criastes e depois percebestes amargura e atitudes negativas. Para eles, contudo, tinham a idade que vós tínheis no momento da sua separação. Tais personalidades podem ser criadas, e são criadas, sob circunstâncias demasiado variadas para serem enumeradas.

«Neste caso, porém, ambos pressentiram as vossas vidas num período de crise e projetaram os vossos medos para o exterior na formação dessas imagens.»

(«Queres dizer em York Beach originalmente?», perguntou o Rob.)

«Em York Beach originalmente», respondeu Seth. «Eles continham, portanto, todos os vossos medos, pois previram que neste sistema poderiam tornar-se essas pessoas — não que isso fosse inevitável, mas certamente provável — e mais do que possível.

«Ao mesmo tempo, porém, devem compreender que esses eus prováveis também foram criados por causa das vossas grandes esperanças — esperanças que sentiam poder ficar muito aquém de

realizar; por isso, “nasceram” com as mesmas esperanças que tinham naquela época, mas eram personalidades sobrecarregadas de medos.

«Depois de os criarem, devido às vossas capacidades, perceberam-nos então como aparições objetivadas na realidade física, quando o Ruburt fez imediatamente a comparação consciente e decidiu que nunca deveriam acabar por parecer-se com eles, nem ficar cheios da amargura que estava escrita nos seus rostos. A perceção consciente, portanto, foi tudo o que souberam acerca do profundo esforço criativo inconsciente e do mecanismo psicológico que os trouxe à existência.»

(«Ainda hoje nos lembramos bem dessas imagens», observou o Rob. «A cena passava-se numa pequena sala de dança, com uma banda, no Hotel Driftwood, em York Beach, Maine. A sala estava cheia de fumo e de corpos em movimento; todas as mesas estavam ocupadas; a banda tocava ruidosamente. O twist estava então na moda. A Jane e eu nunca o tínhamos dançado, mas depois de vermos as imagens, senti subitamente vontade de dançar — arrastei uma Jane protestante para a pista e dançámos o resto da noite.

«A Jane reparou primeiro no casal mais velho. Eram como cópias inchadas de nós numa idade mais avançada. A mulher era muito mais gorda, mas tinha uma impressionante semelhança com a Jane. O homem era mais magro, creio, mas parecia-se o suficiente comigo para poder ser meu irmão, ou meu pai — ou eu próprio. O cabelo dele era completamente branco. O casal não sorriu durante o tempo em que o observámos, nem me recordo de os ter visto falar com alguém ou entre si. Contudo, não posso jurar quanto a esta última afirmação.

«Lembro-me de que a Jane ficou fascinada por eles e continuava a chamar-me a atenção para eles. Creio que eu estava algo relutante e embaraçado por olhar para eles tão abertamente como ela fazia. Recordo-me de que, quando começámos a dançar naquela sala barulhenta, quente e cheia de gente, passávamos por vezes muito perto da mesa deles, talvez até roçando nela...»)

«Mesmo carregados de medos e atitudes negativas, eles [o casal de York Beach] mantiveram a sua relação próxima», disse Seth, «mas

não foram capazes de ajudar-se mutuamente e estavam unidos pela amargura contra o mundo tanto quanto pelo amor um pelo outro.

«Esse Robert Butts não continuou a pintar com qualquer propósito, tentando ser "objetivo" e "sensato"; faltando-lhe a compreensão dos seus pais que tu alcançaste através das sessões, colocou a segurança financeira acima de tudo, não correndo qualquer risco nesse sentido e, apesar disso, claro, não ganhava muito dinheiro porque o seu coração permanecia ligado à pintura, em grande parte abandonada.

«A capacidade criativa do Ruburt deteriorou-se rapidamente, porque as atitudes amargas secaram a própria fonte da criatividade. Nessa realidade, regressaram de York Beach, desistiram do vosso apartamento em Elmira [na West Water Street, onde a Jane e o Rob viviam na altura desta sessão], regressaram a Sayre, viveram durante algum tempo com os vossos pais e deslocavam-se diariamente para o vosso emprego em Elmira [numa empresa de cartões de felicitações] para poupar dinheiro.

«Tinham planeado que isso fosse uma situação temporária — seis meses, no máximo, para poupar dinheiro; depois, passariam a dedicar-se à pintura a tempo inteiro. Em vez disso, porém,... ficaram, supostamente para ajudar os vossos pais, mas isso era em grande parte uma desculpa porque tinham medo de correr o risco de pintar a tempo inteiro...

«Não é necessário prosseguir mais na história deles, mas asseguro-vos que ela foi coerente com as características que lhes atribuíram — e lembrem-se de que estes eram os vossos medos mais profundos. Apesar de tudo isso... possuíam o vosso potencial. Consegui estabelecer um contacto inadequado mas definido, e a existência deles ainda pode ser modificada e alterada, pois possuem livre-arbítrio, tal como vós.

«Inconscientemente, estais conscientes do progresso deles, tal como, inconscientemente, eles estão conscientes do vosso. Foram vós que garantiram que eles receberiam ajuda. Lembrem-se de que, independentemente de tudo o resto, deram-lhes existência e consciência, uma dádiva de criatividade e potenciais que procurarão

realizar à sua própria maneira. As suas experiências foram diferentes das vossas. A sua realização, quando a alcançarem, será portanto de natureza diferente, revelando facetas de atividade que não existirão nas vossas circunstâncias — o encontro deles com a vossa amiga Sue, por exemplo.

«Agora. Na vida de cada personalidade existem, evidentemente, momentos de profunda crise e decisão, em que uma personalidade escolhe entre várias possibilidades. Esses momentos não são necessariamente conscientes, e as escolhas também não são necessariamente conscientes, embora muitas vezes ascendam à consciência. Mas, nessa altura, o trabalho e a decisão interiores já foram feitos.

«Vocês dois libertaram-se, portanto, em grande medida das vossas atitudes e tendências mais amargas e voláteis quando as projetaram para fora de vós dessa maneira. Tu [Rob] começaste a tua melhoria [física] a partir desse momento. Livraste-te de uma perigosa acumulação de energia negativa explosiva e libertastes-vos até esse ponto. Contudo, ainda não tinham aprendido a mudar as vossas atitudes nem a impedir uma nova acumulação.

«Essa era, porém, a etapa seguinte do vosso desenvolvimento. Limparam os escombros. Concederam a vós próprios espaço psíquico para respirar, de modo que as vossas capacidades criativas pudessem emergir, e viram que o caminho estava aberto para que as nossas sessões começassem.

«As sessões aceleraram o vosso desenvolvimento, deram-vos atitudes muito mais flexíveis e tornaram-vos conscientes não apenas da realidade psíquica, mas também das vossas personalidades físicas, que então começaram a transformar...»[15]

Durante os meses seguintes, sonhei muitas vezes com esse casal de York Beach, mas nenhum desses sonhos possuía a clareza e o imediatismo inerentes ao primeiro. No meu último sonho com eles, estávamos sentados à volta de uma grande mesa no apartamento da West Water Street, para onde eles obviamente se tinham acabado de mudar — ou regressado, segundo indicaram. Pareciam muito mais alegres do que antes; havia várias pilhas de pinturas do Rob em caixas

especiais de transporte e a Jane — aquela Jane — mostrou-me alguns manuscritos de contos baseados nesses sonhos comigo! Relutantemente, sem querer discutir o assunto, essa Jane admitiu que tinham «tido contacto com esse negócio do Seth», mas recusou-se a dar mais pormenores.

«Desta vez fiquei com a impressão de que eles tinham de alguma forma tomado maior consciência das atividades desta Jane e deste Rob», disse eu na aula, depois de explicar o sonho. «E deviam mesmo, afinal disse-lhes uma dúzia de vezes que eu vinha de outra probabilidade!»

A Jane estivera a ouvir, sorrindo perante o meu entusiasmo, um cigarro entre os dedos esguios; mas subitamente ecoou o «Uau!» do Seth.

«Fizeste um trabalho realmente excelente!», exclamou Seth, agitando os óculos da Jane na minha direção. «Existe, naturalmente, uma interpenetração. Nenhum sistema de consciência está alguma vez fechado! Apenas fingem que está.»

Seth voltou o olhar para a aula. «Ora bem, a personalidade não tem limites», começou suavemente. «Cada um de vós, nesta realidade, decidiu dar ênfase a certas características e esquecer outras. Permitiram, portanto, que determinadas características viessem à superfície; estão conscientes delas e utilizam-nas — e pensam: "Estas características sou eu."

«O ego é um rei com uma coroa muito precária, e pensam que são aquilo que o vosso ego é. Não vos ocorre, porém, que existem literalmente incontáveis, incontáveis egos prováveis dentro de vós; inúmeras capacidades que poderiam emergir para o primeiro plano da vossa consciência para serem adotadas e utilizadas. Não tendes consciência destes eus enterrados; destas capacidades enterradas; destas funções e combinações criativas enterradas; e, contudo, noutras camadas da realidade, estas vêm para o primeiro plano e permitis-lhes atuar; e as características que agora considerais tão seguramente vossas estão enterradas.

«Mas, embora estejam enterradas, não estão inconscientes; encontram-se em transe, e podem tornar-se conscientes delas.»

Seth inclinou-se para a frente, pousando os óculos da Jane na mesa de centro e o cigarro dela no cinzeiro de madrepérola. «Dentro do eu que conheceis existem inúmeras combinações de eus que não admitis», continuou com fluidez. «Noutras camadas de realidades prováveis, esses eus fazem ouvir a sua voz e vivem o seu potencial. Estão adormecidos dentro de vós nesta realidade, mas nessas realidades sois vós que estais adormecidos dentro deles como potencial latente.

«As árvores que veem lá fora pela janela vêem-nas simplesmente como árvores porque as percebem apenas através do ponto de vista físico; e, contudo, até essas árvores possuem capacidades potenciais e combinações potenciais de consciência que não percebem e que existem noutras realidades prováveis.»

Seth voltou-se novamente para mim. «Dentro de ti, por exemplo — e dentro de todas as pessoas nesta sala — existe uma quantidade ilimitada daquilo a que chamarias identidade. Ora, tudo o que fazes quando tens uma identidade e te concentras nela é retirar do teu próprio banco de potenciais um grupo de potenciais e dizer: "São estes que vou escolher por agora, e a estes chamarei a minha identidade; por isso usarei estes e ignorarei tudo o resto."»

«Mas outra parte do eu diz: "Ah! Estes potenciais não estão a ser utilizados — andam livres, por assim dizer, e eu vou adotá-los; e serão estes os potenciais com que trabalharei."

«Não existe dentro de ti nenhum potencial que não esteja a ser realizado, nem qualquer capacidade criativa que não esteja a ser utilizada... Isto não significa que não devas utilizar [as tuas capacidades]... e... dizer: "Ah, bem, estão a ser utilizadas noutra realidade!"»

«Ora, o desenvolvimento é uma viagem dentro da criatividade», disse Seth durante outra discussão na aula sobre probabilidades. «Tens literalmente quantidades infinitas de energia à tua disposição. Nos vossos termos, sois, se preferirem, deuses latentes. Tendes de aprender a lidar com essa energia e a utilizá-la... como mencionei anteriormente esta noite, ireis criar. Não podeis evitar criar mais do que podeis evitar respirar; e quando já não respirais, continuais a criar.

«Não podeis escapar às vossas próprias criações. Não é a morte aquilo com que deveis preocupar-vos — são as vossas próprias criações; e não podeis culpar qualquer deus, qualquer "facto" ou qualquer predestinação pelas vossas criações! Se quiserem falar em termos de Deus, então é dessa gestalt infinita que recebem a energia para criar. Mas, porque possuem livre-arbítrio, criam aquilo que escolhem e aprendem através da experiência... Se, contudo, uma parte da vossa personalidade não aprendeu com a experiência, outras partes poderão muito bem aprender...

«Quero que compreendam alguns pontos [relacionados com as probabilidades]. Antes de mais... como já disse, não estais presos a uma neurose de uma vida passada; mas também queria que soubessem que os vossos pensamentos, sentimentos e emoções atuais não vos afetam apenas a vós, mas também aos vossos eus prováveis. E, no entanto, nenhum eu provável está à mercê dos vossos pensamentos negativos!»

Ao fazer esta última observação, Seth fitou-me diretamente. Antes disso, eu estivera a perguntar-me se existiria algures um universo inteiro povoado pelos rebentos de medos e cóleras reprimidos. «Imaginem como devem conceber os seus deuses!», gemera eu, apenas meio a brincar.

«Cada consciência», continuou Seth, «tem a sua própria responsabilidade por esses pensamentos e emoções. A personalidade [provável], na sua totalidade, inclui portanto eus prováveis dos quais neste momento não tendes consciência.

«Isto não nega em nada a validade e a integridade do eu que conheceis. As divisões são ilusões e, quando despertardes para vós próprios — para o vosso verdadeiro eu — então tomareis consciência dessas outras partes da vossa personalidade.

«Agora», trovejou Seth, sempre a sorrir, «em termos de crescimento e desenvolvimento, e falando agora de forma simples apenas para transmitir a ideia — teoricamente, estais a caminhar para um momento em que o "vós" que agora conheceis estará consciente da personalidade inteira e a aceitará como a sua identidade! A personalidade total não é um qualquer super-eu no qual vos perdeis;

em que a identidade que conheceis desaparece. Por agora, até que a vossa experiência o demonstre cada vez mais, tendes simplesmente de aceitar que a identidade interior... é muito mais do que atualmente percebeis, e que a melhor forma de caminhar para essa realização é aceitar o eu que sois agora, exatamente como sois; sentir o movimento do eu espontâneo.»

«Cada personalidade está consciente de si mesma e dos outros eus ao mesmo tempo?», perguntou o Pete.

«O tempo é basicamente desprovido de significado, por isso a pergunta não pode ser respondida dentro do enquadramento em que a colocaste», respondeu-lhe Seth. «Cada personalidade possui para si própria uma consciência contínua. A sua consciência é contínua, sabe quem é e não experimenta interrupções. Estás a acompanhar-me?»

Arnold Pearson, que anteriormente estivera a falar da natureza pulsante das unidades EE de Seth,[16] tomou a palavra.

«Ou percebi mal antes, ou estou a perceber mal agora, mas pensei que cada personalidade, cada parte de um eu total, passasse por pulsações», disse ele.

Seth acenou afirmativamente.

«Foi essa a explicação que utilizei [para os eus prováveis]; mas a sensação de continuidade é contínua. Ora, também é verdade que, em cada momento em que existes neste universo, também não existes nele. Isto não é uma analogia, mas para ti existe uma continuidade de experiência. Só aceitas como "reais" aqueles momentos em que estás consciente dentro da realidade física.»

«Sim», respondeu Arnold, pensativo. «Compreendo certamente essa sensação de continuidade.»

Nadine Renard levantou a mão timidamente, como uma aluna.

«Seth? É possível experimentar algumas dessas personalidades enquanto ainda estamos conscientes da personalidade que temos neste momento?»

«É possível», respondeu Seth secamente. «Quando praticas o Tempo Psíquico[17], quando relaxas suficientemente o ego, quando és

suficientemente espontânea e quando compreendes que essas outras realidades existem de facto — então é possível.»

«Bem», prosseguiu Nadine, «como podemos distinguir os eus prováveis dos eus reencarnacionais de vidas passadas?»

Seth fitou Nadine, enquanto um sorriso travesso surgia no rosto da Jane.

«Ora, eu sabia que mais cedo ou mais tarde alguém havia de trazer à baila esse bicho-papão!», rugiu alegremente. «Levei algum tempo a fazer-vos compreender a ideia das realidades prováveis e sabia que alguém acabaria por me perguntar acerca dos eus reencarnacionais. Portanto, suponho que me compete tentar dar-vos uma resposta, e ela é a seguinte:

«Neste momento estais dentro de um sistema de realidade; uma realidade provável; a realidade que conheceis e que formam fisicamente. Ora, dentro dessa realidade, tendes eus reencarnacionais. Eles pertencem ao conceito dessa existência. Nem todos os sistemas prováveis possuem existências reencarnacionais. Alguns possuem e outros não; por isso, quanto a vós, neste momento, elas existem apenas aqui.

«E sei que apenas vos vou confundir, mas se tendes eus prováveis, então sabeis que existem universos prováveis, Terras prováveis e histórias prováveis da vossa Terra; e percebem o que isto faz ao vosso conceito de reencarnação tal como atualmente o entendem!

«Assim, dentro do sistema que conheceis, tendes também eus reencarnacionais prováveis dentro dessas Terras históricas prováveis.[18] Ora, isto não faz nada para negar a integridade básica ou a validade daquilo a que preferem chamar alma. Significa apenas que o eu interior é muito mais criativo, muito mais rico, muito mais variado — e muito diferente — do que inicialmente supunham. Alguns de vós poderiam cruzar-se convosco próprios na rua e nem sequer dizer olá!»[19]

Seth olhou em redor para todos nós, sentados num silêncio algo aturdido.

«Estais de pé, ou sentados, no meio de forças que fazem parte de vós», disse suavemente. «Não estamos a falar de forças estranhas; não são coisas que vos acontecem. São forças que emanam do vosso próprio ser e das quais podeis, até certo ponto, tornar-vos conscientes. Os métodos foram dados, não apenas por mim, mas por outros ao longo dos séculos. Não estais nem de longe tão sós dentro de vós próprios quanto julgais. Simplesmente excluístes as outras mensagens que vos chegam constantemente. Não estais separados dos vossos semelhantes, a menos que escolham estar.

«Lembrem-se de que chamam a isto o vosso universo e a vossa realidade, e é de facto assim, pois são vós que os formam; e, contudo, dentro de vós existe também o conhecimento de outras grandes experiências que estão a ser tentadas, e outros sistemas prováveis estão conscientes das experiências que vós estais a tentar.

«Nos vossos termos — e estou a falar apenas nos vossos termos, o que até certo ponto significa que estou a ser cauteloso — outras civilizações seguiram o vosso caminho. Algumas fracassaram. Nos vossos termos, porém, os habitantes de algumas Terras tiveram grande sucesso, e o vosso futuro, nos vossos termos, não está determinado.

«Podeis seguir qualquer caminho que escolherem, mas enquanto cada indivíduo não compreender que praticamente forma a sua própria vida pessoal e participa na formação coletiva da realidade que conheceis, haverá ainda muito a aprender, pois esta é uma lição que vos foi destinada aprender dentro da realidade física. Destina-se a que avaliem a realidade física. Destina-se a que compreendam que a realidade física é uma materialização dos vossos pensamentos, sentimentos e imagens. Destina-se a que compreendam que é o eu interior que forma esse mundo.

«Não vos pode ser permitido, nos vossos termos, entrar noutras dimensões enquanto não compreenderem o poder dos vossos pensamentos e dos vossos sentimentos subjetivos!»

Seth recostou-se na cadeira da Jane e fechou os olhos.

«E assim, mesmo quando julgais destruir, não destruís nada. E quando julgais matar, não matais nada. E quando imaginais que

podem destruir uma realidade, só podem destruir uma realidade tal como a conhecem. A própria realidade continuará a existir.

«Pensam um pensamento e, porque não o conseguem seguir, julgam que desapareceu e perguntam-se para onde foi: terá caído por algum precipício invisível dentro da vossa mente? Mas o facto de não conseguirem seguir o pensamento e de já não o perceberem; o facto de já não conseguirem mantê-lo na consciência, não significa que esse pensamento tenha deixado de existir nem que não possua uma realidade própria — porque possui, efetivamente.

«E se um mundo vos escapa e não o conseguem seguir, e pensam que foi destruído — então aplica-se ao mundo exatamente o mesmo que ao pensamento. Continua a existir. E aquilo que disse deve suscitar perguntas dentro de vós.

«Desejo-vos a todos uma excelente noite e...» — neste momento, Seth abriu os olhos escuros da Jane e voltou-se diretamente para Joel Hess — «se não consegues seguir onde eu estou, então tens dificuldade em seguir onde tu estás; e quando descobrires onde estás, não precisarás de perguntar onde eu estou! E as bênçãos que tenho para dar, dou-tas», concluiu Seth da sua maneira habitual.

«Aceito-as com gratidão», respondeu Joel, «e as bênçãos que tenho para dar, dou-tas a ti.»

Seth sorriu.

«E aquelas que não tenho», respondeu humoristicamente, «essas sou obrigado, por necessidade, a retê-las!»

1. No Capítulo 15 de The Seth Material, «Probable Selves and Probable Systems of Reality».

2. Ver mais sobre o Dr. Pietra e o Rob, e as ligações com o conceito de contraparte, no Capítulo 18 deste livro.

3. Tal como George Rhoads, também artista profissional e, segundo Seth, contraparte do Rob. Ver o Capítulo 18 deste livro.

4. The Seth Material, Capítulo 15, p. 195.

5. Ibidem, pp. 200-203.

6. Para uma nota sobre como poderemos ter sintonizado uma aula de PES provável durante outra experiência de mobilidade da consciência, ver o Capítulo 3 do Volume 1 de Conversations.

7. Richard Bach, autor do best-seller Jonathan Livingston Seagull, visitara a aula da Jane na semana anterior.

8. The Nature of Personal Reality, Capítulo 14.

9. Ibidem, Capítulo 15.

10. The Seth Material, Capítulo 2, «The York Beach Images — "Fragment" Personalities», pp. 25-26.

11. Ibidem, p. 26.

12. Ibidem, p. 28.

13. A ideia das personalidades fragmentárias e das projeções é discutida ao longo da obra de Seth e Jane; em The Seth Material, pp. 28-29, por exemplo, Seth menciona especificamente um «companheiro fragmentário» que o Rob materializou em criança; este fenómeno, segundo Seth, é comum durante a infância. Nesta categoria eu incluiria, por exemplo, os animais que frequentemente via à minha volta durante a infância e adolescência — e que ainda hoje vejo, em raras ocasiões. Muitas pessoas conseguirão recordar exemplos: a menina da Betty DiAngelo junto aos degraus da biblioteca, por exemplo, ou o «amigo imaginário» de qualquer pessoa.

14. Nunca estive em Sayre, Pensilvânia, nem sequer até esta data de 1981, embora a Jane, o Rob e eu tenhamos falado certa vez em atravessar a cidade de automóvel para verificar os pormenores deste sonho. Em 1970, quando tive o sonho, também não sabia que o Rob fora outrora um fumador compulsivo. Quando o conheci, em 1968, já tinha deixado de fumar.

A Jane e o Rob mudaram-se de Sayre para o apartamento de Elmira em 1960. Segundo eles, existe em Sayre um pequeno parque

central com um pequeno coreto aberto no meio — uma característica de muitas pequenas localidades. «Costumávamos ir lá muitas vezes; ficava perto de onde vivíamos», diz a Jane. «Também havia um lugar numa colina fora da cidade onde existia um grande parque abandonado com mesas para piqueniques; também íamos lá.»

O apartamento deles em Sayre ficava numa casa antiga, numa rua sombreada por casas antigas — a maioria das quais possuía celeiros ou grandes garagens na parte de trás. Viviam no segundo andar e utilizavam também parte do sótão como espaço habitacional e de arrumação.

«Penso que a casa ao lado tinha uma varanda fechada com rede», recorda a Jane, «mas a nossa casa era verde.»

Havia também uma empresa de táxis em Sayre, embora a Jane que eu conheço nunca tenha trabalhado lá...

> *15. É interessante especular acerca das razões multidimensionais do meu contacto onírico com a Jane e o Rob prováveis nesta fase da minha vida. Como indiquei, existiam muitas pressões de natureza pessoal, não sendo a menor delas o cuidado de uma criança de dez meses. Mal começara a aprender a reconhecer e libertar cóleras e ansiedades reprimidas; e as numerosas crenças e conflitos relacionados com o casamento, a maternidade e o desenvolvimento das minhas capacidades vinham à superfície quase diariamente.*

Certamente que nenhum destes aspetos da minha vida naquela época era muito diferente do que ocorre na maioria das vidas quotidianas; mas, mais uma vez, como estes dois volumes demonstraram repetidamente, a psique ergue-se para responder às necessidades de cada um de formas espantosas — formas que a maioria de nós é sistematicamente treinada para ignorar.

«Contata-los [o casal de York Beach] num estado que não é nem de vigília nem de sonho», disse-me Seth na aula quando lhe perguntei se aquela Jane e aquele Rob sonhavam comigo. «Estás familiarizada, até certo ponto, com o teu próprio estado de consciência, mas não o examinas muito de perto. Presumes que estás acordada sob certas condições e presumes que estás a dormir sob outras. Ora, existe aquilo

que posso descrever como uma média de consciência que constitui uma constante entre os estados de vigília e de sono. É tua quer estejas acordada quer estejas a dormir, e é nesse estado que os alcanças.»

16. Seth mencionou pela primeira vez estas unidades EE (energia eletromagnética) em 1969 e inclui informação sobre elas em The Seth Material e Seth Speaks. Segundo este material, as unidades EE «existem imediatamente abaixo da faixa da matéria física e acumulam-se em resposta à intensidade emocional», acabando por formar matéria física, como o Rob assinala ao longo dos dois volumes de Unknown Reality.

17. O «Tempo Psíquico» (Psy-Time), como os membros da aula da Jane lhe chamavam, era simplesmente uma forma de meditação ou relaxamento em que tentávamos permanecer lúcidos enquanto descíamos através de vários estados de consciência. Era frequentemente o estado que induzia projecções fora do corpo, experiências de clarividência e fenómenos semelhantes. Ver o Apêndice 2 do Volume 1 de Conversations para as notas de Theodore Muldoon sobre o «Grande Salão» (The Great Hall), uma série de viagens interiores realizadas em grande parte durante o Tempo Psíquico.

18. Um exemplo de uma pessoa de uma «Terra histórica provável», segundo Seth, seria a imagem do meu avô que eu costumava ver durante os primeiros anos da adolescência. Ver o Capítulo 6 e o Apêndice 3 do Volume 1 de Conversations.

19. Seth explora com grande detalhe a relação — ou, mais exactamente, a ausência de divisões — entre os eus prováveis, os eus reencarnacionais e as contrapartes, em ambos os volumes de The "Unknown" Reality.

DEZASSETE

Eles Como Nós: Personagens

Que Passaram Pela Aula

Personagens Que Passaram Pela Aula

«Os canibais», dizia-nos Seth, «eram, sob um certo aspecto, muito mais criteriosos, muito mais religiosos e muito mais sagrados na sua atitude do que muitos de vós aqui nesta sala.»

«Ulp!», murmurou a enorme mulher que visitava a aula naquela noite de Novembro de 1970.

«Comiam, por exemplo, tanto seres humanos como animais, mas não comiam indiscriminadamente; nem o faziam sem consciência do que estavam a fazer», elaborou Seth. «Compreendiam que a sua vida era uma parte de toda esta vida... agradeciam ao corpo que consumiam; ajudavam o espírito que habitara esse corpo a prosseguir o seu caminho com gratidão... muitos deles, no seu próprio ambiente, sabiam que aqueles que não fossem comidos por eles — por exemplo, outros guerreiros — acabariam por morrer de fome de qualquer forma. Assim, comiam-nos com gratidão e alegria.»

A mulher, firmemente encaixada na cadeira, estava agora a transpirar abundantemente.

«UGH», disse em voz alta.

A pobre senhora devia pesar cerca de cento e sessenta quilos; quando chegara à aula, a Jane encaminhara-a gentilmente para a sólida poltrona junto à porta da cozinha — e com razão. As pernas da velha cadeira estavam agora afundadas no tapete.

Como é que tínhamos ido parar ao tema de comer coisas? Há um minuto estávamos a falar da evolução dos dinossauros...

«Vós, porém, comeis indiscriminadamente, sem qualquer pensamento pelo animal vivo que consumis!», prosseguiu Seth, de

forma bastante incisiva na direção da mulher. «Ora, tal como consumis os animais, também um dia o vosso corpo físico regressará à terra e ajudará a formar outros animais. E partes dos próprios átomos que compõem o vosso corpo correrão pelos campos do Iowa daqui a cem anos, transformadas... mas recordando a sua origem.»

Seth fitou diretamente a mulher com o seu olhar penetrante.

«Há aqui um sacramento que não compreendeis», disse ele, «e quando devorais alimentos indiscriminadamente, e quando não reconheceis silenciosamente o facto de que aquilo que comeis esteve vivo, então perdeis uma parte de um ciclo no qual tendes legitimamente um papel, tanto como criaturas físicas quanto como criaturas espirituais.»

«Oh-h-h-ggghh», gorgolejou a mulher.

«Isto não é verdade quer comamos carne quer vegetais?», perguntou Arnold Pearson.

«É, sem dúvida», respondeu Seth.

«Então», interveio Grant Sayles, «as pessoas deveriam sentir prazer em matar, como acontece com quem caça por desporto, em vez de matar para comer?»

«Nos vossos termos e da forma como colocas a questão, a resposta é não, não deveriam; e terão de lidar com isso», respondeu Seth.

«De que forma terão de lidar com isso?», insistiu Grant.

«É uma falta de desenvolvimento, de desenvolvimento espiritual, e por isso conduzi-las-á automaticamente a provas que terão de enfrentar — não em termos de castigo, mas de compreensão. A ignorância causar-lhes-á sofrimento até aprenderem a libertar-se dela.»

«Isso seria o mesmo que eu sair e cortar uma árvore sem qualquer motivo», afirmou Grant.

«Exatamente», concordou Seth.

Durante um momento, Seth voltou a olhar para a mulher, que agora transpirava profusamente, os olhos esbugalhados enquanto procurava respirar.

«Bem, não me parece que os canibais fossem assim tão religiosos», comentou Florence MacIntyre do sofá. Florence, que também tinha um problema de peso, parecia minúscula ao lado daquela mulher naquela noite.

«Tu nunca foste canibal!», respondeu Seth. «Os canibais conheciam este sacramento inconscientemente [e] ele estava integrado num ritual religioso. Os seus rituais eram tão rigorosos como os da vossa igreja e eles eram tão religiosos quanto fiéis ao seu cumprimento.

«Comiam os corajosos e os fortes. Ora, algumas tribos comiam os anciãos. Quando os velhos já não conseguiam cuidar de si próprios, se fossem homens muito sábios e corajosos, então realizava-se uma dança à sua volta, e isso era conhecido por todos os envolvidos. Depois matavam e comiam os anciãos sábios...

«Tanto como método de terminar as suas vidas de forma tranquila, pois matavam-nos facilmente quando já estavam demasiado velhos para fugir dos animais da selva, dos caçadores ou dos guerreiros de outras tribos; [como] para que a sabedoria se tornasse parte [da tribo]...

«De certa forma, a imortalidade podia ser alcançada, pois os anciãos sentiriam então que faziam parte... da carne e do sangue da tribo; e todos acreditavam nisso, não sendo algo temido pelos anciãos. Estes preferiam isso a serem expulsos e deixados como presa dos animais ou condenados à fome ou a uma morte lenta fora da tribo.»

A enorme mulher cobriu o rosto com as mãos.

«Preciso de um copo de água», gemeu.

A Jane saiu do transe mesmo a tempo de ver a sua convidada erguer-se penosamente da cadeira e cambalear em direção à minúscula cozinha.

«Uh...» disse a Jane. «Bem, suponho que está na altura de fazermos uma pausa, a menos que alguém me queira explicar o que se passa...»

CRASH!!

A sala estremeceu com o impacto repentino: os copos tilintaram nas mesas; os quadros do Rob vibraram contra a parede. Willy, o gato da Jane, disparou da arrecadação com os olhos arregalados e correu para a segurança da casa de banho.

«Meu Deus!», gritou Sally Benson. «Aquela mulher desmaiou completamente lá dentro!»

Joel Hess, que tinha alguma formação em primeiros socorros, correu para a cozinha à frente dos outros. A mulher tinha realmente desmaiado e estava firmemente entalada no pequeno espaço entre o frigorífico e o fogão. Os seus braços curtos e grossos tinham ficado presos acima da cabeça. O rosto estava púrpura.

Joel pegou num copo e encheu-o de água fria.

«Aqui! Beba isto! Beba isto!», gritava, abanando-o debaixo do nariz da mulher.

«Joel, seu idiota, ela está inconsciente!», observei. «Bate-lhe nos pulsos ou qualquer coisa.»

«Isso agora não vai ajudá-la!», disse alguém atrás de mim. «Como é que a vamos tirar daí?»

«Vamos ter de afastar o fogão», sugeriu Joel dramaticamente.

As pálpebras da mulher tremularam.

«Oh, doce Jesus...», murmurou.

Olhou para Joel, ainda ali parado com o copo na mão.

«Tirem-me daqui!», lamentou-se, o pânico a invadir-lhe a voz.

«Pronto, pronto, não se preocupe; está tudo bem, vamos ajudá-la», tranquilizou-a Joel.

Observou a situação de cima a baixo e fez gestos impotentes. Mal havia espaço suficiente na cozinha para uma pessoa, quanto mais para várias a ajudá-la.

Comecei a tremer de riso reprimido.

Aquilo era terrível — a pobre mulher devia sentir-se profundamente humilhada, como eu certamente me sentiria — e ali estava eu, sufocada por gargalhadas contidas.

Saí da cozinha. Arnold Pearson substituiu-me e ouviu-se muito grunhir. Algo rasgou-se. A porta do forno bateu e tornou a fechar-se.

Finalmente, a mulher emergiu para a sala de estar e saiu diretamente pela porta, murmurando algo sobre ter de regressar cedo a casa.

Nunca mais a vimos, o que não surpreende.

A Jane explicou que a mulher lhe tinha telefonado nessa tarde dizendo que queria assistir à aula para obter algumas ideias sobre como perder peso.

«E o Seth vai falar de canibais??», lamentou-se a Jane, revirando os olhos para o Céu.

Sentíamo-nos todos péssimos — a senhora devia estar devastada. Teria Seth ido longe demais? Ainda assim, as suas observações sobre a comida e o ato de comer «indiscriminadamente» tinham surgido da nossa própria conversa e eram certamente aplicáveis a todos nós.

Obviamente, tinham atingido um ponto sensível naquela mulher — e esperávamos sinceramente que lhe fossem úteis. Mas, a partir daí, sempre que alguém na aula começava a queixar-se de um problema de peso, lembrávamo-nos da senhora que desmaiara na cozinha por causa dos hábitos carnívoros dos canibais.

«Lembro-me de tantos episódios com pessoas que vinham à aula e que demonstravam a natureza das crenças», diz Betty DiAngelo. «Houve aquele homem que queria que o Seth fizesse truques de cartas: estávamos a ver ideias extremas e rígidas [e] era bastante óbvio que ele nunca teria confiado no resultado dos testes de qualquer

forma, porque na verdade não confiava em si próprio. Suponho que todos já fizemos isto em alguma área; quase me senti envergonhada por ele... e, no entanto, ele estava simplesmente a ser ele mesmo.

«Lembro-me da Margaret, que queria ajudar alguém, [embora] essa pessoa não quisesse a ajuda dela...

«Sei que reconheci as minhas próprias tendências nestes tipos de incidentes e, embora talvez não fosse capaz de as reconhecer [em mim] se alguém mas apontasse diretamente, reconhecia-as ou via o seu reflexo nos outros. E observar os outros a criarem a sua realidade numa determinada área, juntamente com as crenças envolvidas, mostrou-me o caminho para examinar as minhas próprias crenças.»

Na verdade, algumas pessoas que vinham à aula queriam que Seth fosse um novo deus; e quando a aula reagia excessivamente a essas ideias, Seth fazia questão de salientar (por vezes não muito gentilmente) que estávamos a ver nelas os nossos próprios desejos ocultos de o transformar numa nova manta de conforto.

«Mas eu tiro-vos as mantas de conforto», dizia-nos.

Havia Martin Crocker, o espiritualista cavalheiro,[1] que afirmava ter visto chávenas voarem pelo ar durante sessões espíritas e insistia em definições rígidas para toda a experiência — incluindo o fenómeno Seth, que considerava o exemplo perfeito de um «guia espiritual» em ação.

Eu ficava furiosa com aquele homem e intimidada pela sua expectativa de «respeito» por ser mais velho — e homem. Contudo, quantas vezes eu própria não ansiara por respostas bem definidas para todos os meus problemas, talvez sussurradas ao ouvido por espíritos a dançar pela sala?

E havia também o jovem estudante das religiões orientais, que permaneceu toda a noite com um sorriso imóvel e vidrado no rosto; cujo único comentário (repetido várias vezes) se perdia em zenismos excessivamente açucarados de não-pensamento: sim, Seth era bem-aventurança; tudo era bem-aventurança; a bem-aventurança era Ser; tudo o que tínhamos de fazer era Ser.

Também nessa ocasião fiquei furiosa; e, no entanto, quantas vezes, no passado, eu não desvalorizara as implicações da minha própria experiência em favor de palavras da Jane ou do Seth que me mostrassem como encontrar... a bem-aventurança?

Depois havia Don, o parapsicólogo: o cientista que viera analisar a médium.

Don era um parapsicólogo formado que afirmava ter estudado com o Dr. J. B. Rhine na Universidade Duke, e que queria acrescentar uma investigação das capacidades psíquicas da Jane ao seu currículo, disse-nos ele. Ironicamente, Don admitiu várias experiências subjetivas surpreendentes da sua autoria, incluindo uma experiência fora do corpo que, segundo ele, lhe custara uma bolsa de investigação governamental. Segundo Don, certa noite sugerira que poderia "viajar" até ao gabinete federal que trataria do seu pedido de financiamento; pensava que uma descrição de uma sala que lhe seria impossível ter visto fisicamente daria mais "força" à sua proposta de investigação psíquica. Para sua própria surpresa, contou Don, encontrara-se no estado de projeção fora do corpo, de pé diante de uma secretária coberta de dossiers e pastas de aspeto oficial. Na sua proposta de financiamento, Don descreveu essas pastas com bastante precisão. Poucos dias depois de a proposta ter sido recebida, o seu pedido foi rejeitado sem explicação e disseram-lhe que abandonasse imediatamente o projeto — sem perguntas nem justificações!

Mas, apesar deste tipo de experiência pessoal, Don esforçava-se muito na aula por ser impessoal e distante, para poder descobrir a verdade — ou a ausência dela — acerca da Jane, do Seth e, suponho, de todos nós. Certa noite, porém, a aula tirou alguns pequenos móveis auxiliares e começou uma tumultuosa sessão de mesas a tombar — a gritar, rir e esquivar-se uns dos outros enquanto as mesas dançavam pela sala. Finalmente perdendo o seu cuidadosamente cultivado ar de distanciamento, Don interrompeu as anotações, levantou-se da cadeira e juntou-se aos cinco ou seis de nós que mantínhamos as pontas dos dedos sobre o pequeno suporte verde do candeeiro da Jane, que batia alegremente para a frente e para trás sobre a carpete.

Don colocou os dedos sobre a mesa com enorme cuidado.

— Nenhum de vocês está com os polegares por baixo disto, pois não? — gracejou em voz alta.

Na verdade, estava a tentar entrar no espírito da brincadeira, mas, no instante em que tocou na pequena mesa, esta começou a tombar violentamente sobre as pernas, de um lado para o outro, caindo perigosamente perto dos nossos pés.

— Jesus! — gritou Don, saltando para trás.

A mesa parou imediatamente, assentando com um baque sobre as quatro pernas. Cuidadosamente, Don voltou a tocá-la — e, de imediato, a mesa começou a bater no chão em círculos tão rapidamente que mal conseguíamos manter contacto com ela. E depois, para completar o espetáculo, a pequena mesa pareceu saltar na direção de Don, chocando contra as suas pernas, obrigando-o a recuar num salto defensivo. Quase alegremente, a mesa avançou outra vez aos saltinhos, empurrando-lhe as coxas com investidas firmes e contínuas. As nossas pontas dos dedos roçavam-lhe levemente a superfície, mas mantinham-se em contacto.

— Ei! — lamentou-se Don. — A maldita coisa anda atrás de mim!

— Viva! — exclamou Dan MacIntyre.

A mesa pareceu lançar-se para a frente com uma nova explosão de energia e encurralou Don contra a estante, com um estrondo que fez tremer livros e vasos quando ele bateu com as costas na prateleira. Aí, Don retirou os dedos de rompante, afastou a mesa e voltou a sentar-se.

Imediatamente, o pequeno candeeiro ao lado dele apagou-se.

— Mas que raio...! — gaguejou Don, fitando-o.

Como se respondesse, o candeeiro voltou a acender-se.

— Desculpa isso — disse a Jane, com uma expressão séria.

Toda a gente na aula sabia que o candeeiro tinha defeito, mas a Jane gostava do Don e não conseguia evitar provocar um pouco a sua postura excessivamente séria.

— Isso não tem maneiras nenhumas. Candeeiro, para com isso.

Suavemente, o candeeiro apagou-se outra vez.

Don ficou a olhar para ele, chocado, aparentemente tão abalado pela mesa perseguidora que se esquecera da selva de fichas elétricas enfiadas na tomada solta atrás da sua cadeira e de como elas abanavam suspeitosamente sempre que alguém se sentava perto dali.

Outro grupo continuava a fazer tombar uma mesa de três pernas no outro lado da sala. Don limitou-se a permanecer sentado, esfregando nervosamente as mãos. Por fim, quando todos acalmaram um pouco e voltaram a guardar as mesas no armário, a Jane disse:

— Acho que alguém tem qualquer coisa a dizer ao nosso cientista.

E retirou os óculos.

— Tens de compreender a vitalidade que existe dentro de ti e não ter medo dela — como tens — disse Seth, voltando-se para Don. — Neste momento estás a controlá-la e a discipliná-la, mas também tens medo dela. Simplesmente engarrafaste tudo isso por receio das tuas capacidades e do poder que reside em ti.

Seth disse ainda a Don que existia um grande contraste nas suas atitudes perante fenómenos como as demonstrações com as mesas:

— Por um lado, tens a determinação de desmascarar qualquer fraude; por outro, tens por baixo disso o receio de que as tuas próprias experiências possam, de alguma forma, ser fraudulentas. Por isso, não conseguias confiar em ti mesmo.

Jane saiu do transe e pediu a Don que explicasse o que Seth tinha dito.

— Ele estava a falar do meu medo profundo das questões psíquicas — começou Don.

Nesse preciso momento, o candeeiro ao seu lado voltou a acender-se. Don interrompeu a frase a meio. Pouco depois, foi-se embora — e nunca mais voltou.

Seria fácil troçar de Don e da sua abordagem "científica" à aula da Jane — se não fosse por todas as vezes em que qualquer um de nós confiou mais num conjunto de definições do que na própria experiência. E quantas vezes ficámos escandalizados pela irreverência, confundindo o que é "sério" com o que é "verdadeiro"?

O equilíbrio ideal na aula, alcançado sob o olhar atento da Jane, era uma das suas principais lições: como combinar a intuição, as emoções e o intelecto da forma como naturalmente fomos feitos para o fazer. Digo "ideal" porque nem sempre acontecia assim. Andávamos às apalpadelas à procura de qualquer coisa, sem compreendermos realmente o que era. E as personagens que apareciam na aula (muitas vezes em momentos estranhamente apropriados) funcionavam como ilustrações vivas daquilo que explorávamos — geralmente mostrando-nos os nossos próprios extremos.

Em maio de 1971, após várias horas de debate na aula sobre o bem e o mal e as origens psicológicas do céu e do inferno, Seth anunciou abruptamente que uma das suas vidas físicas tinha sido passada como um "papa menor" no ano 300 d.C.; portanto, havia uma "autoridade" presente sobre o tema do céu e do inferno. No meio da reação caótica a esta afirmação, Seth prosseguiu explicando que:

— ... os conceitos rígidos de bem e de mal são eles próprios altamente distorcidos, e quando te encontras perante um dilema em que a bondade é uma coisa e o mal outra, ambas contrárias e separadas, então separas automaticamente essas ideias na tua mente, nos teus sentimentos e nas tuas fantasias.

— Neste momento, parece que não consegues compreender que aquilo a que chamas mal trabalha para aquilo a que chamas bem — disse Seth a uma aula algo incrédula. — Ambos fazem parte da energia e... estás a usar energia para formar a tua realidade, tanto agora como depois desta vida. Isto acontece porque lidas fisicamente com os efeitos, tal como os percebes. E, enquanto não te libertares desse comportamento psicológico, parecer-te-á sempre que o bem e o

mal são opostos e tratá-los-ás como tal nos teus sentimentos, conceitos e mitos.

Nesse momento, Ron Labadee (o indivíduo intensamente "intelectual" descrito no incidente das cartas de jogar do Capítulo 3) inclinou-se para a frente na cadeira e interrompeu Arnold Pearson a meio de uma pergunta.

— Alguma vez é justificável praticar o mal em nome do bem? — perguntou Ron.

— Nos termos em que colocas a pergunta, a resposta é não — respondeu Seth benignamente.

— Por outras palavras — continuou Ron — nesta realidade somos confrontados com decisões. Nesse contexto, é verdade que as nossas decisões só podem ser construtivas e boas, ou destrutivas e más?

— Apenas nos termos em que colocas a questão — disse Seth. — Em termos mais amplos, não existe destruição; e a tua segunda pergunta não decorre logicamente da primeira. Quando leres a transcrição, na próxima semana, perceberás o que quero dizer. Fazes perguntas sem considerares as respostas que já foram dadas. Reflete nas respostas antes de formulares a próxima pergunta.

— Sim, mas eu não concordo necessariamente com a lógica das tuas respostas — disse Ron.

— Não preciso que concordes com a minha lógica — replicou Seth. — Preciso que compreendas a falha da tua própria lógica, e isso tem de vir de ti, não de mim.

— Sim, mas...

— Agora espera — disse Seth. — Parte disto acontece porque formulaste perguntas antes de compreenderes a natureza das respostas que recebeste. Lê a transcrição. Descobre as respostas que te dei e depois formula as tuas perguntas.

— Bem, tenho uma pergunta que sei que vou fazer depois de ler a transcrição — disse Ron, alheio aos olhares e gemidos dos que

estavam à sua volta. — Disseste que a minha pergunta só fazia sentido nos termos em que a formulei; por isso, o que pergunto é: como concebes o bem e o mal na tua própria realidade?

— Não existe destruição e não existe mal — respondeu Seth enfaticamente. — Mas, enquanto acreditares que existe, tens de agir em conformidade! Enquanto acreditares que assassinar um homem é destruir para sempre a sua consciência, então não podes assassinar, e, nos teus termos, isso é um mal.

— Então Hitler podia ter usado essa justificação para exterminar seis milhões de judeus! — exclamou Ron.

— Podia, de facto — concordou Seth.

Ron sorria de satisfação.

— Então discordo de ti. Acho que mesmo na forma como vemos as coisas agora existe destruição, e isso é mal.

— Eu sei que achas isso! — rugiu Seth. — Vives dentro dessa realidade e, enquanto viveres nela, tens de lidar com ela — e é precisamente o que estás a fazer!

— Então... — refletiu Ron, preparando novo ataque — existe uma decisão moral para alguém que exista no plano seguinte da existência?

Como Seth, Jane bebeu um gole de vinho e sustentou calmamente o olhar de Ron.

— Existem sempre decisões morais — afirmou Seth. — Envolvem o uso da criatividade e do desenvolvimento. Envolvem o uso da espontaneidade.

— Que sistema de valores utilizas para escolher nas tuas decisões morais?

— Já te disse. A minha resposta anterior implica essa resposta.

— Nas tuas palavras, seria aquilo que for mais criativo em termos do que pretendes fazer.

— Ignoraremos a última parte da tua frase e concordaremos com a primeira — respondeu Seth, sorrindo maliciosamente. — E farei certamente tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que, na tua próxima vida, és colocado na posição de responder a alguém cuja mente funcione exatamente como a tua!

— Sinto que estabeleci muito bem contacto contigo — disse Ron.

A irritação dos restantes membros da aula, com quem Ron raramente falava sobre fosse o que fosse, tornava o ambiente cortante como punhais.

— Sem dúvida que estabeleceste — respondeu Seth secamente. — Contudo, a empatia intuitiva de que necessitas para contactar os outros no teu meio está, pelo menos em certa medida, ausente. Aproxima-te deles com sentimento, e não sob o disfarce de palavras inquisitivas.

— Eu não lido necessariamente com entidades físicas da mesma maneira que estou a lidar contigo agora — disse Ron, com certa altivez.

— Devias aprender a fazê-lo! — respondeu Seth. — Eu provoco-te — ouve-me bem — provoco-te. Isso é bom para ti, bom para a aula e muito bom para esta aqui — Seth apontou com a mão da Jane para Florence MacIntyre — porque fazes perguntas que ela já estava a pensar fazer e, por alguma razão, ela tornou-se subitamente tímida quanto às suas próprias perguntas! Agora continua.

— Bem, eu apenas ia dizer que nenhum mal pode ser justificado com base num bem maior.

— Foi exatamente isso que te disse que funciona na tua realidade, e não escutaste a minha resposta. Quando leres o texto, isso ficará simplesmente esclarecido. Na tua realidade, a posição que adotaste é necessária e deves mantê-la. O facto de ela se aplicar apenas ao teu sistema não precisa de preocupar-te neste momento.

— Hmmm.

Ron colocou as mãos diante do rosto, tocando as pontas dos dedos uma na outra.

— Há situações em que um espírito de outra realidade interviria nesta realidade e nós chamaríamos a isso um ato destrutivo, mas o espírito diria que era criativo? — perguntou sugestivamente, com um leve sorriso nos lábios.

— Pelo amor de Deus! — explodiu Arnold.

Mas Seth limitou-se a responder:

— Não gosto desse termo. Qualquer intervenção desse género ocorreria apenas por parte de uma personalidade que, naquele momento, fosse física; tal como o vilão de um drama religioso seria uma figura criativa. Mas existiria historicamente no vosso tempo e não, por exemplo, como um fantasma a sussurrar na noite. Não existem criaturas a segredar maldades ao teu ouvido.

— Não existem entidades intervenientes? — repetiu Ron.

— Não nesses termos.

— Mas, nos termos em que somos todos espíritos a representar o nosso próprio drama interior, a palavra "espírito" tem algum significado?

— Às vezes — mas apenas ocasionalmente — penso que estás finalmente a compreender! — riu-se Seth. — Não existem forças exteriores a ti que, nos teus termos, te levem a praticar o mal. Infelizmente, aquilo que consideras bem e mal reside dentro de ti, e não podes culpar uma força maligna pela destruição que se espalha desenfreadamente pela Terra.

— Mais uma vez, nestes termos, estes são os vossos problemas, e nenhum deus nem diabo vo-los impôs; e não há ninguém a culpar senão vocês próprios — disse Seth ao resto da aula. — Por outro lado, pelas estações do ano e pelas flores, têm de agradecer a vocês mesmos. Estão a aprender a usar a energia criativa de que fazem parte e estão, de facto, bastante isolados, pelo que não podem causar muitos danos, nos vossos termos! E assim, o mal que pensam praticar é uma ilusão... E, se destruírem o vosso planeta, terão outros com que trabalhar, e aquilo que é destruído não está realmente destruído. Estão num sistema de aprendizagem. Os erros, a longo prazo e nos vossos termos, não contarão, mas são muito reais para vós neste momento.

Ron permaneceu na aula durante cerca de seis meses, mas sem participar, guardando a sua presença para si como uma arma, seguindo implacavelmente cada palavra de Seth através de todas as voltas e reviravoltas da lógica, recolhendo verdades e atirando-as ao chão como artefactos imperfeitos.

E foi aqui que Ron perdeu a verdadeira experiência da aula da Jane. Ron queria respostas servidas numa bandeja, de acordo com as suas definições; respostas que resolvessem todas as perguntas alguma vez feitas e eliminassem todas as dúvidas da existência humana. E quem o poderia censurar por isso? Quem nunca desejou o mesmo? No entanto, ao vê-lo ali sentado, frio e severo como um vento cortante, percebia-se que tais exigências não funcionariam. Continuarias apenas a perguntar, a sondar e a descartar, envolto nas tuas vestes de cientista sério, até secares por completo. Era preciso sentir as respostas, e esses sentimentos tinham de emergir da tua própria experiência, para depois regressarem a ela com calor, alegria e reconhecimento. Mas a postura de crítica intelectual de Ron estava a esmagar as outras partes da sua psique.

Por outro lado, quaisquer obstáculos que Ron criasse para si próprio em nome da investigação intelectual pareciam insignificantes quando comparados com os problemas em que as pessoas se metiam por excesso de credulidade — até porque era mais elegante estar na moda sendo cínico.

Allan Demming começou a frequentar a aula em 1974, quando era estudante numa escola de Direito próxima. Falava baixo e exprimia-se com sensatez e compaixão; exatamente o que se esperaria de um futuro advogado. O que ninguém suspeitaria minimamente (talvez ainda menos tratando-se de alguém daquela área profissional) era a razão que deu certa noite para ter começado a frequentar a aula: um grupo ocultista ao qual aderira na Califórnia dissera-lhe que, numa vida passada, tinha trocado a sua liberdade espiritual enquanto estava sob hipnose. O líder desse grupo da Costa Oeste, contou Allan, dera-lhe o procedimento que precisava de seguir para anular essa troca e continuar o processo de "elevação do seu Karma". Sem o menor embaraço, Allan concluiu a história dizendo que esperava que Seth lhe pudesse dizer, um dia, como estavam a correr as suas renegociações.

Suspirando corajosamente, Allan levantou os olhos para a Jane.

— A-A-A-L-L-L-A-A-A-NN! — gritou Jane, indignada, quase saltando da cadeira. — Mas o quê...? Como...? Queres dizer... ALLAN!!!

Parou para recuperar as palavras. Risadinhas espalharam-se pela sala, mas Allan permaneceu sentado, tranquilo e orgulhoso.

— Allan, pelo amor de Deus, não podes trocar a tua liberdade, espiritual ou de qualquer outro tipo! — exclamou Jane.

Allan franziu o sobrolho, confuso.

— Mas isso explica coisas, problemas que tenho há tanto tempo — disse. — O guru de lá deu-me métodos para destruir estas estruturas psíquicas que, segundo eles, me têm mantido preso nesta vida e que, quando eu conseguir destruí-las, poderei libertar-me e... ah...

Mas os óculos da Jane já tinham sido atirados para a carpete.

— Oh-oh, lá vamos nós! — disse alguém.

E Seth, com os seus grandes olhos escuros muito perto dos de Allan, numa voz baixa e íntima, começou:

— Ora bem, antes de te poderem dar um método para destruir estruturas psíquicas, primeiro têm de convencer-te de que elas existem nos termos da escola deles! — disse Seth. — Ora, tu não acreditas no Pecado Original, nos termos convencionais. Por isso, limitaste-te a transferir as tuas crenças para outra área de atividade!

— Quando alguém te diz que o teu poder não te pertence e que não és dono de ti mesmo, foge! Isto tem sido feito ao longo dos séculos.

Allan endireitou os seus óculos de armação escura e abanou a cabeça; estava claramente confuso.

— Mas, Seth, estás a dizer que... quero dizer... conheces estas pessoas de São Francisco?

— Conheço essas pessoas e todas as pessoas que te dizem que podes vender a tua alma, a tua energia ou o teu livre-arbítrio; ou que outra pessoa os pode tirar de ti — respondeu Seth. — Pessoas que depois te dão um código que te permitirá recuperar o eu que nunca perdeste; que te conduzem para um sistema de crenças que parece perfeitamente válido, uma vez aceites os seus princípios básicos.

— Então, quero dizer... estás a dizer que...

— Estou a dizer que és livre! — respondeu Seth em voz alta. — Que sempre foste livre e que ninguém te pode hipnotizar contra a tua vontade; que quaisquer "acordos" que faças neste mundo ou noutro qualquer, fá-los por tua livre vontade e podes desfazê-los pela tua livre vontade!

— Precisas de usar o bom senso que te pertence como ser humano — e isto aplica-se a cada um de vocês, qualquer que seja o sistema de crenças ao qual tenham permitido usar-vos!

Allan ficou sentado em silêncio, refletindo sobre aquelas palavras.

— Agora, eu poderia, numa grande demonstração — embora não o vá fazer — assustar-te até abandonares essas crenças, ou estalar os dedos e dizer: "Ó demónios, desaparecei e libertai o nosso Allan! Que todo o mal que o possui siga o seu caminho!" Mas vou dar-te uma verdade maior. Nunca existiu mal algum que te possuísse e nunca vendeste aquilo que não podes dar!

— És livre, como sempre foste livre, e isso também significa que não podes culpar mais ninguém por coisa alguma. Portanto, aceita essa liberdade!

Seth retirou-se e Jane voltou a abrir os olhos na sala de estar.

— O que foi isto? — perguntou ela a Allan.

— Ora... — disse Allan, com a voz cheia de espanto — ora, Seth disse que... que eu sou livre! Que nunca troquei a minha liberdade!...

Tinha os olhos arregalados de admiração.

— Deve ser apenas um monte de crenças negativas que tenho e que me causam todos estes problemas — concluiu.

E percebia-se que Allan estava a abandonar o sistema de São Francisco em favor da Técnica Sethiana, ali mesmo diante de nós, com tão pouca reflexão sobre uma como sobre a outra... Bem, pelo menos ali talvez aprendesse a começar a usar a cabeça de advogado. Infelizmente, Ron Labadee já tinha deixado a aula nessa altura; os dois talvez pudessem ter-se ajudado mutuamente. Mas ninguém criticou Allan com demasiada dureza, porque, por mais evidente que fosse a sua forma de estupidez, ela assombrava muito mais armários antigos do que as tentativas beligerantes de Ron de exercer astúcia científica.

Quantos de nós não considerámos mais fácil, pelo menos durante algum tempo, declarar-nos fracos, pecadores ou gordos, fracassos da carne ou vítimas da sociedade, colocando assim o nosso poder nas mãos dos rigores da confissão, das dietas, das drogas, da astrologia ou de ditames religiosos que negavam a diversão, o desejo e o ecletismo em nome da salvação do mundo físico?

Havia, por exemplo, o guru do Ira; o açoitamento que Ira suportara para ser "purificado" da sua existência na carne. Embora a procura de Ira pelo esotérico tivesse aparentemente posto à prova o seu bom senso nessa altura, aquilo a que se submetera não era muito diferente de qualquer outro sistema que refletisse crenças de falta de valor pessoal.

Mas, quando Ira descreveu pela primeira vez a sua iniciação com o guru, tive de me rir de mim próprio: um ano antes da sua viagem à Índia, Ira aparecera sem aviso prévio na sala de estar da Jane e do Rob, numa sexta-feira à noite, sendo um completo desconhecido para todos nós. Imediatamente, desembainhou a guitarra e começou a cantar hinos religiosos — e continuou durante horas. Apeteceu-me dar-lhe uma boa pancada; por um lado, por detrás da sua aparência de espiritualidade feliz, era terrivelmente sério — pregando-nos às cadeiras com Jesus! Mas, na altura, pareceu-me pouco educado pedir-lhe que parasse, mesmo em tom de brincadeira.

Na aula, porém, os perigos inerentes à seriedade rígida foram talvez melhor ilustrados por um grupo de pessoas que, durante um ou

dois anos, voava regularmente para Elmira às terças-feiras, vindas de outra região do estado. Estes cinco ou seis homens e mulheres simpáticos e bem-intencionados viviam numa comunidade dedicada à filosofia de G. J. Gurdjieff.

Tinham começado a frequentar a aula da Jane com a autorização do líder da sua comunidade, Eugene Nyland; e a procura da Verdade, tal como a entendiam, era um empreendimento extremamente sério. Em 1973, o próprio Nyland, já então um homem idoso, organizou para que alguns dos seus alunos o levassem à aula.

— Esse grupo era incrivelmente sério! — recorda Jane. — Ao que parece, Nyland conhecera pessoalmente Gurdjieff; penso que era um dos diretores nacionais desses grupos de estudo. Para mim e para o Rob, o engraçado era que, quando Nyland veio falar connosco no dia anterior à aula, obrigou o aluno que o tinha conduzido a esperar no carro! A sua posição era que os "alunos" e os "líderes" não discutiam assuntos entre si — apenas os mais avançados tinham acesso à "informação".

— Mas Nyland era um homem encantador — uma espécie de europeu, suponho, no que dizia respeito às expectativas de deferência. Queria que lhe chamassem "Senhor Nyland" na aula, mas eu disse-lhe que ali não nos curvávamos perante títulos.

— A ideia dele, a ideia do grupo dele, era que "O Trabalho" tinha de ser literalmente trabalhado, como se tivesse de se trabalhar o "Eu", ou então tudo acabaria por se dissipar. Era o oposto completo da espontaneidade.

E, sem que Nyland tivesse explicado as suas crenças ou objetivos, a aula acabou por entrar no tema da brincadeira e do comportamento lúdico. A meio da sessão, após várias intervenções, Seth voltou o olhar para Nyland e para o seu grupo.

— Ora bem, Gurdjieff adorava brincar — anunciou Seth. — Era um homem brincalhão e aquilo que lhe surgia de forma tão bela, tão natural e tão brilhante era a sua própria visão, que ele procurava comunicar aos outros. Expressava aquilo em que acreditava. Contudo, independentemente das suas palavras, havia nele uma transparência fácil no que fazia — uma alegria de viver que nenhuma palavra podia

destruir — uma espontaneidade e uma vitalidade extraordinárias. Mas muitos outros não compreendem essa espontaneidade nem essa alegria. Tu compreendes, e compreendeste. O problema é que queres que as pessoas brinquem seriamente e que trabalhem de forma brincalhona. Afinal, não há assim tanta diferença!

— O gafanhoto salta devido à grande vitalidade do seu ser, mas quando tenta explicar aos outros como salta, eles ouvem e dizem: "Ah, sim, eu faço isto!" ou "Eu faço aquilo!", ou então "Mas eu não sou um gafanhoto." Ou então não compreendem a presença milagrosa e imediata de um gafanhoto; ou, mais importante ainda, de uma mente de gafanhoto.

— Se sabes brincar, não precisas de saber trabalhar; se sabes brincar, então compreendes o que é brincar e sabes que isso não é caos. Sabes que os jogos têm regras. Sabes que crias o jogo e, portanto, crias as regras. E podes, como um gafanhoto ou como uma criança a jogar à macaca, saltar de quadrado em quadrado. Gurdjieff fazia, nos termos do Ruburt, "a sua própria coisa". E a sua mensagem é: "Faz a tua própria coisa." E a minha mensagem é: "Faz a tua própria coisa" — só que eu obrigo-te a inventar as tuas próprias regras à medida que avanças, enquanto Gurdjieff dá-te mais ajuda!

— Contudo, se houve uma coisa que Gurdjieff fez e que muitos não fizeram, foi trabalhar com a mobilidade do intelecto e da mente, sem os ignorar. E isso também quero que façam — mas de forma brincalhona! Porque... o único trabalho verdadeiro é feito a brincar; e, se compreenderes isso, todo o "trabalho" fica feito, e tu faze-lo.

— Estava a perguntar-me — disse Jerry, um dos "Rapazes de Nova Iorque" — se é verdade que as regras foram feitas para ser quebradas?

— As regras foram feitas para ser criadas, seguidas e quebradas — respondeu Seth. — As regras foram feitas para serem regras. Quando precisas delas, cria-las. Quando queres um novo conjunto, encontras um novo conjunto, mas deves sempre seguir os teus próprios impulsos interiores.

— Agora, esclareçamos um ponto — um ponto ocultista — porque alguns de vocês não compreendem algo importante —

prosseguiu Seth, voltando-se para Nyland. — Ruburt compreende que trabalho é brincadeira, porque, para ele, escrever — que é trabalho — também é brincadeira.

— Quando pensas em trabalho, pensas em algo que tens de fazer mas não queres fazer e, por isso, imaginas uma enorme resistência. Estamos a falar de uma situação em que trabalho e brincadeira são uma só coisa, e essa é a natureza da criatividade. Não estás a fazer algo porque tens de o fazer, ou porque é a coisa certa a fazer, mas porque faz parte da tua natureza. Pode exigir, nos teus termos atuais, uma certa estrutura. Pode envolver muitas coisas.

Mas é brincadeira para ti porque é tão natural, e "O Trabalho" não implica o mesmo tipo de resistência que encontras quando, por exemplo, pensas em ir para um emprego de que não gostas ou em enfrentar uma tarefa que te ultrapassa. Podes pensar em trabalho-brincadeira ou brincadeira-trabalho, mas trata-se de uma criatividade em que o nascimento da espontaneidade e da estrutura interior acontece de tal forma em conjunto que é impossível separar uma da outra.

Margaret, uma das alunas de Nyland, levantou a mão.

— Porque chamou Gurdjieff aos seus métodos para ensinar as pessoas a brincar "trabalho sobre si mesmo"? — perguntou.

— Usou os termos que acreditava fazerem sentido na sua época e circunstâncias — respondeu Seth. — Também acreditava na seriedade de um propósito elevado e, por isso, utilizou os termos que julgava poderem ajudar os outros. Esperava ainda usar, de forma bastante astuta, os termos utilizados pelas pessoas religiosas. Elas brincariam melhor se acreditassem que estavam a trabalhar mais arduamente! Ele compreendia que muitas pessoas carregadas de culpa não podiam simplesmente ser convidadas a brincar. Sentir-se-iam demasiado culpadas. Por isso disse-lhes que era trabalho — e resultou!

— Vês, eu diria que aquilo que Gurdjieff queria era cultura. Ou seja, combatia crenças culturais que ainda existem, ao passo que eu não as combato. Eu digo às pessoas para brincarem e, através da brincadeira, elas descobrirão o seu propósito.

— Penso que podem descobrir, através da brincadeira, aquilo que lhes falta — comentou Nyland.

— Podem, sem dúvida — respondeu Seth.

— E é por isso — acrescentou Nyland — que, quando desejam brincar, devem primeiro saber com o que podem brincar, para alcançar aquilo que desejam criar.

Seth fez uma pausa, sorrindo afetuosamente para Nyland.

— Antes de mais, trata-se de uma questão de vocabulário — disse após um momento. — Em segundo lugar, talvez eu tenha agora uma confiança maior naquilo que vocês são. Porque acredito que o simples ato de brincar vos conduzirá às vossas próprias respostas. Tu estás apenas a acrescentar uma estrutura útil através da qual as pessoas podem pôr-se à prova, e não há nada de errado nisso. É uma estrutura de que muitas pessoas precisam.

— Mas, de um velho cavalheiro para outro, encoraja-os a mostrar as emoções — a serem eles próprios dessa forma — e até a erguer a cabeça acima da estrutura das palavras — continuou Seth. — Gurdjieff compreendia a estrutura das palavras. Deu-vos palavras e estruturas porque compreendia o que eram as estruturas; mas queria que, trabalhando com elas, fossem além delas — de forma brincalhona — e que, quando aprendessem o que é brincar, deixassem essas estruturas para trás e emergissem despertos, acima delas...

— Agora, desculpem esta voz que surge tão alto, simplesmente porque a energia tem as suas próprias maneiras de se manifestar — acrescentou Seth, bem-humorado, nos seus melhores tons retumbantes. — Portanto, se pareço — embora tenha a certeza de que não pareço! — falar alto, é por causa dos mecanismos envolvidos. E aquilo a que estão a assistir agora é trabalho lúdico e criatividade, e um avanço — do tipo, aliás, que teria agradado a Gurdjieff, e ele teria saltado para cima e para baixo com uma alegria profanamente exuberante!

— Ora, não quis dizer que o nosso amigo Gurdjieff estaria aos saltos de felicidade porque existia outro grupo com ideias diferentes! O que quis dizer foi que a grande vitalidade e alegria de Gurdjieff

ficariam felizes ao ver este tipo particular de avanço, porque ele reconheceria a sua natureza altamente criativa e reconhecê-lo-ia como um avanço — um gigantesco salto de gafanhoto! Mas não há nada de errado com a estrutura física através da qual toda a vitalidade, no vosso espaço e tempo, canta — tal como o próprio Gurdjieff fazia. Esse espírito, quando pensam em Gurdjieff, conhecia-se a si próprio através do conhecimento corporal e através da alegria e vitalidade dos átomos e moléculas que compõem o corpo — tal como vocês se conhecem a vós mesmos agora, neste espaço e neste tempo, através da vossa imagem corporal. Vocês existem independentemente dela, e sabem-no.

— Sim — concordou Nyland. — Às vezes esses conceitos têm de ser colocados em determinadas palavras para que possamos compreendê-los. Mas isso não significa que tenhamos de tomar as palavras pelo conceito.

— Nunca se deve! — respondeu Seth.

E ele e Nyland pareceram chegar a um entendimento comum. Mas, na semana seguinte, Seth voltou a dirigir-se ao grupo de Gurdjieff (que continuava a frequentar a aula sem Nyland).

— Alguma vez vos pareceu estranho que um homem tão dedicado às ideias da brincadeira e do jogo [Gurdjieff] tenha iniciado um sistema tão preocupado com o trabalho? — perguntou-lhes. — Ou, na verdade, até que ponto ele estava a brincar convosco de forma tão habilidosa?

— Ora, se pegares numa rã morta e a estimulares, o membro morto mover-se-á. Era isso que ele estava a fazer, e vocês respondem muito bem a ele. A seriedade das suas ideias e da sua doutrina era como um isco que lançava para todos os peixes sérios engolirem! Mas ele era um pescador brincalhão e esperava acabar com peixes brincalhões! Eu não sou pescador; sou um peixe — um peixe brincalhão, a nadar através de realidades que mudam, nos vossos termos, a cada instante; espreitando para esta estranha realidade que chamam vossa com enormes olhos de peixe. E vocês olham para a vossa própria realidade e acham-na estranha!

— Curiosamente, eu jogo um jogo mais ardiloso do que Gurdjieff — embora possam pensar que sou tão direto, em termos de integridade... porque depois devolvo-vos a vocês próprios e deixo-vos olhar para os olhos da vossa própria autoridade e da vossa própria capacidade de brincar; e, a partir desse aparente dilema entre a vossa brincadeira e a vossa autoridade, surgem belas músicas [uma referência à interpretação de Warren, ao violoncelo, da canção sumari "Song of Creation", apresentada nessa semana], excelentes sonhos, algumas boas perceções e a criatividade que vos pertence.

Ao longo dos anos da aula, Seth avisou-nos repetidamente para estarmos atentos ao aparecimento de estranhos, tanto nos sonhos como na vida desperta; dizia que aqueles que representavam dramas diante de nós em qualquer dos estados estavam ligados a nós de formas que nem imaginávamos.

— Escolhem este lugar e este tempo pelas vossas próprias razões e desafios... e, por isso, este planeta não é povoado por estranhos, mas por aqueles que já estão psiquicamente unidos e que depois vêm para este planeta no vosso tempo — disse-nos no final de 1974. — O vosso mundo é muito mais vasto do que imaginam e os vossos conceitos limitaram a vossa experiência. Por isso, aqui, derrubamos os velhos conceitos. Vocês derrubam-nos à medida que encontram a vossa própria psique viva.

E assim, à medida que a aula se aproximava do fim, os estranhos e as personagens que passaram por aquelas noites de terça-feira estavam tão entrelaçados connosco como os símbolos dos nossos sonhos.

Mas, de entre todas as pessoas singulares que apareceram no apartamento da Jane (muitas das quais provavelmente pensavam que éramos todos completamente loucos), aquela que mais se destacou como "personagem inesquecível" nas minhas conversas com os membros da aula foi Florence MacIntyre.

Florence era uma mulher aberta e afetuosa, que tinha grande orgulho nas realizações intelectuais. Na aula, parecia estar sempre em desacordo com os pontos de vista mais liberais — e, no entanto, não era puritana: certa vez, ela e o marido convidaram todos nós para a piscina do quintal da sua casa para um mergulho noturno sem roupa.

Mas, embora aparentemente não se perturbasse ao ver vinte e cinco pessoas nuas a correr pelo relvado suburbano (isolado do resto da vizinhança por uma vedação de mais de dois metros), na sala de estar da Jane, Florence era uma tradicionalista consistente e explosiva.

Em outubro de 1972, contei à aula o que me pareceu uma história perversamente engraçada: o meu filho de três anos tinha gritado alegremente:

— Olha aquele inseto do caraças!

referindo-se a uma abelha que zumbia pela cozinha dos meus pais. Apesar da compreensível surpresa deles, ignorei as palavras do Sean e, passados alguns momentos, os meus pais também encolheram os ombros e deixaram o assunto passar.

Uma gargalhada apreciativa percorreu a aula, mas, para meu desgosto, Florence manifestou imediatamente forte desaprovação.

— Não sabes o que estás a fazer! — repreendeu-me. — O Sean vai ter problemas quando entrar para o jardim de infância e começar a usar esse tipo de palavras! Devia ser corrigido agora, antes de chegar lá. Sabes, podias dar-lhe palavras substitutas, talvez algo como "caramba", para evitar problemas.

Uma dúzia de vozes entrou imediatamente na discussão, abruptamente interrompida pela rápida aparição de Seth.

— Para o Sean, a palavra não está carregada de significado! — disse Seth a Florence. — Ele não sentirá necessidade de se exibir perante os colegas... no seu jardim de infância do caraças!

Ondas de risinhos nervosos espalharam-se pela sala. Florence franziu o rosto, claramente incomodada. Mais uma vez, encontrava-se a duelar filosoficamente com Seth.

— As crianças que usarão essa palavra no jardim de infância, minha querida Florence, serão aquelas que têm uma carga emocional por detrás dela e que a experimentarão diante de ti para ver se a tua reação é igual à das mães delas — continuou Seth, indiferente às reações da aula. — E saberão que "caramba" ou outra palavra qualquer é apenas um substituto seguro para "foder"! E saberão que tu

sabes... Mas as crianças que utilizariam a palavra para chocar a aula ou para te chocar não são aquelas que a podem usar livremente em casa e vê-la passar despercebida.

Seth voltou-se para o resto de nós, com a voz lenta e séria.

— Quando irão aprender que os vossos corpos são bons e que aquilo que fazem é bom? E que as palavras que descrevem as atividades do corpo são boas? Vocês têm corpos! É o método através do qual entram nesta existência! É um termo glorioso, exceto quando pensam que é errado. E quando aceitam dos outros a ideia de que é errado, então, quando eles o usam, utilizam-no para serem desagradáveis, porque sabem que isso terá esse efeito em vocês.

— Nesta vida, vêm do esperma e do ventre. Vêm do encontro entre carne e carne, e vêm do canto...

Desta vez, ninguém se ria quando Seth terminou — todos sabíamos quantas vezes tínhamos usado (ou pensado usar) um insulto equivalente a "Vai-te lixar!" como a ofensa suprema. Mas, na aula da semana seguinte, os Rapazes de Nova Iorque voltaram ao tema das palavras — e ações — "proibidas".

Eddie Feinstein (que tinha conquistado fama por conduzir desde Nova Iorque até Elmira e dormir durante praticamente toda a aula) recordou a primeira vez que utilizara a palavra "merda" na escola: o diretor batera-lhe com uma régua.

— Suponho que teria ficado tudo bem se eu tivesse dito "cocó" em vez disso — riu-se Eddie. — Mas qual é a diferença? Todos sabemos que significa a mesma coisa, não é?

Florence permaneceu em silêncio e parecia visivelmente aliviada quando Seth surgiu.

— Podem pegar na palavra "Mu", pensá-la, pronunciá-la cautelosamente quando têm a certeza de que não há crianças presentes, sussurrá-la atrás de portas fechadas — começou Seth. — Sempre que alguém ouvir a palavra, interrompam-se e não a pronunciem. Antes de a dizerem, olhem em todas as direções. E em breve, no jardim de infância da Florence, aparecerá algum engraçadinho a dizer: "Muuuuuu!" e terão de arranjar uma nova

palavra de substituição. As palavras são destituídas de significado próprio.

A voz de Seth suavizou-se ao voltar-se para Florence, com os olhos grandes e escuros.

— Agora, Florence, a nossa Senhora Florence — e quando uso a palavra "Senhora", sei o que quero dizer — a nossa Senhora Florence frequenta esta aula há mais tempo do que qualquer um de vocês, e com anseios e reservas muito maiores. Com esperanças muito maiores e desesperos muito maiores. E tentou traduzir, à sua maneira, aquilo que estou a dizer.

— E quando fala, fala dos vossos medos mais profundos! E vocês escutam-na e às vezes riem-se, outras vezes troçam, mas são os vossos medos! E, no entanto, os anseios dela também são os vossos anseios; não se esqueçam disso!

— Assim, ela enfrenta, de forma muito prática, os problemas de aplicar este material à vida quotidiana. E, com todo o respeito, nem sempre foste corajosa! Mas foste sempre sincera e fizeste tanto quanto sentiste que podias fazer em cada momento.

— E muitos de vocês não têm esse impulso. Não precisam de o ter! Tu, Eddie, não precisas de traduzir este material para os termos da sociedade convencional; a nossa Senhora Florence precisa. E, por isso, aquilo que ela aprende, aprende-o por todos vocês. E os medos que expressa, expressa-os por todos vocês. E os anseios que tem, tem-nos por todos vocês.

— Vocês [dirigindo-se ao grupo de Nova Iorque] consideram-se separados do chamado "Establishment". E encontram na nossa Senhora Florence alguém profundamente instalado dentro dele. Contudo, ela vem aqui e tenta traduzir aquilo que aprende para esses termos — tenta transformá-lo. E, se não comunicarem com ele, não o poderão mudar!

Seth retirou-se e a aula explodiu numa discussão animada sobre o que queria dizer com pessoas pertencentes ao "chamado Establishment". Eddie, que lutava para fazer crescer o seu novo restaurante em Nova Iorque, disse que achava que esse

empreendimento o colocava, pelo menos em certa medida, entre as fileiras do "Establishment".

— Eu estava a falar em termos de pessoas que pensam que determinadas palavras são erradas! — respondeu Seth, surgindo de repente.

— Sim, mas eu lido todos os dias com pessoas que pensam assim — respondeu Eddie, defensivamente.

— Não lidas, pelo menos no que toca aos teus amigos ou às pessoas com quem tens relações íntimas — respondeu Seth. — Tens um estilo de vida mais livre e, por isso, essa tradução não é tão necessária. Eles compreenderão a qualidade sagrada dessa palavra, mas os alunos da Florence — e os pais deles — não. Agora, percebes o que quero dizer?

— Sim — sorriu Eddie.

— Ainda bem! — exclamou Seth. — E não pretendo falar como se viesse de um bar, mas um bar pode ser mais sagrado do que uma igreja — e que ninguém se esqueça disso!

Estou certo de que nenhum de nós se esqueceu; e também não creio que algum de nós tenha esquecido a posição que Florence assumia em nosso nome. E o seu exemplo aplica-se igualmente ao leitor: pensa nas pessoas do teu círculo social que parecem estar sempre a contradizer a norma ou que levantam pontos de vista sobre os quais preferias não refletir.

— A nossa Senhora Florence, muito gentilmente para cada um de vocês na aula, personifica os sentimentos que cada um de vocês possui, em maior ou menor grau, relacionados com o seu eu interior — disse Seth certa vez. — Mostra-os de forma exagerada para que os possam observar e, por isso, quando fala, fala não apenas por si própria, mas por todos os que estão nesta sala, incluindo Ruburt.

E isso diz muito sobre a orientação peculiar da aula: embora Florence e os Rapazes de Nova Iorque, por exemplo, discordassem com tanta veemência, ninguém parecia confundir os argumentos com as pessoas.

— Pareciam sempre contribuir tanto para a aula — diz Priscilla Lantini, do grupo de Nova Iorque — e, quando não estavam presentes, não era a mesma coisa. Sinto uma afinidade estranha por eles. Tive uma vez um sonho relacionado com a aula em que caminhava pelas ruas da cidade com os Rapazes e... saltei para os ombros do Big Jed, e ele transportou-me enquanto eles eram como irmãos para mim. O sentimento de unidade entre eles e eu era enorme. Sentia especialmente uma forte afinidade com Lauren [DelMarie], quando Seth lhe chamava "Pan".

— Quase qualquer história sobre as personagens da aula — observa Matt Adams — poderia ilustrar crenças em ação. Muitas vezes, os indivíduos (eu incluído) estavam tão envolvidos no seu próprio sistema de prioridades que simplesmente não conseguiam captar outros comprimentos de onda; pistas que outras pessoas teriam apanhado imediatamente passavam-lhes completamente ao lado, muitas vezes com resultados tristes ou cómicos.

— O meu pai veio à aula apenas uma noite; foi precisamente a mesma noite em que chegou uma nova participante. Era uma mulher rechonchuda, com cabelo pintado de preto, vestido preto e batom vermelho vivo; parecia uma versão ligeiramente inchada de Pola Negri — ou uma imitadora feminina, como alguém comentou mais tarde. Em todo o caso, era extremamente ávida de atenção. Estava a ler, de forma algo dramática, uma lista de crenças que tinha rabiscado de improviso, quando Jane tirou os óculos e Seth começou com o seu característico: "Ora bem..."

— Ora bem o quê? — perguntou ela, interpretando mal a situação e um pouco ofendida por ter sido interrompida.

— Perto do fim da noite, reparou que o meu pai estava ali sozinho — os Rapazes de Nova Iorque estavam muito abaixo da sua consideração — e pediu-lhe que a ajudasse a levar uma mala, uma máquina de escrever ou qualquer coisa do género até ao carro. O interesse dela era muito evidente, embora eu nunca tenha percebido se procurava ação ou apenas atenção. Era muito divertida, de uma forma espalhafatosa, mas a Jane disse-me mais tarde que teve de pedir à mulher para deixar de vir às aulas — simplesmente não se integrava. Foi pena não ter durado até à aula dos travestis!

«Menciono o meu pai porque, naquela noite em particular da aula, o Seth fez uma rápida série de transições que o deixou estupefacto. A Jane estava na sua cadeira de baloiço e, quando o Seth partiu pela primeira vez, a cabeça da Jane foi projetada para trás contra o encosto da cadeira com um estalido audível. A Jane voltou a si, esfregando a parte de trás da cabeça, e disse para o ar, sem se dirigir a ninguém em particular:

— Isso foi um truque sujo!

Zás, o Seth estava de volta para dizer:

— Digam ao Ruburt que não haverá dor na cabeça dele.

O Seth desapareceu, a Jane regressou.

— Jane, não tens dores de cabeça — repetimos obedientemente.

— Hã? — disse a Jane, aparentemente sem qualquer memória do episódio ocorrido entretanto.

— Bolas — comentou mais tarde o meu pai —, isso foi realmente espantoso.

«Também me recordo de uma rapariga loira particularmente atraente e da mãe dela», diz o Matt, «e fiquei bastante desapontado ao ver que não reagiam minimamente às tentativas de as envolver na conversa. Isto deve ter acontecido na semana seguinte à aula de nus (ver Capítulo 9, Volume I), porque a Jane disse-me mais tarde que cada uma delas estava a passar por algum tipo de problema no casamento e que a semana anterior tinha sido a primeira vez que qualquer uma delas vira pénis de uma forma não confrontacional; impessoal, por assim dizer. Estas duas mulheres eram bastante sombrias e concentradas, dois adjetivos que nunca me pareceram caracterizar os outros membros da aula. Lembro-me perfeitamente de que tinha vestido roupa interior lavada, para o caso de ser preciso.

«O que quero dizer é que, quanto menos crenças restritivas e limitadoras existirem, menos preconceituosa será a perceção. Tento manter uma prateleira do "talvez", onde não existe um "sim" nem um "não" absolutos, mas apenas graus de talvez. Utilizando esse sistema, é mais fácil acomodar praticamente tudo o que apareça.»

NOTAS

1. Para uma descrição completa de Martin Crocker, ver o Capítulo 3 de Adventures in Consciousness, «A Spirit Guide is a Spirit Guide is a . . . ?»

2. Esta afirmação nunca chegou, contudo, a ser verificada.

3. Quase dois anos mais tarde, em Janeiro de 1973, o Seth respondeu a uma observação do Ira acerca das crenças de Hitler, dizendo:

«Sempre que cometes um ato de violência, ou aceitas um ato de violência, naquilo que consideras ser a defesa do bem, estás a fazer o que foi feito naquele tempo [Segunda Guerra Mundial], e transportas isso no teu coração. O fim não justifica os meios na tua realidade. E, quando estiveres a ensinar os outros, guarda isso no teu coração. É a tua única defesa contra o que aconteceu no tempo de Hitler, e essa resposta está dentro de ti. E mais: tu sabes isso!»

4. G. J. Gurdjieff nasceu na Rússia em 1878 e morreu sessenta e nove anos depois nos Estados Unidos. Considerado um místico pelos seus seguidores, a filosofia fundamental de Gurdjieff centrava-se em «O Trabalho», particularmente como meio de conhecer o Eu: o autoconhecimento exigia trabalho e, na verdade, era a própria fonte desse trabalho. Segundo Eugene Nyland, Gurdjieff ensinava também que a maior parte da humanidade se encontrava num estado de semissonolência e que apenas este trabalho sobre si próprio despertaria a humanidade para a sua própria Existência.

5. Actualmente conhecido como Arnold's Turtle, localizado em Greenwich Village, na cidade de Nova Iorque.

CAPÍTULO DEZOITO

QUEM MAIS PENSAS TU QUE ÉS? — OS CORRESPONDENTES ENCONTRAM-SE COMPARATIVAMENTE

O Rob começou tudo isto, claro.

O Rob, o «homem misterioso» que pintava tranquilamente no seu estúdio durante alguns dos acontecimentos mais tumultuosos da aula; cujas telas sussurravam imagens de outros eus, outros tempos; cujas sensibilidades atentas o levaram a passar anos a aperfeiçoar as suas notas para os livros da Jane.

Que tenham sido as experiências do Rob a dar origem às informações sobre os correspondentes parece ser a ordem natural das coisas. E, uma vez explicado, este conceito revolucionário da personalidade também pareceu ser a ordem natural das coisas, alojado na nossa consciência inconsciente; os seus atributos não reconhecidos na lógica linear.

O Rob frequentava a aula há já vários meses quando, no final de 1974, durante o Outono desse ano, relatou uma série de experiências de perceção alterada daquilo que pareciam ser outras vidas. Duas delas envolviam duas mortes claramente distintas de dois soldados romanos do século I d.C. — pessoas que teriam vivido no mesmo «tempo» histórico que a sua personagem Nebene. Uma terceira perceção era a de uma mulher jamaicana do século XIX.

O Rob disse à aula que as suas impressões dessas pessoas possuíam uma validade e uma intensidade que não podia negar. Alguns dos pormenores — incluindo a descrição minuciosa do Rob das longas redes de pesca presas por cordas que tinham trazido para terra um dos seus corpos romanos — foram confirmados por George Rhoads, que vivera, durante a década de 1940, numa aldeia piscatória espanhola que permanecia, em muitos aspetos, inalterada desde os tempos antigos.

Ainda assim, o Rob perguntou em voz alta: seria isto algum tipo de contradição? Ou, se estas personalidades tinham realmente vivido (ou estavam agora a viver, em termos de tempo simultâneo), o que significava isso? Poderiam vários «eus» existir no mesmo enquadramento temporal?

— O que isto poderá significar é uma revolução literal no nosso conceito de identidade — sugeriu o Rob, com a sua habitual tranquilidade. — Demonstra mais uma vez quão limitadas são as nossas noções de personalidade e quão vastas podem ser as facetas da consciência.

E continuou a descrever mais aspetos da sua perceção da mulher jamaicana.

— Tenho a sensação — disse a Jane, no silêncio pouco habitual que se seguiu às observações do Rob — de que está para acontecer algo novo, percebem?

No ditado do livro *The "Unknown" Reality*, explicou a Jane, o Seth tinha descrito como o Rob ajudara a mulher jamaicana no «agora» dela — outro exemplo da unidade reencarnacional que atravessa tudo, semelhante ao encontro Nebene-Shirin entre o Rob e eu três anos antes.

A Jane trouxera as passagens mais recentes do «Desconhecido» ditadas pelo Seth para as ler à aula.

— «Vives mais do que uma vida ao mesmo tempo», começou ela, lendo das notas cuidadosamente dactilografadas pelo Rob. «Não experienciaste o teu século apenas a partir de um único ponto de vista separado, e os indivíduos vivos em qualquer século possuem ligações muito mais profundas do que imaginas. Não experienciaste o teu mundo de espaço-tempo a partir de um único ponto de vista, mas de muitos.»

Quando a Jane terminou a leitura, o Seth manifestou-se, retirando os óculos da Jane e colocando-os — juntamente com o caderno da sessão — sobre a mesa de centro diante do Rob.

Num elaborado elogio ao Rob por ter percebido a mulher jamaicana, o Seth disse-lhe:

— Estás neurologicamente sintonizado com um campo específico de atividade que reconheces. Contudo, se conseguisses pensar num corpo multidimensional, existindo simultaneamente em realidades diferentes e aparecendo de forma diferente dentro dessas realidades, então poderias vislumbrar aquilo que está envolvido.

Bem, nessa altura já percebíamos que tudo isto conduzia a alguma coisa — tínhamos aprendido a reconhecer um certo tipo de «sinal» na aula e nas palavras do Seth.

E, na semana seguinte, enquanto trocávamos energicamente ideias acerca dos eus prováveis e da sua relação com vidas passadas, a Florence comentou que tinha de existir «algum tipo de equilíbrio» entre aquilo a que ainda chamávamos «eus reencarnacionais».

Imediatamente, o Seth entrou na conversa.

— Longe de mim perturbar as vossas ideias de yin e yang, ou de Jung, ou do bem e do mal, ou do certo e do errado, ou de boas vibrações e más vibrações! — disse-nos o Seth, com humor. — O que espero dizer é que o vosso mundo existe em termos diferentes daqueles que reconhecem e que a reencarnação é, de facto, um mito e uma história que representa algo completamente diferente!

— Agora, tomam uma parte do vosso mundo tal como o compreendem, no vosso tempo tal como o compreendem, e todas as criaturas da Terra — nos vossos termos — participam nesse século. E assim cada um de vós desenvolve desafios e possibilidades, criatividade e realização. E assim nascem em raças diferentes, em culturas diferentes, com desejos diferentes, mas iguais. E cada um, à sua maneira, participa naquilo que consideram ser a história do vosso tempo.

O Seth voltou-se para a Florence.

— Perdoa-me... vou usar-te como exemplo — disse, num tom de afetuosa desculpa.

Então anunciou que a Florence tinha um correspondente, uma «versão» viva de si própria, que era um jovem atualmente vivo na China:

— ...que não pesa sequer trinta e dois quilos. Passou fome durante anos. Sente-se muito vulnerável. Não ajuda particularmente esse jovem que a nossa Senhora Florence acumule peso porque se sente menos vulnerável e mais protegida do mundo.

— Por outro lado, o nosso jovem sonha ser gordo, e esse é um dos seus sonhos mais satisfatórios — continuou o Seth. — Ora, esses sonhos vão ajudá-lo, à sua maneira, porque ele já está a trabalhar em conceitos relacionados com o cultivo dos campos que irão ajudar as pessoas da sua aldeia.

— Nesta aldeia em particular, os anciãos acreditam que existe algum mérito em ser magro. O nosso jovem odeia os americanos. Acredita que esta é uma sociedade opulenta, luxuosa e perversa; e, no entanto, deseja-a com todo o coração.

— Entretanto, a nossa Florence, à sua maneira, trabalha com ideias de bem e mal, procurando aquilo que considera ser um código estético e moral em que possa confiar. O correspondente dela possui esse código e descobriu que não podia confiar nele. Cada um, à sua maneira, trabalha a mesma série de desafios, mas existem também dois outros correspondentes e, entre os quatro, o século está a ser abrangido...

— Ora, apenas nos vossos termos, estes outros correspondentes — e apenas nos vossos termos — são como padrões latentes na vossa mente, ecos. Quantos de vós já pensaram verdadeiramente no que poderá ser o «inconsciente»? Ou as vozes que ouvem na mente ou no coração — são «vossas»? A que correspondente pertencem? E, no entanto, vós, na vossa própria identidade, tendes o direito de fazer exatamente aquilo que desejais e de formar a vossa própria realidade...

As ligações começaram a iluminar-se; via-se isso nos olhos de todos.

— Os opostos atraem-se — comentou alguém.

— Não quis dar a entender que estivessem numa gangorra, com um eu gordo cá em cima e um eu magro lá em baixo, ou um eu bom cá em cima e um eu mau lá em baixo, ou um eu amarelo cá em cima e um eu laranja lá em baixo — respondeu o Seth. — Apenas que cada um de vós, à sua maneira, trabalha as suas ideias de bem e mal, de «opostos»; que estais a trabalhar os mesmos desafios e que...

Aqui a voz do Seth trovejou:

— Não existem opostos!

Recostando-se na cadeira, o Seth fechou os olhos da Jane e bateu com o pé dela no apoio da cadeira.

— Vou dar-vos outro exemplo — disse. — Há um membro da aula — e vou fechar os meus olhos inocentes para não revelar o

segredo — mas há um membro da aula que é realmente um excelente jesuíta...

Várias pessoas soltaram uma gargalhada. O Seth chamara muitas vezes a Warren Atkinson «o excelente jesuíta» (bem como «o Cardeal»), em referência ao seu passado católico.

— ...a trabalhar questões de grande peso relacionadas com a natureza da religião — continuou o Seth. — Ora, há também um homem que veio a esta aula, um padre «renegado», que fugiu para a Costa Oeste; que gosta de dar pontapés na teologia e fazer as coisas à sua maneira.

— O Collin — disse Harold Wiles, lembrando-se do padre reduzido ao estado laical que viera uma vez à aula e conversara longamente com o Seth — em latim.

O Seth assentiu.

— Há também uma mulher. Essa mulher vive em Inglaterra e é extremamente devota. Todos estes correspondentes estão a trabalhar com a natureza da religião. Estão a experienciar versões da religião porque isso os interessa, seguindo caminhos e estradas diferentes, como se tivesses uma grande maçã vermelha e brilhante, e lhe desses uma dentada aqui, e aqui, e aqui, e dissesses: «Ahá, é doce — oh, não, aqui é azeda; e aqui — agora já sei!» Mas continua a ser a mesma grande e deliciosa maçã vermelha! E essa é a única pista que vos darei!

— Então — perguntou Lauren DelMarie — estás a dizer que, se alguém acredita no bem e no mal, ou na saúde e na doença, isso será traduzido não apenas na vida individual mas também nas diferentes vidas?

— Estou a dizer, minha querida amiga — respondeu o Seth pacientemente —, que os atributos da realidade que te interessam, tu criá-los-ás à tua maneira. E, se quiseres experienciar [por exemplo] as tuas ideias sobre a natureza da religião e... fazer um bom trabalho nesse campo, tens de ser cética e crente; e indiana e judia. Caso contrário, não compreenderás absolutamente nada e ficarás com uma visão muito desequilibrada. E não podes saber o que é ser branco

nesta cultura se não souberes o que é ser negro nesta cultura e, na verdade — e [dirigindo-se a um aluno negro] talvez não concordes comigo aqui — não podes compreender o que é ser negro nesta cultura se não fores branco nela.

— Pergunta, pergunta! — gritou o Rudy, agitando as mãos para chamar a atenção do Seth. — Hum, o que acontece se aprendeste a confiar no teu ser e depois tens um correspondente que desconfia do seu ser? O que acontece então?

— O teu ser pertence-te — respondeu o Seth.

— O meu ser pertence-me? — repetiu o Rudy, perplexo.

— O teu ser pertence-te — respondeu novamente o Seth. — E o ser do teu correspondente pertence-lhe. Ora, no estado de sonho, por assim dizer, comparais apontamentos.

O Rudy olhou para o teto, depois para o chão, e de novo para o Seth.

— Não vejo de que forma isso responde à pergunta — admitiu.

— Responde à pergunta na medida em que é a única resposta que vais obter! — disse o Seth com grande humor irónico. — Estais aqui como um grande grupo criativo. E, porque sois, deleitais-vos a encontrar as vossas próprias respostas. E eu sei perfeitamente, quando fazeis uma pergunta, quando esperais uma resposta e quando não a esperais!

Assim, «correspondentes» — a palavra pegou. O conceito pareceu explodir sobre nós. Era tão natural; e, no entanto, quase aterrador nas suas implicações: a ideia mais fecunda que tínhamos ouvido até então, prestes a dar à luz incessantemente.

— Primeiro, consegui compreender que o eu não dependia do meu corpo físico para existir — resmungou um aluno ligeiramente exasperado. — Depois veio a ideia da reencarnação e do tempo simultâneo. Muito bem, muito bem, finalmente consegui acompanhar tudo isso e, logo a seguir, apareceu a questão das probabilidades e de todas as direções não seguidas existirem noutro lugar. Depois, as probabilidades e a reencarnação acabaram por se fundir na mesma

coisa. Agora surge esta ideia dos correspondentes! Isto já é mais do que consigo suportar!

A Jane estava sentada em silêncio, fora de transe, com uma expressão que misturava fascínio e inquietação. As observações do Seth acerca da Florence e do seu correspondente eram certamente perspicazes, mas todos sabíamos que o padrasto da Florence era chinês. Por um lado, este facto encaixava na «lógica» das informações sobre correspondentes que o Seth lhe dera: ela dizia que tudo aquilo se relacionava com inúmeros factos pessoais e com uma espécie de «correção» emocional. Por outro lado, significava isso que cada detalhe da tua vida se ligava de alguma forma a outros níveis de atividade física, com paralelos que se prolongavam até ao sinal na tua face?

Durante a semana, registei cinco ou seis sonhos que apresentavam relações de tipo complementar com amigos e familiares. Num deles, eu tinha publicado uma trilogia de ficção científica e estava a oferecer exemplares às personagens que criara na história — mas essas personagens eram pessoas que eu conhecia na vida quotidiana desperta.

Entreguei o Volume I da trilogia ao Joel Hess, que deixara de frequentar a aula em 1971; em 1974, já trabalhava há um ano como editor de um jornal semanal de Elmira. Entreguei o Volume II à Zelda Graydon, membro da aula, ela própria escritora e jornalista principiante. O Volume III foi para a Jane.

Era absolutamente claro, nesse sonho, que eu tinha criado aquelas três pessoas. Mas, evidentemente, não tinha. O que significava aquilo?

A terça-feira, 3 de Dezembro, estava fria e cinzenta. Um prenúncio do Inverno que se aproximava fazia estremecer os grandes janelões salientes durante toda a aula, enquanto rajadas de vento rodopiavam pelas ruas escuras de Elmira e se precipitavam contra a casa. Cerca de trinta de nós permanecíamos sentados, quentes e confortáveis, a conversar sobre o mais recente livro do Seth, *The "Unknown" Reality*, e sobre esta nova questão dos correspondentes.

Já tarde na noite, o Rob contou-nos que tivera nessa semana outra experiência semelhante às perceções da mulher jamaicana e do capitão

romano nas redes de pesca. Desta vez, disse ele, parecera-lhe sintonizar-se com a morte de mais um soldado romano — tornando este o quarto indivíduo que identificara como vivendo no «tempo» do século I d.C. de Nebene.

Enquanto o Rob falava, parecia-me que se abriam corredores dentro da minha cabeça. Por um lado, recordei os constantes avisos do Seth para estarmos atentos aos «estranhos» nos nossos sonhos; e as suas observações sobre as nossas relações com esses estranhos, alguns dos quais, dissera ele, existiam agora noutras partes do mundo físico.

Depois havia aquela pergunta com que importunei o Seth durante semanas no início de 1971: poderia uma entidade ter duas personalidades vivas ao mesmo tempo?

— Estava a perguntar-me quando irias finalmente fazer essa pergunta — respondera o Seth (de forma exasperante). — De facto! A minha resposta é afirmativa.

Mas, na altura, recusara-se a desenvolver o assunto e as implicações mais subtis da sua resposta perderam-se para mim no entusiasmo das possíveis aplicações românticas. Amor à primeira vista explicado! Almas gémeas definidas!

Agora, enquanto escutava o Rob, recordei aquela antiga pergunta minha — e outra coisa ainda.

Conheci George Rhoads em Martha's Vineyard, no Verão de 1968. Nenhum de nós ouvira falar do Seth, mas ambos registávamos habitualmente os nossos sonhos e estávamos conscientes dos acontecimentos paranormais das nossas vidas. Muitas foram as noites passadas em Martha's Vineyard sentados na varanda da cabana de George, junto à Lagoa, a comer salada de algas e sopa de amêijoas feita em casa, ouvindo o canto dos *whip-poor-wills* e trocando relatos de sonhos.

Os sonhos do George eram semelhantes às suas pinturas — em cores brilhantes e de um realismo extraordinário. Também experienciava, dizia ele, visões vívidas e imediatas durante a meditação; e uma dessas visões repetira-se de forma inquietante ao longo do ano anterior.

Tratava-se da cena da morte de um soldado romano sobre uma muralha elevada, com um parapeito redondo nas proximidades. Nessa imagem — estranhamente desprovida de cor, segundo ele — o soldado era atingido ou alvejado na parte de trás da cabeça e caía para trás, ou era empurrado, da muralha para a morte no solo lá em baixo.

O George dizia que os pormenores eram perfeitamente nítidos — que, ao fundo, conseguia ouvir um murmúrio ou rugido abafado de vozes humanas, cantando ou lamentando-se. Sabia que o soldado era ele próprio; as emoções eram pessoais e diretas; e, no entanto, parecia de algum modo ser simultaneamente vítima e agressor: conseguia também «recordar-se» de subir as escadas da torre para atacar o soldado.

A estranha dualidade era subjetivamente certa — e, contudo, impossível, reconhecia o George. Fez para mim dois desenhos da cena a tinta-da-china (ver Figura 13), exprimindo a atmosfera sombria do episódio através de linhas escassas e ensombradas.

Agora eu ouvia o Rob contar a sua perceção do soldado romano no topo de uma muralha com um parapeito próximo, e de como o homem caíra para a morte depois de ser atingido ou de alguma forma atacado. O Rob também sentira o lamento distante de milhares de vozes; também vira o acontecimento em tons escuros e sombrios. Observava a cena de um ponto acima do soldado; mas, mais uma vez, dizia não ter qualquer dúvida de que o soldado era ele próprio.

Seria isto reencarnação sob alguma forma estranha? Ou dois homens de espírito semelhante a recordarem inconscientemente o mesmo livro de História que haviam lido em tempos? E mesmo que aceitasses a memória de vidas passadas (ou mortes passadas?) — bem, muitos soldados romanos devem ter caído de muralhas ao longo dos séculos. Exceto que...

Olhei para o George, que estava sentado no chão, a fumar um cigarro malcheiroso, esperando intensamente que o Rob interrompesse a sua exposição. Estranho que o George tivesse voltado a falar dessa experiência de meditação apenas alguns meses antes daquela aula...

— Rob — disparou finalmente o George —, foi exatamente a mesma coisa que me aconteceu! Tenho exatamente a mesma memória que tu!

Era quase cómico: o George a contar apressadamente a mesma história do soldado; o Rob a reagir com um espanto divertido.

Conhecia ambos há cerca de seis anos, mas nunca fora tão evidente o quanto estavam... ligados. Fisicamente, tinham mais ou menos a mesma idade e aparência geral. Tinham antecedentes semelhantes: o Rob crescera numa pequena cidade comum da Pensilvânia; o George, numa família de classe média do Centro-Oeste.

Ambos eram artistas profissionais e excelentes desenhadores; ambos tinham realizado trabalhos comerciais lucrativos em Nova Iorque antes de se dedicarem à própria pintura; ambos tinham ganho a vida, em certa altura, fazendo ilustrações anatómicas para livros de medicina; ambos tinham trabalhado em banda desenhada. Ambos estudavam e utilizavam as técnicas dos mestres do Renascimento.

Não era um conjunto esmagador de coincidências, reconheci, para artistas da sua geração; muitos outros tinham seguido percursos semelhantes. E, afinal, havia diferenças bastante óbvias entre eles. Para começar, o George casara várias vezes e tinha dois filhos, enquanto o Rob não perseguia ativamente uma carreira baseada na venda de obras em galerias, como o George fazia.

Mas até essas diferenças eram... procurei a expressão certa... como opostos complementares.

Seria coincidência que o George, o Rob, a Jane e eu nos relacionássemos da forma como nos relacionávamos? Ambos os homens eram pelo menos dez anos mais velhos do que as mulheres, que eram ambas escritoras. Os quatro ali, na aula da Jane, como um quarteto Sumari. E agora, esta história do soldado que cai.

Tudo parecia doer de significado; a mente ansiava por dobrar uma esquina e apanhá-lo ali, por mais esquivo que fosse...

Lembrei-me da recente observação do Seth acerca das ligações de «correspondente» do Warren com o Collin, o padre renegado — que viera àquela aula; que estivera ali, frente a frente com o Warren.

Isto não era, então, uma teoria sobre eus que, nos nossos termos, estavam há muito desaparecidos e distantes — podia significar tu olhares para ti próprio, espelhos vivos da identidade; o eu a ver o eu e a descobrir algo verdadeiramente íntimo, algo impossível de expressar por palavras.

Seriam o Rob e o George correspondentes; partes do mesmo eu? Significaria isso que, em tempos, tinham «partilhado» aquele mesmo soldado romano? Ou estariam a partilhar memórias (ou perceções) através de uma espécie de sinapse espiritual?

Mas então os nomes das suas entidades, tal como dados pelo Seth, eram diferentes. Não deveria isso significar alguma coisa? Ou tentar definir correspondentes através de nomes de entidades seria como tentar traduzir literalmente as canções Sumari?

Senti-me tonto, rodopiando em ideias que me esforçava por conter.

Enquanto o George e o Rob trocavam pormenores sobre a cena do soldado romano, o Seth retirou os óculos da Jane e escutou-os, sorrindo, durante alguns instantes.

— Não vos posso falar da realidade da vossa própria psique — disse finalmente. — Só vós a podeis experienciar por vós mesmos...

— Mas, nos vossos termos, a população da Terra é composta por correspondentes e, portanto, existe efetivamente uma relação; e, quando matais um inimigo, estais a matar uma versão de vós próprios.

— Existem também profundas ligações espirituais e biológicas, como sugeri numa das nossas recentes sessões de livro — disse o Seth ao Rob.

— Porque, tal como sois membros de uma raça física, sois também membros de uma espécie de realidade psíquica de correspondentes, e esta atravessa raças, países, estados ou políticas.

— Assim, os correspondentes existem, nos vossos termos, em qualquer momento dado da História; e, portanto, estais realmente relacionados; e não existem estranhos, em termos mais profundos, sobre a face da Terra.

— Formais a vossa História. Formais a vossa realidade, e ninguém é colocado numa posição que primeiro não tenha aceite como desafio. E assim resolves os teus problemas e os teus desafios da forma que escolheres, historicamente falando, mais uma vez nos vossos termos; de modo que tu e o romano estais ligados; o árabe e o americano; o africano e o chinês; e assim também as vossas identidades se misturam com outras que podem parecer estranhas, mas que falam com a vossa própria voz — outras que comunicam convosco nos sonhos, tal como vós comunicais com elas.

— Tendes companheiros e vindes, nos vossos termos, à Terra num tempo e lugar da vossa escolha; e assim colheis e moldais os grandes desafios da vossa época.

— Cada um de vós é um indivíduo. Cada um de vós é vós próprio.

Assim, depois de o Seth se retirar, perguntámo-nos: significaria isto que poderias literalmente ter centenas de correspondentes?

— E se acabasses por ser todos os soldados de todo o exército romano? — riu-se o Rob.

Mas, em Janeiro de 1975, o Seth identificou uma série de relações de correspondência existentes entre membros da aula: incluindo o Rob e o George, o Rob e a Jane, e a Jane e eu — uma lógica que certamente não surpreendeu ninguém.

«As relações de correspondência surgem quando servem o vosso propósito», diz o Seth no Volume 2 de *The "Unknown" Reality*. «Misturam-se e fundem-se.»

Nesse Janeiro, o Seth explicou à aula:

— Tendes correspondentes específicos que estão mais relacionados convosco do que outros. Não me compete dizer-vos quem são; apenas informar-vos de que essa realidade existe. Depois de saberem isso, cabe-vos descobrir os vossos próprios correspondentes... porque todos o podem fazer!

E assim, para Fred Lorton, membro da aula, este desafio lançado pelo Seth tornou-se um exercício criativo de perceção, semelhante à sua descoberta dos eus «reencarnacionais».

— Correspondentes — fiquei atónito quando ouvi isto! — diz o Fred. — Cerca de duas semanas depois, experimentei auto-hipnose [com a sugestão de que veria um correspondente]. A minha primeira experiência foi bastante interessante. [Vi] um dos meus correspondentes, que tem entre sessenta e sessenta e cinco anos, vive numa quinta pobre na Turquia, sabe tudo sobre cultivo e venda de drogas e é responsável por alguns dos meus sentimentos em relação às pessoas que vendem drogas a outras pessoas, especialmente aos jovens. Apareceu-me a cerca de trinta centímetros da cara e ficou a olhar para mim durante pelo menos dois minutos; depois o rosto suavizou-se um pouco quando percebi quem [essa pessoa] era.

— Correspondente número Dois — cerca de uma semana mais tarde. [Vi] uma festa de cocktail em Los Angeles, com pessoas de vários meios sociais, bem vestidas e financeiramente confortáveis. De repente, uma rapariga com cerca de um metro e oitenta voltou-se para mim, copo na mão, e ficou a olhar fixamente durante muito tempo. Quando percebi que estava a retribuir o olhar e que se tratava novamente de correspondentes, a cena desvaneceu-se... mais uma vez em auto-hipnose, ao fim de seis minutos.

Na Sessão 732 de 22 de Janeiro de 1975, do Volume 2 de "Desconhecida", Seth disse o seguinte acerca das visualizações de contrapartes do Fred: "Muitos dos [membros da aula] tornaram-se mortalmente sérios enquanto tentavam compreender o conceito de [contraparte]. Alguns queriam que eu lhes identificasse as suas contrapartes... Em vez disso, durante a última semana, [o Fred] deixou a sua própria imaginação criativa ir para onde quisesse, mantendo a ideia geral em mente. Brincou com o conceito, portanto. De certa forma, as suas experiências foram como as de uma criança — abertas, curiosas, cheias de entusiasmo. Como resultado, ele próprio descobriu algumas das suas contrapartes.5

"A maioria das pessoas, contudo, é tão excessivamente séria que desconfia da própria criatividade..."

Noutro nível, Harold Wiles sentiu um forte "reconhecimento" quando um jovem de Boston entrou na aula em 1972. O rapaz deu ao Harold o seu nome e morada para poder receber as sessões de aula do Seth, e os dois começaram a corresponder-se. "Viemos de contextos familiares completamente diferentes e não partilhamos os mesmos interesses nem nenhuma das coisas que se poderia pensar que tenderiam a aproximar duas pessoas", diz o Harold. "Mas a verdade é que ele era alguém que eu 'conhecia'. Encontramo-nos e comunicamos no estado de sonho e em estados fora do corpo, e tivemos uma correlação espantosa na nossa atividade onírica. Comunicamos telepaticamente, e nada desta atividade é alguma vez planeado — é completamente espontânea. Só quando o Seth trouxe à baila a informação sobre contrapartes é que comecei a perguntar-me se era isso que estava a acontecer.

"Por exemplo: ao meio-dia de uma segunda-feira quente de Julho de 1977, estava a passear na nossa quinta. Não me dirigia a lado nenhum em particular. Estava apenas a vaguear — a desfrutar do sol, do calor, do meu pomar de macieiras e do bosque. Gradualmente, tomei consciência de que não estava sozinho. A minha contraparte estava a 'caminhar' comigo, e estávamos a conversar.

"A única forma de descrever a situação é dizer que parecia ter saído de mim próprio e ali estava eu, a caminhar ao sol, a ouvir, como um observador externo, uma conversa entre mim e o Greg. Estava plenamente consciente do que se passava. Ouvi-me a falar com a minha voz física, e parecia ouvir a voz do Greg na minha mente. Tinha consciência da 'alteração' e consegui fixar-me nela.

"A nossa conversa foi bastante pessoal e muito específica. Falámos sobre comunicação entre pessoas — comunicação em todas as suas formas. Falámos sobre pessoas que ambos conhecíamos e situações que eram familiares para ambos. A alteração durou cerca de trinta minutos e depois desvaneceu-se. Mais uma vez estava sozinho, a caminhar pelos campos."

O Harold diz que escreveu uma carta ao Greg nessa noite, descrevendo toda a experiência em detalhe. Mais tarde recebeu uma carta de cinco páginas do Greg, descrevendo as suas atividades no dia anterior ao passeio de segunda-feira do Harold. "Ele tinha estado envolvido com muitas pessoas sobre as quais tínhamos 'falado'

durante o nosso passeio, juntamente com uma multidão de outras experiências", diz o Harold. "As nossas duas cartas — o meu relato para ele e a descrição dele da tarde de domingo — poderiam ter vindo do mesmo guião. Coincidiam em pormenor após pormenor. Era extraordinário. A observação final do Greg foi: '... por isso, enquanto trabalhava na segunda-feira e pensava nos acontecimentos do dia anterior, não me surpreende ter-to comunicado!'"

O Harold raramente se lembra dos seus sonhos, nunca teve quaisquer experiências de alteração de consciência na aula além de alguns "acertos" nas experiências das portas, nunca gostou de Sumari e raramente teve qualquer tipo de experiência paranormal. O facto de ter uma comunicação deste género com o Greg, que vive numa cidade distante e não partilha os interesses gerais do Harold (e além disso escreve cartas muito mal, acrescenta o Harold), levanta mais perguntas do que respostas. Estes dois homens "partilham" um terreno psíquico comum? No entanto, quando se trata do Les, a contraparte que lhe foi atribuída na aula, o Harold apenas encolhe os ombros e diz: "Não sei."

O Harold gere um centro comercial perto de Elmira e vive na mesma quinta onde os seus bisavós trabalharam há um século; além disso, a casa do Harold fica a poucos quilómetros da quinta de terceira geração onde a sua mulher cresceu — uma sólida tradição de raízes, se alguma vez existiu uma. Em comparação, o Les mudou-se de Nova Iorque para uma pequena quinta de cavalos perto de Elmira no início da década de 70 e recentemente deixou a região para gerir um rancho de cavalos no Colorado. O Harold e o Les não comunicavam de todo na aula... exteriormente.

Na verdade, parece que nem sequer és obrigado a gostar das tuas contrapartes: nenhum dos membros do trio de contrapartes da aula — Richie Kendall, Ben Fein e Will Petrosky — tem grande afeição pelos outros. O Richie, um compositor aspirante e inquieto, "sonha ser espontâneo", como diz o Seth,6 mas dificultava as próprias capacidades com preocupações intermináveis acerca da responsabilidade criativa e dos pecados da fama e da fortuna.

O Will era um falador compulsivo com gestos impulsivos (como se viu no incidente da peruca no Capítulo Onze) e agora escreve artigos sobre ficção científica para um boletim informativo da Costa

Oeste. “Ele é muito intelectual, orgulhoso de ser um dos Rapazes”, reconhece o Seth. O Richie e o Will cresceram no mesmo subúrbio de Nova Iorque; nenhum deles alguma vez conseguiu simpatizar com o pobre Ben, que frequentou a aula durante algum tempo em 1974.

“Confia plenamente nas suas intuições e apoia-se nelas; é totalmente espontâneo”, foi o comentário do Seth sobre o Ben. “... mas a sua espontaneidade era embaraçosa para os adultos; ele tinha medo do seu intelecto.”7

“O que é que isso tudo diz sobre mim?”, escreve o Richie. “A energia [do Ben] era forte mas dispersa, e ele irritava muita gente... mas lembro-me de que ‘Toda a gente é contraparte de alguém’... por isso devo ser bondoso, pelo menos nos meus pensamentos.”

Ao explorar a relação de contraparte entre a Jane e eu, é bastante óbvio que, como escritores, ambos exploramos paisagens interiores; ambos escrevemos prosa e poesia desde a primeira infância. Aos vinte e quatro anos, as primeiras obras de ficção publicadas da Jane eram fantasias científicas;8 as primeiras histórias que escrevi, aos oito anos, também eram aventuras do género fantasia científica. A Jane nasceu dezasseis anos antes de mim, filha única numa cidade do interior do estado de Nova Iorque, tal como eu.

Cresceu à beira da pobreza; a minha infância, pelo contrário, foi confortável e idílica. A Jane cresceu católica; os meus pais eram agnósticos, e eu seguia uma religião diferente: a de que qualquer pessoa que fosse à igreja era culpada de perpetuar os crimes mais flagrantes da humanidade contra si própria e contra o resto da Terra — isto apesar de eu ser um leitor ávido de histórias bíblicas em criança e profundamente tocado por elas.

Fisicamente, a Jane tende para a magreza, eu para a robustez; contudo, as nossas crenças acerca da alimentação e da nutrição são muito semelhantes (ambos, por exemplo, sempre sentimos uma certa furtividade em relação ao acto de comer). Por escolha, a Jane não tem filhos; nenhuma das fantasias da nossa infância sobre os respetivos futuros incluía lares e famílias tradicionais (“Nunca casarei com um homem das nove às cinco!”, proclamei ferozmente à minha mãe aos seis anos).

Os sonhos profissionais bastante específicos da Jane eram sustentados por uma enorme força de vontade concentrada, ao passo que as minhas ambições literárias foram muito mais ambivalentes até ao início dos meus trinta anos. Ambos fomos para a universidade com base nas nossas capacidades de escrita: a Jane ganhou uma bolsa de poesia para Skidmore; eu aperfeiçoei os meus talentos numa escola de jornalismo.

Em 1971 comecei a escrever o meu primeiro romance, uma fantasia intitulada The Mediumship of Zachary LaRue (inédito), que inicialmente me foi ditado nos sonhos enquanto as personagens representavam as cenas apropriadas. Escrevi o que conseguia recordar e pus as notas de lado durante dois anos. O livro trata de um homem que morre e depois aprende a comunicar com os vivos — e, nesse processo, descobre aquilo que agora reconheço como contrapartes de si próprio, vivas no "seu" tempo e noutros tempos. Nunca mencionei o livro à Jane antes de o terminar, no final de 1973; ela nunca o leu. Em 1972, a Jane escreveu The Education of Oversoul 7, sobre uma entidade e os problemas das suas personalidades ligadas à Terra.

Também em 1971 tive uma série de sonhos vívidos envolvendo uma biblioteca que se abria a partir de um canto do bosque atrás da casa dos meus pais, e na qual eu podia investigar a natureza da consciência ou viajar através de outras portas para sistemas prováveis de realidade.* Em 1974, a Jane começou a encontrar a sua própria "biblioteca" num canto da sala de estar, a partir da qual escreveu o brilhante Psychic Politics. Mais uma vez, eu não lhe tinha falado dos meus sonhos da biblioteca antes da experiência dela — de facto (em 1981), ainda não lhe tinha enviado as transcrições desses sonhos. E depois, à sua maneira, a minha experiência de deixar a Shirin "espreitar através dos meus olhos" reflete alguma versão de uma capacidade mediúnica.

**A ver Apêndice 9.*

A Jane e eu temos sonhos vívidos nos quais frequentemente nos encontramos conscientes de estar no estado de sonho. Até certo ponto, conseguimos dirigir o foco e a intenção dos nossos sonhos. Muitas vezes sonhamos um com o outro e recordamos pormenores coincidentes de sonhos da mesma noite. No final de 1969, um dos meus sonhos previu de forma admirável a troca de contrapartes sem

que eu tivesse conhecimento consciente do conceito: no sonho, eu tentava encontrar um lugar para viver na vizinhança da Jane, mas as rendas eram absurdamente elevadas. Enquanto caminhava pelo quarteirão perto do apartamento da Jane e do Rob, olhei para cima através das janelas salientes e vi não uma, mas três Janes. Uma era uma versão volúvel e risonha da Jane; outra era corpulenta, agressiva e masculinizada.

A própria Jane estava sentada à sua secretária, coberta de trabalho. As três Janes deram-me lições sobre como desenvolver as minhas capacidades de escrita e depois expressaram umas às outras os seus receios acerca das suas características contrastantes, particularmente entre a Jane volúvel e a Jane "de trás". O meu eu onírico escutou, mas acordou sem encontrar um lugar para viver. "Vês", disse o Seth de forma enfática, depois de eu relatar este sonho na aula, "o caminho do Ruburt é demasiado caro — é demasiado caro seguir o caminho de outra pessoa, e essa é a mensagem do sonho."

Da mesma forma, tanto o George como o Rob tiveram sonhos duplos9 e experiências interiores relacionadas com a pintura que apresentam correlações surpreendentemente detalhadas. Várias vezes, por exemplo, o George sentia o impulso de pintar desenhos geométricos de cores e padrões intrincados e depois descobria que o Rob tinha interrompido temporariamente o seu estilo habitual para pintar desenhos geométricos. Recentemente, o Rob tem feito uma série de pequenas e evocativas pinturas "de sonho" relacionadas com notas que vem compilando sobre recordação de sonhos. Ao mesmo tempo (como os dois vieram mais tarde a descobrir), o George interrompeu impulsivamente a sua escultura para fazer algumas pinturas surrealistas, algo diferentes dos seus métodos habituais, pois envolvem cenas dos seus próprios sonhos registados. Nenhum dos dois sabia o que o outro andava a fazer até passarem várias semanas. Além disso, a certa altura de The Seth Material, o Seth deu ao Rob algumas informações sobre um eu provável — um médico que pinta como passatempo.10

Como foi mencionado no capítulo sobre crenças do Volume I, o George tem sonhos recorrentes envolvendo um médico escandinavo que lida com conflitos relacionados com "o homem no mercado" — conflitos que, como foi referido no Capítulo 5, também afetam o George enquanto artista. O George registou alguns desses sonhos, que

interpretou como estando relacionados com probabilidades, antes de ler The Seth Material ou conhecer a Jane ou o Rob.

E depois, lembra-te de The Chestnut Beads — em que a Sue Watkins era a filha da principal personagem "Jane". Se, enquanto contrapartes, a Jane e eu estamos a lidar com as questões da criatividade e da condição feminina, dificilmente consigo imaginar uma forma mais apropriada de arrancar o conceito do ar e dar-lhe "vida"!

Mais uma vez no contexto da aula, o Seth nomeou Richard Bach (autor de Jonathan Livingston Seagull) como outra das contrapartes da Jane. O Richard assistiu à aula numa noite de Agosto de 1972 e destruiu para sempre alguns dos meus piores receios. Na altura, eu trabalhava numa empresa de impressão em Elmira. Queria despedir-me e escrever a tempo inteiro, mas tinha um medo terrível da pobreza — e do fracasso. Durante o intervalo, o Richard e eu conversámos brevemente sobre os riscos da escrita.

"Não te preocupes com o teu emprego", disse ele por fim. "Quando chegar o momento de te despedires e seguires sozinho, vais sabê-lo — porque já o terás feito. E até lá, não será a altura certa.

"Mas sê fiel àquilo que amas", acrescentou o Richard, "porque, se o fores, isso cuidará de ti — porque essa é a natureza do amor."

"Fulminado" descreve os meus sentimentos naquele momento com a mesma adequação com que "digno de notícia" descreveria a Segunda Vinda. Pouco depois apresentei a minha demissão e comecei a verdadeira aprendizagem da escrita, que conduziu ao meu trabalho num jornal semanal — e a este livro.

A quarta contraparte da Jane na aula, Zelda Graydon, trabalhou brevemente para esse jornal e revelou algumas capacidades de reportagem. Mais tarde mudou-se para a Costa Oeste e entrou numa escola para ministros unitaristas — não exatamente uma escolha de carreira típica da Jane ou da Sue, mas uma escolha paralela, poder-se-ia dizer. (A Zelda também já tinha decidido, aos vinte e três anos, nunca ter filhos.) Fora da aula, mas relacionada, creio eu, com a Jane, a Zelda e comigo em termos de contrapartes, está a Sue Thomas, a

mulher que até 1979 foi co-editora (e proprietária) do jornal semanal da nossa vila.

Nunca assistiu a nenhuma das aulas da Jane, encontrou-se com ela apenas uma vez e nem sequer terminou a leitura de The Seth Material quando tentei interessá-la pelo livro. No entanto, as nossas vidas e funções no jornal encaixavam-se de forma complementar. A Sue tinha uma compreensão do público de um jornal e um sentido do que é notícia que me escapavam em grande medida, apesar da minha formação formal em jornalismo. Ela, por outro lado, aprendeu no trabalho, depois de comprar o jornal a uma família que o possuíra durante muitos anos. Como repórteres, as nossas perspetivas equilibravam-se: eu era quem queria saber: "Qual é a sua filosofia de educação?", e ela era quem preferia perguntar: "Sim, claro, mas quanto vai isso custar ao contribuinte?" A nossa parceria serviu para completar as personalidades um do outro, e o próprio jornal desempenhava uma função complementar na comunidade, despertando o interesse local tanto a níveis "filosóficos" como "práticos".

Além disso, a Sue nasceu em Dundee, mas muitos dos seus antepassados eram de Elmira, a setenta e dois quilómetros de distância; eu nasci em Elmira, mas muitos dos meus antepassados eram originalmente desta vila (incluindo o meu bisavô Baker, que foi coeditor do mesmo jornal semanal em 1878, o ano da sua fundação). A avó materna da Sue tem uma semelhança extraordinária com a falecida mãe do meu pai; a sua avó paterna, por outro lado, parece-se com a mãe da minha mãe (também falecida), não apenas na aparência física, mas até em pormenores dos seus antecedentes e crenças. A Sue deixou o jornal pouco depois de eu o fazer para trabalhar como auxiliar de enfermagem psiquiátrica num hospital de veteranos próximo, onde lhe foi oferecida a possibilidade de integrar a equipa do jornal interno.

Estranhamente, Joel Hess, o terceiro destinatário da trilogia de ficção científica do meu sonho sobre "contrapartes", foi coeditor de um jornal semanal em Elmira durante os mesmos anos em que a Sue e eu publicávamos o nosso. Atualmente vive na Florida e escreveu um livro sobre navegação à vela; a sua experiência como escritor resultou de muitos anos como locutor de rádio — e, durante algum tempo, eu fui repórter de notícias numa estação de rádio local. Ao longo das suas

várias carreiras, o Joel também foi piloto de avião (tal como Richard Bach), ministro religioso, professor na Universidade Cornell (onde eu próprio ocupei uma posição de assistente de docência) e, a certa altura, estudou para ser enfermeiro!

Estou a omitir muitos pormenores pessoais que se encaixam em todo este contexto, naturalmente; mas, a esta altura, as situações de contrapartes e a sua interação emocional já deverão estar a surgir ao reconhecimento consciente do leitor. "De um modo geral", diz Seth no Volume 2 de A Realidade "Desonhecida", "as vossas contrapartes nascem na mesma 'família' psíquica [e são] vossas contemporâneas." Contudo, como a aula terminou pouco depois de a ideia das contrapartes ter sido introduzida, não tivemos a oportunidade de explorar essas relações como grupo. Mas acredito que esta consciência pode ter um impacto profundo na vida pessoal quotidiana de qualquer pessoa e no mundo que ela conhece. Pois, se as tuas contrapartes povoam o mundo, então aquele velho e doce adágio de sacrifício pessoal, "Ama o teu inimigo", transforma-se simplesmente no reconhecimento de que o mundo não está cheio de estranhos.

Pessoalmente, porém, desconfio de aplicar a explicação das contrapartes, como um penso rápido, a todas as facetas das relações humanas, mesmo quando podem estar envolvidas outras ligações. Fascina-me e torna-me cauteloso da mesma forma que a reencarnação me fascina e me torna cauteloso (e suspeito que a reencarnação seja a parábola aceite daquilo para que as contrapartes possam estar a apontar). Cada pessoa deve descobrir os ingredientes da sua própria experiência subjetiva e não limitar essa experiência a um cartão de pontuação psíquico de vidas passadas, contrapartes ou qualquer outra lista de termos. Penso que a essência do conceito de contraparte escapa à definição preliminar que Seth nos deu na aula — tal como era suposto acontecer. Se o leitor conseguir permitir que as ideias sobre contrapartes aqui reunidas floresçam dentro do âmbito da sua própria vida, elas poderão transmitir uma espécie de maturidade própria às relações humanas e à identidade pessoal sentida dentro de cada indivíduo.

"Para mim, é óbvio que as contrapartes trabalham em áreas nas quais gostaríamos de ter experiências, e vice-versa", especula Betty DiAngelo. "Suponho que isto resulta do desejo de ter muitas experiências que não são possíveis numa única vida e que provocam

comunicações em muitos níveis. A questão das contrapartes foi uma das ideias apresentadas na aula que compreendi logo quando me deparei com ela; e, curiosamente, consigo fazer remontar a ideia aos meus tempos de escola paroquial.

"Numa sala de aula havia uma imagem do corpo místico de Cristo — era o contorno de Cristo preenchido com pessoas de muitas nações. Isso dava-me a sensação de que todos fazíamos parte uns dos outros, e eu tinha a ideia secreta de que partilhávamos almas. Além disso, parece-me que, ao sintonizarmo-nos com as contrapartes e tomarmos consciência delas, aproximamo-nos mais dos nossos eus multidimensionais — ou, pelo menos, reconhecemos diferentes aspetos deles. Não é algo egocêntrico, mas um domínio estimulante para explorar.

"Tenho consciência de muitos não-membros da aula que são contrapartes", diz a Betty. "Tenho — ou tive — uma contraparte masculina que não vejo há treze anos; mas ao longo dos anos tive inúmeros sonhos relacionados com ele e sinto que é uma forma de manter contacto. O nosso primeiro encontro (eu tinha dezanove anos) foi um reconhecimento em muitos níveis para ambos — uma sensação de Gates of Horn* — irreal e, ao mesmo tempo, mais real do que a realidade. Desde a primeira vez que estivemos juntos comecei a ver o mundo sob uma luz diferente, e ocorreu-me algo curioso juntamente com isso... comecei a ver um pequeno símbolo geométrico impresso nas coisas — especialmente na natureza, como no céu ou nas árvores. Sabia que simbolizava os dois juntos; era uma espécie de símbolo intemporal... Encontrei o mesmo símbolo geométrico numa outra ocasião, após o nascimento da minha primeira filha [que morreu pouco depois de nascer]. E, mais uma vez, a sensação era a de que simbolizava a nossa relação. Em ambas as ocasiões, [o símbolo] foi acompanhado por uma sensação bela e estimulante de ter recuperado algo precioso que se perdera. Não achei estranho ver este símbolo — pareceu-me uma ocorrência normal que intensificava as experiências...

**(NT: Portões de Chifre (Gates of Horn): por eles passam os sonhos verdadeiros, que se realizam ou transmitem uma mensagem autêntica. Portões de Marfim (Gates of Ivory): por eles passam os sonhos falsos ou ilusórios, que enganam quem os recebe.)*

"Numa ocasião, Seth salientou uma ligação entre a Renée Levine e mim", recorda a Betty. "Reconheci imediatamente a sua validade, e no entanto é algo muito difícil de verbalizar... Ela parecia alguém da minha infância, uma versão mais espontânea e mais despreocupada de mim.

"Passei a pensar na experiência das contrapartes como uma tomada de consciência de certas qualidades [e de as levar] à concretização; [assim], ela confirma a nossa própria existência e mantém-na em crescimento. A analogia que me ocorre é a de uma flor que está apenas a começar a desabrochar..."

NOTAS

1. Para mais pormenores sobre estas recordações de outras vidas do Rob, ver o Volume 2 de The "Unknown" Reality, com referências exactas de páginas indicadas no índice do livro.

2. Da Sessão 721, p. 463, ibid.

3. O George teve outras "recordações" de morte em estado de vigília. Uma delas foi a visão de uma criança esmagada por gado num país do Médio Oriente — "Absolutamente real", estremeceu o George. Outra cena mostrava uma aeronave estranha a despenhar-se numa encosta montanhosa. O George disse que captou pela primeira vez essa visão específica enquanto andava de bicicleta quando era adolescente. Os pormenores da aeronave — a sua forma desconhecida, os painéis com mostradores e controlos indecifráveis e a sua destruição vívida — eram tão imediatos que ele embateu com a bicicleta num candeeiro de rua. "Isto não era uma memória de 'alguém a morrer'", disse o George. "Era eu, e senti-o claramente." Em 1974 perguntou ao Seth se esta cena da aeronave envolvia uma vida futura. A resposta de Seth foi que o George se tinha sintonizado com uma vida provável, "mas que, essencialmente, aprenderás que não há diferença". Mais uma vez, relaciono esta visão do George com o meu próprio avistamento de OVNI (descrito no Capítulo 6) e com a explicação de Seth para este tipo de percepção.

4. No Apêndice 22 da Sessão 724, pp. 768-76, o Rob descreve detalhadamente esta percepção do romano na parede e especula sobre os vários cercos romanos e manobras militares dessa época.

5. Página 556, Volume 2 de The "Unknown" Reality. Além de empreiteiro, o Fred também cria ovelhas na sua quinta. Num dia de Primavera, levou um cordeiro recém-nascido para casa da Jane e do Rob, onde os três o observaram a brincar no tapete da sala. Tal é o encanto e a alegria do Fred pelos seus animais.

6. Para o Volume 2.

7. Ver ibid., Sessão 732, p. 556, bem como as notas do Rob sobre esta sessão, para mais pormenores sobre as contrapartes da aula.

8. Em The Magazine of Fantasy and Science-Fiction.

9. Ver pp. 153-56, bem como as notas do Rob, no Volume 1 de The "Unknown" Reality, para mais informações sobre sonhos duplos e o seu significado. Segundo Seth, esses sonhos podem envolver certos tipos de mensagens da entidade, ou eu total, para a personalidade individual. Eu próprio tive muitos sonhos duplos (como discuto no Volume I de Conversations) e, fora da aula da Jane, conheci várias outras pessoas que também me disseram ter tido experiências semelhantes. Curiosamente, tive uma série de sonhos duplos envolvendo o Joel Hess durante o período em que ele frequentou a aula em 1971; o Joel foi o terceiro destinatário da minha trilogia no sonho referido neste capítulo. Espero um dia escrever um livro sobre sonhos.

10. Ver o Capítulo 15 de The Seth Material para o discurso de Seth sobre o Dr. Pietra, um dos eus prováveis do Rob, que estava a tentar comunicar com outros sistemas de realidade — incluindo o do Rob.

CAPÍTULO DEZANOVE

SE NÃO É DIVERTIDO, PÁRA DE O FAZER!
(E Outras Revelações)

"Quando os meus amigos me perguntam como vocês são, então lembro-me dos vossos diálogos e digo: 'Ora, vocês nunca, em um milhão de anos, vão acreditar em mim, mas existe uma Sue, e existe um Homem-Lata, e existe uma Florence, e um Steve, e uma Lauren, e um Fred... Cada um deles está no centro do universo! Cada um deles é criativo! Ora, [os meus amigos] querem que eu fale por vocês algum dia, porque vos consideram todos tão inacreditáveis. Mas querem as luzes apagadas, para que as vibrações sejam boas!'"

— Seth na Aula,
17 de Dezembro de 1974

A discussão tinha-se tornado, de alguma forma, bastante séria. O novo ar primaveril de 1974 entrava pelas janelas do apartamento da Jane, trazendo indícios de flores de macieira, mas, apesar disso, tínhamos conseguido ficar pesados e sombrios. Era a vez de Diane Best ler passagens do ainda inédito Nature of Personal Reality e, por alguma razão, os trinta e cinco presentes pareciam sentir um enorme peso a cair sobre eles devido à eloquência das palavras de Seth. O livro tratava, naquele ponto, da origem das crenças e dos pressupostos que criam o nosso mundo privado e público.

"Oh, Deus", gemeu Richie Kendall quando a Diane fez uma pausa para beber um gole de vinho. "O que realmente me afecta nisto — o que realmente, realmente me afeta — é como tudo isto é simples. As tuas crenças formam a realidade, certo? Sem tretas nem rodeios — é isso! Mas se é assim tão simples, o que aconteceu? Porque nos esquecemos de tudo? Porque não têm as pessoas consciência disso? Quero dizer, grande parte do mundo está completamente lixada! E o Seth está a dizer que tudo o que temos de fazer é mudar as nossas crenças..."

"Sim, claro, tudo", gracejou a Jane. As suas gargalhadas caíram como uma chuva de pedras.

“Pensa só nisso!”, continuou o Richie apressadamente, apanhado pelo turbilhão dos próprios pensamentos. “Pensa só nisso! É daqui que vem o mundo inteiro e nós esquecemo-nos de tudo!” A sua voz ressoava com verdadeira paixão, e os restantes também o sentíamos. “Como raio permitimos que isso acontecesse?”, lamentou-se o Richie. “Como pudemos permitir-nos criar uma realidade com toda esta dor e sofrimento, guerras e fome, doença, crueldade, tudo isso? É loucura, é o que é — pura loucura! Quero dizer, como permitimos que chegasse a este ponto? Que justificação pode existir?”

O silêncio, por uma vez, reinou absoluto. A Jane encolheu os ombros; que poderia ela dizer?

“Não sei, Richie, quem sabe? Mas talvez seja porque quisemos...”

“O que isso significa é que todos temos agora uma grande responsabilidade”, declarou subitamente Allan Demming. “Significa que temos a responsabilidade de divulgar as ideias de Seth ao mundo em geral, para que as pessoas possam compreender a verdade.”

A Jane fez uma careta de protesto.

“Não, não sei, Allan, eu limito-me a pensar que fazemos os livros e que, se as pessoas quiserem lê-los e usar as ideias, ótimo”, disse ela. “Certamente não me sinto ‘responsável’ da forma que tu queres dizer — e não estou prestes a começar uma cruzada afirmando que eu tenho a verdade e mais ninguém a tem.”

“Mas tens!!” lamentou-se Allan, ignorando a expressão de consternação no rosto da Jane. “Dizes que criamos a nossa própria realidade, e penso que cabe às pessoas aqui convencer os outros a ler o material de Seth — é a nossa responsabilidade para com o mundo, antes que seja demasiado tarde e nos destruamos...”

Rapidamente, a Jane arrancou os óculos do rosto, enquanto a voz de Seth soava forte no seu característico “Agora!!”

“Uh-oh”, sorriu o Richie, “aí vem ele!” Inclinou-se para a frente, antecipando uma típica repreensão sethiana. O que se seguiu foi posteriormente considerado pelos membros que o ouviram como uma das sessões “marco” mais destruidoras de crenças dos dez anos de aula.

"Ouçam-me!", rugiu Seth. "Não vos imponho qualquer responsabilidade de levar a minha mensagem ao mundo! Tenho, nesses termos, uma responsabilidade que vos atribuo — se insistem em pensar em termos de responsabilidade — a responsabilidade de serem vocês próprios da melhor forma que conseguirem; e, se cumprirem essa responsabilidade, as coisas nas vossas vidas estarão certas, e as vossas ações e sentimentos no mundo falarão por si. Porque, ao serem vocês próprios, trazem à luz a mensagem da liberdade e da criatividade!

"O mundo seguirá o seu caminho. Pode não ser o vosso caminho. Pode não ser o meu caminho. Mas pode ser! O mundo acolherá estas ideias como quiser. Eu ofereço-as com espírito lúdico, alegria e humildade, para que caiam como as sementes que caem de um gigantesco carvalho. Não digo que cada homem deva apanhar uma dessas sementes para si e usá-la. Limito-me a dizer: 'Eu sou.' E, a vós, digo: 'Tu és.'

"E sempre que estas aulas não forem divertidas, não venham a elas! E sempre que estiverem a fazer algo que não seja divertido — parem de o fazer!!"

"PARAR DE O FAZER???" gritou o Richie, interrompendo Seth a meio da respiração. "Parar de o fazer??? Queres dizer, assim, simplesmente — parar? Qualquer coisa — qualquer coisa que não seja divertida?? Assim, simplesmente??? Apenas — parar???"

Seth assentiu, sorrindo amplamente para o Richie.

"A criatividade e a alegria dos deuses não envolvem responsabilidade — nos vossos termos, agora", disse Seth. "O ser conhece as suas próprias ações e, quando és tu próprio, cumpres qualquer responsabilidade que qualquer deus ou homem te possa impor de fora.

"Agora, voltem ao livro ou às vossas perguntas", disse Seth,

e retirou-se despreocupadamente.

"Qualquer coisa que não seja divertida — basta deixar de a fazer??" gritava o Richie enquanto a Jane saía do transe. Toda a gente falava e berrava ao mesmo tempo. "Qualquer coisa?? Mas a única

coisa que é divertida para mim é jogar paddleball!" gritou o Richie. "Então isso significa que devo simplesmente largar tudo o resto, não me preocupar em arranjar emprego e jogar paddleball o resto da vida? É isso?"

"Esperem!!" gritou finalmente a Jane acima do ruído geral. "Esperem! O que foi isto?"

"Eu não acredito!" uivou o Richie, numa incredulidade exagerada. "O Seth acabou de dizer que devemos deixar de fazer qualquer coisa que não seja divertida!"

"Pois, também ouvi isso", disse a Jane despreocupadamente, pegando no copo de vinho.

"Sim, mas..." O Richie olhou à volta para os amigos e soltou uma gargalhada nervosa e sonora. "Mas — qualquer coisa?? E se ninguém quisesse trabalhar mais? E se só quisesses fazer sexo o tempo todo? E se decidisses que já não era divertido ser pai ou mãe e atirasses o teu filho porta fora? E se..."

"Sim, ou se tivesses de cuidar da tua mãe idosa ou algo do género, e isso já não fosse divertido?" acrescentou o Rudy. "E se achasses divertido ser exibicionista no Central Park? E se a vida deixasse de ser divertida e decidisses suicidar-te?"

De certo modo, era realmente engraçado — as pessoas do grupo com menos responsabilidades, falando em termos convencionais, eram precisamente as que protestavam mais alto contra este princípio da diversão. Seria porque receavam que a diversão fosse apenas um direito dos cronologicamente jovens, algo que já não conseguiam conservar? Ou porque acreditavam que o mundo estava realmente à espera para os apanhar nas suas mandíbulas?

A Jane acendeu um cigarro.

"Não sei; parece-me apenas que, se fôssemos realmente espontâneos ao ponto de seguir os nossos impulsos, faríamos naturalmente aquilo que fosse necessário. Quero dizer, talvez, se as pessoas fossem realmente espontâneas e compreendessem o eu interior, a pessoa que sempre pensou que ser pai ou mãe não era divertido nem sequer tivesse tido filhos. Ou talvez, quando chegasses

a isso, algumas coisas que julgavas tão divertidas não o fossem assim tanto. Talvez fazer sexo acabasse por dar muito trabalho." A Jane revirou os olhos e riu-se. "Talvez, Richie, depois de jogares oitocentos jogos de paddleball já não te apetecesse continuar; descobririas que tinhas libertado todo esse desejo reprimido que resultava de teres demasiado medo do impulso para te permitires jogar paddleball durante três horas, ou seja o que for."

"Bem..." começou o Richie, dubitativo.

Mas, nesse momento, Seth apareceu de novo, aconselhando cada um de nós a explorar durante a semana seguinte as nossas crenças acerca de diversão versus responsabilidade, escrevendo as nossas definições desses termos (ver Capítulos 5 e 9 do Volume I).

"Em alguns casos descobrirão que sentem uma coisa, ao que parece, e acreditam noutra", disse Seth. "Nesses casos, sigam privadamente os vossos sentimentos, porque eles vos conduzirão às vossas crenças. Quero que lidem com estas questões a um nível íntimo. Poderão descobrir que elas transbordam para as vossas ideias de bem e mal [e] de pobreza — espiritual e não espiritual — e, claro, tragam esses delicados trabalhos para a aula! É a vossa divertida responsabilidade!"

Durante a leitura desses trabalhos na aula seguinte, Ira Willis começou por sublinhar "a necessidade de uma acção responsável num mundo capaz de se destruir a si próprio". Em poucos segundos, Seth ganhou vida para fazer mais comentários sobre diversão e responsabilidade.

"As minhas mais calorosas saudações a todos, e eu sabia que podia contar contigo [Ira] para fazer isso!" começou Seth, com humor. "[Mas] ele não está sozinho ao apresentar estas crenças. Agora digo-vos que, em termos básicos, a civilização depende da espontaneidade e da realização do indivíduo. A vossa civilização encontra-se em dificuldades — não porque tenha permitido espontaneidade ou realização aos indivíduos, mas porque as negou e porque as vossas instituições se baseiam nessa premissa.

"Pensam que, deixadas a si próprias, as inclinações naturais do homem destruiriam a civilização. Então o que foi que iniciou a

civilização, senão as inclinações naturais do homem? O que deu início à cooperação que permite às pessoas unirem-se até em tribos, senão as inclinações naturais do homem?

"Se aprenderem a confiar no vosso ser, então poderão confiar nas vossas instituições e nas vossas civilizações. Equiparam espontaneidade a irresponsabilidade; abandono a maldade. Se se abandonassem a vós próprios, então que bem pareceria surgir dos céus do vosso ser!

"O vosso mundo não está em dificuldades porque confiam em vós próprios, mas precisamente porque não confiam. As vossas instituições sociais foram criadas para cercar o indivíduo, em vez de permitir o seu desenvolvimento natural!

"Eu venho aqui porque é divertido. Divirto-me quando venho aqui. Não venho porque sinta ter alguma grande responsabilidade pelo vosso ser ou pelo vosso bem-estar. Quem sou eu para me colocar contra a sabedoria inata do vosso próprio ser individual, ou para assumir sobre os meus ombros invisíveis o grande privilégio ou a alegre responsabilidade pelo vosso comportamento e destino?"

Uma pergunta estranha, talvez, se procurasses em Seth a definição do teu ser. Mas um argumento muito válido vindo de alguém que, acima de tudo, enfatizava a autoridade do eu individual. E a afirmação de Seth de que deveríamos deixar de fazer qualquer coisa que não fosse divertida paralisou filosoficamente a aula durante semanas — sem surpresa, evidentemente. Se toda a gente realmente deixasse de fazer tudo o que não fosse divertido, quem voltaria a frequentar a escola? Quem extrairia carvão, lavraria os campos, fabricaria aço ou lavaria as janelas do Empire State Building? Ou será que as pessoas que considerassem essas ocupações gratificantes seriam naturalmente atraídas para elas?

Segundo Seth, era exatamente isso que aconteceria.

E a sociedade dificilmente poderia ser mais caótica do que já é. Mas Seth apresentou a fecundidade da diversão de uma forma inesquecível — porque uma coisa é dizer: "Sê espontâneo", e outra muito diferente é afirmar simplesmente: "Se não é divertido — deixa de o fazer!"

As aulas “marco” como esta eram por vezes classificadas dessa forma pelo conjunto dos participantes — e por vezes porque uma observação pessoal e incisiva afetava profundamente um indivíduo. Algumas dessas ocasiões surgiam através de Seth ou da Jane — e outras através dos próprios recursos gestalt da aula.

Muitas vezes, a quantidade de material apresentada entre as sete e as onze da noite era inacreditável, sendo por si só digna de uma aula “marco”. Os participantes não só traziam para a aula os acontecimentos da semana e os dissecavam minuciosamente, como houve muitas semanas em que apenas os comentários de Seth enchiam entre cinco e dez páginas de transcrição datilografada a espaço simples. Numa aula de 1974, por exemplo, surgiram cinco páginas de comentários de Seth sobre uma enorme variedade de temas, saltando de uma longa discussão sobre a aula dos “nus” (do Volume I) para a natureza da integridade dos animais, uma comparação entre honestidade e verdadeira responsabilidade, informações sobre a razão da morte de um amigo do George* e a introdução e explicação dos Verdadeiros Sonhos dos Portões de Chifre.

Por vezes parecia que aquelas quatro horas se tinham estendido de alguma forma; que se tinham aberto dentro de um presente espaçoso e ampliado os momentos. Em muitas noites de terça-feira, eu saía para as ruas escuras e arborizadas de Elmira para regressar a casa e sentia como se estivesse a “voltar a mim” — como se a minha consciência regressasse de um estado encantador, quente e elástico, no qual os acontecimentos tinham adquirido uma nova plenitude interior. Talvez todos na aula entrassem em transe juntamente com a Jane — ou, pelo menos, reorientassem os seus sentidos. Caso contrário, parecia impossível compreender como todo aquele material podia ser transmitido, discutido, debatido, esclarecido e experimentado — com intervalos pelo meio.

É uma questão que o Rob também levantou em relação à quantidade de informação transmitida por Seth durante as suas sessões privadas. Isso pode igualmente ajudar a explicar porque exigia tanto esforço de concentração dizer à Jane o que Seth acabara de dizer, por mais inesquecíveis que fossem os seus comentários — um esforço muito semelhante ao necessário para trazer de volta à mente consciente um sonho meio esquecido. A pobre Jane saía do transe, olhava à sua volta para vinte e cinco ou trinta exemplos brilhantes de

Homo sapiens inteligentes, perguntava: “Sobre o que era isto?” e recebia apenas murmúrios, risinhos e olhares vazios!

“A aula está a acelerar”, disse Seth no final de uma terça-feira. “O tempo da aceleração chegou para muitos de vós. Por isso aproveitem-no... É muito importante que leiam o lado oculto da aula... e não deslizem apenas por aquilo que consideram ser a superfície.”

Penso que, pelo menos no que diz respeito a estas aulas “marco”, os participantes eram apanhados por essa “aceleração” e, a um nível muito pessoal, conseguiam mergulhar abaixo da chamada superfície dos acontecimentos — tal como o leitor também pode fazer.

Em Julho de 1975, os membros da aula reuniram-se pela primeira vez desde Fevereiro desse ano na nova casa da Jane e do Rob. Como sempre, a discussão foi vigorosa e abrangente; a Sumari manifestou-se a certa altura e respondeu, sob a forma de canção, à irritação momentânea do George sobre saber se nos reuníamos como aula ou como “grupo de terapia”. A canção era bela, parecendo evocar uma constante circulação de informação entre os níveis do ser.

**Ver Apêndice 8.*

“Sabem, voltar a observar a Sumari faz-me pensar numa questão sobre a qual me interrogo muito”, disse Richie Kendall quando a Jane saiu do transe. “É que tenho andado a sair com uma mulher que nunca leu os livros do Seth, e ela não quer falar sobre isso, e quando eu tento fazê-lo, não percebe absolutamente nada do que estou a dizer; por isso pergunto-me se o facto de ter vindo a esta aula significa que, para manter qualquer tipo de relação significativa, vou ter de encontrar alguém que esteja interessado nas ideias de Seth.” O Richie fez uma pausa para respirar. “Quero dizer, o que tenho de fazer? Enviar um teste de escolha múltipla antes de...”

Sentado no chão, o Richie olhou para cima, para a Jane, e engoliu em seco. Seth estava a olhar para ele, segurando os óculos da Jane na mão.

“Agora”, disse Seth com uma suavidade enfática, “há pessoas profundamente envolvidas com as minhas ideias que não conhecem o meu nome! Há pessoas, acredita ou não, à face da Terra, que estão

perfeitamente satisfeitas com a sua sorte e não conhecem o meu nome! Conhecem-se a si próprias. Estão conscientes da vitalidade do seu ser e não precisam que eu lhes diga que são importantes. As flores, os gatos, as rãs e as árvores não precisam que eu lhes diga que são importantes, e há pessoas que também não precisam de mim por essa razão.

"Porque reconhecem a vitalidade do seu próprio ser e ignoraram os sistemas de crenças do seu tempo. São crianças antigas. Talvez não leiam filosofia. Escutam o vento. Observam o comportamento das estações e escutam o coração. Não precisam de ler os meus livros! Poderiam tê-los escrito, se soubessem escrever.

"São as vozes da natureza e das estações, e reconhecem a sua origem embora não sejam instruídas nos vossos termos. E o seu coração transmite informações que o intelecto não consegue interpretar; e, segundo os vossos critérios, poderiam parecer realmente ignorantes. Cuidam de um pequeno jardim. Dizem palavras que não fariam sentido para ti, Richie, porque não seriam intelectuais. Balbuciariam disparates que, em termos intelectuais, não fariam qualquer sentido!

"No entanto, reconhecerias uma pessoa assim e o amor que existe dentro do seu ser! Não precisam de reconhecer as ideias de Seth, mas sim de reconhecer e apreciar a validade do seu próprio ser. Eu falo para aqueles que não reconhecem a validade do seu ser. Aqueles que a reconhecem não precisam de mim!"

"Bem, sim, suponho que sim", disse o Richie, "mas não falas apenas por causa das pessoas que não reconhecem a validade do seu ser, pois não? Acho difícil acreditar que todos nós não..."

"Há aqueles, meu caro amigo, que não precisam de mim porque estão satisfeitos", interrompeu Seth. "Estão satisfeitos porque reconhecem, no mais profundo do coração, a alegria do seu próprio ser. Há aqueles que reconhecem a autoridade da sua própria psique quando ela lhes fala através da experiência privada e que nem sequer conhecem necessariamente a expressão 'experiência psíquica'.

"Podem parecer ignorantes, segundo os vossos critérios. Podem tagarelar — ou parecer confusos. São tão sábios e tão astutos como

uma flor. Não precisam de conceitos intelectuais porque compreendem a natureza do amor e a natureza da alma. Se estivesses satisfeito com a natureza da tua existência, não estarias aqui! Há aqueles que estão satisfeitos e não precisam da minha voz. Encontram reforço suficiente na aurora e no crepúsculo. Encontram reforço suficiente nos pais e nos filhos. Encontram reforço suficiente nos sonhos e na experiência desperta, e podem parecer simples aos vossos olhos.

"Podem abrir valas ou lançar serradura hora após hora, como tu fizeste [referindo-se a uma tentativa de emprego descrita pelo Richie]. E, no entanto, confiam na simples autoridade do crepúsculo e da aurora. Fala-lhes de Seth e a palavra não significa nada. Não precisam de mim. Não precisam da minha voz porque escutam as vozes dos carvalhos, dos pássaros e do seu próprio ser; e deixem-me dizer-vos que, sob certos aspetos, eu sou uma pobre imitação das vozes das vossas próprias psiques, às quais não dais ouvidos!

"Falo ao mundo com ela e tento despertar dentro dos vossos seres a grande exaltação que percebem ser vossa. Se já a possuíssem, não estariam aqui! Sentem-na e desejam-na, e eu possuo-a — mas vós também! Mas a criança não precisa de me escutar. Ela é o seu próprio Seth e a sua própria Sumari. E vós tendes o vosso próprio Seth e a vossa própria Sumari dentro de vós!

"Eu tornar-me-ei desnecessário, tal como todos os deuses antigos se tornaram desnecessários, e de bom grado, quando compreenderem que a validade, o reforço e a alegria são vossos e brotam da fonte do vosso próprio ser; e quando perceberem que não precisam de mim para proteção, porque não existe nada contra o qual precisem de se proteger. Sois tão inocentes como a aurora ou o crepúsculo; tão inocentes como se tivésseis sido criados neste preciso momento. Sois inocentes! Não existe nada — nenhum crime de que sejais culpados, nenhuma penitência que precisem de cumprir [dirigindo-se à Lauren], querida Pan!"

«Não insistas, portanto, como tens insistido tu [Richie], em que uma mulher compreenda as minhas palavras — apenas que compreenda as mensagens que brotam da sua própria alma.»

Richie abanou a cabeça. «A questão que me ocorre é: isso será suficiente para mim?»

«Se uma mulher compreende as mensagens da sua própria alma, que mais poderias tu exigir?», rugiu Seth. «Compreende as mensagens da tua própria alma e, depois de as compreenderes, volta a colocar-me a questão!

«Agora, estamos prestes a encerrar a não-aula», disse Seth ao resto de nós. «Mas quando tens medo da tua própria autoridade, então aceitarás quase tudo em vez de enfrentares a autoridade da tua própria psique. Um Mickey Mouse serve!

«O poder da tua própria psique, a autoridade da tua própria psique, trouxe-te facilmente até à vida que conheces. Quando eras um feto, não perguntavas: "Onde estou? Para onde vou?" Exultavas na fantástica vitalidade do teu próprio ser.

«Digo-vos agora que escutem a autoridade da vossa psique — do vosso ser! Escutem as vozes de que se lembram da infância; as vozes que vos falavam quando adormeciam.

«Peço-vos que recuperem a coragem, a alegria e a expansão que sentiam quando eram crianças — quando cada novo dia era um milagre a explorar e não havia autoridades para vos dizer como explorá-lo. Até os vossos pais eram apenas guias que nada tinham a ver com a realidade de vocês em relação ao dia, a uma flor ou a uma gota de chuva. Peço-vos apenas que redescubram o vosso encantamento.

Que olhem, mesmo para o mundo que conhecem, de um ponto de vista diferente, onde não existem autoridades além da alegria e da autoridade do vosso ser; onde o tempo não está separado em momentos; onde despertam a cada momento como faziam quando eram crianças — cada momento um novo nascimento, uma nova realidade fantástica na qual tinham o vosso lugar e o vosso papel a desempenhar; onde os milagres eram vossos e surgiam da fantástica alegria do vosso próprio ser. É isso que vos peço: recuperem aqueles momentos que existiam antes de serem educados.

«Houve momentos, na vossa infância, em que ouviram as vozes dos Oradores — quando, ao adormecerem, o próprio milagre do vosso ser vos envolvia e o sentiam nas profundezas e nas fibras do vosso ser. Então sintam-no agora!

«O máximo que posso fazer é familiarizar-vos com a autoridade da vossa própria psique — dar-vos confiança na natureza do vosso ser. Porque, se confiarem naquilo que são, nunca poderão errar, quaisquer que sejam os termos que utilizem. Podem atravessar sistemas de crenças como uma borboleta atravessa quintais.

«Alguns de vós, mais claramente do que outros, compreendem o que estou a dizer e, por isso, os vossos sonhos multiplicar-se-ão em glória e novas compreensões chegarão até vós. Recomeçarão a construção da vossa Cidade — a Cidade que começaram a construir nos vossos sonhos de infância. Todos aqueles sonhos infantis, não intelectuais e cheios de alegria serão materializados em vitalidade.

«E mais do que isso, eles serão faróis para outros utilizarem, se apenas — se apenas — se apenas! confiarem na autoridade da vossa própria psique. E essa psique habita num mundo e num universo seguros, onde não podem ser sufocados, destruídos nem arruinados, onde são sempre livres.»

Seth retirou-se, deixando muitos de nós consideravelmente mais humildes.

«Uma das aulas mais benéficas e reveladoras de todas, para mim», recorda Geoffrey Beam, «foi em 1975, quando Seth nos apresentou a crença que está na base de todas as nossas fortalezas e defesas. [Seth disse:] "E cada um de vós, em maior ou menor grau, acredita que o universo não é seguro e, por isso, tem de erguer defesas contra ele."

«Que afirmação inestimável! Tenho-a mantido na minha mente desde então e descobri que é uma grande fonte de conforto», diz Geoffrey. «Há momentos em que as preocupações nos dominam e perdemos o equilíbrio; mas quando as coisas acalmam, podemos recordar esta bela afirmação e encontrar consolo nela. Se conseguirmos finalmente estabelecer em nós a firme crença de que o universo é seguro, então nada será capaz de nos perturbar.»

Para Geoffrey, cujas defesas eram rigidamente policiadas, uma simples afirmação começou a fazer uma diferença real na sua vida quotidiana. Por exemplo, deu o passo simples — embora para ele imensamente difícil — de tratar as pessoas do seu escritório pelos primeiros nomes. A familiaridade implícita nesse gesto aterrorizara Geoffrey durante toda a sua vida adulta.

Bobby Agan, outro membro do grupo de Nova Iorque (agora a estudar representação na Costa Oeste), dedicou toda a sua resposta ao questionário «à maior vitória individual que obtive nas aulas. Seth disse muitas coisas, os exercícios que fizemos foram excelentes... mas a única coisa que produziu a maior mudança em mim foi um comentário que a Jane fez.

«Eu tinha levantado uma questão sobre diferentes pontos de vista. Já não me lembro dos detalhes do que estávamos a discutir, mas disse algo como: "Quando tenho uma opinião sobre alguma coisa, está bem, sinto-a fortemente, mas não devias considerar o ponto de vista da outra pessoa antes de tomares uma decisão?" Vês, eu era indeciso quanto à confiança nas minhas perceções; indeciso quanto ao meu próprio saber. Não me lembro exatamente do que disse, mas sei que a Jane percebeu esta crença que eu tinha de que tudo tem dois lados e depois olhou-me diretamente nos olhos — e juro que os olhos dela brilhavam — e senti esta onda de energia, e ela disse algo como: "Se pensas sempre dessa maneira, não pertences a esta aula, Bobby."»

«Ela disse-o com muita afinidade, imensa mesmo — não foi uma crítica. Assim que o disse, algo fez clique — não, mais como BOOM!! — dentro de mim. A partir desse momento, deixei de ser indeciso em relação a tudo! Quero dizer, uau, percebi! O nevoeiro dissipou-se, o sol brilhou.

«Esse foi o momento mais intenso... e é uma validação total da capacidade e do saber da Jane. Mudou a minha vida», diz Bobby.

«Se tivesse de destacar uma coisa específica que Seth disse na aula», reflete Derek, «seria algo como isto: "O ponto de poder está no presente e é realmente triste que precisem de um velho fantasma como eu para vos dizer algo que já sabem — o ponto de poder está no presente. Usem-no. Boa noite!"»

«Seth dizia esse tipo de coisas com tanta energia, sentimento e preocupação que eu jurava que quase conseguia vê-lo ali, a apontar-nos o dedo enquanto sorria ao mesmo tempo!», diz Derek. «Essa afirmação — "o ponto de poder está no presente" — teve, e continua a ter, um efeito sobre mim. Sou constantemente lembrado da forma como tudo à minha volta e dentro de mim parece estar constantemente a "acontecer". Se eu simplesmente levantar mentalmente o olhar por um momento, capto uma força interior que parece fluir de tudo o que me rodeia. Apenas a minha consciência está biologicamente sintonizada com um aspeto de uma realidade maior que tudo possui.

«Contudo, com essa consciência ampliada, consigo sentir essa realidade maior que uma folha de erva, uma pedra ou um pássaro possuem; sem falar do meu eu-celular, que é quem ajuda a fazer o acontecimento acontecer. Assim, ao formar este momento e ao mudar o foco da nossa mente, podemos ver qualquer aspeto da "realidade" que desejarmos.

«Este conhecimento ajudou-me a ver o acontecimento da vida sob uma luz mais benevolente, percebendo a ousada aventura em que todos participamos constantemente!», conclui Derek.

Matt Adams recorda o significado pessoal de uma aula de 1969 a que nem sequer assistiu — fisicamente. «Eu vivia em Nova Iorque na altura, debruçado sobre uma transcrição dactilografada das sessões de Seth que o Rob e a Jane me tinham dado», diz ele. «De repente, uma voz muito clara na minha cabeça disse-me para pegar num lápis e escrever o que ela dizia. Obedeci.

«Desde o meu encontro algo traumático com Seth, em 1968, eu andava ligeiramente paranoico... [em relação a assuntos psíquicos]. E agora, com esta voz sethiana dentro de mim, estava ainda menos sereno. "Ela", soando exatamente como Seth, disse então: "Não fiquei satisfeito com as tuas tentativas de contactar [uma pessoa no meu local de trabalho]." Esta maldita voz continuou a fazer-se passar por Seth, dando-me mais informações [sobre essa pessoa], e acabou por se despedir. Fiquei realmente perturbado e pensei em telefonar à minha namorada. Em vez disso, telefonei à Jane, esquecendo completamente que era uma terça-feira à noite.

«A Jane atendeu e, quando explicou que era noite de aula, estive prestes a esconder-me debaixo do soalho do meu estúdio no East Side. Mas ela — abençoada seja — perguntou qual era o problema. Sempre racional, perguntei: "O Seth está aí contigo?" Ela respondeu que sim — será que o Papa aconselha o método do ritmo? — e perguntou-me o que se passava. Expliquei.

«Então Seth assumiu o controlo e disse-me ao telefone que a voz não era ele próprio, mas um "nível mais fiável" da minha própria consciência. Naturalmente, a Jane perguntou-me o que ele tinha dito; naturalmente, tentei repetir; naturalmente, Seth interrompeu novamente para me corrigir. Mas o ponto principal desta história é que a Jane afastou as minhas desculpas dizendo que aquilo tinha proporcionado à aula "uma boa demonstração". Caramba, talvez aquela fosse a aula de Escrita Criativa dela, não sei — mas achei interessante que a aula (fosse ela qual fosse, naquele momento) pudesse ter "utilizado" uma demonstração de Seth em ação.»

Outro conselho pessoal direto de Seth foi dado a Bernice Zale na primeira aula a que ela assistiu, em 1970.

«Seth ajudou-me a dar uma volta de 180 graus à minha vida», recorda ela. «Durante a aula... ele afastou-se subitamente do resto das pessoas presentes naquela noite e passou a dirigir-se apenas a mim. Sem que ninguém soubesse [nem sequer a Jane] nada da minha vida pessoal, Seth falou-me sobre a minha criatividade reprimida e sobre como eu era a causa desse problema. Deu-me sugestões... sobre como poderia mudar a minha realidade, abrir a minha criatividade e aliviar a minha solidão.»

«Tu não és uma convidada, nesses termos», disse Seth a Bernice naquela noite, «porque não és uma estranha. Gostaria de tirar um momento aqui e, se quiseres virar a cara para a parede, fá-lo antes de eu começar a falar... Tens de aprender a relacionar-te com a realidade física exterior. Precisas de trabalho físico para fazer. Isso melhorará a tua pintura, a tua vida criativa e a tua vida psíquica. Estás a voltar-te demasiado para dentro sem saberes o que estás a fazer, neste momento. Precisas de compensar isso através de uma ação física direta e vigorosa, seja num emprego que te coloque em contacto com outras pessoas, seja nalguma atividade semelhante que te permita desembaraçar o eu interior e libertar as tuas capacidades criativas.

«Importunas demasiado as tuas capacidades criativas», disse-lhe Seth. «Estás sempre em cima delas. Queres que produzam. Precisas de fazer trabalho físico fora de casa, e precisas disso agora, de forma muito urgente. Isso afastará a tua mente consciente dos teus problemas subjetivos e permitirá que a tua grande vitalidade — porque tens essa vitalidade — irrompa do inconsciente e resolva quaisquer problemas que tenhas.

«Neste momento és como um cão agarrado a um osso, com os teus problemas, a toda a hora; e tens de te afastar deles. O sentido de realização envolvido no trabalho físico fará maravilhas por ti. Retirará o sentimento de falta de valor que tens agora... isso libertará automaticamente as tuas capacidades interiores. Estás a correr por becos de desespero e precisas desta porta de entrada para a realidade física. Então, que tal para começar?»

Bem, para começar, Bernice seguiu o conselho de Seth à letra.

«Voltei para casa, segui as suas sugestões, comecei a conhecer pessoas, envolvi-me na tecelagem, o que de alguma forma me levou à joalharia e a uma loja própria [e também a muitos prémios prestigiados pelos seus desenhos de joalharia "Sumari"]. Acabei por perceber que o meu casamento era prejudicial tanto para o meu marido como para mim e... mudei-me para Albany, comecei uma nova vida [que incluía um emprego de redação num jornal local] e acabei por conhecer o meu atual marido. A vida é agora totalmente diferente devido a algumas sugestões de Seth.»

Contudo, muitas vezes, as palavras de aconselhamento pessoal de Seth nas aulas não eram tão explícitas como estas e eram antes expressas através de alusões compreendidas apenas pela pessoa a quem se destinavam — demonstrando uma notável destreza psicológica e telepática por parte de Seth/Jane. Um bom exemplo disso aconteceu-me em 1970. Eu estava a escrever um conto sobre um jovem casal casado, baseado no Ned e em mim. Ao mesmo tempo, o Ned e eu atravessávamos sérios problemas conjugais. No entanto, não falávamos deles na aula e eu nunca tinha contado a ninguém, incluindo à Jane, a existência desse conto específico. Por isso, fiquei compreensivelmente surpreendida quando, numa noite de terça-feira, Seth se virou para mim e disse, sem relação com o resto dos seus comentários:

«Estás a escrever uma história com uma personagem masculina. A personagem é demasiado unilateral.»

Seth não só revelou conhecer o meu projeto de escrita, como também me deu um conselho matrimonial que era apenas a ponta do icebergue: porque a personagem masculina da minha história personificava, de facto, as minhas projeções zangadas sobre todos os estados de espírito do Ned. «A personagem» — a minha «criação» — era, sem dúvida alguma, demasiado unilateral.

Grande e pequenas, as revelações das aulas entrelaçavam-se ao longo dessas terças-feiras sob inúmeras formas, cuidadosamente adaptadas às necessidades e inclinações das pessoas presentes.

«[Quando] fui à aula... sentia-me acima de tudo aquilo, deslocado, vagamente ameaçado», diz George Rhoads acerca da sua primeira aula, em 1971. «Mantive-me passivo, a observar, quase sem deixar que a experiência me tocasse. A Jane escreveu um poema inspirado pelo meu comportamento nessa primeira sessão e, mais tarde, li-o muitas vezes:

um homem que não conheço
tem um rosto bondoso
que olha para os lados, para dentro.
é passivo,
sentado no seu próprio lugar
como uma rã sobre uma folha de nenúfar,
observando, mas lentamente.
o tempo gira à sua volta.
ele nunca o agita,
mas escuta.
as pessoas caem através dele
no nada
se não gritarem bem alto,
ele odeia tiques e ruídos,
nada importa.
está tão aberto ao nada que devora
barris inteiros de vida
de qualquer pessoa
e engole-os por completo,
sem pestanejar.

atravessou-se a si próprio
há muito tempo
até ao nada
e esqueceu-se de como saiu
de algum lugar,
por isso agora é um recorte de carne.
lá dentro há um buraco
através do qual o universo poderia cair
se não gritasse bem alto.

«Só um ano mais tarde comecei a frequentar a aula regularmente», diz George. «Nessa altura já tinha perdido parte da minha atitude de outro mundo... [e] cresceu em mim um sentimento de pertença. Comecei a sentir-me mais livre para expressar emoções. Fiz um discurso apaixonado na aula sobre os males do tabaco, dirigido a toda a aula, mas na verdade destinado à Jane, por quem sentia receio. Depois, Seth assegurou-me que o hábito de fumar da Jane não lhe faria mal. Mais tarde, comecei eu próprio a fumar e fiquei menos enojado com a atmosfera verdadeiramente carregada da aula. Também relaxei a minha atitude rígida em relação à nutrição... que eu via como a minha forma pessoal de seguro de saúde. Comecei a preocupar-me com o meu lugar no mundo da "realidade". Seth disse-me, a 31 de outubro de 1972:

"... Como sabes, a tua pessoa, agora, é importante. E uma das muitas não-mensagens que tenho para ti é precisamente que a tua identidade não é engolida por um superdeus ou por um supereu. A identidade de uma folha existe. A palavra 'existe', se for corretamente compreendida, significa que não há princípio nem fim... e, se caísses por um buraco na não-existência, criarias outra existência do outro lado, cumprimentar-te-ias e dar-te-ias uma palmada nas costas — como, de facto, já fizeste!"»

«Quando me lembro da aula», recorda Faith Briggs, «há vários acontecimentos que me vêm à mente. O primeiro foi a noite em que ouvi Seth "manifestar-se" pela primeira vez. Foi eletrizante. E era assim, até certo ponto, sempre que o ouvia. Sentia-me muito afortunada por poder ouvir as suas palavras. Mesmo que isso tivesse sido a única coisa que aconteceu, já teria sido mais do que suficiente — e isto é um enorme eufemismo.

«No início, nada "aconteceu" na aula ou com os membros da aula que tivesse um efeito profundo sobre mim a nível pessoal. Era o que eu estava a ler em casa (O Material Seth) e o que estava a ouvir do próprio Seth que me fazia explodir a mente. As suas observações eram tão esperançosas, tão lógicas, tão alegres e tão desafiadoras. Uau! Criar a tua própria realidade?? Seria possível? Hoje encaro esta expressão como algo natural, depois de ter encontrado a ideia em alguns bons livros e, em particular, na igreja não tradicional que frequento. Mas, em 1971, era um conceito completamente novo para mim! Como disse, refletia-se sobre ideias provocadoras e eu tinha muito a explorar relativamente às crenças passadas, às formas de julgar, à visão da morte, etc.

«O acontecimento seguinte de especial importância foi a noite de 12 de outubro de 1971», diz Faith. «Chegou a minha vez no grupo e eu estava a relatar o meu quinto sonho da semana anterior [envolvendo uma casa de inverno na Europa]. Tinha acabado de começar quando a Jane disse que estava a "captar" algo sobre mim e começou a falar muito depressa. Ao mesmo tempo, tu [referindo-se a mim] disseste que também estavas a captar coisas. O material reencarnacional que resultou daí foi fascinante...

«Também me lembro da Bette [Zahorian]... Conhecemo-nos na minha primeira noite ali e tornámo-nos boas amigas. Meu Deus! Era a mulher mais franca que alguma vez conheci! Demorei algum tempo a habituar-me aos seus palavrões casuais... [mas] recordarei sempre uma véspera de Natal em que o meu marido estava a trabalhar, as nossas filhas tinham saído e eu estava sozinha. A Bette, com um filho e uma filha, apareceu sem avisar na nossa quinta solitária. Trouxe uma oferta de fruta cuidadosamente preparada. Mas, acima de tudo, trouxe-se a si própria e trouxe a sua amizade. Obrigada, Bette.»

«A aula fazia constantemente explodir a minha mente», recorda Richie Kendall, «com literalmente centenas de pequenas revelações, maiores e menores, a acontecerem continuamente no que as pessoas diziam, nas experiências de que falavam, nas coisas que a Jane ou o Seth diziam ou — especialmente, quando pensei nisso — nas coisas que eu fazia e dizia, quando finalmente percebi que era eu (e cada um de nós) quem constituía a revelação...

«Tive uma experiência envolvendo canções Sumari "invisíveis" que estavam à nossa volta [na aula] o tempo todo», diz Richie. «Sentia que havia buracos no ar à nossa volta, com vários pés de diâmetro, e através desses buracos estavam constantemente a ser cantadas canções Sumari. Recebi grande parte deste poema ali mesmo; foi literalmente transmitido através de um desses "buracos"... Mais tarde revi-o um pouco e acrescentei algumas partes, mas a experiência deu-me automaticamente uma parte dele... Chama-se "Os Entremeios do Tempo":

Entre as palavras que pronunciamos
onde outros significados dançam e saltam
entre os objetos que vemos
outros vivem, noutras luzes;
Nas mãos envelhecidas do artista
cavaletes esperam noutras terras,
na pele enrugada dos compositores
estranhas sonatas torcem-se e giram;
Nos espaços dos nossos medos
outros rostos secam as nossas lágrimas,
céus azuis vivem dentro da chuva
flocos de neve transportam grãos amarelos;
Procuro os Entremeios do tempo,
à procura de outros tipos de rima;
Procuro os Entremeios do tempo,
à procura, à procura...

«[Ao escrever esta canção,] senti como se a estivesse a traduzir do Sumari, mas eu era o único a "ouvi-la" — ou melhor, a "senti-la"», diz Richie.

«Outra coisa, como a sessão dos segredos em que revelei tudo [descrita no Volume I], foi um pequeno sonho que tive durante os anos da aula», diz Richie. «Foi um sonho muito breve, mas extremamente poderoso. Eu estava numa sala [no sonho] apenas com a Jane. Ela estava sentada numa cadeira mesmo à minha frente e eu fitava-a.

«De repente, a imagem dela transformou-se neste tipo de guerreiro mongol. Mas ele não era apenas um tipo — estava ali, tão

real como qualquer outra coisa, sentado com a espada e o bigode, corpo robusto e um rosto tão forte e feroz que assustaria até um tigre...

«Olhei para ele, hipnotizado, e disse à Jane: "Uma das tuas encarnações está a mostrar-se."

«A imagem voltou muito suavemente à Jane e, com uma mistura de afeto carinhoso e um pouco de sarcasmo, ela disse:

"Não, Rich — é uma das tuas!"

«Escusado será dizer que acordei imediatamente com o coração a bater descontroladamente e os meus instintos a dizerem-me a verdade da afirmação dela. [Isto mostrou-me] como os sonhos podem dar-nos informação reencarnacional de forma tão fácil, muito mais forte e segura do que recorrer a qualquer médium ou vidente!»

Mas, para Richie, a experiência mais reveladora da sua vida na aula surgiu de uma inesperada informação «reencarnacional» que Seth lhe deu numa terça-feira de março de 1972.

«Tenho estado atento a ti [Rudy], a ti [Richie] e a ti [Jed], desde que vieram para a aula», disse Seth nessa noite. Depois, voltando-se para olhar diretamente para Richie, acrescentou:

«Ora bem, a pequena mas brilhante parte sardónica de ti foi — e, noutros termos, ainda é — uma cortesã muito brilhante da França do século XVI, que se sentava com os filósofos e pensava que eles não sabiam do que estavam a falar. Como tu [Richie] eras uma mulher com uma mente excelente, escutavas estes homens que pareciam pensar que sabiam do que falavam e pensavas: "Eles não fazem a mínima ideia e, no entanto, olham para mim e pensam que sou bonita e tola, quando eu consigo pensar muito melhor do que eles!" E assim fazias e, noutros termos, ainda fazes. Esta mulher tinha muita energia — e continua a possuí-la!»

«Ouvi tudo aquilo na altura, mas não me afetou muito — deixei simplesmente passar», diz Richie. «Era interessante, mas não significava muito mais do que a ironia óbvia de esta cortesã conseguir impor-se numa corte cheia de homens...

«Pouco depois de Seth me dar esta informação, nesse junho, estava a atravessar uma semana horrível», diz Richie. «Sentia-me muito deprimido e inútil; tinha medo de muitas coisas. Por impulso, fui à biblioteca da Rua 42 para ler. Tive vontade de procurar na enciclopédia informações sobre o pintor Magritte.

«Ora, nunca tive grande interesse por arte nem pelos artistas, mas tinha visto alguns livros sobre Magritte e decidi procurar. De qualquer forma, por baixo do nome dele vi o nome Marguerite de Valois. Literalmente saltou da página para mim! Depois li que ela era uma mulher bonita da França do século XVI que vivia na corte, foi rainha durante algum tempo e era conhecida pelo seu belo guarda-roupa e pela sua flagrante rejeição das atitudes convencionais em muitos aspetos.

«A perseguição começou! Saí da biblioteca naquele dia como uma pessoa diferente. Senti-me reconfortado. Senti que, acontecesse o que acontecesse, mesmo que morresse na rua, eu era mais do que eu próprio. Já não estava sozinho no meu ser.

«Comecei a investigar Marguerite», diz Richie. «A ideia da reencarnação ganhou vida. Havia muitos paralelos entre nós. Ela ganhou vida: eu lia sobre ela e, nesse mesmo dia, aconteciam coisas na minha vida que eram paralelas...

«Fui à aula na semana seguinte e, assim que tive oportunidade, perguntei a Seth se tinha algo a dizer sobre Marguerite de Valois», recorda Richie alegremente. «Lembro-me da expressão de Seth quando fiz a pergunta. Pareceu-me realmente que Seth ficou surpreendido com a minha pergunta — e a surpresa era uma reação rara em Seth — e isso ficou-me sempre na memória. Posso ter projetado essa surpresa, mas ele lançou-me um olhar estranhamente reservado. Disse: "Agora não tenho", e ficou por aí. Mais tarde, nessa mesma aula, manifestou-se e corrigiu-me a pronúncia do nome, e não disse mais nada!

«Mas continuei a pesquisa e descobri na biblioteca que existia um livro muito raro chamado The Secret Letters of Court — de Marguerite de Valois!», diz Richie. «Não me deixaram requisitar o livro, por isso li grande parte dele ali mesmo e fui passando as páginas nervosamente — quero dizer, pensa nisto: ler a tua própria

autobiografia! Marguerite compunha canções ao alaúde — eu componho à guitarra. Ela era obcecada pela sua beleza — eu sempre me preocupei demasiado com a minha aparência. Ela era "rica" e vivia na corte — quando era criança, sempre senti fortes sentimentos ligados à riqueza e fortes sentimentos em relação à França. Também sempre senti que me sentiria mais confortável como mulher e achei difícil adaptar-me a ser homem; sentia que as mulheres tinham mais poder do que os homens e tinha inveja das mulheres bonitas.

«O outro aspeto disto foi o comentário de Seth sobre o lado sardónico dela», diz Richie. «Comecei realmente a pensar nisso e fiz mudanças nessa faceta de mim próprio que estou convencido de que teriam demorado muito mais tempo sem o comentário de Seth; e a minha vida ficou muito mais rica por ter trabalhado esse aspeto. Claro que a verdadeira "perseguição" está dentro dos meus próprios eus e, como Seth disse, esta mulher possui — não possuía — muita energia, por isso há muito mais a descobrir nesta informação...

«O efeito mais forte que esta informação teve em mim não foram perceções psicológicas específicas, mas uma sensação de vastidão e de uma espécie de interligação com o universo que é difícil de explicar», conclui Richie. «Também é engraçado que, enquanto procurava informações sobre Marguerite, encontrei uma imagem de Henri de Lorraine, Duque de Guise, que viveu nessa mesma época. Parecia exatamente, e quero dizer exatamente, o Rudy Storch... e também havia muitos paralelos entre eles. Não que tenhas sempre a mesma aparência das tuas personalidades reencarnacionais ou que a semelhança física tenha algo a ver com isso, mas cerca de um ano antes de eu receber esta informação de Seth, o Rudy pediu um sonho reencarnacional e regressou ao passado nesse sonho, onde encontrou uma pessoa aristocrática, um duque de qualquer coisa, na velha Inglaterra ou na velha França, não tinha a certeza de onde...»

A sua fascinação permaneceu intacta ao longo dos anos e Richie continuou a investigar Marguerite de Valois. Num encontro informal da aula em 1979, distribuiu fotocópias de imagens de Marguerite e de Henri de Guise.

«Mas continuo sempre a perguntar-me: fui eu esta mulher?», repetiu Richie várias vezes na direção da Jane enquanto explicava a vida de Marguerite. «Quero dizer, fui realmente esta pessoa ou sou

realmente esta pessoa que acabou nos livros de História? Quero dizer, pensa nisso: estarei a ler sobre mim próprio, sobre uma parte de mim que pegou nos meus propósitos e características fundamentais e os viveu de outra forma??»

«Ora bem», respondeu Seth suavemente, retirando os óculos da Jane com o polegar e o indicador, «tu crias a tua própria realidade.»

E fitou Richie de forma significativa.

«Vais ser matreiro e deixar-me a matutar nisto?» perguntou Richie, fingindo exasperação.

Seth colocou os óculos da Jane sobre a sua mesa redonda de trabalho, sorriu brevemente ao Rob por cima da superfície coberta de canetas e papéis e voltou-se novamente para Richie.

«Se realmente compreendesses, perceberias que a afirmação responde à tua pergunta, mas, como não compreendes, vou desenvolver a questão», respondeu Seth. «Tu próprio chegaste lá — apesar das ideias sorrateiras que de vez em quando te fazem acreditar que o tempo é uma série de momentos, anos e séculos.

«Todo o tempo é agora. Quando contaste a tua história [da vida de Marguerite e da tua investigação], perguntaste-te se tinhas sido aquela mulher. E a sintaxe dessa frase parece perfeitamente correta. É igualmente correto, claro, dizer que aquela mulher era tu. É muito mais verdadeiro, na essência, dizer que existe agora uma correspondência entre ti e aquela mulher. E que essa correspondência cria uma relação. E que essa relação, então, nos teus termos, parece estender-se para trás até ao passado. Em quaisquer termos que utilizes, existe uma correspondência entre ti e a mulher, mas tu és tu próprio agora, e não a mulher.»

«Nessa altura», relata Richie, «já não conseguia suportar mais um minuto. Perguntei a Seth se Marguerite era de facto a mulher a quem ele se referira quando me deu a informação original — e ele disse que sim. Depois perguntei se o Rudy e o Duque de Lorena, Henri de Guise, eram a mesma pessoa.

“E o mesmo se aplica ao nosso duque fantasmagórico ali ao fundo”, disse Seth, referindo-se ao Rudy. Então acrescentou mais uma observação sobre crenças de massa que foi realmente extraordinária:

“‘E, mais uma vez, estes acontecimentos parecem estranhos e quase inacreditáveis apenas porque todos vocês tomaram como garantida a estrutura da realidade tal como vos ensinaram que ela era. Seja o que for que eu vos diga, vocês acrescentam-lhe previamente as crenças que já possuíam. Ou então desgastam um pouco uma crença antiga.

“‘O que quero que compreendam é que não têm apenas as vossas crenças pessoais sobre as vossas famílias, sexos, problemas, países e assim por diante, mas que também têm andado à deriva numa jangada coletiva de crenças acerca da natureza da realidade em geral. Acerca da natureza e da origem do mundo e de vós próprios. Se eu acreditasse que eu — e a minha realidade — existia porque certos químicos, átomos e elementos se juntaram por acaso, sem propósito, e que, acidentalmente, ao longo das eras, conseguiram formar a minha identidade; ou se acreditasse que fui criado por algum deus em céus objetivos que depois me criou a mim e aos da minha espécie num mundo perfeito, mas que não teve capacidade criativa para o manter perfeito, e onde comecei imediatamente a decair — então teria uma conceção muito pobre do meu próprio valor, e também não pensaria muito bem dos meus semelhantes. Mas é nisso que vocês acreditaram!’”»

«Há uma afirmação de Seth que, no conjunto, teve um efeito profundo na minha vida», diz Betty DiAngelo. «Foi de 1973: “Não existe nenhuma pergunta que possas fazer para a qual já não tenhas a resposta.” É como possuir um sistema de segurança e ajudou-me a ultrapassar muitos problemas, grandes e pequenos... Até certo ponto, fez-me regressar à infância, quando acreditava que tudo era possível, e quando ouvi essa afirmação na aula, sei que todo o meu ser soltou um enorme suspiro de alívio...

«“Tu crias a tua própria realidade”, claro, abriu um universo inteiramente novo e teve um impacto incalculável», acrescenta Betty, «mas exige muita reflexão e, por vezes, é um processo longo chegar às crenças fundamentais que criam cada momento das nossas vidas.

«A interpretação do Warren da canção Sumari "Creation", no violoncelo, foi um desses acontecimentos [reveladores] — uma dádiva para toda a aula, que tornava as aulas quase dolorosamente especiais por vezes. Depois... Seth disse: "Ruburt avança por vós, bem como por si próprio." Penso muitas vezes nisto, sobretudo desde que as aulas terminaram. Isto não se tornou totalmente claro até eu ler Psychic Politics. Tive de voltar repetidamente aos meus cadernos de sonhos e diários, porque muitas das experiências da Jane descritas no livro coincidiam com as minhas durante esse período. E os conceitos com que ela estava a trabalhar eram coisas sobre as quais eu também refletia na mesma altura — foi realmente impressionante. Na verdade, decidi fazer uma lista de todas as correlações da próxima vez que reler o livro.

«Mas o mais notável foi o sonho de cura dela relacionado com a pirâmide de luz que se transformou no "guia prateado"», diz Betty. «Tive exatamente a mesma experiência onírica no mesmo dia e eu também estava doente na altura — embora o meu sonho tivesse um desfecho diferente.

«Penso que [a questão da revelação] é bastante difícil porque, em diferentes momentos, foi uma afirmação mais do que outra que teve impacto e, ao reler as transcrições [das aulas], estou a ter novas experiências a partir de certas afirmações — uma espécie de reação retardada», diz Betty. «Uma sessão [de aula] de julho de 1973 diz muito acerca disto e, para mim, foi como se Seth estivesse a falar ao meu eu futuro; ele disse:

"Agora, estou a obrigar-vos a confrontarem-se convosco próprios e vocês estão a obrigar-se a esse confronto. Mas, em certos termos, existe agora uma espécie de aceleração da consciência na qual estão efetivamente envolvidos, e essa aceleração exige que trabalhem com os conteúdos da vossa própria psique...

"Estão habituados a pensar em termos de superior e inferior, por isso, para vos ajudar a compreender — e apenas para vos ajudar a compreender, a partir do ponto em que pensam estar — diremos que certas perguntas aceleram dentro de vós as funções de um intelecto superior e abrem canais dentro de vós que são inerentes à vossa condição de criaturas; canais que vos conduzem através dessa

condição para outras dimensões que, contudo, têm de se cruzar com ela.

"Essas acelerações alteram então a natureza da vossa condição de criaturas e modificam a consciência da vossa espécie em termos físicos... Aí alcançam, nesses termos, potenciais e abrem canais de criatividade e ativações que podem sentir enquanto falo, e que fazem parte do vosso próprio ser, e que podem ser ativados no vosso espaço e tempo... o que estou a dizer tem uma importância que não é verbal; cada um de vós compreendê-lo-á intuitivamente... pensem — estou a pedir emprestado algo de Ruburt — pensem em cães a tentar aprender matemática e, mais ainda, a tentar comunicar um problema complicado aos seus semelhantes. Que latidos estranhos!"»

«Bem», conclui Betty, «acabamos por tentar verbalizar estas coisas de qualquer maneira. Mas é assim que vejo a aula — "algumas coisas têm uma importância que não é verbal" — e é assim que a sinto profundamente, tal como sinto todos nós que nela estivemos envolvidos.»

NOTAS

1. Segundo passagens de Seth Speaks (e também na história de Oversoul 7), os Oradores são professores, físicos e não físicos, que ajudaram a humanidade ao longo dos séculos, especialmente a recordar as «realizações interiores que levariam [a Humanidade] tanto para dentro como para fora do mundo físico que conhecia». Segundo Seth, os Oradores também comunicam em níveis que não são físicos, sendo que «grande parte da informação mais pertinente... é memorizada pelos aprendizes durante o estado de sonho e transmitida da mesma forma... Alguns Oradores limitam as suas capacidades ao estado de sonho e, quando despertos, permanecem em grande medida inconscientes das suas próprias capacidades ou experiências». (De Seth Speaks, pp. 287-290.)

2. Sobre a descrição de Bobby do comentário dela, Jane diz: «Sei que deve ter havido mais alguma coisa no que Bobby me disse naquela noite — eu não teria sido tão enfática apenas por causa da pequena parte que ele recordou. Mas a forma como ele a recordou é o que tem significado para ele, e isso é o que importa.»

3. Na verdade, foi uma hilariante «demonstração» única das «maneiras telefónicas» de Seth — de repente, Seth rugia com o entusiasmo habitual para o auscultador, agitando os óculos da Jane no ar ao ritmo das palavras e andando de um lado para o outro entre a sala de estar e a cozinha na extremidade do cabo esticado do telefone. («Será que Seth fala pela Bell?» gracejou alguém durante esta chamada de longa distância dupla.)

4. Seth mencionou várias vezes na aula que a Bernice tinha participado em atividades oníricas da aula antes da sua primeira visita, apesar de não ser um membro «regular». (A Bernice era uma das poucas pessoas que eu conhecia, antes da aula da Jane, que registava habitualmente os seus sonhos.) Em março de 1972, Seth referiu numa aula que Esther, uma visitante ocasional de Rochester, Nova Iorque, estava particularmente ligada, no estado de sonho, à Bernice e a mim em atividades de cura. Por impulso, após essa aula perguntei a Esther alguns detalhes sobre onde vivia em Rochester e descobri que ela conhecia Louise H., outra natural de Rochester, que tinha vivido no mesmo dormitório da Universidade de Syracuse que a Bernice e eu. Louise também se lembrava (e por vezes escrevia) dos seus sonhos, e todas nós passámos muitas horas a discutir experiências «psíquicas».

Além disso, algumas noites antes dessa aula, tive um sonho extremamente vívido com Louise, no qual me foi «dito» para lhe escrever uma carta para a sua antiga morada em Rochester (que eu conhecera em tempos mas tinha esquecido conscientemente) — uma morada que descobri na aula ficar apenas a algumas portas da casa da Esther! Embora não nos correspondêssemos desde os tempos da universidade, escrevi-lhe no dia seguinte usando a morada sugerida pelo sonho (faltando apenas o código postal) — e fiquei duplamente surpreendida quando recebi resposta cerca de uma semana depois, pois Louise contou-me que tinha lido recentemente The Seth Material e visto lá o meu nome, para seu completo espanto... (O pai dela reencaminhara a minha carta para a sua residência no Maine.) Também é interessante notar a observação de Seth sobre o envolvimento da Bernice em sonhos de cura em ligação com esta coincidência entre Louise e Esther: Louise era diabética desde a infância e, durante os nossos anos universitários, para grande

preocupação nossa, lutou contra inúmeras dificuldades físicas relacionadas com a doença...

Para outro incidente relacionado com a aula envolvendo a Bernice e eu, ver o Apêndice 7 deste volume.

5. Marguerite, ou Margarida, de Valois, também conhecida como Rainha Margot, nasceu em 1553, filha de Henrique II de França e da rainha Catarina de Médicis. Em 1572 casou com Henrique de Navarra, que em 1589 se tornou o rei Henrique IV de França. A edição de 1958 da Collier's Encyclopedia afirma que Marguerite era «notável pela sua beleza, inteligência, cultura e elegância no vestir» e que esteve envolvida em «muitas ligações amorosas» ao longo do seu casamento sem filhos. Em 1587 foi banida da corte devido ao seu envolvimento em intrigas políticas e viveu em Auvergne até 1605. O casamento com Henrique de Navarra fora, contudo, uma união política e, depois de ele se tornar rei de França, foi dissolvido por decreto papal em 1599. Marguerite viveu o resto da sua vida em luxo, em Paris, onde a sua casa se tornou ponto de encontro dos eruditos e elegantes do seu tempo. Mantendo boas relações com o ex-marido, foi reconhecida informalmente como rainha da corte francesa até à sua morte, em 1615. A melhor edição dos seus poemas, cartas e memórias foi publicada em 1842 por F. Guessard.

Curiosamente, observa a Collier's, Marguerite foi amante de Henri de Guise até ao casamento com Henrique de Navarra — casamento esse que teve lugar cinco dias antes dos infames massacres do Dia de São Bartolomeu, um massacre de huguenotes supervisionado pessoalmente por Henri de Guise.

6. Henri de Guise, Duque de Lorena, foi o terceiro Duque da Casa de Guise, que alcançou grande proeminência na política francesa do século XVI. Nascido em 1550, Henri é descrito pela Collier's Encyclopedia de 1958 como «popular e afável», sendo um defensor dos interesses católicos em França. No início da vida, jurou vingar o assassinato do pai, François de Guise, morto em 1563 por um fanático huguenote. Desse juramento resultaram os massacres do Dia de São Bartolomeu e o assassinato do líder huguenote Gaspard de Coligny. Henri

também liderou a organização da Liga Santa no seu país, destinada a impedir a expansão do protestantismo. Um ferimento recebido nessa época valeu-lhe a alcunha de le Balafré, ou «o cicatrizado».

A História vê Henri de Guise como um dos muitos aristocratas politicamente poderosos que tentaram colocar-se em posição de se tornarem reis de França após a morte do rei Henrique III, que não tinha descendência. Por essa e outras razões (podendo especular-se que a sua relação com a rainha Marguerite se inclui aqui), Henri de Guise foi assassinado por ordem do rei em 1588.

7. Se se assumir que a informação de Seth a Richie e Rudy está correta — ou talvez que se tornou correta graças ao entusiasmo «correspondente» de Richie pela vida de Marguerite de Valois — então as especulações, questões e paralelos através do tempo tornam-se literalmente intermináveis. Pelo que sei, apenas outras duas pessoas, no contexto da aula, foram associadas por Seth a figuras históricas conhecidas: uma estudante do Elmira College, mencionada em The Seth Material, descrita por Seth como uma prima distante de Joana d'Arc; e a Bette Zahorian, descrita por Seth muitas vezes na aula como tendo sido (ou sendo) «prima do [Cardeal] Richelieu».

Compreensivelmente, a reação do Rudy aos dados históricos sobre Henri de Guise foi de grande repulsa. «Era um tipo bastante repugnante», comentou Rudy melancolicamente naquele encontro informal de 1979. Contudo, de todos os Rapazes de Nova Iorque, foram Richie e Rudy quem mais perseguiu, importunou, se preocupou e se consumiu com as mais casuais insinuações dos comentários de Seth; quem discutiu com mais paixão — e geralmente entre si — as aplicações e possíveis más aplicações das ideias de Seth no mundo. (Aliás, certa vez, Seth interrompeu uma das discussões mais acaloradas entre ambos observando que estavam a perpetuar «uma guerra religiosa» de ideias.) E foi Rudy (no Volume I) cujas crenças sobre masculinidade, poder e a «segurança» da energia pessoal o levaram a atravessar uma montra de vidro!

Contudo, a verdadeira vastidão deste tipo de revelação «histórica» reside — pelo menos para mim, e sei que também para

Richie e Rudy — menos nos paralelos «factuais» de personalidade ou circunstância do que na pergunta: quanto da «correspondência» de Richie com um suposto eu «passado» surgiu plenamente formada (e com total validade) com o desenvolvimento de certas características suas — talvez estimuladas pelos comentários de Seth na aula em 1972? Aliás, quanto da própria história de Marguerite — e da de Richie — surgiu de novo nesse momento?

E depois existem as implicações das contrapartes e das suas inter-relações «históricas». Haverá mais do que uma pessoa que «foi» Marguerite ou Henri? Tal como as tuas contrapartes, os teus eus «reencarnacionais» estarão constantemente a surgir e a desaparecer em resposta às necessidades e crenças da tua personalidade em qualquer fase específica da tua vida? Por outras palavras, Richie era, por exemplo, uma versão do século XX de Marguerite desde o momento do seu nascimento, tal como o compreende — ou foi Marguerite (e, de algum modo, Richie) «nascida» no momento em que ele tomou consciência da sua existência?

> *8. Ver o Capítulo 9, «O Macaco e o Guia Prateado», em Psychic Politics. Os macacos também aparecem nos sonhos de numerosos membros da aula; lembro-me de um particularmente vívido em que um gorila me apertava, como num torno, entre as suas pernas, até eu quase sufocar. De repente, um amigo apareceu na sala e disse: «Isso são apenas as tuas crenças limitadoras que estás a ver!» Imediatamente, o gorila e eu estávamos sentados juntos num restaurante, a almoçar e a conversar como velhos amigos...*

Da mesma forma, Richie registou este sonho durante os anos da aula:

«O bem e o mal eram um tema que Seth explorava frequentemente, tentando libertar-nos dessa estrutura de pensamento e levando-nos a perceber as nossas crenças acerca desses conceitos e a forma como elas afetavam a nossa vida quotidiana e as nossas ações», diz Richie. «Este sonho em particular encenou as minhas crenças sobre esse assunto de forma simples e dramática.

«Estava numa espécie de arena, como aquelas onde lutavam os gladiadores, mas não havia público nem bancadas, e toda a arena era escura e ameaçadora. Eu estava sozinho.

«De repente, um homem das cavernas enorme e muito forte (parecido com um gorila) avançou contra mim com uma clava e a luta começou. Lutava pela minha vida em mais do que um sentido, e a batalha parecia literalmente interminável, sem que o meu adversário mostrasse sinais de enfraquecer. Então, de repente, ouvi uma voz dentro da minha cabeça e pareceu-me que, ao mesmo tempo, eu próprio pronunciava aquelas palavras — sentindo todo o seu impacto emocional. As palavras eram: EU NÃO SOU MAU — e repeti-as em voz alta no sonho, vezes sem conta.

«O que aconteceu depois foi fantástico. O meu adversário pousou simplesmente a clava, afastou-se e aqueles enormes portões de ferro negro que nos tinham encerrado abriram-se. Eu saí calmamente para o exterior. E, à medida que avançava, o sol nascia tão brilhante e belo quanto se pode imaginar, e eu simplesmente descolei — e voei — e a sensação de liberdade, poder e graça era maravilhosa.»

CAPÍTULO VINTE

A RAPARIGA DA VELHA MONTANHA PÚRPURA (SERÁ QUE TUDO ISTO FUNCIONA MESMO??)

«Pela primeira vez, nos vossos termos, na história do vosso planeta — e, mais uma vez, nos vossos termos — tendes de aprender a confiar na integridade do vosso próprio ser individual e apostar a vossa vida nessa integridade e criatividade. Pois só então, nesses termos, podereis salvar as vossas vidas e o vosso planeta.»

— Seth, na aula,
18 de junho de 1974

Será Que Tudo Isto Funciona Mesmo??

Muito bem — ouvimo-lo mil vezes: **Tu crias a tua própria realidade.** As crenças constroem o mundo privado e público que conhecemos. Muda as tuas crenças e mudarás a tua realidade, em todos os níveis.

Sim, mas...

É certo que quase qualquer pessoa que se depare com a ideia de que as suas circunstâncias são inteiramente da sua própria criação terá uma série de objeções — e compreensivelmente, já que «tu crias a tua própria realidade» contraria praticamente todas as leis «racionais» e «lógicas» de causa e efeito aceites pela civilização. Se a tua situação for realmente desesperada, pode parecer insultuosamente simplista sugerir que és a sua origem. (Por outro lado, se a tua vida for plena e feliz, a ideia de que criaste essa condição parece muito mais aceitável.)

O meu próprio «Sim, mas...» era algo deste género:

«Sim, mas... que diferença fazem as ideias de vinte e cinco pessoas em Elmira, Nova Iorque, para os milhões de famintos do mundo? Como poderias olhar-lhes nos olhos e dizer que "tudo" o que têm de fazer é mudar as suas crenças para mudar a sua condição? Que espécie de megalomania é essa?»

Ou:

«Sim, mas... a história da humanidade está encharcada de guerras, crueldade e estupidez. Como pode uma espécie com esse passado confiar na ação espontânea? Não estaremos a destruir o planeta neste preciso momento em nome de um consumismo espontâneo?»

Bem, Seth não está, evidentemente, a defender que as pessoas deixem de tentar resolver os problemas de formas externas e práticas — por mais atolado que esse caminho esteja na burocracia internacional. E certamente não está a dizer que devemos simplesmente ignorar, por exemplo, os benefícios evidentes da ciência médica, embora sustente que a necessidade desses benefícios resulta de crenças em massa e de uma determinada direção tomada pela consciência — uma direção que chegou tão longe quanto podia chegar.

O objetivo de «tu crias a tua própria realidade» não é, de modo algum, uma consolação barata oferecida às pessoas em dificuldades, numa variação subtil da velha ideia de que os pobres mereciam

obviamente a sua condição porque Deus não gostava deles (ou de que os pobres eram os «espirituais» de quem Deus gostava).

O que Seth está a dizer — e é realmente delicado — é simplesmente isto:

As nossas crenças criam aquilo que temos, ponto final. A estrutura do nosso nascimento representa a estrutura da nossa intenção na vida física, ponto final. E todas as complicadas manipulações exteriores da história e das circunstâncias — todos os métodos alguma vez utilizados para sustentar, alterar ou modificar as nossas situações físicas — são o produto das crenças individuais e coletivas e afetam apenas essa estrutura exterior. E, se não gostamos das coisas como estão, temos de mudar os pressupostos interiores, ou nada mais mudará. Temos de desenvolver uma nova consciência.

Por outras palavras, por exemplo, os típicos argumentos anti-pacifistas do género «Sim, mas... foi preciso combater para salvar o mundo de Hitler» esquecem as crenças privadas e coletivas que permitiram a Hitler chegar ao poder em primeiro lugar. Hitler (ou qualquer figura ou grupo que se queira citar) precipitou a guerra sobre um mundo cujas crenças já justificavam a guerra como meio para atingir um fim. O palco estava montado — mais uma vez.

«Tenho-vos dito repetidamente na aula, e volto a dizê-lo a todos... e Ruburt também vo-lo disse: vocês formam a vossa própria realidade», disse Seth numa aula do outono de 1969. «Vocês formam o mundo que conhecem — e formam as vossas próprias imagens. E não existe justificação para a violência. As palavras parecem simples. Nenhum de vós as aceitou plenamente, exceto quando as aplica aos outros.

«Tendes de as aplicar a vós próprios. Tendes de olhar para dentro de vós e aplicar estas verdades, aprendendo com elas. Não são ideias teóricas. São realidades.

«Funcionais de acordo com estas verdades, quer vos apercebais disso ou não. Não basta escutar[-me] — tendes de olhar para dentro de vós. Não basta brincar com ideias. Não basta espreitar para dentro de vós mesmos... olhar para uma única motivação... aceitar apenas uma parte da verdade.

«Quereis saber o que é a liberdade? Então eu digo-vos. Liberdade é a compreensão interior de que sois indivíduos — de que criam a vossa realidade; de que possuem a liberdade — e a alegria, e a responsabilidade — de formar a realidade física em que vivem. Então podem mudar essa realidade. Então são livres para se mover...

«Não sois livres quando dizeis: "A ideia funciona para toda a gente menos para mim — os meus sintomas são causados por outra coisa — e quando sou violento aplicam-se regras diferentes. Toda a gente cria a sua realidade física, menos eu — a minha realidade é causada pela hereditariedade ou pelo ambiente. Todas as outras nações, todos os outros povos criam a sua própria violência e são responsáveis pela sua condição miserável, mas o meu povo — esse está certo! Todos os problemas que teve foram causados por forças exteriores!"»

«Nesse caso, não estais a enfrentar-vos a vós próprios nem como indivíduos nem como povo. O objetivo é olhar para a vossa condição física, compará-la com aquilo que desejais e com aquilo que é bom — e mudar o eu interior em conformidade. Todos os males do mundo são sintomas das vossas próprias desordens interiores e destinam-se a conduzir-vos à sua cura.

«Há beleza, força e alegria em olhar para dentro de vós mesmos — e liberdade em relação à escravidão. E espero que, quando terminar convosco, provem um pouco dessa alegria e dessa liberdade!

«Não a obterão de um livro. Não a receberão como os vossos chocolates [indicando alguns bombons sobre a mesa], embrulhada numa caixa bonita. Não a obterão criando exceções. Não a obterão dizendo: "Eu sou a exceção à regra!" Não a obterão fugindo de vós próprios. Encontrarão essa liberdade aprendendo a olhar para dentro e percebendo que criam a realidade que conhecem.

«Não há exceções a esta regra. Tanto os vossos sucessos como os vossos fracassos foram criados por vós. Se apenas compreendessem, esta é a verdade que vos libertaria.»

Mas a aula continuava a questionar, debater e desafiar — com a habitual irreverência vigorosa. Se mudasses as tuas crenças, poderias regenerar um braço amputado?

«Quando decides entrar na experiência física, formas na tua mente e na tua consciência o quadro dentro do qual vais atuar», respondeu Seth a essa questão. «Contudo, quando alguém vier a esta aula com três braços em vez de dois, tendo ontem apenas dois, então dou-vos uma estrela dourada!»

Que diferença faz que um punhado de pessoas compreenda, ainda que vagamente, que as crenças criam a experiência?

«Esquecem-se daqueles com quem comunicam no estado de sonho», disse Seth, sugerindo um tipo mais amplo de comunicação entre os membros da espécie.

Se o passado é realmente tão plástico quanto o futuro, porque é que milhões de pessoas se lembram dos mesmos acontecimentos?

(Se pudesses entrevistar cada uma delas, descobririas que não se «lembram» de todo dos mesmos acontecimentos.)

Mas porque permitimos, enquanto espécie, desenvolver uma tecnologia capaz de nos destruir? Será seguro comer alimentos carregados de químicos se eu acreditar realmente que não me fazem mal? Porque haveria eu de querer ficar doente? Porque haveria uma criança de querer contrair uma doença terrível? Porque morreram todos os olmos? Porque perdeu a minha gata todo o pelo? Porque fugiu? Porque escolheu ter determinada cor?

Numa terça-feira de junho de 1974, a aula passara grande parte da noite a refletir sobre preocupações filosóficas desse género. O mais recente conflito entre Israel e os Estados Árabes voltava a devastar o Médio Oriente, enquanto a seca e a fome assolavam vastas regiões da Ásia e de África. Alguns membros falavam de como seria ideal criar uma escola baseada nas ideias de Seth e excluir o resto do desagradável mundo exterior; outros (incluindo a Jane e eu) opunham-se energicamente a essa ideia.

Às dez e meia da noite, as questões da guerra e da paz, riqueza e pobreza, bem e mal, crenças e realidade já tinham sido discutidas pela enésima vez, quando George Rhoads interrompeu o burburinho da conversa com a sua explicação de como as vítimas da fome na Índia

suportavam a sua situação: sabendo intuitivamente, disse ele, que a vida era uma ilusão.

«É por isso que o oriental parece misterioso e estoico ao observador ocidental», continuou George. «Eles sabem o que se passa — o homem ocidental não.»

«Tretas!», gritou Mary Strand, quase saltando do sofá, furiosa.

Percebi que as observações de George iam realmente desencadear uma boa discussão desta vez — mas, nesse momento, Jane tirou os óculos e Seth surgiu, colocando-os cuidadosamente sobre a mesa de centro cheia de coisas.

«Meu caro amigo», começou Seth, acenando para George, «perdoa-me a interrupção. Mas já fui físico muitas vezes e essa natureza física, enquanto fui físico, tornou evidentes vários "factos". Um desses "factos" é este — e concedendo a base daquilo que disseste [George], e compreendendo a tua intenção; estou apenas a usar as tuas palavras como trampolim — é mais fácil acompanhar a natureza da realidade enquanto ilusão quando se trata de uma ilusão feliz, e um estômago vazio continua a doer, nos vossos termos, mais do que um cheio!

«Aqueles de vós que vivem na abundância podem pensar que é espiritual, até sofisticado, fazer dieta, privar-se ou jejuar para se tornarem espiritualmente orientados. O homem faminto não se pode permitir esse luxo espiritual — as suas entranhas doem até a mente lhe girar!»

Seth olhou para cada um de nós, os olhos abertos, escuros e penetrantes.

«Mais uma vez, individualmente e em massa, escolhem a vossa realidade», continuou, agora com a voz rouca e sussurrante. «Assim, os famintos da Índia representam algo — a parte do planeta que está em sofrimento; o lugar onde as crenças não se harmonizam; onde o espiritual e o físico estão tão divorciados em termos práticos. Os gurus podem continuar os seus retiros de jejum, mas, entretanto, comem bem! Não jazem nas sarjetas cobertos pelo próprio vómito!

«Aqueles de vós que têm dinheiro suficiente para viver podem adotar as roupas dos pobres. Podem desprezar aquilo que consideram riqueza, mas, segundo os padrões [desses homens famintos], cada um de vós é verdadeiramente um rei!

«De que serviram esses rituais? E uso a palavra "ritual" porque compreendem o que ela significa nos vossos termos. Existe um ritual na fome; uma cerimónia. É o oposto da cerimónia que ocorre entre lustres, prata reluzente e pratos de porcelana. É o oposto da cerimónia oferecida pelos gurus.»

Seth inclinou-se para a frente na cadeira de baloiço da Jane, com um ar bastante severo.

«Existe uma cerimónia das estações; um ritual das estações que é abençoado, exuberante e conhece a sua própria ordem. O guru pode perfeitamente dar-se ao luxo de se deleitar nela!

«Aqui [na aula], os cobertores de conforto são-vos retirados. Ou melhor, são vocês que os retiram de si próprios, embora de vez em quando os puxem de volta e pensem como seria agradável ter um, nem que fosse por um instante!»

Então a voz de Seth ressoou com força:

«Vocês são as vossas próprias grandes cerimónias, tal como as estações são as suas próprias grandes cerimónias. Se alguma vez existiu um tempo em que as cerimónias naturais deviam ser reconhecidas — a cerimónia, aliás, a amorosa cerimónia das estações, da canção espontânea e da alegria espontânea — então esse tempo é este, nos vossos termos!

«Não é o momento de criar novas regras, regulamentos ou sequer dogmas amorosos. Nos vossos termos, já passaram por isso antes. Cada um de vós, à sua maneira, fará criativamente o que tem a fazer com o material, com o Sumari ou com a sua interpretação dele; e isso é bom. É para isso que ele existe. Nós vo-lo damos para que o utilizem à vontade.»

"Mas não haverá nenhuma nova organização, nenhuma nova igreja, nenhum novo culto. Haverá uma irmandade de homens e

mulheres que se conhecem a si mesmos e que exploram a natureza da sua própria realidade, subjetiva e objetivamente."

Seth interrompeu a sua exposição, e Allan Demming, que vinha defendendo a ideia de uma "escola Seth", tomou a palavra.

— Estás realmente a dizer-nos que a realidade está inteiramente isolada dentro do indivíduo? — perguntou. — Porque, se assim for, isso parece significar que não é possível qualquer união alegre entre as pessoas, porque...

— Ora, as gotas de chuva caem — interrompeu Seth. — Cada uma é individual. Não param para pensar em conjunto: "Temos todas de cair juntas sobre Elmira, Nova Iorque, às quatro horas desta tarde!" No entanto, sendo elas próprias, trazem frescura e vitalidade à erva e às flores precisamente ao cair.

— Não vos podeis separar dos outros nem do vosso mundo — disse Seth à aula em geral. — E, na verdade, também não podeis dissolver a vossa individualidade nos outros. Mas, ao serdes completamente vós mesmos, estais automaticamente a fazer aquilo que realmente quereis fazer — a cumprir o propósito que é vosso e a unir-vos a outros com um propósito semelhante. E, por isso, tornais-vos uma força da natureza; e, ao confiar nessa força que sois vós próprios, fluís naturalmente para as áreas do vosso interesse e dos interesses dos outros.

— Vós sois uma irmandade — não precisais de formar uma! Encontrai-vos com outros [Sumari] durante o sono. Não precisais de credenciais — nenhum de vós!

— Compreendo a vossa necessidade, devido à vossa existência histórica, de organização exterior — prosseguiu Seth, agora com uma voz suave e afetuosa. — Mas digo-vos que as verdadeiras organizações estão no interior. E, quando compreenderdes isto plenamente, não haverá necessidade de organizações exteriores, porque elas surgirão naturalmente, tal como surgem naturalmente as gotas de chuva — e mudareis a vós mesmos e ao mundo, tal como as gotas de chuva mudam o mundo sempre que caem.

Seth terminou esta exposição enquanto olhava diretamente para Richie Kendall, que estava sentado ao lado de Mary, na extremidade do sofá azul, obviamente ansioso por ter oportunidade de fazer uma pergunta. Agora, ele e Seth sorriram um para o outro, e Richie lançou-se ao assunto com a sua habitual intensidade brincalhona.

— Então — disse Richie, pontuando cada palavra com gestos exuberantes —, na prática, se eu desejar uma casa bonita, roupas bonitas, um carro bonito, etc., etc., e satisfizer esse desejo, então, na prática, estarei de alguma forma a agir para aliviar uma situação futura como a que existe na Índia, com pessoas a morrer de fome. Certo?

A aula explodiu em gargalhadas. Richie preocupava-se incessantemente com os bens materiais que não possuía. ("O que provavelmente explicava porque não tinha nenhum", observou Jane anos mais tarde.)

— Até eu tenho dificuldade em seguir esse raciocínio! — bradou Seth, divertido.

— Bem, sendo espontâneo — gritou Richie por cima das gargalhadas —, para onde quer que a minha espontaneidade me leve... Vá lá, calem-se todos! ... Se eu estiver a ser espontâneo, então estou naturalmente a ajudar o mundo do qual faço automaticamente parte, certo?

— Sem dúvida que estás! — respondeu Seth.

— Muito bem. Então, embora haja pessoas a morrer de fome na Índia e se pudesse enviar dinheiro para lá para as alimentar, se a minha espontaneidade me levar a comprar uma casa bonita, um carro bonito, um bonito...

— Se permitires à tua espontaneidade a sua própria liberdade, então poderás muito bem ter tudo o que quiseres! — respondeu Seth em voz trovejante. — Mas a espontaneidade também te conduzirá a pensamentos de amor pelos outros; levar-te-á a compreender que não podes pilhar o teu planeta; e levar-te-á a perceber que, enquanto uma pessoa estiver a morrer de fome, então tu também estarás a morrer de fome de formas que és demasiado ignorante para reconhecer!

O sorriso não desapareceu do rosto de Richie.

— Ah-hã! — respondeu ele. — Claro! Isso esclarece tudo perfeitamente!

— Agora o Richie vai sair daqui e gastar todo o dinheiro em roupa nova! — brincou alguém.

— Seth — disse Warren Atkinson nesse momento, com uma seriedade que atravessou todo o ruído —, podias comentar esta situação no Médio Oriente, onde parece concentrar-se tanta da nossa energia, quando, alguns milhares de quilómetros mais a leste, existe uma seca terrível e todas aquelas pessoas estão a morrer?

— Até certo ponto, e admito que de forma pouco clara, estou a abordar isso no nosso livro atual — respondeu Seth. — Mas cada região do mundo, nos vossos termos, tem um determinado significado, e as pessoas, naturalmente, aceitam a sua própria realidade e dão-lhe forma.

— Cada área — a área de que estás a falar e esta área do vosso país, por exemplo — são importantes pontos focais; cada uma trabalha determinadas crenças de forma exagerada. Se pensares nessas crenças, elas ocorrer-te-ão e compreenderás porque existem as condições de cada região.

Seth retirou-se, e a aula tentou, desajeitadamente, explicar a Jane o que tinha acontecido.

— Isto deixa-me completamente baralhado — disse Richie, ainda empoleirado na extremidade do sofá. — Se aquilo que o Seth está a dizer funciona mesmo, então isso quer dizer que é realmente correto sair por aí a comprar e comprar, deitar fora e comprar mais, e ter doze filhos, mesmo que isso signifique cortar todas as árvores para construir casas bonitas para toda a gente viver...

Interrompeu-se a meio da frase: Jane estava novamente a tirar os óculos.

— ... Tudo de forma totalmente espontânea, claro! — acrescentou Richie apressadamente.

— Há abundância — disse Seth, piscando os olhos escurecidos de Jane na direção de Richie. — Há também o facto de viverdes num

planeta físico. Com um sentido de amor e de identificação, a tua ideia de sobrevivência não incluiria aniquilar outras espécies para poderes viver. Compreenderias que todos partilhais esta realidade e que todos estais unidos numa gestalt de criatividade...

— Os animais, conhecendo a sua própria graça, reproduzem-se com uma alegria e espontaneidade que conhecem a sua própria ordem. A vaca, ao dar à luz, sabe quantas lagartas existem num prado, num campo ou num continente; e, nos vossos termos — mas apenas nos vossos termos —, as outras espécies adaptam-se graciosamente.

— Elas dão e recebem com uma elegância que só agora estais a começar a reconhecer. Não são glutonas!

— Escolhestes um tipo diferente de consciência. Esse tipo de consciência exigia um tipo diferente de desafio, para que, com a vossa nova espécie de mente, chegásseis a encruzilhadas diferentes. Esquecestes aquilo que os animais sabiam. Mas, com uma consciência diferente, tornar-vos-íeis então conscientes, de forma triunfante, mas por outro caminho, do conhecimento abençoado dos animais, e utilizá-lo-íeis novamente, em novos termos, como cocriadores conscientes. Ainda não atingistes esse nível, mas estais a caminhar nessa direção.

— Essa é uma resposta parcial às tuas perguntas — disse Seth, voltando-se para Richie. — Existe uma grande revelação consciente que, com toda a probabilidade, pode chegar a cada um de vós e aos membros da vossa espécie, através da qual compreendereis a natureza da vossa própria graça e a vossa relação com Tudo-o-Que-É dentro da realidade que conheceis; e então compreendereis muitas coisas.

— Quando não definis a vossa existência apenas como física, então não sentireis que tendes de vos reproduzir indiscriminadamente porque vos disseram que o deveis fazer; ou porque sentis que a vossa imortalidade depende da semente que cai de vós para a terra. Reconhecereis a vossa própria imortalidade e, por isso, sereis livres e felizes com a vossa mortalidade; e assumireis graciosamente o vosso papel de cocriadores a um nível consciente, juntamente com todos os seres conscientes e inconscientes que habitam a vossa realidade física...

— ... Aqui [na aula], sois reconduzidos à integridade, à alegria e à criatividade de vós próprios, e é aí que repousa a esperança do mundo — no vosso ser, e não no meu; na vossa realidade, e não na minha; e nas vossas crenças em vós próprios, e não nas vossas crenças em mim. Só na medida em que vos sirvo para vos recordar da vossa realidade maior é que vos sirvo e aprendeis comigo. E só na medida em que, através desta atuação com o Ruburt, reconheceis as capacidades das vossas próprias individualidades, aprendeis quando vindes aqui. Não tendes de falar pelos outros nem realizar grandes feitos psíquicos para vos conhecerdes a vós mesmos, para seguirdes a vossa consciência nos estados de vigília e de sonho, para caminhardes alegre e triunfantemente pelos corredores dos tempos e espaços do vosso próprio ser.

Em Abril de 1977, durante uma das raras reuniões sem aula realizadas após 1975, na nova casa de Jane e Rob, Seth continuou este tema numa mensagem primaveril:

— Não podeis ajudar-vos a vós mesmos nem à vossa espécie identificando-vos com a vossa própria fraqueza ou com a fraqueza da vossa espécie. Quando estais seguros, estais seguros, e estais numa posição de força e tranquilidade. Então tendes a energia e o entusiasmo necessários para pensar e sentir com clareza e para ajudar os outros.

— Quando estais numa posição de segurança, não ajudais fingindo que não estais seguros, nem tomando sobre vós a agonia dos outros. A vossa realidade, quando estais seguros, é uma realidade de segurança. A partir desse enquadramento tendes força, validade, graça e entusiasmo — energia adicional que podeis irradiar para tocar os corações e as realidades de outras pessoas.

— Se vos deixardes assustar tanto por realidades que não são as vossas; se tomardes sobre vós tragédias que não existem na vossa realidade, no vosso momento; então enfraqueceis a vossa posição e enfraqueceis a posição daqueles que julgais estar a ajudar. Olhais à vossa volta e vedes apenas desespero e impotência. Organizais a vossa realidade segundo as tragédias dos jornais!

Os meus ouvidos de jornalista despertaram imediatamente. Esta era uma questão sobre a qual eu frequentemente me atormentava,

mesmo sendo coeditor de um pequeno jornal semanal: qual era o efeito, sobre o público leitor, de relatar tragédia após tragédia, inúmeros erros dos governos locais, desastres ambientais e todos os outros intermináveis pântanos de más notícias? Quais eram as minhas responsabilidades como repórter que estava, pelo menos, consciente da natureza da sugestão e das crenças? Deveria tentar descobrir as injustiças, expô-las, dar às pessoas motivos para protestar? Ou deveria, de alguma forma, «tornar» todas as notícias otimistas, mesmo quando (à escala de um pequeno semanário) elas não o eram?

— As tragédias dos jornais são símbolos — continuou Seth, como se estivesse a responder. — Esses símbolos representam tragédias «reais», mas essas tragédias não existem no teu momento, a menos que estejas a participar nelas. Aqueles que estão envolvidos nessas tragédias sentem desesperança e perda de poder no presente — e não os ajudas assumindo tu próprio uma atitude de desesperança!

— O que estou a dizer esta noite é, de facto, simplificado... mas tens de atuar a partir da força, não da fraqueza. Quando estás numa margem firme, podes estender o braço ao homem que está em areias movediças. Não o podes ajudar saltando para as areias movediças com ele, porque certamente ambos afundar-se-ão — e ele não te agradecerá!

— Então estamos a fazer isso como nação? — perguntou Warren.

— Individualmente — enquanto lês o teu jornal, enquanto vês televisão — respondeu Seth. — Sempre que olhas à tua volta e dizes: «Os outros homens são tolos»; sempre que olhas à tua volta e dizes: «A raça humana está a destruir-se — é insana»; estás a fazer exatamente a mesma coisa — estás a saltar para as areias movediças, e não podes ajudar.

— Organiza a tua realidade de acordo com a tua força; organiza a tua realidade de acordo com a tua capacidade de brincar; de acordo com os teus sonhos; de acordo com a tua alegria; de acordo com as tuas esperanças — e então poderás ajudar aqueles que organizam a sua realidade de acordo com os seus medos.

Seth voltou-se para olhar para a Lauren DelMarie, que acabara de regressar de uma viagem à Califórnia.

— Há aqueles que profetizam um grande holocausto que destruirá a espécie — disse Seth. — Há aqueles que têm a certeza absoluta, minha querida Pan, de que a Califórnia, como o novo estado do pecado e da iniquidade, será banida da face da Terra. Há aqueles que profetizam, e que profetizam desde o princípio dos tempos, que o amanhã nunca chegará porque sois tão pecadores — porque sois tão idiotas! Não há diferença! Podes condenar-te porque és pecador e filha ou filho de Satanás. Ou podes dizer: «Isso é um disparate. Não somos pecadores nem filhas nem filhos de Satanás. Em vez disso, somos os rejeitados idiotas da natureza. Vamos destruir o nosso planeta. Somos perversos, não porque sejamos filhos de Satanás, mas porque somos átomos e moléculas insanos que se perderam!» Apenas o vocabulário é diferente!

— Algum de vós acredita realmente que a sua existência é um acidente cósmico? Algum de vós acredita verdadeiramente que a integridade deste momento é um acidente? Acreditais realmente que toda a natureza é sã exceto vós — que a natureza, no seu grande e sagrado ser, teve bom senso exceto quando criou homens e mulheres, e que apenas então se desviou do caminho?

— Se organizares a tua realidade dessa forma, então estás nas areias movediças! Se queres ajudar, permanece no terreno firme da tua criatividade e do teu ser! Só és tolo se atirares fora as tuas vestes e saltares para o terreno instável. Quem precisa de uma mão que vai afundar-se na lama? Bela ajuda, essa!

— Por isso, mais uma vez, devolvo-vos ao senso comum, à alegria comum, à integridade comum que cada um de vós sabe ser sua. E, se isso é satânico, então que sentido existe no satanismo, e alguns dos nossos bons espirituais poderiam aprender com ele! Contudo, o pobre Satanás também está no meio da terra movediça! E é uma pena, porque o conceito é importante... e esse conceito é o direito de objetar — o simples direito de dizer: «Não acredito seja no que for que os outros estejam a dizer!»

— Podes recusar acreditar por ignorância, estupidez ou orgulho — não importa. Tens o direito de dizer NÃO! E, em termos cristãos, Satanás disse «Não!» Olhou para a grandiosidade de Deus — tal como ela é compreendida, agora, segundo a vossa Bíblia — e estou a falar nos vossos termos, não nos meus — tal como a Bíblia é entendida e

interpretada, e não como a realidade alguma vez foi. Mas, nos termos da história, Deus disse: «Eu sou justo. Eu controlo o universo. Eu sou a verdade. Eu sou a realidade.»

— E Lúcifer ficou ali e disse: «Não, não és!» E Deus disse: «Rua!» E Lúcifer foi expulso. E nesses termos — e estou bem consciente de que isto pode ser deliciosamente mal interpretado — nesses termos, Lúcifer estava a dizer: «Ninguém pode criar a minha realidade por mim!»

— Ora, Lúcifer não era mau, mas, nos termos da história, Jeová também não era bom! Lúcifer não enviou dilúvios para destruir populações inteiras! Lúcifer não transformou pessoas em sal. Lúcifer disse: «Escutem a natureza e talvez aprendam alguma coisa.»

— Mas essas são velhas lendas. São lendas antigas, muito antigas, e tanto Deus como Lúcifer — Jeová e Lúcifer, nesses termos — estão mal retratados. A caracterização é fraca!

— Essa é a minha mensagem de Páscoa! Desejo-vos a todos uma boa noite...

Para muitos, a mensagem básica das palavras de Seth poderá ser um pouco difícil de aceitar, exceto como uma filosofia interessante. Aceitar como facto a ideia de que só mudando a própria realidade privada alguém pode realmente mudar o mundo pode parecer demasiado rebuscado, ou desesperadamente narcísico. No entanto, de que outra forma chegou o mundo ao seu estado coletivo atual, senão através da intensa concentração dos seus habitantes?

Este livro está repleto de testemunhos dos membros da aula que demonstram como Jane, Seth e a própria aula fizeram uma diferença real nas suas vidas, e como as ideias incorporadas nas palavras de Seth abriram domínios de identidade pessoal e de poder individual. A correspondência de Jane e Rob também está cheia de exemplos de pessoas comuns que assumiram o controlo das suas vidas privadas e obtiveram resultados — muitas vezes dramáticos — examinando as suas crenças, os conteúdos da mente consciente e utilizando os exercícios sugeridos em A Natureza da Realidade Pessoal e neste livro.

Ainda assim, a aula de Jane não era um grupo criado para preparar iniciados para saírem e proclamarem o novo Messias, nem para dizer às pessoas que as suas realidades privadas estavam erradas se não «acreditassem» no material de Seth. Era um grupo que se reunia para explorar a realidade privada — e os seus resultados no mundo — de uma forma que, muito simplesmente, não tinha sido feita antes, pelo menos em tempos recentes.

— Agora, dentro da psique que é a tua, existe o teu próprio modelo pessoal — disse Seth enquanto nos conduzia através de um exercício de estado alterado de consciência no final de 1974. — Quero que sintas os modelos que existem dentro da tua própria psique... Dentro da psique que é a tua, existe o teu próprio modelo pessoal. É o eu pessoal que escolheste, e segui-lo-ás através de todas as realidades e em todos os mundos que alguma vez conhecerás... Cada um de vós terá as suas próprias imagens, os seus próprios sentimentos e os seus próprios símbolos. Estes são extremamente importantes, pois constituem, pelo menos simbolicamente, os vossos caminhos pessoais para aquilo que vos pode parecer a natureza impessoal do universo.

— Se te recordares de alguns dos exercícios de Realidade Pessoal, então verás como isto se relaciona com o teu verdadeiro tom. Podes seguir esse tom. Podes captar a sensação do teu próprio modelo, ou sugerir que ele te apareça em sonho, e depois segui-lo. É a tua linha pessoal para todas as realidades com as quais estarás envolvido...

— Agora, eu disse-vos que viveis em muitos mundos. Convido-vos a tornarem-se conscientes das vossas outras realidades ou, pelo menos, de um pequeno canto de alguma outra realidade. Convido-vos, então, a tornarem-se ainda mais conscientes, em termos práticos, e a não terem medo da vossa própria consciência, nem da vossa própria realidade...

— Vós formais o vosso próprio modelo, por isso não tendes de o temer! Por outro lado, tal como sois invioláveis, também mantivestes inviolável dentro de vós o conhecimento do modelo que vós próprios criastes.

— O Ruburt tem toda a razão [quando disse anteriormente que] alguns de vós estão a começar a sentir por si mesmos o vosso próprio tom, seja qual for a forma como escolham descrevê-lo. Tornar-vos-eis

mais eficazes em todos os mundos, e este mundo tornar-se-á mais rico para a vossa realização.

Voltando-se para mim, Seth acrescentou:

— O fantasma do velho Nebene prestou-te um serviço esta noite ao mostrar-te o modelo para o teu livro. E o modelo para o teu livro, Lauren, está lá e tu já o viste; e o modelo para cada uma das vossas vidas está dentro de vós para que o vejais e interpreteis da forma que escolherdes. E não o rejeiteis; usai-o com alegria. Não o julgueis de acordo com aquilo que lestes ou ouvistes, para que não vos pareça insuficiente...

— Se realmente quiserdes aumentar a vossa experiência aqui, então tentai sentir nos [outros membros da aula] os modelos que existem dentro deles, sentir as suas excentricidades e aprender a relacionar-vos com as realidades dentro de vós próprios e com as realidades que existem entre vós e os outros...

— Tendes de tornar esta informação vossa. Então, para vós, ela torna-se psicologicamente válida e real. E, usando-a, podeis realmente alterar a natureza da vossa realidade. Mas tendes de estar dispostos a ser bondosos convosco próprios. Tendes de acreditar que, quando lançais apelos, eles são de facto respondidos, por mais impessoal que o universo possa parecer por vezes.

— Tendes de compreender que o vosso eu pessoal cresce tão naturalmente a partir desse universo como, noutros termos, qualquer estrela, qualquer flor ou qualquer folha de carvalho. Sois parte desse sistema. E quando lançais um apelo, realmente colocais o universo em movimento para que esse apelo seja respondido! E também enviais ajuda aos outros, muitas vezes mesmo sem vos aperceberdes disso, tal como uma flor envia ajuda a alguém simplesmente porque é bela...

— Podes levantar-te e dizer: «Eu sou eu mesmo, e sou bom, e recuso aceitar as crenças dos outros com as quais não concordo!»

Seth continuou mais tarde sobre o mesmo tema:

— Então, tu... defines a tua própria direção. Tens de fazer essa escolha! A escolha é sempre tua.

— Curvar-te perante crenças que já não aceitas, curvar-te perante o passado — ou afirmar a tua individualidade e o teu ser no presente, a plena divindade do teu ser, que inclui uma mente consciente — e recusar-te a ser intimidado por quaisquer elementos do chamado passado — e começas de novo! Isso é da maior importância para cada um de vós.

— Enquanto acreditardes no mal fundamental do homem, tereis de projetar sobre vós mesmos grandes castigos. Tereis de ver o vosso mundo destruído e, por isso, tereis profetas a dizer-vos isso; e eles falarão verdade, porque falarão a partir das vossas próprias crenças na ideia do vosso próprio mal.

— Ora, não existe holocausto algum, a menos que acrediteis que sois tão maus que tendes de vos castigar. Mas haverá sempre espíritos benevolentes como eu que vos dirão que, embora sejais maus, sois perfeitamente maus e absolutamente belos, e nada vos destruirá, a menos que estejais convencidos de que sois tão maus que tendes de ser destruídos! E mesmo assim, apenas aqueles que acreditarem nisso participarão dessa probabilidade; e aqueles de vós que se recusarem a aceitar essa crença aprenderão, em vez disso, como já disse, uma tecnologia amorosa, e aprenderão a lidar com o vosso universo e com a vossa Terra através da tecnologia, mas com amor. Insuflareis amor nas vossas máquinas, e esse amor trará a verdade.

— Os profetas que falam de perdição falam verdade. Falam verdade quando falam a partir de uma estrutura que acredita na perdição. Mas essa estrutura é apenas uma probabilidade que ganha força apenas através da crença no mal. Assim, os profetas sentem essa crença e compreendem emocionalmente que, enquanto essa crença for mantida, ela expressar-se-á — e, por isso, eles próprios são terrivelmente impelidos por essas crenças; e pintam quadros terríveis que residem individualmente na psique de cada pessoa que se sente condenada.

— Digo-vos que estais cheios de graça. O vosso planeta está cheio de graça. Quando compreenderdes isso, não precisareis de fingir destruir-vos a vós próprios ou ao vosso planeta. Podeis viver amorosamente convosco próprios e com o vosso planeta!

— Existem direções que a vossa consciência pode seguir, e eu estou a tentar dizer-vos quais são essas direções. E, se seguirdes essas direções, então realmente, nos vossos termos — nos vossos termos — haverá o nascimento de um novo tipo de espécie: uma espécie que compreende a sua condição abençoada de criatura; uma espécie que compreende a sua espiritualidade biológica; uma espécie que cria conscientemente uma realidade da qual pode verdadeiramente orgulhar-se; uma espécie que não destrói o seu planeta, mas o considera sagrado; uma espécie que cria consciente e intencionalmente o tipo de mundo que um deus sensato criaria; uma espécie que cria um deus que é ela própria; um deus que não necessita de céu nem de inferno!

— Esquecei as vossas ideias de presente e passado. Esquecei os disparates ocultistas que aprendestes e olhai para o vosso presente com os olhos maravilhados de um novo eu.

NOTAS

1. Esta é uma referência a The "Unknown" Reality, mas o tema também é explorado nos dois livros posteriores de Seth, The Nature of the Psyche: Its Human Expression, capítulo 11, e em The Individual and the Nature of Mass Events, publicado em 1981.

2. Para mais sobre o universo «seguro» e sugestões sobre como te perceberes dentro dele, consulta ambos os volumes de The "Unknown" Reality, especialmente a página 310 do Volume 2, notas da Introdução.

3. Ver Psychic Politics para mais informações sobre modelos pessoais e excentricidades.

4. Esta observação faz-me lembrar as «canções» Sumari individuais que foram dadas a alguns membros da aula, tal como descrito no capítulo 7 de Conversations.

5. Nessa noite, o Rob sugeriu-me que eu escrevesse um livro sobre os meus próprios sonhos e experiências psíquicas; chegou mesmo a dar-me alguns exemplos de capítulos que eu poderia incluir nesse livro. Fiquei imediatamente fascinada com a sugestão e mais tarde escrevi alguns capítulos de amostra, intitulados Vidas Paralelas, que enviei ao meu actual editor. Embora outros acontecimentos tenham desviado o meu interesse e eu nunca tenha

concluído esse projecto em particular, o manuscrito foi um dos factores que acabaram por conduzir a este livro, e grande parte do material sobre a minha vida que reuni para Vidas Paralelas aparece em Conversas.

6. Uma referência a um romance de ficção científica que a Lauren escreveu mais tarde; nesta data permanece inédito. A Lauren também reuniu um manuscrito de entrevistas com escritores de ficção científica.

CAPÍTULO VINTE E UM
NINGUÉM FAZ ISSO MELHOR:
AULA E PÓS-AULA DESDE ENTÃO
FILHOS DO SEMPRE

«Quando nos mudámos para a nossa nova casa, de algum modo aquilo simplesmente não se encaixava», diz a Jane sobre a sua decisão de terminar a aula em 1975. «Na casa antiga tínhamos os dois apartamentos, e havia uma forma de separar as coisas, de acordo com as nossas ideias de privacidade — a aula tinha a sua "própria" sala de estar e nós tínhamos a nossa do outro lado do corredor, e eu podia deixar os meus papéis em cima da secretária lá, ou atravessar o corredor e fechar a porta durante o intervalo...

«Não tenho a certeza de que parte de mim deixava naquele outro apartamento durante a aula, mas, fosse o que fosse, a nossa nova casa simplesmente não estava organizada da mesma maneira, nem para o mesmo tipo de grupo regular. Se tivéssemos ficado com a grande casa antiga da Foster Avenue que fomos ver, eu teria retomado a aula em duas semanas... aquele lugar tinha duas salas de estar e duas casas de banho, percebes?... Sempre tive a sensação de que, se deixasse de dar a aula uma vez, seria o fim; que tinha de manter o "hábito"... mas sinto a falta dela: das pessoas, da exuberância e, não sei, da sua imediatismo...»

Mas mesmo sem a diferença das instalações físicas, quando a Jane e o Rob se instalaram na nova casa e começaram novamente a pensar na aula, os membros já se tinham dispersado para muito longe, rumo a novas carreiras e novos rumos de vida — chegando até a

organizar aulas de «Seth» por conta própria. Absorvidos pela preparação de manuscritos como o volumoso The "Unknown" Reality e inundados por uma quantidade cada vez maior de cartas de admiradores, a Jane e o Rob começaram a dedicar cada vez mais tempo ao seu trabalho privado. Assim, com exceção de pequenos encontros ocasionais com alguns antigos membros, a aula de ESP da Jane chegou ao fim.

Mas, muito provavelmente, «a Experiência» continua; começou uma nova estrutura.

«Por causa da aula, sinto uma afinidade com mais pessoas do que alguma vez esperei», diz a Betty DiAngelo. «E ultimamente tenho consciência de coisas que acontecem sob a superfície e que acrescentam aspetos interessantes às minhas experiências. O Seth disse uma vez que estamos sempre à procura de nós próprios, o que, por sua vez, nos leva a fazer cada vez mais perguntas a nós mesmos... A aula deu-me um contexto para certas experiências e a confiança de que podia procurar respostas e encontrá-las dentro de mim.

«Era inevitável que os conceitos de Seth/Jane influenciassem a forma como interajo com os meus filhos», observa a Betty. «Sinto que estes conceitos também são meus. Transmiti à minha filha o conceito do "universo seguro" de Seth, porque sei que o mundo pode muitas vezes ser avassalador para as crianças pequenas. A minha filha nunca o esqueceu e usa a expressão, sobretudo quando se sente triste ou assustada sem motivo aparente... É algo em que também estou a trabalhar e sinto que só pode contribuir para a sua independência à medida que cresce... Penso que a incentivo a olhar para além da superfície das coisas e creio que a maioria das crianças já o faz, mas não expressa as suas impressões por receio de desaprovação. Quero que ela sinta que as suas impressões são válidas, mesmo quando diferentes das dos outros.

«De vez em quando, a minha filha e eu fazemos experiências de relaxamento e de estado Alfa, e ela fica encantada com isso. Também a incentivo a recordar os seus sonhos e a falar deles — e, sem surpresa, temos sonhos semelhantes. Em Março de 1979, eu tinha pensado muito em Sumari, provavelmente por estar a trabalhar no teu

questionário, e também porque tive muitas experiências de ouvir Sumari cantar nos dois anos anteriores.

Numa manhã de Março, a minha filha entrou muito excitada no nosso quarto; disse que estava a ouvir um canto e não sabia de onde vinha, e que era um grupo inteiro de vozes. Chegou até a recordar um dos refrães. Tenho a certeza de que era Sumari, porque as nossas experiências e sentimentos costumam seguir linhas semelhantes. Ensinei-a a ver a sua própria aura à noite e ela diverte-se imenso com isso e acha extraordinário...

«Posso dar-lhe sugestões sobre os seus pesadelos, que muitas vezes a assustam, dizendo-lhe que talvez sejam ideias ocultas que ela tem e, por isso, sonha com elas. Descobri que ela faz algo muito interessante, e tenho a sensação de que a maioria das crianças provavelmente faz o mesmo: representa os seus sonhos, particularmente os pesadelos. É interessante que, na maior parte das culturas "primitivas", se diga que as pessoas faziam precisamente isso — por exemplo, a maioria das tribos indígenas americanas fazia-o; acreditavam que representar os próprios sonhos era vital para a saúde emocional e física da pessoa...

«Espero ter "terminado o jardim-de-infância", como diz Seth; houve momentos na aula em que me senti a mais lenta da turma, e preencher este questionário foi como um exame final», conclui a Betty. «Já não ando por aí a defender Seth nem a pontuar as conversas com "o Seth diz" isto ou aquilo. E talvez todos sintamos agora que chegou o momento de experimentar as nossas próprias asas e que somos capazes de determinar a realidade por nós mesmos... Poderia continuar indefinidamente a descrever o quanto a minha vida mudou desde que comecei a trabalhar com crenças. Eu própria não tinha consciência do impacto total até agora. É algo muito libertador — não é como uma religião, em que nos dão um esquema de como viver a vida; é exatamente o contrário, pois descobrimos, através da aula, ferramentas que sempre estiveram disponíveis para serem usadas, e a melhor parte é que se trata de um processo contínuo. Não sinto que exista aqui um beco sem saída nem um sinal de paragem.»

Quanto ao desenvolvimento de um tipo diferente de quadro de referência com os filhos, parece-me — como a Betty expressou — que

compreender as ordens internas da lógica desde cedo pode literalmente começar a dar origem a um novo tipo de consciência no mundo. Todos os pais que responderam ao meu questionário afirmaram que incentivavam os filhos a recordar e interpretar sonhos e respeitavam a vida subjetiva das crianças. Este aspeto da relação entre pais e filhos não é apenas vital — é maravilhoso, fascinante e divertido.

Recentemente, tive um sonho estranho e em grande parte intraduzível, envolvendo padrões geométricos. Nele, o Sean e eu avançávamos por uma série de salas verticais que se erguiam acima de uma planície lisa e riscada. Cada conjunto de salas encaixava dentro do outro como caixas, das mais pequenas para as maiores, e, à medida que subíamos, o conjunto inteiro começava a mover-se na direção da nossa ascensão. Depois, as salas transformavam-se noutra série, que tínhamos de percorrer noutra direcção — de lado ou em diagonal. Nunca tinha sonhado nada semelhante e, durante todo o sonho, o Sean parecia saber exatamente o que devíamos fazer.

Anotei o sonho antes de acordar o Sean para o pequeno-almoço. Casualmente, perguntei-lhe se se lembrava de algum sonho. Inacreditavelmente, começou a descrever aquilo a que chamou «uma série de coisas difíceis de pôr em palavras»: estivera a observar uma série de submarinos concêntricos, cada um encaixado dentro do outro, a flutuar à superfície do oceano. Um a um, os submarinos emergiam: o mais pequeno do interior do seguinte, depois esse do interior do próximo, e assim sucessivamente até que o maior ficasse vazio.

À medida que cada submarino aparecia, invertia a direção e afundava-se horizontalmente sob o mar. Quando o maior submarino se afundou, a cena mudou para a imagem de três pedras idênticas alinhadas numa planície lisa — «Sabes, daquele tipo com as linhas que convergem para um ponto ao fundo», disse o Sean, descrevendo a mesma «planície em perspetiva» que eu tinha visto no meu sonho. «E havia qualquer coisa de especial na forma como aquelas pedras estavam dispostas, alguma lição — mas não sei qual», concluiu.

Anotei as suas palavras e depois li-lhe o relato do meu sonho.

— Então? — perguntei com expectativa, levantando os olhos do papel. — O que achas que isso significa?

O Sean gemeu e levou a mão à testa.

— Oh, meu Deus! — lamentou-se. — Acho que isso significa que vou acabar por ser escritor!

Numa manhã, durante uma gripe quando tinha três anos, o Sean contou-me entusiasmado tudo acerca do «senhor doutor que vem falar comigo enquanto sonho e me diz como posso curar-me». O Sean disse que esse homem «usava um chapéu preto alto e um casaco comprido com duas abas e às vezes era o Coelhinho da Páscoa, mas às vezes não falava, apenas me atirava pensamentos». Nessa altura eu não lhe tinha feito quaisquer sugestões relacionadas com sonhos desse género.

Alguns meses mais tarde, íamos de carro a ouvir na rádio uma versão popular de *The Boogie-Woogie Bugle Boy of Company B*, quando o Sean começou subitamente uma descrição detalhada e longa daquilo a que chamou «a outra vez em que estive vivo, nos anos vinte». (Mais uma vez, eu não fazia ao Sean «palestras sobre o material de Seth» e continuo sem insistir muito nisso nas nossas conversas.) Durante pelo menos meia hora, o Sean desenvolveu uma encantadora história sobre «o meu próprio eu John Keelish, quando eu dançava e tinha uma trompa grande. Cinco pessoas dançavam comigo. Também uma senhora, mas ela não tinha trompa, só tinha uma boca para cantar... Nasci na Cidade da Canção da Couve e morri porque bebia demasiado daquela coisa.»

Apesar das muitas perguntas que lhe fiz, nunca confundiu os detalhes da história nem se contradisse. Fantasia completa ou não, o Sean estava, no mínimo, a demonstrar uma capacidade narrativa deliciosamente provocadora, e o meu incentivo consistia em dizer-lhe: «Continua a ver essas imagens e conta-me tudo sobre elas.» Quantas pessoas, porém, são afastadas de um contacto espontâneo com aspetos da sua própria identidade? Quantas crianças são impedidas de expressar este tipo de imagens pela advertência de que tais histórias não são «verdadeiras» e, portanto, são «más»?

Mais uma vez, não estou prestes a lançar-me numa busca frenética, em nome do Sean, por referências enciclopédicas a um tocador de trompa dos anos 20. Para além das minhas suspeitas pessoais de que nada permanece tão literal, também não estou disposta a encaixar as perceções interiores do Sean noutro conjunto de

definições que, tal como aquelas que examinei em criança, nem sequer começam a corresponder à experiência pessoal. Para mim, o importante é incentivar a criatividade lúdica, a integridade intelectual e a confiança no eu espontâneo — e, em termos imediatos e terrenos, penso que a nossa sobrevivência depende disso.

«Toda a gente acha que sou louca — precognição? Bah, tretas! Mas num bebé, ainda por cima...» escreveu-me a Bernice Zale em Junho de 1979.

«Na quinta-feira, a minha mãe esteve cá a passar o dia [vinda de uma cidade a cinquenta quilómetros de distância]», dizia a carta da Bernice. «Pusemos o Ben [filho da Bernice, então com onze meses] a dormir a sesta da manhã às 10h45 e às 11h15 acordou de repente aos gritos e a chorar como nunca o tinha ouvido fazer. Bastaram-me alguns segundos a segurá-lo para perceber que não era dor física. Era puro terror. Foi preciso andar muito com ele ao colo e ter muita paciência, mais o almoço e depois uma hora de passeio no carrinho, para o acalmar! Como sabes, o Ben é exatamente o contrário disto. Tive a sensação de que tivera um pesadelo.

«Nessa noite, já eu estava deitada, ouvi o meu marido atender o telefone. A minha mãe ligara... para me dizer que o meu pai estava no hospital. Precisamente na altura em que o Ben estava a dormir a sesta, o meu pai começou a sentir-se mal. Estava na rua [longe de casa] e praticamente arrastou-se até casa para se deitar no sofá da sala... À uma da tarde começou a sangrar... O sangue saía-lhe pela boca e pelo reto.

Conseguiu rastejar até ao corredor, mas não foi capaz de chegar ao telefone e apenas conseguiu entrar na banheira, onde sentiu que poderia morrer sem fazer ainda mais desordem do que já tinha feito. A minha mãe chegou a casa depois das cinco da tarde e encontrou um incrível rasto de sangue até à casa de banho, e o meu pai a entrar em choque devido à perda de sangue... Uma ambulância levou-o para o hospital. Parece que a úlcera estava a sangrar há várias semanas e ele andava a tomar aspirina, sem dizer nada a ninguém, para aliviar o que julgava ser uma dor nas costas. Agora está bem...

«Entretanto, acredito que a sesta do Ben foi interrompida por um pesadelo. Ele gosta muito do meu pai e segue-o para todo o lado

sempre que pode. Penso que o Ben sonhou com aquilo que em breve aconteceria ao avô. Não sei se isto será útil para o teu livro, mas... parece-me que a experiência do Ben pode ser pertinente.»

«Como é que a aula mudou a minha vida?», reflete o Harold Wiles. «Provavelmente desenvolvendo a tolerância para com os meus semelhantes. Sei que, tal como eu crio a minha realidade, cada pessoa cria a sua. Quem pode dizer que essas realidades têm de coincidir? Se não coincidem, para quê complicar? Acho que essa é a mudança mais importante. Sei (e acredito) que crio a minha realidade. Por vezes posso não gostar dela, mas sei que não há mais ninguém a quem culpar. Acho isso extraordinário!»

Outros membros da aula agruparam-se e reagruparam-se à sua maneira, seguiram caminhos independentes e encontraram outras filosofias através das quais explorar as suas ideias. A Charlene Pine e o Rudy Storch dirigem as suas próprias aulas em Nova Iorque com base nas transcrições da aula da Jane; a Charlene está a compor um livro sobre a sua experiência pessoal de cura.

O Lauren DelMarie e o Will Petrosky escrevem para uma estação de rádio de Berkeley; o Lauren também está a preparar para publicação o seu livro de ficção científica. A Camille e o Warren Atkinson estão ocupados com os seus seis filhos adolescentes; todos são musicalmente dotados e divertiram-se a transcrever algumas das canções Sumari a partir das gravações do Warren. O Richie Kendall escreve canções; a sua *Joyful Rain* foi gravada por um grupo profissional de estúdio.

Em suma, apesar de todo o impacto que teve sobre os indivíduos que a frequentaram, a aula, enquanto grupo, dissolveu-se com facilidade — e talvez apropriadamente — quando chegou o momento. «A aula terminou porque a Jane e o Rob já não precisavam dela», diz o Warren Atkinson. «E muitos dos membros também já não precisavam dela enquanto grupo. Mas a experiência desenvolveu-me e transformou-me. Eu era o observador, o interiorizador — o Cardeal — um conservador estimulado por um visitante desencarnado.»

As transcrições e gravações da aula (embora protegidas por direitos de autor) circularam pelo país durante vários anos; e grupos

orientados por Seth surgiram em dezenas de locais, de Nova Iorque à Florida e Califórnia.

«Alguns são excelentes», diz o Richie Kendall, que frequentou várias dessas aulas "independentes". «Alguns são apenas desculpas muito pobres para uma pessoa impor aos outros as suas próprias necessidades de poder. Bem, suponho que quem vai a essas aulas também tem os seus motivos.

«Mas uma coisa que às vezes encontro em pessoas que leram Seth é uma espécie de processo estranho pelo qual usam as palavras de Seth para justificar qualquer disparate em que estejam metidas, sem examinarem as suas crenças», acrescenta o Richie. «De uma forma estranha, podes acabar por usar a ideia de "crias a tua própria realidade" para não olhares para como ou porquê estás a criar a realidade que tens.

Na melhor das hipóteses, é uma utilização superficial da ideia; na pior, é a mesma velha tolice com uma nova justificação. Porque quando realmente começas a examinar as tuas crenças — quero dizer, a ouvir-te verdadeiramente e a aceitar verdadeiramente que crias toda a tua experiência — quando eliminas toda a treta e começas a olhar honestamente para as tuas crenças, dás um passo, um passo lateral, para um mundo de ação literalmente novo. E, estranhamente, ao mesmo tempo ficas menos separado do mundo. O mundo torna-se algo íntimo. Porque, naturalmente, é algo íntimo. Mas só compreendes isso quando dás esse passo.

«Não podes simplesmente debitar as palavras apropriadas de Seth da página tal ou qual para cada situação que encontras. As palavras destinam-se a conduzir-te para a tua própria experiência — para esse passo de regresso ao teu próprio eu.»

«Sabes o que eu penso?», conclui o Joel Hess acerca da aula. «Penso que uma das suas maiores contribuições foi a forma como construiu uma ligação entre nós, tecnocratas sofisticados do século XX, e os nossos antepassados, recuando até às proverbiais brumas do tempo. Deu-nos um lugar onde descobrir que os sonhos e as chamadas experiências "psíquicas" não nos são impostas, mas fazem parte de nós e destinam-se a ser usadas como parte de nós.

Mostrou-nos como é plausível que pessoas sensíveis e inteligentes passem a acreditar em espíritos, fantasmas, deuses, anjos, contactos com outros seres noutros tempos e em sonhos sem limites definidos. Proporcionou-nos um vislumbre de nós próprios; dos nossos antepassados, por assim dizer, sentados à volta de uma fogueira há eras obscuras, curando cortes e nódoas negras com preces, encantamentos, feitiços, Alfa... trazendo uma criança doente de volta à saúde pela força da vontade... e conversando com os deuses sobre onde a caça seria melhor no dia seguinte.

«Já não pensamos nesses antepassados como pessoas tolas e supersticiosas que viam um deus ou um demónio atrás de cada arbusto. Se tudo isto não passar de uma necessidade psicológica humana de ter uma explicação sobrenatural para acontecimentos misteriosos do mundo natural, então talvez tenhamos manifestado esses mesmos impulsos no nosso próprio tempo, sem nos sentirmos tolos ou supersticiosos, certamente não estranhos, loucos ou excêntricos...

Nesse caso, podemos compreender os impulsos humanos que deram origem a tantas das nossas lendas, religiões, deuses, poderes, presságios e práticas. Ou talvez, apenas talvez, os nossos antepassados conhecessem e utilizassem segredos e recorressem a poderes dentro de si próprios e do mundo à sua volta que nós estamos apenas a começar a redescobrir.»

EXCERTOS DE UMA AULA «INFORMAL»

REALIZADA EM 2 DE DEZEMBRO DE 1978

Várias pessoas dos tempos da aula de ESP reuniram-se em casa da Jane e do Rob nesta noite invernal de sábado. A maioria tinha conduzido cerca de quatrocentos quilómetros desde Nova Iorque. Sentámo-nos à volta do espesso tapete felpudo da acolhedora sala de estar, entre a selva de plantas e estantes de livros, com os quadros do Robbie a espreitarem das paredes cor de creme — pinturas em tonalidades profundas e ressonantes de luz e sombra.

Conversámos sobre os nossos projetos atuais. A Jane e o Rob estavam sentados um em frente do outro à mesa redonda de trabalho da Jane, ouvindo atentamente e com afeto. O meu projeto de livro

sobre a aula tinha recebido uma resposta entusiástica do meu editor; eu encontrava-me, com alguma apreensão, à beira do meu primeiro contrato. O Vic — pianista e compositor de concertos —, a Charlene e o Rudy descreveram as suas aulas de «Seth».

— E o que fazem exatamente nelas? — perguntou a Jane, sorrindo. — Entram em questões de sexualidade? Nas divisões entre homem e mulher? Trabalham com crenças, contam segredos, tiram a roupa?

Todos nos rimos.

— Em suma, meus amores — disse a Jane —, vão ao cerne da questão?

O Vic respondeu que a sua aula lidava sobretudo com material de reencarnação; a Charlene falou das suas experiências de cura; o Rudy falou dos trabalhos sobre crenças que atribuía aos alunos. O Richie Kendall leu então um longo ensaio sobre a natureza da Arte e da Vida. Quando terminou, a Jane tirou os óculos e os familiares olhos escuros de Seth, juntamente com a sua expressão ligeiramente divertida, voltaram a contemplar-nos a partir daquela incrível janela invisível no tempo e no espaço.

Agora. O sol brilha, o escritor escreve, o artista pinta, o pensador pensa, o sonhador sonha, e cada um de vós, saiba-o ou não, segue naturalmente a sua própria natureza. Floresces quer reconheças ou não o padrão das tuas pétalas. Cantas. És como uma transespécie, como Ruburt diria. Algo acontece quando encontras o mundo, algo acontece quando vos encontrais uns aos outros, algo acontece quando tens um filho, quando pensas, quando olhas para outra pessoa. Algo acontece no momento em que nasces e o mundo fica diferente. Porque existes, o mundo é diferente. É um mundo de indivíduos e, distorcendo uma antiga afirmação histórica: Deus deve amar os indivíduos, porque nunca criou outra coisa.

Não nasceis como membros de uma nação atados cauda com cauda.

Cada um de vós tem consciência da diferença dos seus pensamentos. E quando os vossos pensamentos encontram o mundo, mudam o mundo.

Agora, também sois mudados pelo mundo, porque não sois feitos de betão. Mas, se vos ensinei alguma coisa, espero ter-vos dado a graça de vos conhecerdes a vós próprios até certo ponto. De reconhecer que sois, de facto, à vossa maneira, transformadores do mundo. Porque, ao mudardes a vós próprios, ao crescerdes, mudais o mundo. O mundo muda porque existis.

Agora, se escutardes sem escutar demasiado intensamente, em qualquer momento íntimo podereis ouvir as vossas moléculas gritar, se me permitirem a expressão, com o seu próprio otimismo. Cada molécula é o seu próprio mundo. Cada molécula é o seu próprio mundo. Os vossos pensamentos formam mundos. Eu digo o que digo e digo mais do que ouvis, e, no entanto, ouvis-me em silêncio. Quando falo de responsabilidade, falo da responsabilidade de um gato de erguer a cauda ou torcer uma orelha.

Billy II, o gato-tigre cinzento, estava sentado num canto, abanando a cauda, observando todos os movimentos que este estranho grupo de pessoas fazia. Nenhum gato diz: «Tenho de manter o meu traseiro desta ou daquela maneira», ou «Tenho de brincar com a erva-dos-gatos.» E, contudo, um gato é um gato, quer tenha defeitos ou uma pata partida, quer consiga ouvir ou não, quer seja velho ou novo. Um gato é um gato perfeito. Ora, isso conseguem compreender. Mas, da mesma forma, tendes a responsabilidade de ser vós próprios, tal como um gato tem a responsabilidade de ser ele próprio. De expressar a natureza criativa e alegre que é a vossa. E, através dessa expressão, a vossa espiritualidade florescerá. Porque ela não florescerá se fingirdes que o espírito está algures e vós estais aqui.

Aula e Não-Aula Desde Então / 567

Assim, aqueles de vós [que dirigem aulas] que falam em meu nome, permiti que haja momentos de atividade exuberante. Permiti que haja brincadeira. Permiti até que haja discórdia, se isso for necessário; mas nunca — e eu sei que não o fariam — nunca imponhais um teto artificial de paz. Porque a paz é ativa. E, portanto, se tenho alguma mensagem para os vossos alunos [para Vic, Charlene

e Rudy], como habitualmente, não é uma mensagem silenciosa. Quando sentirdes plenamente a vossa própria vitalidade, isso será compreendido pelos vossos alunos. E quando cada pessoa sentir e libertar a sua própria criatividade [para mim], não haverá necessidade de livros sobre aulas de Seth. Mas agora existe essa necessidade.

Então todos vós começastes alguma coisa, não foi? E quando começou? Ora, nos meus livros e quando vos falo, uso normalmente palavras simples. E as pessoas por vezes escrevem perguntando porque não dou métodos adequados — isto é, mais e mais instruções sobre como fazer isto ou aquilo. Assim, quando vos digo que as vossas aulas devem vibrar de qualidade, cabe-vos a vós descobrir o que qualidade significa para vós. E quando digo a cada um de vós, haja aulas ou não, que as vossas vidas sejam vidas de qualidade, de beleza e de verdade, não estou prestes a definir beleza ou verdade por vós. Esse é o vosso desafio.

Seth retirou-se; depois de transmitir as suas observações à Jane, entrámos numa discussão sobre acontecimentos recentes do mundo, incluindo o suicídio coletivo, em Novembro de 1978, do grupo People's Temple em Jonestown, na Guiana; e os conflitos entre homossexuais e heterossexuais desencadeados na Florida na sequência da campanha anti-homossexual da cantora Anita Bryant. Alguém comentou que a cobertura televisiva dos seus discursos era responsável por tornar o seu ponto de vista mais credível junto de um público de massas. Nesse momento, Seth voltou a entrar na conversa:

Agora, assunto: Anita Bryant. Assunto: Jonestown. Assunto: a comunicação da consciência oficial e aquilo que ela produziu.

Se não fosse a televisão, saberíeis muito pouco sobre Anita Bryant; saberíeis muito pouco sobre o Reverendo Jones [que conduziu o People's Temple à morte na Guiana], que acreditava ser Deus e «levou os seus seguidores à loucura». Se não fosse a televisão, a tecnologia e a linha oficial da consciência, não conheceríeis o fanatismo de Anita Bryant, a tarte de maçã americana, a boa religião e tudo o mais.

Ora, Anita Bryant serve um propósito, apesar de todas as suas distorções. Faz com que cada pessoa questione a natureza das suas próprias crenças acerca da sexualidade. E a sexualidade não é apenas

uma questão pessoal. Não é apenas uma questão de quando o fazer, com quem e como.

A sexualidade, no vosso tempo, significa: O que é ser americano? É americano ser um herói do futebol americano e um macho agressivo? É americano ser homossexual e amar poesia, dança, música ou crianças? É um cliché pensar que todos os homossexuais são sensíveis e gostam de música? Não existem homossexuais violentos nem canalhas? Todos os homens estereotipadamente «masculinos» são assim porque querem ser assim? São forçados a esconder certos sentimentos? O que são as mulheres? Como as consideram os homens?

Ora, Anita Bryant, com as suas flores de laranjeira [referência aos anúncios televisivos de sumos cítricos da Florida protagonizados por ela], apresenta-vos todas essas questões. E cada pessoa que a vê na televisão tem de examinar as suas próprias crenças. E o mesmo se aplica ao nosso Reverendo Jones e a qualquer fanático. Porque o fanático fala em termos exagerados, mas exprime crenças que, até certo ponto, cada um de vós possui — mas em que grau? E, assim, eles são professores à sua maneira. Podeis odiá-los ou ridicularizá-los. E podeis dizer que são fanáticos, o que são. Mas assustam-vos porque sabeis que, no vosso íntimo, algumas das suas crenças existem, em formas mais fracas, e onde traçais a linha?

Portanto, até o fanático serve bons propósitos. E digo-vos que ninguém, nenhum fanático, conduz massas de pessoas. As pessoas seguem porque querem, e ninguém as conduz. E, se pensais que sois um líder, compreendeis mal as pessoas, porque elas estão a levar-vos para onde querem ir. Apenas sois vós que assumis a responsabilidade, e não elas. Formais a vossa própria realidade. Tudo isto, vedes, é muito mais complexo do que parece à centésima, ducentésima ou milésima observação.

Vic transmitiu os comentários de Seth à Jane, mas foi interrompido a meio pelo súbito regresso de Seth:

Agora, eu também não beberia o raio daquele sumo de laranja dela!

— Muito bem! — disse Vic.

Ora, amo-vos a todos e sei que me amais. E espero que esse amor seja, de alguma forma distante, capaz, distante, distante, de conter algum — algum — algum — [sussurra] algum sentimento bondoso por pessoas como Anita Bryant... Lembrai-vos, e não espero que nenhum de vós, na vida prática diária, tome isto como regra, mas lembrai-vos: é porque esperais tanto das pessoas que Anita Bryant e os fanáticos ficam tão aquém. E é por isso que estais zangados com eles. O vosso amor pela humanidade contém... Não odiais ninguém que não sejais capazes de amar. Lembrai-vos disso.

Não espero que nenhum de vós seja santo. Porque, se fosseis santos, não estaríeis aqui. E se eu fosse santo, também não estaria aqui. Mas, na vasta gama das vossas emoções, deixai espaço para amores muito distantes, tão distantes e tão estranhos que nem os reconheceis. E deixai espaço para os sentimentos de perda, amargura e raiva que estão por trás das declarações de Anita Bryant. E para os sentimentos de falta de valor que alimentam as suas declarações e sentimentos. É como se ela fosse um prado sobre o qual nunca tivesse caído chuva. Nesse caso, certamente estaria amarga e choraria.

Contámos à Jane o que Seth tinha dito.

Com humor:
— Esqueceram-se da parte sobre tentar amar Anita Bryant.

— Estávamos mesmo prestes a dizê-lo — respondeu Rudy apressadamente.

— Está na ponta da língua — garantiu Vic.

Apenas um amor pequenino, pequenino e distante.

Ora, a Sue é grandeza. O Richie é grandeza. O Joseph [Rob] é grandeza. O Rudy é grandeza. A Roni é grandeza. Sois todos grandeza. Saber que sois grandeza é qualidade.

Então as vossas expressões são verdadeiras expressões de qualidade e não estão manchadas. Sejam elas quais forem, não estão manchadas. Reconheceis a qualidade. Instintivamente, quer consigais dizer o que ela é, quer não. Ela inspira-vos. Afastais-vos das coisas que não têm qualidade, quer saibais explicar porquê, quer não. Os vossos sonhos são qualidade. Os vossos sonhos são qualidade!

Ninguém precisa de vos dizer como sonhar. Sonhais instintivamente, automaticamente e belamente. Cometeis um belo sonho cada vez que sonhais. E cada sonho é um sonho de qualidade.

Cada respiração que tomais é uma respiração de qualidade. Tudo o que tendes de fazer é perceber que cada respiração que tomais acaba por alcançar os confins do universo e ajuda o vosso mundo. Estais sós e não estais sós.

Ora, esta afirmação é muito mais importante do que parece. Porque, na vossa solidão, e na vossa união, e entre ambas, encontra-se o significado da vossa humanidade. E encontra-se o significado da vossa vida e da vossa morte. Não podeis estar completamente juntos. Não podeis estar completamente sós. Contudo, a vossa existência deve sempre oscilar entre os dois estados. Entre o desejo e o ideal, entre o sonho e a sua realização, entre o vosso amor e a sua expressão. Aí reside a vossa realidade e o vosso significado, e aí se encontra a validade da vossa alma.

Ora, se acreditásseis no que digo, apostaríeis em vós próprios. Confiaríeis realmente em vós. Saberíeis verdadeiramente que sois uma parte íntima do tecido do universo; confiaríeis nas vossas capacidades e apostaríeis em vós próprios. Experimentaríeis a vossa própria realidade sem impedimentos, sem reprimir nada. Ainda tendes caminho a percorrer!

Mas tendes apoio. Tendes apoio biológico. Porque os vossos átomos e moléculas não são imbecis. Poderíeis aprender com eles! As pupilas dos vossos olhos veem muito mais do que vedes visualmente. Como Ruburt disse anteriormente [nessa noite], não vos estou a dizer que podeis ter o céu na Terra. Por um lado, não existe tal coisa como o céu e, por outro, se existisse, ficaríeis aborrecidos. Precisais de um desafio. Qualquer flor o utiliza. E não estou a dizer que problemas e desafios sejam a mesma coisa. Estou a falar de iniciativa, desejo e realização; da necessidade de usar as vossas capacidades. Elas precisam de ser usadas tal como um caule precisa de crescer. É disso que estou a falar.

Agora, todos vós esta noite, dizei a vós próprios que tereis um Verdadeiro Sonho vindo dos Portões de Chifre, e nós temos uma cidade em construção. Uma cidade. Altamente impraticável, parece,

neste momento. Uma cidade que de facto existe mentalmente. Mas todas as coisas existem primeiro mentalmente, ou nunca serão materializadas. E, um dia, essa cidade poderá existir fisicamente. Mas não será enquanto estiverdes aqui. Contudo, as vossas memórias estarão nela, assim como os vossos desejos. E, nesse sentido, sereis fundadores.

E forjais esses sonhos durante o sono, nas vossas imaginações privadas e nas vossas inspirações. Porque, quando um membro de uma espécie sonha tais sonhos, esses sonhos são transmitidos a todos os outros membros. Não morrem. Quando um corredor nos Jogos Olímpicos faz melhor do que o corredor anterior, todos os comentadores desportivos dizem: «Que magnífico! Não sabíamos que o ser humano podia correr tão depressa!» E, por isso, agora os recordes são batidos constantemente. E, mentalmente, acontece o mesmo.

Sonhai um grande sonho. Porque, quando um membro da espécie sonha, todos os membros participam, até certo ponto. E a psique, e a alma, e o coração do ser humano dão novos saltos, nos vossos termos, que antes não tinham dado. Portanto, confiai em vós próprios, confiai no vosso amor e nos vossos sonhos. [Para Rudy, Charlene e Vic, olhando para Rudy:] E digam aos vossos alunos que eu digo [grita] VIVAAAAA!!!! O que significa hurra. [Grita] HURRAAAAA!!!!

EXCERTO DE UMA «AULA INFORMAL» REALIZADA A 29 DE SETEMBRO DE 1979

A noite de Outono voltou a ser mágica, e antigos membros da aula reuniram-se em casa da Jane e do Rob para recordar velhos tempos e conversar. Mais uma vez, muitas pessoas vieram de automóvel de Nova Iorque. O Gary e a Rhoda estavam presentes com a Samantha, a filha de cinco meses, que arrulhava e balbuciava, de olhos bem abertos, durante toda a noite. A certa altura, a Jane colocou a seguinte questão:

— Nós criamos a nossa própria realidade e fazemos isso de acordo com as nossas crenças, mas que ajuda temos para o fazer, ou o que temos para nos ajudar? O que acham que vos liga ao eu interior?

Várias pessoas apresentaram algumas ideias e começou um debate animado, tal como nos velhos tempos. Seth manifestou-se nesse momento, entregando cuidadosamente os óculos da Jane ao Rob, que estava sentado em frente dela, à sua mesa de trabalho desarrumada.

Agora. Temos um bebé muito pequeno nesta casa [Samantha], e esse bebé não sabe o meu nome. O bebé não leu The Seth Material. Esse bebé sabe como crescer. Essa criança confia nos seus impulsos.

Uma coisa é imaginar um eu espontâneo, um eu interior ou uma entidade interior com a qual deveis, ao que parece, relacionar-vos de alguma forma. Mas nascestes com impulsos verdadeiros e eles estão sempre convosco, embora vos tenham ensinado a não confiar neles. Assim, tendes de perguntar: «Será este impulso proveniente do meu eu criativo?» ou «Devo seguir este impulso ou não?» E, por isso, esquecestes a linguagem dos impulsos.

Ora, os impulsos destinam-se a ajudar-vos a criar a vossa realidade. Destinam-se a ajudar-vos a atravessar sistemas de crenças. Destinam-se a ajudar-vos a encontrar a melhor realização possível, e não apenas a vossa realização pessoal; através dos vossos impulsos sois conduzidos a situações em que o vosso melhor desenvolvimento também ajuda a espécie e todas as espécies — quando escutais, quando confiais nos vossos impulsos. E estou também a falar dos vossos impulsos privados, inofensivos e quotidianos.

Ora, no Plano Subjetivo, não existe tempo e, desse ponto de vista, formais os acontecimentos que conheceis; e, assim, os vossos impulsos encaixam-se com todos os impulsos de todos os outros indivíduos no tempo tal como o concebeis, por todo o planeta. Mas, quando não confiais em vós próprios, não confiais nos vossos impulsos. Não faz sentido dizer: «Confio no meu eu interior, mas não confio nos meus impulsos.» Ora, os impulsos destinam-se a ajudar-vos a mover. Nasceis com o impulso de ser, tal como esta jovem criança que está nesta casa. Essa criança segue os seus impulsos. Sabe como crescer. Brinca seguindo os seus impulsos. Quero que penseis nisso e voltarei — é bom voltar a ver-vos fisicamente a todos!

O grupo entrou numa discussão animada sobre impulsos e sobre o que fazer quando se têm impulsos contraditórios.

— O que fazemos quando temos o impulso de seguir duas direções diferentes ao mesmo tempo? — lamentou-se um de nós. — E se eu tivesse o impulso de fugir com o marido da vizinha? E se tivesse o impulso de incendiar a tua casa?

— Bem, talvez pudesses tentar fugir com o marido da vizinha só por uma noite — sugeriu a Jane, em tom humorístico. — Estão a ver? Aí está a ideia colocada por cima de um impulso: a ideia de que o sexo, por exemplo, é tão destrutivo que tens de esmagar cada pequeno impulso que sentes, até ele crescer e se transformar num ato maior do que aquilo que originalmente pretendias.

— Então como sabes quais são os impulsos que realmente vêm do teu eu interior? — perguntou o Richie.

— Bem, Seth disse que achava que nos esquecemos da verdadeira natureza dos impulsos porque já não conseguimos distinguir a diferença — respondeu o Rudy.

Mas, antes que pudéssemos continuar, os óculos da Jane estavam novamente sobre a mesa.

Estou a dizer que todos os vossos impulsos vêm do eu interior. Estou a dizer que, apesar da vossa experiência com os impulsos na vossa cultura, apesar da sua natureza contraditória tal como a conheceis, as vossas vidas têm essa forma impulsiva. Estou a dizer que a espontaneidade conhece a sua própria ordem e que os vossos impulsos, quando os deixais atuar, funcionariam idealmente e espontaneamente não apenas em vosso benefício, mas em benefício do mundo inteiro.

Quando tendes medo dos impulsos, tendes medo deles porque pensais que, no fundo, sois criaturas assassinas, que vindes dos animais — e pensais neles nesses termos, como feras. Parece-vos que a vossa natureza bestial se revelará nos vossos impulsos. Mas os vossos impulsos provêm desse impulso natural de ser. E os vossos impulsos naturais, deixados em paz, são impulsos de cooperação e alegria.

— Como sabes quando são deixados em paz? — perguntou o Kurt.

Quando, enquanto espécie, desconfiais de vós próprios há séculos, quando começais a ensinar aos vossos filhos que os impulsos são errados, que a espontaneidade é má, então começais, desde muito cedo, a interpretar mal e a distorcer os vossos impulsos...

Se estiveres zangado com a tua nova mulher [para Kurt, que recentemente casara com a Charlene], e quiseres dizer «Cala-te, cabra», mas não o fizeres e o reprimires, pensando: «Isso está errado, não vou fazê-lo», então podes acabar por criar uma situação em que tenhas o impulso de lhe bater ou ela de te bater. Se perceberes que os teus impulsos se destinam a dizer-te alguma coisa, então podes usar a tua mente consciente para distinguir quais os cursos de ação que queres seguir. Lembrai-vos do que vos disse acerca das probabilidades. Quando cortais os vossos impulsos, cortais os caminhos da ação provável e, sempre que o fazeis, reduzis a criatividade.

Seth partiu e, mal parámos para repetir as suas palavras à Jane, todos mergulharam noutra discussão sobre impulsos contraditórios. E o homem que molesta crianças impulsivamente? E aquele que dispara impulsivamente sobre outras pessoas? Será que simplesmente se fecham essas pessoas numa prisão por enquanto, esperando que uma futura geração mais consciente aprenda a lidar com os impulsos antes de estes chegarem tão longe?

— Parece-me que Seth estava a dizer desta vez que, se realmente confiares nos teus impulsos, mesmo em todos eles para variar, eles começariam a clarificar-se, por assim dizer — propôs o Rudy.

Tu [Rudy] fazes um bom trabalho a assustar o universo!

O que estou a dizer é: aprendei a confiar nos eus que conheceis. Aprendei a confiar nos eus que conheceis e descobrireis os eus interiores. Mas não descobrireis os eus interiores se não confiardes nos eus que conheceis. Não imagineis uma distância entre vós próprios. Sois um só. E os vossos impulsos, quando aprenderdes a compreendê-los, serão o vosso melhor contacto com o eu interior.

Agora, falei-vos de uma cidade. Uma cidade-sonho que tu não vês agora, Sue. Não está diante dos teus olhos. Mas este mundo tal como o conheceis veio de um não-lugar. Veio de uma dimensão

mental e depois foi materializado. E assim a nossa cidade, que agora não está manifesta, é uma realidade da mente. E, sendo uma realidade da mente, será de alguma forma uma realidade física. E será um reino, por mais pequeno ou grande que seja, em qualquer probabilidade, e vós fareis parte dele. E será um reino onde homens e mulheres se conhecem a si próprios e caminham com honra e liberdade. E será um reino, por mais pequeno ou grande que seja, onde existe de facto uma criatividade infinita, e essa criatividade pode semear mundos.

Os vossos pensamentos já semeiam mundos agora. Só porque não sabeis isso é que aquilo que digo vos parece estranho. Estais aqui porque os vossos pensamentos, antes do nascimento, semearam este mundo no qual viríeis a crescer. Não viestes para aqui como estranhos. Ainda há, vedes, muito para aprender...

Ora, as capacidades criativas não servem apenas para ajudar a escrever livros, pintar quadros, tocar piano ou compor. As capacidades criativas são em grande parte responsáveis por vos manter vivos. Os vossos eus foram criados. Estais vivos porque quisestes criar. Cada ato que realizais é criativo. O vosso eu criativo, o vosso eu criativo espontâneo, o eu que fala através dos vossos impulsos, mantém-vos vivos... Mantém o teu coração a bater e [para Kurt] o teu bigode a tremer neste momento. Ajuda o Eddie a bocejar, a Elaine a fazer tartes e o Harold a gerir o seu centro comercial...

O Rob perguntou:

— O que achas de todas estas caras agora que já não as vias há algum tempo?

Com humor:

Tenho medo de fazer até os comentários mais simples! Aqui, quando me vejo perante um grupo tão turbulento, sinto por vezes a tentação de dizer: «Não sejam tão espontâneos!»

Seguiu-se uma estrondosa salva de aplausos e assobios.

Seth retirou-se e a Jane e o Rob explicaram algumas das teorias atuais sobre as origens e o desenvolvimento da vida na Terra. O Rob comparou a teoria da evolução [tal como foi originalmente formulada por Charles Darwin] à teoria dos Criacionistas Científicos, que afirma

que a Terra tem apenas 10 000 anos. O Rob observou que a ideia darwinista é ensinada quase exclusivamente nos sistemas escolares deste país, «sem qualquer consideração séria pelo facto de que a Teoria da Evolução, tal como é entendida, está cheia de contradições e frequentemente utiliza a própria Teoria da Evolução para provar a Teoria da Evolução».

— O problema — disse o Rob, com a voz carregada de indignação — é que a noção de que a nossa existência se baseia numa série de acidentes é transmitida como um facto absoluto a cada nova geração de crianças, sem questionamento!

Nesse momento, Seth apareceu.

Ora, os criacionistas, os criacionistas científicos, acreditam que um deus objetivo criou o mundo há 10 000 anos e que todas as espécies que conheceis atualmente foram criadas nessa altura. Segundo esta teoria, existia um mundo perfeito.

Ora, a Evolução acredita que o mundo se torna mais complexo com o tempo. Que existe «evolução». Os criacionistas acreditam que o Senhor, na Sua santa sabedoria, criou um mundo perfeito que imediatamente começou a deteriorar-se. Também acreditam que o bom Senhor, na Sua santa sabedoria, lançou sobre este mundo uma catástrofe de tal modo que todos os organismos foram profundamente afetados. As espécies quase desapareceram. A espécie humana foi separada e, por isso, começou o desenvolvimento das várias línguas. Acreditam que a língua original foi dada ao homem por Deus.

Esse deus, então, dizem os cientistas — os criacionistas — provocou essa catástrofe. Não dizem, porque são cientistas, que Deus puniu o homem com a catástrofe, mas é isso, naturalmente, que acreditam. Contudo, isso não estava no livro [o livro sobre Criacionismo Científico a que a Jane e o Rob se referiam]. Acreditam que o mundo foi criado por um deus objetivado que depois o pôs em funcionamento com todas as leis básicas da natureza que conheceis. Estas são chamadas leis de conservação. Assim, com o tempo, o mundo tem necessariamente de se desintegrar. Os evolucionistas acreditam, pelo contrário, que o mundo foi criado simplesmente pelo acaso.

Ora, eu, em aspetos muito importantes, já não sou membro da vossa espécie. Vós sois membros da vossa espécie e fostes criados com uma mistura estranha destes dois sistemas de crenças, de modo que ainda não tendes consciência do peso que essas crenças exercem sobre a vossa mente.

[Sussurrando, muito intensamente:]

Gostaria profundamente que conseguísseis imaginar as mudanças mágicas que poderiam ocorrer nas vossas realidades pessoais se, por um momento, libertásseis as vossas mentes do peso dessas crenças; se pudésseis olhar para a vossa realidade como o bebé do Gary e da Rhoda olha agora, com olhos novos, não tão prontos a impor crenças a este mundo, mas a percebê-lo com a frescura e a originalidade que fazem parte da vossa herança. E a afastar dos vossos pensamentos, das vossas mentes e do vosso ser todas as ideias de pertencer a uma espécie condenada, seja espiritual ou física.

E, se eu pudesse obrigar-vos a aceitar um presente meu, caso estivesse ao meu alcance oferecê-lo, dar-vos-ia, pelo menos por um instante, esse dom da visão pura e da perceção pura que está ao vosso alcance, se apenas compreenderdes que está.

Desejo-vos a todos uma afetuosa boa-noite e, onde quer que estejais, eu estou, porque represento a parte de vós que sabeis que sois. E não sou nada que vós não sejais. Não sou nada que vós não sejais, em verdade, no verdadeiro significado da palavra. Assim, qualquer sabedoria, poder ou energia que me atribuais, não o podeis fazer legitimamente, a menos que atribuais esse poder a vós próprios. Estou nos vossos sonhos porque sou o eu que sabeis que sois. E vós estais nos meus sonhos pela mesma razão.

Há espaço, no nosso sistema de crenças, para gostos diferentes. Para aqueles que gostam de termos e para aqueles que não gostam; para aqueles que têm diferentes estilos de ser. Desejo-vos, então, a alegria e a energia que reconheceis e admitis como vossas. Que elas sejam sempre para cada um de vós um apoio e um divã mental e espiritual.

NOTAS

1. Uma casa que a Jane e o Rob consideraram comprar em determinada altura. Ver as Sessões 737, 738 e 739, bem como as notas do Rob no Volume 2 de A «Realidade Desconhecida» sobre a procura de casa por parte da Jane e do Rob e sobre as probabilidades, símbolos e necessidades despertados por tais atividades.

2. Segundo o conhecimento médico, a aspirina pode causar hemorragias internas graves, uma vez que o medicamento inibe a capacidade natural de coagulação do sangue.

3. Referência à Estrutura 1 e à Estrutura 2, discutidas em detalhe em O Indivíduo e a Natureza dos Acontecimentos de Massa, de Seth, e em O Deus de Jane: Um Manifesto Psíquico, da própria Jane Roberts, ambos publicados em 1981.

4. Na sua obra A Origem das Espécies, publicada em 1859, Charles Darwin (1809-1881) apresentou a ideia da seleção natural. O seu pensamento foi também influenciado por parte do trabalho realizado pelo naturalista inglês do século XIX Alfred Wallace.

5. Para mais informações sobre as reflexões e investigações do Rob acerca da evolução, bem como alguns comentários de Seth sobre o tema, ver o Apêndice 12 da Sessão 705 no Volume 2 de A «Realidade Desconhecida».

6. Criacionismo Científico, edição para escolas públicas, editado por Henry M. Morris, Ph.D., Creation-Life Publishers, San Diego, Califórnia.

WILL IVES

EPÍLOGO

O CAMINHO DO FRISBEE

(para Will Ives, 1944–1976)

Warren:
— Seth?

Seth:
— Meu caro amigo — mais uma vez!

Warren:
— Tudo-O-Que-É conhece a parte de si próprio que somos nós. Existe...

Seth:
— Tudo-O-Que-É conhece-se de facto a si mesmo, ou a si própria, e desperta para si através de vós.

Warren:
— Existe alguma parte que nos enviou para fora, semelhante a Tudo-O-Que-É, que conheça cada parte de nós que existe?

Seth:
— Existe, de facto.

Warren:
— Há alguma maneira de nos tornarmos conscientes da parte que nos enviou?

Seth:
— Há, de facto.

Warren:
— Qual é?

Seth:
— Conhece-te a ti mesmo.

APÊNDICE CINCO

Um Sonho em Estado de Vigília.
A Probabilidade de Eyau

580 / Apêndice Cinco

«Existem espécies de consciência com as quais não estivestes envolvidos», disse-nos Seth durante uma discussão sobre probabilidades em 1974. «A vossa raça embarcou em muitas experiências de animal/homem e homem/animal que progrediram noutras probabilidades que não a vossa... Não existe um desenvolvimento em linha única. Não existe evolução em termos de uma única linha, como vos foi dito. Existem linhas paralelas de

desenvolvimento, e sempre existiram, tal como agora, no vosso presente, existem linhas prováveis de desenvolvimento.»

Eu estava sentado na cama naquela fria noite de Dezembro de 1974, a reler esta sessão de aula e a pensar novamente nas fascinantes implicações das probabilidades para a História. Que mundos existirão à nossa volta, intersectando-se com o nosso numa corrente contínua subterrânea, trocando «factos» e ficções através de um tabuleiro aberto de tempo e espaço? De que outra forma, perguntava-me eu, poderiam explicar-se o celacanto, o monstro do Loch Ness ou as amígdalas? Que «sonhos», meditava eu, que decorrem sob o estado de vigília — que lampejos de pensamento «ilógico» — representam vislumbres desses mundos paralelos coexistentes? A minha cabeça fervilhava com este enxame de ideias, mas sentia sono na mesma. Em breve comecei a deslizar para aquele crepúsculo pré-sono em que cenas e acontecimentos parecem frequentemente passar diante de nós por sua própria iniciativa, sem qualquer impulso do sonhador.

Subitamente, apercebi-me de que estava a olhar para uma cena de uma clareza extraordinária e de que a observava havia já vários segundos. Um grupo de seres encontrava-se junto à entrada de uma mina ou gruta de algum tipo, disposto de forma estranhamente aleatória e, ainda assim, ordenada. Estes seres, pude ver, eram humanoides na aparência, mas não Homo sapiens — nem qualquer outra coisa pertencente à nossa «história» fisiológica. O que estava mais próximo do meu campo de visão encontrava-se de perfil, olhando para a distância à minha esquerda, como se estivesse a sonhar acordado. Ele, tal como todos os outros que eu conseguia ver, tinha um rosto composto principalmente por uma enorme crista óssea em torno de olhos aparentemente sem pálpebras.

Essa crista elevava-se até à zona que, num rosto humano, corresponderia ao couro cabeludo. Os olhos eram redondos e escuros, sem pestanas ou com pestanas extremamente finas. Toda esta estrutura óssea conferia ao rosto uma expressão aberta e surpreendida; as narinas pareciam simples aberturas achatadas na face, sem nariz; as orelhas estavam escondidas sob uma pelagem fina e densamente compactada. Um tufo de cabelo fibroso e emaranhado caía do topo da cabeça. A boca parecia presa num sorriso permanente — mas era a estrutura dos olhos, de longe, a característica mais impressionante destes seres.

O ser mais próximo de mim, tal como a dúzia ou mais de outros presentes, usava uma espécie de uniforme — um tecido verde-escuro com remates azul-escuros, um cinto à cintura, uma gola azul-escura que subia em torno do pescoço fino e remates azuis ao longo das mangas e cruzados pelo corpo do fato. As mãos e a parte inferior do corpo estavam ocultas pela sua posição atrás de uma grande rocha. Havia muitos blocos de pedra dispersos em redor da entrada da mina ou gruta, todos integrados numa paisagem desolada e agreste. Eu diria que estes seres eram quase felinos; não porque se parecessem particularmente com gatos, mas porque a sua postura precisa e calculada sugeria a posição de um gato alerta, vigilante e, ainda assim, relaxado. O meu ponto de observação encontrava-se ligeiramente acima das suas cabeças, olhando para baixo.

Toda aquela paisagem, juntamente com a postura dos seres, parecia simultaneamente aleatória e cheia de um propósito que desafiava a minha lógica habitual. Ao mesmo tempo, embora a cena estivesse congelada, era tão sugestiva de movimento que quase os conseguia sentir mover-se: era como se eu tivesse atravessado um segundo do tempo deles numa secção lateral, como quem mergulha um dedo num copo de água e apenas percebe a parte do dedo tocada pela superfície da água. Perguntei-me se aquelas criaturas seriam guardas de trabalhadores da mina ou de algum tipo de expedição arqueológica.

Então, de repente, apercebi-me de que surgira no meu campo de visão uma «vista lateral», adjacente à cena, mostrando um grande mapa dos Cayos da Florida (que só visitei três anos depois desta experiência). Uma voz forte, falando junto ao meu ouvido, disse:

— A Florida abre-se interiormente como um portal para outros universos.

Nesse momento, o mapa lateral abriu-se, como uma porta, para a cena adjacente, onde os estranhos seres continuavam imóveis no seu instante — e imediatamente fiquei tão perto da figura em primeiro plano que o seu rosto se tornou enorme, preenchendo o céu. Mais uma vez a voz falou junto ao meu ouvido, desta vez numa melodia cantada:

— E os olhos de Eyau abriram-se para ele ver o que existia para além deles.

Instantaneamente soube que «Eyau» era o nome daquele ser mais próximo de mim e que a frase pertencia aos seus próprios escritos — que era a minha interpretação de uma frase sua; e que, de algum modo, eu e esse «Eyau» tínhamos comunicado, e que ele estava a sonhar acordado com um fragmento do meu mundo e com um sussurro das reflexões da minha mente — e que, de alguma forma, os Cayos da Florida tinham servido simbolicamente para «abrir» cada mundo ao outro.

Com isso, despertei sobressaltado. A luz ainda estava acesa e apenas cinco minutos tinham passado. Enquanto escrevia a experiência, pensei nas cenas congeladas que Rob Butts percebera da sua história paralela. Teria eu feito o mesmo? Teria sintonizado um sistema provável de desenvolvimento, como Seth discutira na sessão de aula? Seria tudo uma bela fantasia provocada pela leitura antes de adormecer? Ou — mais uma vez, esta última possibilidade atormentava-me — seria tudo isso e algo mais que eu não compreendia? Fosse o que fosse, a clareza e o imediatismo daquela estranha cena permaneceram comigo durante muito tempo. Voltaria algum dia a encontrar este Eyau, algures num estado de sonho mútuo?

NOTAS

1. O celacanto é o famoso peixe «extinto» que apareceu numa rede de pescador ao largo de Madagáscar em 1938. O típico celacanto de corpo profundo e barbatanas lobadas era comum no período Mesozóico e era conhecido apenas através de fósseis — sendo, por isso, considerado extinto — como um dos géneros de «peixes pulmonados», ou peixes capazes de respirar fora de água.

2.

APÊNDICE SEIS

COMENTÁRIOS SOBRE A CONSCIÊNCIA CRÍSTICA: UMA SESSÃO ESPONTÂNEA DE SETH

5 de Agosto de 1977

Brian Kent era cientista do quadro do Stanford Research Institute, em Menlo Park, Califórnia. Em Agosto de 1977 visitou a Jane e o Rob para discutir alguns dos seus projetos mais recentes, que incluíam testes de controlo consciente da ovulação, abordagens tecnológicas para a previsão de sismos e o desenvolvimento de um computador autorreparador para aeronaves comerciais.

O seu grupo também realizava um estudo sobre respostas «psíquicas» a questões científicas — isto é, um estudo de diferentes indivíduos que, segundo a própria descrição do projeto feita por Brian, «podem entrar voluntariamente num estado mental dissociado, semelhante à hipnose, a partir do qual respondem detalhadamente a perguntas sobre praticamente qualquer tema». A equipa de investigação de Brian trabalhava com um grupo de dez desses indivíduos, «talvez metade dos quais se tenha revelado bastante precisa e versátil», afirmava o relatório.

Nessa sexta-feira à noite, juntei-me à Jane, ao Rob e ao Brian para uma noite de conversa. Brian passara a tarde com a Jane e o Rob e falava entusiasticamente das ideias de Seth. A certa altura, levantou uma questão sobre a história de Cristo tal como relatada por Seth em The Seth Material e Seth Speaks. Comentou que a descrição de Seth da incorporação da personalidade de Cristo em três pessoas e a sua versão da Crucificação constituíam um obstáculo para muitos que, de outro modo, consideravam a filosofia de Seth aceitável e útil.

Nesse momento, os óculos da Jane foram arrancados do rosto e a voz de Seth ecoou inesperadamente, assustando Brian, que começou a mexer freneticamente no gravador que trouxera consigo.

Agora. Brian Kent: o que há num nome? Mas aquilo que Brian Kent é não está totalmente contido numa pessoa chamada Brian Kent. O eu maior que tu és está dentro de Brian Kent, mas não está contido em Brian Kent. Além disso, Cristo também não podia estar contido numa única pessoa histórica. E, sem lançar grandes críticas ao Brian Kent, Cristo teve efetivamente uma enorme importância histórica!

A pessoa que se pensa ter sido Napoleão teve uma enorme importância histórica. O Napoleão maior, possuindo muitas outras capacidades, não podia ser expresso através daquela única pessoa. Nenhuma pessoa pode conter toda a sua realidade psicológica.

[Perderam-se aqui duas ou três frases devido ao ruído da gravação.]

As grandes verdades do Cristianismo não envolvem assassínio nem sacrifício. As grandes verdades da realidade também não incluem a ideia de que Deus sacrificou o Seu único filho. A história de Cristo era muito mais do que isso.

[Perdeu-se aqui outra parte devido ao ruído de fundo.]

Podeis, com toda a tranquilidade, olhar para os deuses dos outros povos e para os deuses do passado, tal como conheceis o passado, e sorrir. Podeis olhar para os deuses animais; para os deuses do Olimpo; para deuses enterrados, esquecidos e abandonados, cujos nomes sobrevivem apenas em notas de rodapé dos livros de História. E podeis sorrir.

Podeis olhar para as religiões dos outros e para os contos populares dos outros. Mas não podeis olhar para o vosso próprio deus, ou para os vossos próprios deuses, da mesma maneira. Porque parece que os contos associados ao Cristianismo não são contos, mas verdades, e certamente Cristo é mais real do que Zeus! Zeus é uma lenda! Nunca houve uma voz que rugisse como o trovão!

[Muito alto:]

Não existiu Monte Olimpo! Não existiram deuses que dançassem com donzelas humanas nas encostas! Superstição absurda!

As vossas próprias histórias, contudo, são «verdade». Existiu um Deus invisível; Deus Pai, que enviou o Seu único filho para ser crucificado, nascido de uma virgem; um operador de milagres que mudou a História. Pois não será a vossa civilização resultado da obra desse Deus?

Muitas civilizações acreditaram ter nascido com o nascimento dos deuses. Isso não significa que, por trás desses mitos, não existam verdades. Não significa que não exista significado na sucessão dos deuses — existe. Eles não estão separados da vossa consciência, mas nascem dela; e, ainda assim, são independentes. De certa forma, a civilização deu um grande passo em direção ao progresso quando o vosso admirável egípcio disse: «Não existem muitos deuses, mas

apenas Um.» [Antes disto, estivéramos a discutir filosofias egípcias.] E, de outra forma, deu um passo atrás, porque o conceito cristão de Deus deserdou os animais, deserdou as mulheres, deserdou a natureza. Já não tínheis um conceito unificado em que o sapo tivesse um deus, ou o sapo-cururu, ou a serpente, ou o bebé, ou o gato. Não havia espaço para tais disparates.

Ora, os antigos deuses combinavam, à sua maneira, o melhor e o pior das qualidades humanas, mas o homem podia relacionar-se com esses deuses. Existiam efetivamente deuses homossexuais. Existiam deuses animais. Existia uma grande mistura entre existências que combinavam divindade e humanidade em todas as espécies. E, nesses termos, cada espécie era divina. Agora perdestes isso. O Cristianismo poderia ter representado um grande progresso de uma forma diferente, mas esses aspetos não foram enfatizados. Ficaram pelo caminho, por assim dizer.

Existe uma realidade por detrás da ideia de Cristo tal como a conheceis. Mas esse Cristo não é, nem nunca foi, mais real do que Zeus. E Zeus foi, e é, real — tal como Cristo.

[Pausa; discussão.]

Ruburt disse tudo isto em Oversoul Seven e não quis ferir os sentimentos de ninguém. Por isso, direi eu... e depois assumirei a culpa!

Não compreendeis verdadeiramente o que quero dizer quando afirmo que o mundo interior é a fonte do mundo objetivo. As igrejas acreditaram que, se conseguissem provar que o Cristo histórico foi crucificado e depois ressuscitou dos mortos, a religião se tornaria mais válida. Isso satisfaria o vosso amor pelos detalhes!

Se, contudo, Cristo tivesse sido uma única pessoa histórica, da forma como vos ensinaram, a sua realidade não teria sido nem de perto tão vasta. Ainda não compreendeis que a vossa criatividade, energia, ser e realidade provêm de uma fonte interior. Quando digo, portanto, que os deuses, ou as fontes divinas do ser, atravessam o vosso mundo mas não provêm dele, estou a dizer que são efetivamente a fonte da vossa própria realidade, da qual brotais; e, por isso, nesses termos, são mais plenamente dimensionais.

Em certos termos, Cristo foi um mito que não existiu da forma em que acreditais. Houve efetivamente um homem chamado Cristo. Houve milhares de homens chamados Cristo! Havia fazedores de milagres por toda a parte! Havia política envolvida — e os Romanos, os Judeus, os Essénios e mil grupos judaicos diferentes. Aquela parte do mundo fervilhava emocionalmente. Procuravam algo e, do seu desejo e do estado da sua consciência, emergiu então a história.

Existe uma consciência crística. Essa consciência existia antes da história. Mas tem pouco a ver com o relato. E não envolveu uma crucificação. Os Judeus queriam um homem crucificado. Certos membros de grupos políticos judaicos queriam acabar, para todos os efeitos, com a ideia de um Messias. Outros grupos queriam um Messias que ressuscitasse dos mortos. Queriam uma crucificação e queriam um mártir — um mártir judeu.

O grande drama que formou a civilização cristã foi efetivamente semelhante ao grande drama que esteve por detrás da civilização grega. Foi um drama emocional e espiritual representado pelos homens. Veio de outra fonte, e podeis chamar divina a essa fonte, porque existe uma Supernatureza, tal como existe uma natureza. Mas essa Supernatureza atua através da natureza e dá-lhe forma.

É tudo o que tenho a dizer sobre o Cristianismo por agora.

— Obrigado — disse Brian.

Houve uma breve conversa e Seth reapareceu:

Existe uma consciência crística que existiu primeiro, mas o nome é irrelevante. E quando ligais esse nome a um pseudo-facto histórico, acabais com lendas.

Ora, as lendas são aceitáveis e durante algum tempo servem um propósito. Mas as pessoas ultrapassam as suas lendas e, se acreditarem que as suas lendas são a Verdade, então existem verdadeiras dores de crescimento psíquico!

Se compreenderem que as suas lendas são símbolos, então poderão avançar com muito mais facilidade.

Tradução integral do excerto fornecido:

Mais discussão, conduzindo à explicação de Brian sobre a possível utilização de animais para prever sismos e sobre se as pessoas deveriam sentir necessidade de fugir dos terramotos.

[Muito alto:]

Os animais fogem! Isso parece-me bastante sensato! Pensem nisso!

Muitas gargalhadas.

— Está bem — concordou Brian.

No meio de toda a confusão, continuais a criar a vossa própria realidade. Admito que isto soa demasiado simples, mas não sereis apanhados num terramoto se não o quiserdes; e ninguém morre sem ter decidido fazê-lo. Formais a vossa própria realidade — ou não. E, se não a formais, então sois vítimas em toda a parte, e o universo tem de ser um mecanismo acidental surgido sem qualquer razão. Assim, a imagem milagrosa que observais do vosso corpo surgiu acidentalmente na criação e, a partir de algum acidente cósmico, alcançou a sua complexidade miraculosa. E esse corpo foi formado de maneira tão bela sem qualquer razão, exceto para ser uma vítima.

Essa é a única alternativa à criação da vossa própria realidade. Não podeis ter um universo intermédio. Tendes um universo formado com uma razão ou um universo formado sem razão. E, num universo de razão, não existem vítimas. Tudo tem uma razão, ou nada tem uma razão.

Portanto — escolhei o vosso lado!

APÊNDICE SETE

SOBRE O TEMPO NO NÃO-TEMPO: O INCIDENTE DO COMBOIO

Talvez a experiência de vigília mais peculiar em que alguma vez estive envolvido tenha acontecido comigo e com a minha amiga de longa data Bernice Zale na antiga estação ferroviária da Penn Central

em Syracuse, Nova Iorque — uma experiência na qual parecíamos literalmente ter saltado os carris do tempo linear. Incluo-a aqui porque, por um lado, desde aquela tarde tenho-me perguntado se todos nós não estaremos constantemente a ultrapassar os limites fisicamente definidos do tempo sem reconhecer que o fazemos. Será o tempo apenas um produto natural das nossas intenções conscientes individuais, acelerando ou desacelerando conforme escolhemos utilizá-lo?

A Bernice tinha estado de visita em minha casa, em Elmira, durante uma semana naquele Julho de 1971; viera de Albany de comboio até Syracuse, que ficava a cerca de duas horas de carro da minha casa. Regressámos de automóvel ao terminal de East Syracuse no dia 19 de Julho. Aqui citarei as minhas notas, escritas mais tarde nessa noite:

«A Bernice e eu saímos para Syracuse às duas da tarde para chegarmos à estação com bastante antecedência, uma vez que o comboio dela partia às 16h15. Fizemos boa viagem, enganando-nos apenas uma vez numa saída, e quando entrámos na estação o relógio da sala principal marcava 15h25. Era demasiado cedo — tínhamos chegado depressa demais. Verificámos o relógio da bilheteira. E lá estava: 15h25. Além disso, o horário afixado na parede anunciava que o comboio para leste chegaria com trinta minutos de atraso. Voltei a olhar para o relógio; a Bernice também. Tudo indicava que tínhamos mais de uma hora de espera.

«Sentámo-nos na sala principal, mesmo em frente ao relógio. A Bernice sugeriu em tom de brincadeira que "entrássemos em Alfa e fizéssemos o relógio avançar". Rimo-nos da ideia e recordámos uma conversa anterior sobre "amassar" o tempo — sobre como a semana passada parecera comprimida entre a chegada e a partida da Bernice.

«Depois levantámo-nos e fomos para a plataforma. Reparei numa grande carroça de madeira a brilhar ao sol junto à ala direita da cobertura da plataforma. Tinha baús de madeira e metal e, por alguma razão, a sua presença fez-me lembrar as estações ferroviárias que tinha visto na Europa. Ficámos os dois na extremidade da plataforma — não havia mais ninguém por perto — e recordei a estação de Innsbruck, na Áustria; especialmente o céu azul brilhante e as montanhas imponentes. Olhei ao longo dos carris e, por instantes, fui invadido

por uma daquelas memórias sensoriais extremamente vívidas — do tipo em que odores, impressões emocionais e até sensações tácteis nos inundam — e pareceu-me que estava a reviver a Europa; que estava novamente naquela plataforma de Innsbruck onde o meu eu de vinte anos estivera um dia, tentando organizar um milhão de impressões e memórias fantasmagóricas que racionalmente não podiam existir.

«Nesse momento, a Bernice virou-se para mim e disse:

— Sabes, nunca estive na Europa, mas esta estação faz-me lembrar a Europa.

«Ri-me.

— Que engraçado, porque eu estava precisamente aqui a imaginar que estava na Europa.

«Foi uma daquelas pequenas comunicações de perceção extrassensorial que frequentemente experimentávamos entre nós. Tudo isto não demorou mais de dez minutos, se tanto.

«Voltámo-nos para regressar à estação — mas demos de frente com uma multidão. Todas as pessoas estavam agora na plataforma! Passámos por elas, intrigados. Quando chegámos à porta, um homem fardado abriu-a para nós.

— Cerca de cinco minutos — disse ele, dirigindo-se diretamente a mim.

«Tive a estranha sensação momentânea de que estava a responder a uma pergunta que eu lhe tinha feito anos antes.

— Cinco minutos? — repetiu a Bernice, franzindo o sobrolho. — Cinco minutos para quê?

«Encolhi os ombros — provavelmente para outro comboio. Entrámos na sala principal e olhámos para o relógio.

«Para nosso completo choque, eram cinco menos um quarto!

«Ficámos a olhar para o relógio, de boca aberta, depois um para o outro e novamente para o relógio. Atordoados, sem dizer uma palavra,

regressámos à plataforma. Reparei então que as sombras da ala direita da cobertura agora cobriam a carroça dos baús — que poucos minutos antes, segundo os meus cálculos, estava totalmente ao sol. Nesse mesmo minuto, o comboio para leste apareceu ao longe nos carris.

«Toda a gente pegou nas malas e entrou no comboio. A Bernice e eu limitávamo-nos a olhar um para o outro, incapazes de exprimir o que sentíamos. Lentamente, ela deixou-se arrastar pelo fluxo de passageiros que embarcavam e desapareceu entre eles no comboio — sempre a olhar para trás, para mim. Nem sequer trocámos despedidas.

«Curiosamente, na noite anterior a este incidente eu tinha registado um sonho em que devia encontrar-me com uma amiga em Syracuse às 15h30, mas dormia até às 17h00. No sonho, a diferença horária assumia uma importância quase viva. Teria sido um indício desta estranha hora "perdida" que estava para vir?»

O dia seguinte a este incidente era noite de aula e passámos grande parte da sessão a realizar experiências de alteração de consciência e um pouco de movimentação de mesas. Eu tinha passado alguns minutos a descrever o incidente da estação de Syracuse e, quando Seth apareceu durante uma conversa posterior, esperava secretamente ter oportunidade de lhe perguntar sobre o assunto.

— Agora, estou satisfeito por todos terem tido uma noite tão divertida — começou Seth. — Espero que tenham visto, na energia da mesa, um reflexo da vossa própria energia... Por baixo da diversão e dos jogos, sintam a vossa própria vitalidade e aprendam a conhecê-la. Desfrutem da sua sensação.

Com isso, Seth voltou-se para mim.

— Deixem que ela vos conduza, como aconteceu esta semana, para além das ideias comuns de tempo e limitações.

— Uau! — respondi. — Então nós realmente saltámos no tempo? O incidente do comboio foi real?

— Foi, de facto — respondeu Seth — e destinava-se a elevar-vos — tal como aconteceu contigo [dirigindo-se a outro aluno] nos teus sonhos — para fora do mundo comum que conheceis.

— Deixem que isso vos permita compreender melhor quem sois [para Marjorie]. Deixem que vos mostre partes da vossa própria identidade, como aconteceu [para Bette] com o nosso primo de Richelieu e com a nossa secretária aqui presente [para Natalie, que estava a registar a sessão]. Deixem que vos conduza a outros aspetos da consciência e da vitalidade, como aconteceu com a nossa amiga aqui [para Helen], e que abra portas de sentimento, como aconteceu contigo [para Alison]. Deixem que aproxime as famílias, como aconteceu no teu caso [para Janice]. E, acima de tudo, deixem que desperte perguntas, como aconteceu contigo [para Arnold] e contigo [para Joel]; mas percebam mais uma vez que esta vitalidade que ressoa através desta voz ressoa também através da vossa própria identidade: que o poder por detrás desta voz não passa de uma sombra da vitalidade que existe dentro de cada um de vós.

— Que ela vos dê, então, confiança na vossa própria identidade e na vossa própria realidade. Movam-se a vós próprios, e as mesas tratarão de si mesmas.

Este não foi o único incidente de «tempo colapsável» relatado pelos membros da aula, como descobri depois de já ter redigido este Apêndice. Numa quente noite de Verão, uma terça-feira, Matt Adams concordou em levar Richie Kendall de regresso a Nova Iorque depois da aula.

«Mas primeiro», recorda Matt, «o Richie e várias outras pessoas foram dar um mergulho na piscina da Florence MacIntyre. Eu estava sentado ao volante do meu carro, na irregular entrada do edifício onde moravam a Jane e o Rob, com a cabeça de fora e pronto para partir, desejando que o Richie voltasse de uma vez para eu poder iniciar a viagem para casa. Mas, se criamos a nossa própria realidade, porque não poderia eu criar aquela? Por isso fechei os olhos por um momento e concentrei-me em escolher a realidade em que aquela carrinha apareceria ali com o Richie dentro. E, quando abri os olhos novamente, lá estava ela, com a porta lateral a abrir-se para deixar sair o Richie e os outros!

«Teria adormecido? Tenho a certeza de que não, porque estava particularmente desperto e impaciente para iniciar a viagem. Pela minha melhor estimativa, os meus olhos não estiveram fechados mais de quinze segundos — o que dificilmente daria ao Richie tempo

suficiente para ir a casa da Florence, nadar e regressar à West Water Street.»

APÊNDICE OITO

TERAPIA NATAL E A ALEGRIA DO VIR-A-SER: SETH NA AULA

26 de Fevereiro de 1974

Nascida em Essen, Alemanha, em 1920, Elizabeth Fehr veio para este país fugindo aos nazis. Mais tarde estudou psiquiatria por conta própria e obteve licença para exercer psicologia. Na década de 1960 fundou em Nova Iorque um centro terapêutico residencial destinado a homossexuais que desejavam ser «curados» da sua orientação homossexual. Grande parte do trabalho de Elizabeth nesse centro envolvia a sua própria Terapia Natal, um método segundo o qual os pacientes deveriam reviver a experiência do nascimento — experiência da qual, acreditava Elizabeth, derivavam os traumas da vida adulta.

Os participantes rastejavam (com grande esforço!) ao longo de um longo colchão acolchoado, terminando o percurso mergulhando numa banheira de água morna. Durante essa recriação do nascimento, muitos dos pacientes de Elizabeth regrediam a um estado psicológico infantil, recordavam as circunstâncias dos seus nascimentos reais (com muitos desses detalhes desconhecidos posteriormente confirmados pelas mães dos pacientes) e experimentavam uma espécie de renascimento — incluindo, para alguns, uma «nova» heterossexualidade.

Quando visitou a aula da Jane em Fevereiro de 1974, o trabalho terapêutico de Elizabeth já atraíra atenção nacional entre psiquiatras e psicólogos. R. D. Laing e outros membros do movimento de desenvolvimento da consciência observavam as suas técnicas e incorporavam a Terapia Natal nos seus próprios métodos. Contudo, apesar das suas realizações, o seu amigo de longa data George Rhoads

observava que ela era «insegura, hiperativa e constantemente em pânico por alguma coisa».

Participando na aula por insistência de George, a explicação do seu trabalho inspirou uma das mais inesquecíveis intervenções de Seth sobre a natureza da existência física. Mas, pálida e exausta devido aos efeitos de várias doenças pulmonares, Elizabeth não viveria para ver o seu projeto concluído: três meses após esta aula, morreu durante o sono.

A aula discutia sonhos, experiências fora do corpo e probabilidades quando Elizabeth Fehr explicou as suas sessões de Terapia Natal e a forma como estas pareciam proporcionar ajuda quase imediata aos seus pacientes. Warren Atkinson leu então a última parte do Capítulo 10 de The Nature of Personal Reality. Seth interrompeu, dirigindo-se principalmente a Elizabeth:

Agora, desculpem. Tenho algumas observações a fazer e este é o momento apropriado para as fazer, porque se referem ao que acabaste de ler [dirigindo-se a Warren] acerca das terapias naturais e da natureza das crenças.

Minha cara amiga [para Elizabeth], estás a proporcionar às pessoas um enquadramento no qual lhes dizes que é legítimo sentirem os sentimentos que têm. Estás, portanto, a lidar com um conjunto de crenças. As pessoas que te procuram acreditam profundamente que as razões das suas dificuldades estão para além delas próprias e que não conseguem resolvê-las sozinhas. Foram privadas do sentido da sua própria integridade, pois não acreditam no seu próprio poder.

Ora, forneces-lhes a tua sequência de nascimento; um enquadramento em que podem expressar com segurança os sentimentos que possuem. De outra forma, não sentem que seja seguro fazê-lo. Mas também tens de olhar para além das crenças e perceber que estás efetivamente a utilizar um enquadramento — um enquadramento de que eles realmente necessitam; mas depois tens de ir além dele, por ti própria e pelos outros. Porque já suspeitas — e eu sei que sim — da crença inicial de culpa que está por detrás das dificuldades dos teus pacientes. E é precisamente essa crença que tens de enfrentar, e enfrentarás.

Seth retirou-se. Elizabeth começou a transmitir à Jane o que fora dito quando Seth voltou subitamente a interromper:

Elizabeth, estás a utilizar um enquadramento de crenças, e de forma criativa. Quero que compreendas claramente que estou a dizer isso. Debaixo desse enquadramento de crenças, porém, não existe nada de «errado» com o nascimento. O nascimento é uma experiência alegre e agressiva. As pessoas aceitam a ideia de que os seus problemas têm origem no nascimento porque se trata de um sistema de crenças no qual tu e elas concordam. Utilizas então esse sistema de crenças, e elas precisam dele porque acreditam nele.

Mas tu, por ti própria e por elas, tens também de ir além dele e atravessá-lo, até perceberes que a ideia não é válida em termos fundamentais; que a natureza emerge de si mesma com grande glória, validade e exuberância; e que essa exuberância pode ser recriada, e é recriada, quer as pessoas o saibam quer não; e que a tua própria terapia está repleta de criatividade e alegria, as quais provêm da energia do teu próprio nascimento físico.

Agora, volto a dar-vos a aula, e pelo menos mais um pouco do capítulo [do livro].

Seguiu-se a interpretação das observações de Seth. Seth voltou a comentar:

"Agora, gosto da interpretação. No entanto, em linguagem corrente, tu [Elizabeth] continuas presa a uma crença específica e não compreendes a tua própria magia. A tua crença funciona, minha querida senhora, porque acreditas nela de forma tão profunda. Mas és também uma pessoa altamente criativa e imaginativa; portanto, não te deixes limitar pela natureza das tuas próprias crenças, vai além delas, e então encontrarás aquilo que eu sei que procuras.

Mas digo-te agora: não há nada de destrutivo no nascimento.

Quando tens pacientes que precisam de pendurar a culpa em alguma coisa, e lhes dás o nascimento como lugar onde pendurar essa culpa, então podes realmente ajudá-los, aliviá-los e fornecer-lhes um sistema. Mas tu própria tens de te sentir livre da estrutura em que te encontras e permitir que a tua criatividade jubilosa vá além dela; e não

te deixares intimidar por psiquiatras ou psicólogos respeitáveis que agora dizem: ‘Ah, sim, os métodos dela funcionam.’ Mas vai além, por ti mesma e pelos teus pacientes, e desfruta da tua própria criatividade.

Mas aqui [dirigindo-se à aula] vedes alguém [Elizabeth] que de facto ousou arriscar nas suas próprias crenças. O único perigo é permitires [Elizabeth] que essas crenças te ceguem, se tornem limitadoras, ou aceitares a respeitabilidade que agora te podem proporcionar, e por isso ficares demasiado assustada para ir além [das tuas crenças] e seguir o teu próprio caminho.

A mente consciente foi dada por uma razão, e contém as respostas com mais clareza do que reconheceis. Tu [Elizabeth] foste ensinada e condicionada a acreditar que as ideias estão escondidas; e assim, devido à grande compaixão do teu coração, encontras estruturas através das quais os pacientes podem trabalhar e, sem humilhação, sentir os sentimentos naturais da sua condição de criaturas. Mas tu não precisas da estrutura, e podes de facto trabalhar através dela. Usa-a — usa-a, mas vai além dela, e, ao fazê-lo, compreenderás a tua própria alegria e vitalidade.

Agora, deixai um velho fantasma dizer-vos que eu já nasci, novamente, em mais tempos e lugares do que Ruburt, pelo menos, gostaria de admitir. E deixai-me dizer-vos que o nascimento é realmente um ato agressivo; um ato agressivo e jubiloso, e uma intrusão numa nova dimensão; mas cheio da exultação de uma nova existência… E se tendes medo de um nascimento, então como posso eu explicar-vos as probabilidades?

Como hei de explicar-vos que morreis e renasceis a cada instante, e que formais a realidade jubilosa do vosso próprio ser a partir da integridade da vossa intenção, do vosso espírito e da vossa carne? A energia da minha voz nada é comparada com a exaltação estridente de uma criança que viaja de uma dimensão para outra e emerge vitoriosa e a gritar com toda a força dos pulmões através dos canais multidimensionais do útero!”

A aula começou a relacionar as palavras de Seth com a Jane, quando ele retomou abruptamente:

“Agora, desculpem-me — esqueci-me de um ponto que queria referir.”

Richie: “Esqueceste-te??”

“Esqueci-me! Ora, meu caro amigo… Eu nunca pretendi ser infalível, e, se não fosse pela minha realidade emocional bastante falível, vocês nem sequer se relacionariam comigo!

Agora, depois deste preâmbulo: o perigo, minha querida senhora [Elizabeth], é este. Se os teus pacientes acreditarem então que o nascimento é uma experiência infeliz e perigosa, transmitirão essa ideia aos filhos, e ela será assim perpetuada. Tens de garantir que isso não aconteça!

Agora, o infalível Seth, muito falivelmente, vai devolver-vos aos vossos eus falíveis — se tiver a tua permissão, Dickie.”

A aula discutiu as observações de Seth, e ele voltou novamente:

“Volto porque quero desembaraçar as tuas próprias ideias [dirigindo-se a Elizabeth] e os teus próprios sentimentos daquilo que te ensinaram. Ora, é uma ideia universal entre psiquiatras e psicólogos que o nascimento é uma experiência aterradora, mas qualquer outro ser humano sabe melhor! És realmente uma mente e uma mulher criativa, inteligente e bela, mas deixaste-te prender por preceitos infelizes.

Agora, ouve-me, ó bela mulher, porque os homens que te impuseram esses preceitos nunca deram à luz. Estavam errados. Não deram à luz.

Interpretaram a própria experiência para si mesmos, mas não para a humanidade. E essas ideias, como quaisquer ideias, têm validade para indivíduos, mas não em geral para massas. Muitos indivíduos tiveram nascimentos aterradores. Houve muitas condições em que os bebés tiveram grande dificuldade em nascer, mas isso não é uma condição universal — não pode ser generalizada a todas as crianças que nascem.

O nascimento é em si uma experiência agressiva e jubilosa. Sofreste lavagem cerebral — e sabes disso. Mas, mesmo assim, usaste

criativamente aquilo que aprendeste. Eu apenas te desafio a ouvires a tua própria experiência e a esqueceres aquilo que te disseram.

Já iniciaste novos progressos com base em preceitos que não se sustentam! Portanto, quando aceitares preceitos que realmente se sustentam, o que não poderás fazer? A tua própria vitalidade é a única coisa que dá sucesso à tua terapia. Portanto, sê suficientemente livre para examinar a natureza das tuas crenças e aceitar a tua própria criatividade, e rejeita as ideias antigas sobre as quais conseguiste ainda assim formar terapias criativas. Liberta-te, aos teus pacientes e à tua própria criatividade, e esquece as teologias poeirentas perpetuadas sobre ti em nome da psicologia e da ciência. São tão dogmáticas como qualquer religião fundamentalista contra a qual levantarias a voz em protesto.

Ouve-me! Porque eu reconheço a tua criatividade e energia, então compreende o que te estou a dizer! Estás a enganá-los quando lhes dás a tua energia. Tens de ensiná-los a sentir, em vez disso, a vasta energia que estava, nos vossos termos, disponível para eles no momento do nascimento. Tens de permitir que te deixem para trás, bela senhora, e sintam em vez disso a fantástica carga de energia criativa que existia no nascimento do universo, e existe agora, e existia no nascimento deles. Tens de levá-los a sentir essa energia criativa virgem — se me permites o termo — essa energia criativa virgem e inicial que então, nos vossos termos, formaria o ser em novo ser neste sistema de realidade.

Tens de ensiná-los a sentir a sabedoria e o conhecimento inatos do feto que cresceu sem saber como crescia; a sabedoria inata que os levou de feto a adulto plenamente desenvolvido; a sabedoria inata que lhes permitiu crescer através das noites e dos dias, e emergir de uma semente para a flor da idade adulta; a sentir dentro de si essa sabedoria e energia inatas que estavam presentes no nascimento deles, e continuam presentes agora — mas ensinaram-nos a esquecê-las.

Põe-nos em contacto com a realidade da energia do nascimento deles, e serão de facto libertados, e serão libertados para a sua própria individualidade e força únicas. É isso que tens de aprender a fazer, e, ao fazê-lo, devido às tuas próprias crenças, tens também de te pôr em contacto com a grande alegria e vitalidade do feto de que tu própria surgiste, e identificar-te com esse triunfo e essa alegria, e sentir essa

energia ainda a percorrer as células, os átomos e as moléculas do teu ser, conduzindo-te a mais criatividade, força e conhecimento; e essa é a direção que espero que sigas e a direção que sentes."

Depois de relacionar as palavras de Seth com a Jane, Warren continuou a ler o Capítulo 11 do manuscrito de Personal Reality. Seth voltou a interromper, dirigindo-se a Elizabeth:

"Agora, desculpem-me e, novamente, um P.S. à [minha] última frase.

O que é ignorado na terapia do nascimento é a sensação de poder por parte do feto que emerge para uma nova dimensão da realidade; que pontapeia e chora e, embora insignificante em termos físicos, consegue viajar através de dimensões desconhecidas até à realidade física, e triunfa.

A experiência do nascimento é realmente uma experiência de poder, e não de impotência. É a emergência da consciência numa nova forma inviolável. Apenas porque vos ensinaram que a vida física é um tempo de provação, desastre e culpa é que a estrutura que estás a usar funciona — e funciona. Não estou a negar a validade dos resultados, percebes? Se não fosses tão criativa, poderias ficar perfeitamente satisfeita com essa estrutura, e poderias de facto continuar a fazer bem [aos teus pacientes]. Mas és criativa, e portanto não deves permitir que a estrutura te aprisione. Tens de te elevar acima dela e entrar em contacto, naquele momento do nascimento, com o sentimento de agressividade jubilosa e grande triunfo com que o feto se encontra tão alegremente na realidade para a qual foi destinado.

Através de que dimensões de não-ser, nos vossos termos, terá esse feto nadado? Através de que realidades terá lutado para emergir finalmente, vitorioso, no vosso tempo e lugar, através da validade única do útero?

Então, deixa que os teus pacientes sintam esse triunfo e, através da experiência do nascimento, sintam a própria alegria e singularidade, e triunfarás realmente por ti mesma. E conduzirás o campo da psiquiatria a uma nova compreensão, porque terás as credenciais que eles reconhecem.

Portanto, não te deixes intimidar por aqueles que sabem menos do que tu! Não permitas que impeçam a tua criatividade porque dizem que agora estás a fazer um bom trabalho. Não tenhas medo de ir além desse ponto.

Agora, devolvo-vos a todos aos vossos próprios fetos crescidos, e gostaria que cada um de vós sentisse realmente contacto com o próprio nascimento e percebesse que esse nascimento nunca terminou com o nascimento físico, mas é sempre reencenado em cada momento da vossa existência; e que tendes agora ao alcance dos dedos a mesma energia e a mesma alegria que outrora vos impeliram através de dimensões desconhecidas para este sistema de probabilidades. Tendes agora dentro de vós a mesma sabedoria que vos fez crescer de feto a [adulto]. Conhecei-vos a vós mesmos, e fazei-vos essa justiça.

Devolvo-vos então à verdadeira infalibilidade, que é a infalibilidade do vosso ser; a infalibilidade da vossa força; a infalibilidade do vosso conhecimento interior. Estais sentados diante de mim, e a vossa energia é inatacável, e é realmente infalível, e é vosso direito. Não permitais que vos seja roubada através de crenças."

Warren continuou a ler o Capítulo 11. A frase que leu foi: "Podes aprender mais observando os animais do que com um guru, um ministro, ou lendo o meu livro."* Seth interrompeu:

"— ou lendo o meu livro, ou ouvindo-me.

Portanto, volto-vos sempre a conduzir à sabedoria e espontaneidade de vós mesmos. A minha voz é um eco distorcido do som das folhas ao entardecer de Abril. Limito-me a traduzir-vos o significado delas. Traduzo-vos o murmúrio das células dentro dos vossos próprios corpos, às quais não dais ouvidos. Portanto, estou ao serviço do universo, e sou um humilde servo, traduzindo a natureza da Terra e a vossa própria natureza, porque estais demasiado apressados para ouvir.

Procurais eus superiores. Esperais eus seniores; espíritos que saibam aquilo que vós não sabeis; e no entanto eu falo pela mais humilde célula do vosso corpo, à qual não dais ouvidos. Se escutásseis a mais pequena folha que cai num passeio de Outono, então saberíeis o que estou a dizer; assim, eu falo pelas folhas, pelo vento e pelas

células dentro do vosso corpo. Falo pelo conhecimento que tendes! Falo pelos estratos das vossas próprias psiques. Sois os eus superiores para os quais lutais com tanta seriedade, e não conseguis compreender que é precisamente essa seriedade que vos separa do conhecimento íntimo da ludicidade do vosso próprio ser.

Quando a minha voz deixar de ser necessária; quando perceberdes que a minha voz é desnecessária; quando perceberdes que os gurus não possuem verdades que as folhas não possuam — então aceitareis e experimentareis a espiritualidade da vossa condição de criaturas; ouvireis as vozes da divindade através da chuva que cai; e escutareis os ecos que falam nos estratos do vosso ser e nos fósseis do vosso conhecimento.

Portanto, embora as palavras, em inglês, que pronuncio, mesmo que fossem destituídas de sentido, ainda assim a própria espiritualidade dentro de vós despertaria para elas e se elevaria como as folhas ao vento de Outono; e compreenderíeis emocionalmente, mesmo que as palavras que eu dissesse fossem um disparate (como, de facto, em muitos casos são, pois estão formuladas segundo as linhas das vossas próprias crenças — mas dentro dessas crenças encontram-se as realidades do vosso ser!).

Porque pensais [dirigindo-se a Ira] que tens de ir a um guru e ser chicoteado; ou que tu [dirigindo-se a Elizabeth] tens de conduzir os teus pacientes a um encontro desastroso com o nascimento para que encontrem a alegria; ou que qualquer um de vós tem de passar por provações antes de poder tornar-se iluminado; ou que tu [dirigindo-se a George] tens de lutar através dos mundos da arte para encontrar o teu ser; ou que tu [dirigindo-se a um visitante] tens de vir aqui sentindo-te excluído e sozinho… E também a nossa Senhora de Florença, que parece ter de permanecer, por agora, presa num dilema de crenças, ousando acreditar e ao mesmo tempo tendo medo de acreditar.

Mas cada um de vós possui dentro de si a vitalidade e a alegria que vieram, nos vossos termos agora, conscientemente sabendo — embora frágeis — para este mundo através do útero de uma mãe. E apesar de quaisquer dificuldades que encontrastes, [vocês] fizeram-se crescer a si mesmos, como qualquer flor sábia, até se tornarem adultos.

Confiai nessa direção espontânea. Agradecei aos deuses que conhecerdes o facto de que, quando tinham dois pés e cinco polegadas de altura, não disseram: ‘A que guru devo ir para descobrir como crescer mais uma polegada?’ Vocês sabiam, e esse saber está alegremente dentro de vós agora, e não precisais que um velho fantasma vos diga isso. Apenas pensais que precisam!

O meu propósito é lembrar-vos do vosso próprio ser; pôr-vos em contacto com aquilo que vos ensinaram a esquecer. Em breve será Primavera — e flores estúpidas crescerão por toda a Terra! Elas não precisam de ir a gurus, psiquiatras, padres, professores ou a mim para dizer: ‘Como conseguirei fazer sair uma pobre e insignificante folha?’ E tendes dentro de vós esse mesmo conhecimento jubiloso.”

Sou simplesmente uma pedra de toque para vós; um ponto de energia e de foco no universo que vos recorda a vossa própria realidade. Devolvo-vos, então, a essa vitalidade, a essa sabedoria. Sinto a tua respiração [dirigindo-se a Rudy, que estava sentado no chão junto à cadeira da Jane] contra o braço do Ruburt, e quando respiras espontaneamente, sem o cálculo da tua mente consciente, preservas a tua vida, o teu ser e o teu conhecimento. Confia na respiração do teu ser.

Pouco tempo depois da morte de Elizabeth, em Maio desse ano, George Rhoads perguntou a Seth, durante uma aula, porque razão ela escolhera abandonar a realidade física. Seth respondeu:

«Ela temia, dentro da estrutura em que existia, a integridade do seu próprio ser. Sentia que aquilo que era estava errado. À sua maneira, era perfeccionista, e não conseguia suportar ser aquilo que estava errado. Também não conseguia ver uma saída para as suas crenças profissionais.

«Tinha recebido reconhecimento por ideias que percebia estarem, na realidade, apenas a conduzi-la cada vez mais para um turbilhão. Sentiu, por isso, que, nessas condições, era mais fácil partir e recomeçar.

«E está bem!»

APÊNDICE NOVE

CONTRAPARTES QUE SONHAM: BIBLIOTECAS DE PROBABILIDADE

A noção de contrapartes ainda não tinha entrado na nossa consciência no Outono de 1971, mas os meus sonhos com o casal de York Beach (como relatei no Capítulo 16) tinham despertado o meu interesse pelas probabilidades: parecia que bastava sugerir a mim próprio uma «experiência de York Beach» antes de adormecer para me encontrar pouco depois totalmente desperto, numa excursão probabilística que recordava suficientemente bem para a registar em pormenor ao acordar.

Foi um período entusiasmante da minha vida onírica; a minha consciência vibrava com ousadia, alegria e fascínio sem restrições. E uma das séries de sonhos intrigantes dessa época envolvia «a biblioteca». Esta biblioteca situava-se sempre na pequena zona arborizada atrás da casa dos meus pais que chamávamos «o Jardim Inferior», e eu chegava sempre lá num estado de projeção consciente, fora do corpo.

Depois de começar a adormecer, decidia muito conscientemente abandonar o corpo e flutuar ao longo do caminho do Jardim Inferior até ao local onde a biblioteca existia. Virava uma «esquina» no ar, e a paisagem simplesmente abria-se, como uma porta cubista, revelando o interior da biblioteca, com grupos de pessoas a desempenharem o seu trabalho. Como já referi anteriormente, não contei nenhum destes sonhos da biblioteca à Jane na altura.

Muito mais tarde, no final de 1974, a Jane começou a receber informações de uma biblioteca que «se abria» num canto da sala de estar. As experiências dela aí levaram-na a Psychic Politics, da mesma forma que as minhas experiências oníricas me levariam às minhas próprias reflexões sobre a identidade — e a este livro. Mas, para além de eu sentir que estes «cantos» carregados representam os fenómenos de ponto de coordenação discutidos em Seth Speaks, considero fascinante comparar as experiências interiores daqueles que se encontram envolvidos em relações de contraparte — como Seth afirma ser o caso da Jane e de mim.

As nossas experiências refletem simplesmente o simbolismo querido ao coração de dois escritores, e nada mais? A minha impressão é que, pelo facto de tanto a Jane como eu termos utilizado estes acontecimentos interiores como ponto de partida para trabalho criativo no mundo físico, estava automaticamente envolvido algo mais do que simples símbolos de devaneio — se a «utilização» for realmente um critério de validade, nesses termos.

De outras formas, a atenção e a exploração que estes acontecimentos inspiram relativamente à natureza da personalidade — o que significam realmente as contrapartes em termos quotidianos, por exemplo — fazem emergir novamente a nova ordem de lógica presente nestas experiências. Tal como a personagem «Sue Watkins» da Jane em The Chestnut Beads, os sonhos e os acontecimentos psíquicos levantam toda a espécie de questões. Quais são os limites da coincidência? Quanta informação possuímos acerca da nossa existência? Como é que processamos essa informação nos resultados a que chamamos vida quotidiana?

Das minhas notas de 26 de Setembro de 1971, relatarei o primeiro desta série de sonhos da biblioteca; é interessante compará-lo com as visões da biblioteca da Jane, registadas em Psychic Politics:

«Flutuei ao longo do caminho do Jardim Inferior, sabendo que estava projetado. A curva do caminho abriu-se diante de mim, e pude ver uma enorme biblioteca para além dela. Isso não me surpreendeu minimamente — parecia muito lógico e apropriado. Sabia, ao olhar para aquele lugar, que a palavra "sonho" era inadequada. Aquilo era um lugar "real" que, de alguma forma, existira durante anos abaixo da minha consciência sensorial. Tentei recordar os meus dias de vigília

numa sequência lógica, mas não parecia existir nenhuma — ou, se existia, estava escondida sob outro tipo de sequência que girava sobre si mesma e à sua volta, sem nada ter a ver com a marcha dos dias e das semanas; e, no entanto, era essa a substância sobre a qual eu construía a minha noção de tempo.

«Entrei na biblioteca. A sala principal era grande, ladeada por estantes em vários níveis, e dividida em secções por outras estantes que se projetavam das paredes. Era um lugar acolhedor e seguro, cheio de recantos para leitura e mesas carregadas de belos volumes antigos encadernados em couro e decorados com folha de ouro. Mas a sala possuía também uma estranha qualidade de grandeza e pequenez ao mesmo tempo — vasta e de tetos altos, mas igualmente pequena, acolhedora e quente. O conhecimento de que aquele lugar era infinito — de que talvez eu pudesse até perceber diretamente o infinito através dele — assustou-me um pouco, e provavelmente explicava os recantos acolhedores que se organizavam ordenadamente à minha volta enquanto observava o local. Uma mulher sorriu-me da sua posição atrás de uma secretária coberta de fichas.

«Via que a biblioteca estava cheia de pessoas ocupadas em atividades livrescas, fazendo investigação, escrevendo, copiando coisas. Caminhei por um corredor de livros, tentando memorizar os títulos, e vi a Linda B., uma velha amiga dos tempos do liceu. Não a via há vários anos, mas aparecia frequentemente nos meus sonhos — e parecia sempre saber o que se passava neles quando eu não sabia.

— Olá — disse ela. — Como tens passado?

— Muito bem — respondi. — Hum... suponho que sabes que isto é um sonho?

Ela riu-se, como se eu tivesse dito algo realmente engraçado, e abanou a cabeça.

— Claro que é — respondeu. — Ou pelo menos essa palavra serve por agora, não serve?

— Quem são os outros? — perguntei, apontando para as pessoas que vagueavam entre as estantes.

— O Círculo Exterior e o Círculo Interior — respondeu a Linda, observando-me atentamente.

— Círculo Exterior e Círculo Interior, hein? — gracejei, um pouco irritado. — Isso parece bastante exclusivo, não achas?

— Palavras — disse ela. — Apenas palavras. Vai procurar os teus amigos. Os teus colegas de aula também estão aqui.

— Em que estás a trabalhar? — perguntei.

A Linda fez um gesto em direção a um dos livros sobre a mesa. Vi que um deles estava aberto numa página que parecia ter sido escrita à mão em belos azuis e dourados, ou então produzida por uma prensa extraordinária. A primeira letra da primeira palavra estava elaboradamente desenhada, com pequenos animais e gnomos pousados sobre ela, algo semelhante aos antigos manuscritos iluminados.

— É lindo — disse eu. — O que estás a fazer com isso?

— Tradução — respondeu a Linda, sorrindo. — Penso que o teu interesse está mais relacionado com linhas de viagem, não está?

— Bem, todos chegámos aqui de alguma maneira — brinquei.

Mas naquele momento a minha atenção foi desviada, como se um íman enlouquecido estivesse a puxar-me pelo crânio, em direção a uma porta aberta na parede à minha esquerda. Atravessei-a.

«A porta dava para uma rua, e saí para um dia quente e ensolarado, numa rua de calçada gasta e amarelada. Diretamente à minha frente erguia-se um enorme edifício redondo com uma gigantesca cúpula. Soube imediatamente que estava em Florença, Itália. Tinha visto aquele edifício durante uma breve visita que fizera a Florença no Verão de 1965: o Duomo.[1] Lembrei-me de ter estado diante do Duomo físico, perguntando-me, por alguma razão, se seria possível andar de bicicleta à volta do topo da sua cúpula canelada. Bem, talvez agora, naquele estado, pudesse experimentar.

«Enquanto estava ali a contemplar o edifício, um rapaz jovem, talvez de catorze anos, aproximou-se de mim. Vestia roupas de cores

vivas: uma túnica de seda cor de lavanda brilhante que lhe chegava ao meio da coxa, com mangas ligeiramente franzidas e um cinto na cintura; calças justas azul-escuras; sapatos castanhos macios. Era pequeno e magro, mas evidentemente saudável e bem tratado. O cabelo castanho-claro estava cortado a direito em volta do rosto anguloso, e as mãos eram longas e delicadas. Perguntei-me se esta seria a minha ideia da personagem do jovem Miguel Ângelo de The Agony and the Ecstasy.

— Saudações — disse ele alegremente.

— Olá — respondi, sentindo alguma cautela em relação a ele.

— Sabes onde estás? — perguntou.

— Parece a cidade de Florença. Quem és tu?

— Petro — respondeu. — Eu sei quem tu és.

— Ah, sim? — Lá estava eu outra vez, rodeado de pessoas que sabiam o que se passava nos meus sonhos! — Em que século estamos? — perguntei-lhe, apontando para o Duomo, que, reparei, tinha um aspeto suspeitosamente novo.

— No século XV, aproximadamente, segundo a tua contagem — respondeu — embora agora seja bastante irreconhecível para os teus historiadores.

O século XV? A porta da biblioteca também me tinha conduzido ao passado. Voltei-me para trás. A porta continuava ali, na parede de uma casa de madeira tosca, com pessoas lá dentro a passearem entre os livros, ocupadas com os seus próprios assuntos.

— Tu entras ali? — perguntei a Petro, apontando para a biblioteca.

— Oh, sim — respondeu. — Mas metade do tempo esqueço-me do que estou a fazer. Queres dar uma volta?

— Não falas como uma pessoa do século XV — observei.

— Bem, tu não estás familiarizado com a forma como uma pessoa do século XV falaria — respondeu Petro. — Afinal, esta é a tua conversa.

— A minha conversa?

— Claro. Do meu lado da vedação, é completamente diferente. Devias ouvi-la.

«Caminhámos em volta do grande edifício redondo. Duas portas grandes e espessas estavam abertas na parte de trás. Eu esperava encontrar o mesmo interior que tinha visto no Duomo do meu mundo físico, mas quando entrámos vi que o espaço estava dividido em pequenas salas sem janelas, todas viradas para dentro de si mesmas como um gigantesco labirinto para ratos. Algures acima de nós, um coro de vozes cantava uma mistura de árias estranhas.

— Isto não se parece nada com um edifício que eu esperaria encontrar em Florença — resmunguei para Petro.

— Esta não é a Florença que tu esperarias encontrar — respondeu ele. — A Renascença aqui tomou uma direção completamente diferente da da tua Florença. Podes ver os resultados à tua volta.

— Que direção tomou? — perguntei, sentindo as implicações das suas palavras repercutirem-se dentro de mim.

De alguma forma, estava a captar o fio daquela Florença e do seu ambiente — qualquer que fosse a sua aparência material exata, conseguia sentir um mundo que tinha escapado, nos meus termos, à grande ênfase religiosa da Renascença.

— Combina bem com a minha personalidade encontrar-me aqui — declarei com presunção.

— Mas também combina com a tua personalidade estares vivo numa história que inclui a "Florença" tal como a concebes — contrapôs Petro, sorrindo-me.

— Vamos para a rua — disse eu. — Quero ver mais. Quero ver a arte, sobretudo as pinturas.

«Caminhámos juntos por um pequeno corredor, saímos pela porta e regressámos à rua ensolarada. Verifiquei a porta da biblioteca — continuava lá. Preciso dessa garantia, pensei; nunca fiz nada deste género antes. Perguntei-me se conseguiria regressar ao meu corpo físico, deitado algures na sua cama, caso perdesse a porta daquela biblioteca. De repente, a possibilidade de isso acontecer tornou-se uma preocupação demasiado grande. Parei.

— O que se passa? — perguntou Petro.

— Desculpa — respondi. — Acho que tenho de acordar agora. Não quero afastar-me demasiado daquela porta.

Petro encolheu os ombros.

— Provavelmente também devia acordar — disse ele.

— Queres dizer que também estás a dormir? — perguntei, percebendo-o subitamente. — Tu vens da história que tem esta outra Florença por trás, não é verdade?

Petro riu-se.

— Mas, obviamente, ainda temos coisas em comum.

«Alguma coisa me puxava, e eu estava a ceder.

— Voltarei — disse-lhe. — E tu?

— Se não for aqui, talvez possamos encontrar outro lugar.

«Com isso, afastei-me dele a flutuar, regressei à biblioteca, passei pelas estantes e pela bibliotecária sorridente (que me acenou quando passei), atravessei novamente a "porta" do Jardim Inferior, subi o caminho e entrei no meu quarto, onde despertei com um sobressalto ao encontrar mobiliário estranho — cadeiras de espaldar reto, revestidas de veludo e magnificamente entalhadas — colocadas no meu quarto.

«Sentei-me na cama e fiquei a olhar para as cadeiras. Estava completamente desperto, mas aquelas cadeiras não eram minhas. De repente, uma voz desceu do teto, dizendo num tom divertido:

— Estavas tão cheio de energia que trouxeste alguns símbolos contigo.

«Um estranho arrepio percorreu-me, e as cadeiras desapareceram do quarto, como o Gato de Cheshire.

«Voltei a deitar-me e caí num sono leve, acordando alguns minutos depois, aturdido, entusiasmado e completamente fascinado.»

NOTAS

[1] O Duomo, ou Catedral de Santa Maria del Fiore, é um dos edifícios mais emblemáticos da cidade de Florença. Projetado pelo arquiteto Filippo Brunelleschi, o Duomo começou a ser construído em 1296 e foi finalmente consagrado em 1436 — um facto do século XV que eu desconhecia até procurar a informação acima para esta nota.